

MEMORIAS PÓSTHUMAS DE BRAZ CUBAS

Joaquim Maria Machado de Assis



FECHAR SAIR

TELA CHEIA

★★★

MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

página 1 de 242

PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



Copyright © 2006 Sálvio Marcelo Soares
Apply to this edition. The text is in public domain.

ALL RIGHTS RESERVED.

Esta obra está disponível para uso privado e individual. Não pode ser vendida nem mantida em sistema de banco de dados, em qualquer forma ou meio, sem prévia autorização escrita do detentor do copyright. Apenas ele e as pessoas por ele autorizadas por escrito têm direito de reproduzir esta obra ou transmiti-la eletronicamente ou por qualquer outro meio.

MetaLibri
<http://metalibri.incubadora.fapesp.br>
Amsterdam • Lausanne • Melbourne
Milan • New York • São Paulo
21 de maio de 2007

FECHAR SAIR

TELA CHEIA

★★★

MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

página 2 de 242





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

SUMÁRIO

página 3 de 242

SUMÁRIO

- Introdução**, ix
Dedicatória, 11
Prólogo da quarta edição, 12
Ao leitor, 13
- CAPÍTULO PRIMEIRO: Óbito do autor**, 14
CAPÍTULO II: O emplasto, 16
CAPÍTULO III: Genealogia, 17
CAPÍTULO IV: A idéia fixa, 18
- CAPÍTULO V: Em que aparece a orelha de uma
 senhora**, 20
- CAPÍTULO VI: *Chimène, qui l'êut dit? Rodrigue, qui l'êut
 cru?***, 21
- CAPÍTULO VII: O delírio**, 24
- CAPÍTULO VIII: Razão contra Sandice**, 31
- CAPÍTULO IX: Transição**, 32
- CAPÍTULO X: Naquele dia**, 33
- CAPÍTULO XI: O menino é pai do homem**, 35
- CAPÍTULO XII: Um episódio de 1814**, 38
- CAPÍTULO XIII: Um salto**, 43
- CAPÍTULO XIV: Primeiro beijo**, 45
- CAPÍTULO XV: Marcela**, 47
- CAPÍTULO XVI: Uma Reflexão Imoral**, 50
- CAPÍTULO XVII: Do trapézio e outras cousas**, 51
- CAPÍTULO XVIII: Visão do corredor**, 54
- CAPÍTULO XIX: A bordo**, 56
- CAPÍTULO XX: Bacharelo-me**, 60
- CAPÍTULO XXI: O almocreve**, 61
- CAPÍTULO XXII: Volta ao Rio**, 63
- CAPÍTULO XXIII: Triste, mas curto**, 64



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS



CAPÍTULO XXIV:	Curto, mas alegre,	66
CAPÍTULO XXV:	Na Tijuca,	67
CAPÍTULO XXVI:	O autor hesita,	70
CAPÍTULO XXVII:	Virgília?,	72
CAPÍTULO XXVIII:	Contanto que...	73
CAPÍTULO XXIX:	A visita,	75
CAPÍTULO XXX:	A flor da moita,	76
CAPÍTULO XXXI:	A borboleta preta,	77
CAPÍTULO XXXII:	Coxa de nascença,	79
CAPÍTULO XXXIII:	Bem-aventurados os que não descem,	81
CAPÍTULO XXXIV:	A uma alma sensível,	82
CAPÍTULO XXXV:	O caminho de damasco,	83
CAPÍTULO XXXVI:	A propósito de botas,	84
CAPÍTULO XXXVII:	Enfim!,	85
CAPÍTULO XXXVIII:	A quarta edição,	86
CAPÍTULO XXXIX:	O vizinho,	88
CAPÍTULO XL:	Na sege,	90
CAPÍTULO XLI:	A alucinação,	91
CAPÍTULO XLII:	Que escapou a Aristóteles,	92
CAPÍTULO XLIII:	Marquesa, porque eu serei marquês,	93
CAPÍTULO XLIV:	Um Cubas!,	94
CAPÍTULO XLV:	Notas,	95
CAPÍTULO XLVI:	A herança,	96
CAPÍTULO XLVII:	O recluso,	98
CAPÍTULO XLVIII:	Um primo de Virgília,	99
CAPÍTULO XLIX:	A ponta do nariz,	100
CAPÍTULO L:	Virgília casada,	102
CAPÍTULO LI:	É minha!,	103
CAPÍTULO LII:	O embrulho misterioso,	105
CAPÍTULO LIII:,	107
CAPÍTULO LIV:	A pêndula,	108



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

SUMÁRIO

página 4 de 242

PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



CAPÍTULO LV: **O velho diálogo de Adão e Eva**, 109

CAPÍTULO LVI: **O momento oportuno**, 110

CAPÍTULO LVII: **Destino**, 111

CAPÍTULO LVIII: **Confidência**, 112

CAPÍTULO LIX: **Um encontro**, 114

CAPÍTULO LX: **O abraço**, 117

CAPÍTULO LXI: **Um projecto**, 118

CAPÍTULO LXII: **O travesseiro**, 119

CAPÍTULO LXIII: **Fujamos!**, 119

CAPÍTULO LXIV: **A transacção**, 123

CAPÍTULO LXV: **Olheiros e escutas**, 125

CAPÍTULO LXVI: **As pernas**, 127

CAPÍTULO LXVII: **A casinha**, 128

CAPÍTULO LXVIII: **O vergalho**, 129

CAPÍTULO LXIX: **Um grão de sandice**, 131

CAPÍTULO LXX: **Dona Plácida**, 131

CAPÍTULO LXXI: **O senão do livro**, 133

CAPÍTULO LXXII: **O bibliômano**, 133

CAPÍTULO LXXIII: **O luncheon**, 135

CAPÍTULO LXXIV: **História de Dona Plácida**, 136

CAPÍTULO LXXV: **Comigo**, 138

CAPÍTULO LXXVI: **O estrume**, 139

CAPÍTULO LXXVII: **Entrevista**, 140

CAPÍTULO LXXVIII: **A presidência**, 141

CAPÍTULO LXXIX: **Compromisso**, 143

CAPÍTULO LXXX: **De secretário**, 144

CAPÍTULO LXXXI: **A reconciliação**, 145

CAPÍTULO LXXXII: **Questão de botânica**, 147

CAPÍTULO LXXXIII: **13**, 149

CAPÍTULO LXXXIV: **O conflicto**, 151

CAPÍTULO LXXXV: **O cimo da montanha**, 152

CAPÍTULO LXXXVI: **O mistério**, 153

FECHAR SAIR

TELA CHEIA

★★★

MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

SUMÁRIO

página 5 de 242



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

CAPÍTULO LXXXVII:	Geologia , 154
CAPÍTULO LXXXVIII:	O enfermo , 155
CAPÍTULO LXXXIX:	In extremis , 157
CAPÍTULO XC:	O velho colóquio de Adão e Caim , 159
CAPÍTULO XCI:	Uma carta extraordinária , 161
CAPÍTULO XCII:	Um homem extraordinário , 162
CAPÍTULO XCIII:	O jantar , 164
CAPÍTULO XCIV:	A causa secreta , 165
CAPÍTULO XCV:	Flores de antanho , 166
CAPÍTULO XCVI:	A carta anônima , 166
CAPÍTULO XCVII:	Entre a boca e a testa , 168
CAPÍTULO XCVIII:	Suprimido , 168
CAPÍTULO XCIX:	Na platéia , 170
CAPÍTULO C:	O caso provável , 171
CAPÍTULO CI:	A revolução dalmata , 172
CAPÍTULO CII:	De repouso , 173
CAPÍTULO CIII:	Distração , 173
CAPÍTULO CIV:	Era ele! , 176
CAPÍTULO CV:	Equivalência das janelas , 177
CAPÍTULO CVI:	Jogo perigoso , 178
CAPÍTULO CVII:	Bilhete , 179
CAPÍTULO CVIII:	Que se não entende , 179
CAPÍTULO CIX:	O filósofo , 180
CAPÍTULO CX:	31 , 182
CAPÍTULO CXI:	O muro , 183
CAPÍTULO CXII:	A opinião , 184
CAPÍTULO CXIII:	A solda , 185
CAPÍTULO CXIV:	Fim de um diálogo , 186
CAPÍTULO CXV:	O almoço , 186
CAPÍTULO CXVI:	Filosofia das folhas velhas , 188
CAPÍTULO CXVII:	O Humanitismo , 189
CAPÍTULO CXVIII:	A terceira força , 193



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

SUMÁRIO

página 6 de 242



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS

CAPÍTULO CXIX:	Parêntesis , 193
CAPÍTULO CXX:	Compelle intrare , 194
CAPÍTULO CXXI:	Morro abaixo , 195
CAPÍTULO CXXII:	Uma intenção mui fina , 197
CAPÍTULO CXXIII:	O Verdadeiro Cotrim , 198
CAPÍTULO CXXIV:	Vá de intermédio , 200
CAPÍTULO CXXV:	Epitáfio , 200
CAPÍTULO CXXVI:	Desconsolação , 201
CAPÍTULO CXXVII:	Formalidade , 202
CAPÍTULO CXXVIII:	Na câmara , 203
CAPÍTULO CXXIX:	Sem remorsos , 204
CAPÍTULO CXXX:	Para intercalar no capítulo CXXIX , 205
CAPÍTULO CXXXI:	De uma calúnia , 205
CAPÍTULO CXXXII:	Que não é sério , 207
CAPÍTULO CXXXIII:	O princípio de Helvetius , 207
CAPÍTULO CXXXIV:	Cincoenta anos , 208
CAPÍTULO CXXXV:	Oblivion , 209
CAPÍTULO CXXXVI:	Inutilidade , 210
CAPÍTULO CXXXVII:	A barretina , 210
CAPÍTULO CXXXVIII:	A um crítico , 212
CAPÍTULO CXXXIX:	De como não fui ministro d'Estado , 213
CAPÍTULO CXL:	Que explica o anterior , 213
CAPÍTULO CXLI:	Os cães , 214
CAPÍTULO CXLII:	O pedido secreto , 216
CAPÍTULO CXLIII:	Não vou , 218
CAPÍTULO CXLIV:	Utilidade relativa , 219
CAPÍTULO CXLV:	Simples repetição , 219
CAPÍTULO CXLVI:	O programa , 220
CAPÍTULO CXLVII:	O desatino , 221
CAPÍTULO CXLVIII:	O problema insolúvel , 222
CAPÍTULO CXLIX:	Teoria do benefício , 223



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

SUMÁRIO

página 7 de 242



CAPÍTULO CL: **Rotação e translação**, 225
CAPÍTULO CLI: **Filosofia dos epitáfios**, 226
CAPÍTULO CLII: **A Moeda de Vespasiano**, 227
 CAPÍTULO CLIII: **O alienista**, 227
CAPÍTULO CLIV: **Os navios do Pireu**, 229
 CAPÍTULO CLV: **Reflexão cordial**, 230
CAPÍTULO CLVI: **Orgulho da servilidade**, 230
 CAPÍTULO CLVII: **Fase brilhante**, 231
 CAPÍTULO CLVIII: **Dous Encontros**, 232
 CAPÍTULO CLIX: **A semi-demência**, 233
 CAPÍTULO CLX: **Das negativas**, 234
 Notas desta edição, 236
 Referências, 242



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

SUMÁRIO

página 8 de 242

PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

Introdução

página 9 de 242

Introdução

Esta edição das *Memórias Póstumas* inspirou-se em boa medida no método adotado pela Comissão Machado de Assis para estabelecimento do texto [CB].¹ Tivemos em mãos a segunda edição, de 1977, editada pela Civilização Brasileira em convênio com o Instituto Nacional do Livro.

Memórias Póstumas de Bras Cubas é o quinto romance de Machado de Assis, romance que inaugura aquela que seria sua *segunda fase*, como romancista. Publicado originalmente em folhetins na *Revista Brasileira*, de março a dezembro de 1880 [A], saíram ainda, em vida do autor, três edições em livro: em 1881 [B], 1896 [C] e 1899 [D]. O texto desta edição eletrônica baseia-se naquele da quarta edição de 1899.

Houve, entre a primeira e a quarta edição, uma série de modificações no texto, umas de maior, outras de menor importância. Colocamos em **notas ao final desta edição** as alterações que julgamos relevantes. A maior parte das alterações e cortes ocorreu entre a primeira edição “feita aos pedaços na *revista Brasileira*” e a primeira edição em livro.

S.M.Soures

¹A Comissão Machado de Assis, instituída em 1858 pelo Ministério da Educação e Cultura, formou-se com a finalidade de elaborar o texto definitivo das obras de Machado de Assis. Dela participaram, entre outros: Antônio Houaiss, Augusto Meyer, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Austregésilo de Athayde, Francisco de Assis Barbosa, José Galante de Sousa e Josué Montello.



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

página 10 de 242

Memórias Póstumas de Brás Cubas

PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

Dedicatória

página 11 de 242

1
2
3
4
5
6
7
8
9

AO VERME
QUE
PRIMEIRO ROEU AS FRIAS CARNES
DO MEU CADÁVER
DEDICO
COMO SAUDOSA LEMBRANÇA
ESTAS

Memórias Póstumas



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

Prólogo da quarta
 edição

página 12 de 242

Prólogo da quarta edição

[1] **A** PRIMEIRA edição destas *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi feita aos pedaços na *Revista Brasileira*, pelos anos de 1870. Postas mais tarde em livro, corrigi o texto em vários logares. Agora que tive de o rever para a terceira edição, emendei ainda alguma coisa e suprimi duas ou três dúzias de linhas. Assim composto, sai novamente à luz esta obra que alguma benevolência parece ter encontrado no público.

[2] Capistrano de Abreu, noticiando a publicação do livro, perguntava: «As *Memórias Póstumas de Brás Cubas* são um romance?» Macedo Soares, em carta que me escreveu por esse tempo, recordava amigamente as *Viagens na minha terra*. Ao primeiro respondia já o defuncto Brás Cubas (como o leitor viu e verá no prólogo dele que vai adiante) que sim e que não, que era romance para uns e não o era para outros. Quanto ao segundo, assim se explicou o finado: «Trata-se de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adoptei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo.» Toda essa gente viajou: Xavier de Maistre à roda do quarto, Garrett na terra dele, Sterne na terra dos outros. De Brás Cubas se pode talvez dizer que viajou à roda da vida.

[3] O que faz do meu Brás Cubas um autor particular é o que ele chama «rabugens de pessimismo». Há na alma deste livro, por mais risonho que pareça, um sentimento amargo e áspero, que está longe de vir dos seus modelos. É taça que pode ter labores de igual escola, mas leva outro vinho. Não digo mais para não entrar na crítica de um defuncto, que se pintou a si e a outros, conforme lhe pareceu melhor e mais certo.

[4] MACHADO DE ASSIS



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

Ao leitor

página 13 de 242

Ao leitor

[1] **Q**UE STENDHAL confessasse haver escripto um de seus livros para cem leitores, cousa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cincoenta, nem vinte, e quando muito, dez. Dez? Talvez cinco. Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adoptei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião.

[2] Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém menos cousas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado. Consequentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas *Memórias*, trabalhadas cá no outro mundo. Seria curioso, mas nimamente extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus.

BRÁS CUBAS



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

CAPÍTULO PRIMEIRO

Óbito do autor

[1] **A**LGUM tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro logar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adoptar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escripto ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.¹

[2] Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia — peneirava — uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa idéa no discurso que proferiu à beira de minha cova: — «Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso illustre finado.»

[3] Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias;





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO PRIMEIRO
 Óbito do autor

página 15 de 242

foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego, como quem se retira tarde do espectáculo. Tarde e aborrecido. Viram-me ir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhoras, minha irmã Sabina, casada com o Cotrim, — a filha, um lírio do vale, — e . . . Tenham paciência! daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora. Contentem-se de saber que essa anônima, ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas. É verdade, padeceu mais. Não digo que se carpisse, não digo que se deixasse rolar pelo chão, convulsa. Nem o meu óbito era cousa altamente dramática. . . Um solteirão que expira aos sessenta e quatro anos, não parece que reúna em si todos os elementos de uma tragédia. E dado que sim, o que menos convinha a essa anônima era aparentá-lo. De pé, à cabeceira da cama, com os olhos estúpidos, a boca entreaberta, a triste senhora mal podia crer na minha extinção.

— Morto! morto! dizia consigo.

E a imaginação dela, como as cegonhas que um ilustre viajante viu desferirem o vôo desde o Ilisso às ribas africanas, sem embargo das ruínas e dos tempos, — a imaginação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até às ribas de uma África juvenil. . . Deixá-la ir; lá iremos mais tarde; lá iremos quando eu me restituir aos primeiros anos. Agora, quero morrer tranquilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas

dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara, e o som estríduo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um correeiro. Juro-lhes que essa orques-



[4]

[5]



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO II
 O emplasto

página 16 de 242

tra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com uns ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra, e lodo, e cousa nenhuma.

[6] Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma idéa grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.

CAPÍTULO II

O emplasto

[1] **C**OM EFEITO, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma idéa no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volatim, que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te.

[2] Essa idéa era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias que deviam resultar da distribuição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três pa-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO III
 Genealogia

página 17 de 242

lavras: *Emplasto Brás Cubas*. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me não de reconhecer os hábeis. Assim, a minha idéa trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: — amor da glória.

[3] Um tio meu, cônego de prebenda inteira, costumava dizer que o amor da glória temporal era a perdição das almas, que só devem cobiçar a glória eterna. Ao que retorquia outro tio, oficial de um dos antigos terços de infantaria, que o amor da glória era a cousa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, conseguintemente, a sua mais genuína feição.

[4] Decida o leitor entre o militar e o cônego; eu volto ao emplasto.

CAPÍTULO III

Genealogia

[1] **M**AS, JÁ que falei nos meus dous tios, deixem-me fazer aqui um curto esboço genealógico.

[2] O fundador de minha família foi um certo Damião Cubas, que floresceu na primeira metade do século XVIII. Era tanoeiro de ofício, natural do Rio de Janeiro, onde teria morrido na penúria e na obscuridade, se somente exercesse a tanoaria. Mas não; fez-se lavrador, plantou, colheu, permutou o seu produto por boas e honradas patacas, até que morreu, deixando grosso cabedal a um filho, o licenciado Luís Cubas. Neste rapaz é que verdadeiramente começa a série de meus avós — dos avós que a minha família sempre confessou —, porque o Damião Cubas era afinal de contas um





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO IV
 A idéia fixa

página 18 de 242

tanoeiro, e talvez mau tanoeiro, ao passo que o Luís Cubas estudou em Coimbra, primou no Estado, e foi um dos amigos particulares do vice-rei conde da Cunha.

[3] Como este apelido de Cubas lhe cheirasse excessivamente a tanoaria, alegava meu pai, bisneto do Damião, que o dito apelido fora dado a um cavaleiro, herói nas jornadas da Africa, em prêmio da façanha que praticou, arrebatando trezentas cubas aos mouros. Meu pai era homem de imaginação; escapou à tanoaria nas asas de um *calembour*. Era um bom caráter, meu pai, varão digno e leal como poucos. Tinha, é verdade, uns fumos de pacholice; mas quem não é um pouco pachola nesse mundo? Releva notar que ele não recorreu à inventiva senão depois de experimentar a falsificação; primeiramente, entroncou-se na família daquele meu famoso homônimo, o capitão-mor Brás Cubas, que fundou a vila de São Vicente, onde morreu em 1592, e por esse motivo é que me deu o nome de Brás. Opôs-se-lhe, porém, a família do capitão-mor, e foi então que ele imaginou as trezentas cubas mouriscas.

[4] Vivem ainda alguns membros da minha família, minha sobrinha Venância, por exemplo, o lírio do vale, que é a flor das damas do seu tempo; vive o pai, o Cotrim, um sujeito que... Mas não antecipemos os sucessos; acabemos de uma vez como nosso emplasto.

CAPÍTULO IV

A idéia fixa

[1] **A** MINHA idéia, depois de tantas cabriolas, constituíra-se idéia fixa. Deus te livre, leitor, de uma idéia fixa; antes um argueiro, antes uma trave no olho. Vê o Cavour; foi a idéia fixa da unidade italiana que o matou. Verdade é que Bismarck não morreu; mas cum-

PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO IV
 A idéia fixa

página 19 de 242

pre advertir que a natureza é uma grande caprichosa e a história uma eterna loureira. Por exemplo, Suetônio deu-nos um Cláudio, que era um simplório, — ou « uma abóbora » como lhe chamou Sêneca, e um Tito, que mereceu ser as delícias de Roma. Veio modernamente um professor e achou meio de demonstrar que dos dous cézares, o delicioso, o verdadeiramente delicioso, foi o « abóbora » de Sêneca. E tu, madama Lucrécia, flor dos Bórgias, se um poeta te pintou como a Messalina católica, apareceu um Gregorovius incrédulo que te apagou muito essa qualidade, e, se não vieste a lírio, também não ficaste pântano. Eu deixo-me estar entre o poeta e o sábio.

[2] Viva pois a história, a volúvel história que dá para tudo; e, tornando à idéia fixa, direi que é ela a que faz os varões fortes e os doudos; a idéia móbil, vaga ou furta-cor é a que faz os Cláudios, — fórmula Suetônio.

[3] Era fixa a minha idéia, fixa como... Não me ocorre nada que seja assaz fixo nesse mundo: talvez a lua, talvez as pirâmides do Egito, talvez a finada dieta germânica. Veja o leitor a comparação que melhor lhe quadrar, veja-a e não esteja daí a torcer-me o nariz, só porque ainda não chegámos à parte narrativa destas memórias. Lá iremos. Creio que prefere a anedota à reflexão, como os outros leitores, seus confrades, e acho que faz muito bem. Pois lá iremos. Todavia, importa dizer que este livro é escripto com pachorra, com a pachorra de um homem já desafrontado da brevidade do século, obra supinamente filosófica, de uma filosofia desigual, agora austera, logo brincalhona, cousa que não edifica nem destrói, não inflama nem regela, e é todavia mais do que passatempo e menos do que apostolado.

[4] Vamos lá; retifique o seu nariz, e tornemos ao emplasto. Deixemos a história com os seus caprichos de dama elegante. Nenhum de nós pelejou a batalha de Salamina, nenhum escreveu a confissão de Augsburg; pela minha parte, se alguma vez me lembro de



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO V

Em que aparece a
 orelha de uma senhora

página 20 de 242

Cromwell, é só pela idéia de que Sua Alteza, com a mesma mão que trancara o parlamento, teria imposto aos ingleses o emplasto Brás Cubas. Não se riam dessa vitória comum da farmácia e do puritanismo. Quem não sabe que ao pé de cada bandeira grande, pública, ostensiva, há muitas vezes várias outras bandeiras modestamente particulares, que se hasteiam e fluctuam à sombra daquela, e não poucas vezes lhe sobrevivem? Mal comparando, é como a arraia-miúda, que se acolhia à sombra do castelo-feudal; caiu este e a arraia ficou. Verdade é que se fez graúda e castelã. . . Não, a comparação não presta.

CAPÍTULO V

Em que aparece a orelha de uma senhora

[1] **S**ENÃO QUANDO, estando eu ocupado em preparar e apurar a minha invenção, recebi em cheio um golpe de ar; adoeci logo, e não me tratei. Tinha o emplasto no cérebro; trazia comigo a idéia fixa dos doudos e dos fortes. Via-me, ao longe, ascender do chão das turbas, e remontar ao céu, como uma águia imortal, e não é deante de tão excelso espectáculo que um homem pode sentir a dor que o punge. No outro dia estava peor; tratei-me enfim, mas incompletamente, sem método, nem cuidado, nem persistência; tal foi a origem do mal que me trouxe à eternidade. Sabem já que morri numa sexta feira, dia aziago, e creio haver provado que foi a minha invenção que me matou. Há demonstrações menos lúcidas e não menos triunfantes.

[2] Não era impossível, entretanto, que eu chegasse a galgar o cimo de um século, e a figurar nas folhas públicas, entre macróbios. Tinha saúde e robustez. Suponha-se que, em vez de estar lançando os alicerces de uma invenção farmacêutica, tratava de



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO VI
*Chimène, qui l'êut dit?
 Rodrigue, qui l'êut cru?*

página 21 de 242

coligir os elementos de uma instituição política, ou de uma reforma religiosa. Vinha a corrente de ar, que vence em eficácia o cálculo humano, e lá se ia tudo. Assim corre a sorte dos homens.

[3]

Com esta reflexão me despedi eu da mulher, não direi mais discreta, mas com certeza mais formosa entre as contemporâneas suas, a anônima do primeiro capítulo, a tal, cuja imaginação à semelhança das cegonhas do Ilisso. . . Tinha então 54 anos, era uma ruína, uma imponente ruína. Imagine o leitor que nos amámos, ela e eu, muitos anos antes, e que um dia, já enfermo, vejo-a assomar à porta da alcova. . .

CAPÍTULO VI

Chimène, qui l'êut dit? Rodrigue, qui l'êut cru?

[1]

VEJO-A ASSOMAR à porta da alcova, pálida, comovida, trajada de preto, e ali ficar durante um minuto, sem ânimo de entrar ou detida pela presença de um homem que estava comigo. Da cama, onde jazia, contemplei-a durante esse tempo, esquecido de lhe dizer nada ou de fazer nenhum gesto. Havia já dous anos que nos não víamos, e eu via-a agora não qual era, mas qual fora, quais fôramos ambos, porque um Ezequias misterioso fizera recuar o sol até os dias juvenis. Recuou o sol, sacudi todas as misérias, e este punhado de pó, que a morte ia espalhar na eternidade do nada, pôde mais do que o tempo, que é o ministro da morte. Nenhuma água de Juventa igualaria ali a simples saudade.

[2]

Creiam-me, o menos mau é recordar; ninguém se fie da felicidade presente; há nela uma gota da baba de Caim. Corrido o tempo e cessado o espasmo, então sim, então talvez se pode gozar



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO VI
*Chimène, qui l'êut dit?
 Rodrigue, qui l'êut cru?*

página 22 de 242

deveras, porque entre uma e outra dessas duas ilusões, melhor é a que se gosta sem doer.

[3] Não durou muito a evocação; a realidade dominou logo; o presente expeliu o passado. Talvez eu exponha ao leitor, em algum canto deste livro, a minha teoria das edições humanas. O que por agora importa saber é que Virgília — chamava-se Virgília — entrou na alcova, firme, com a gravidade que lhe davam as roupas e os anos, e veio até o meu leito. O estranho levantou-se e saiu. Era um sujeito, que me visitava todos os dias para falar do câmbio, da colonização e da necessidade de desenvolver a viação férrea; nada mais interessante para um moribundo. Saiu; Virgília deixou-se estar de pé; durante algum tempo ficámos a olhar um para o outro, sem articular palavra. Quem diria? De dous grandes namorados, de duas paixões sem freio, nada mais havia ali, vinte anos depois; havia apenas dous corações murchos, devastados pela vida e saciados dela, não sei se em igual dose, mas enfim saciados. Virgília tinha agora a beleza da velhice, um ar austero e maternal; estava menos magra do que quando a vi, pela última vez, numa festa de São João, na Tijuca; e porque era das que resistem muito, só agora começavam os cabelos escuros a intercalar-se de alguns fios de prata.

[4] — Anda visitando os defuntos? disse-lhe eu. — Ora, defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: — Ando a ver se ponho os vadios para a rua.

[5] Não tinha a carícia lacrimosa de outro tempo; mas a voz era amiga e doce. Sentou-se. Eu estava só, em casa, com um simples enfermeiro; podíamos falar um ao outro, sem perigo. Virgília deu-me longas notícias de fora, narrando-as com graça, com um certo travo de má língua, que era o sal da palestra; eu, prestes a deixar o mundo, sentia um prazer satânico em mofar dele, em persuadir-me que não deixava nada.

[6] — Que idéas essas! interrompeu-me Virgília um tanto zangada.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO VI
*Chimène, qui l'êut dit?
 Rodrigue, qui l'êut cru?*

página 23 de 242

Olhe que eu não volto mais. Morrer! Todos nós havemos de morrer; basta estarmos vivos.

[7] E vendo o relógio:

[8] — Jesus! são três horas. Vou-me embora.

[9] — Já?

[10] — Já; virei amanhã ou depois.

[11] — Não sei se faz bem, retorqui; o doente é um solteirão e a casa não tem senhoras. . .

[12] — Sua mana?

[13] — Há de vir cá passar uns dias, mas não pode ser antes de sábado.

[14] Virgília reflectiu um instante, levantou os ombros e disse com gravidade:

[15] — Estou velha! Ninguém mais repara em mim. Mas, para cortar dúvidas, virei com o Nhonhô.

[16] Nhonhô era um bacharel, único filho de seu casamento, que, na idade de cinco anos, fora cúmplice inconsciente de nossos amores. Vieram juntos, dous dias depois, e confesso que, ao vê-los ali, na minha alcova, fui tomado de um acanhamento que nem me permitiu corresponder logo às palavras afáveis do rapaz. Virgília adivinhou-me e disse ao filho:

[17] — Nhonhô, não repares nesse grande manhoso que aí está; não quer falar para fazer crer que está à morte.

[18] Sorriu o filho, eu creio que também sorri, e tudo acabou em pura galhofa. Virgília estava serena e risonha, tinha o aspecto das vidas imaculadas. Nenhum olhar suspeito, nenhum gesto que pudesse denunciar nada; uma igualdade de palavra e de espírito, uma dominação sobre si mesma, que pareciam e talvez fossem raras. Como tocássemos, casualmente, nuns amores ilegítimos, meio secretos, meio divulgados, via-a falar com desdém e um pouco de indignação da mulher de que se tratava, aliás sua amiga. O filho sentia-se satisfeito, ouvindo aquela palavra digna e forte, e eu per-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

guntava a mim mesmo o que diriam de nós os gaviões, se Buffon tivesse nascido gavião. . .

[19] Era o meu delírio que começava.

CAPÍTULO VII

O delírio

[1] **Q**UE ME conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu, e a ciência mo agradecerá. Se o leitor não é dado à contemplação destes fenômenos mentais, pode saltar o capítulo; vá direito à narração. Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos.

[2] Primeiramente, tomei a figura de um barbeiro chinês, bojudo, destro, escanhoando um mandarim, que me pagava o trabalho com beliscões e confeitos: caprichos de mandarim.

[3] Logo depois, senti-me transformado na *Suma Teologica* de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; idéa esta que me deu ao corpo a mais completa imobilidade; e ainda agora me lembra que, sendo as minhas mãos os fechos do livro, e cruzando-as eu sobre o ventre, alguém as descruzava (Virgília decerto), porque a atitude lhe dava a imagem de um defunto.

[4] Ultimamente, restituído à forma humana, vi chegar um hipopótamo, que me arrebatou. Deixei-me ir, calado, não sei se por medo ou confiança; mas, dentro em pouco, a carreira de tal modo se tornou vertiginosa, que me atrevi a interrogá-lo, e com alguma arte lhe disse que a viagem me parecia sem destino.

[5] — Engana-se, replicou o animal, nós vamos à origem dos séculos.





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO VII
 O delírio

página 25 de 242

[6]

Insinuei que deveria ser muitíssimo longe; mas o hipopótamo não me entendeu ou não me ouviu, se é que não fingiu uma dessas cousas; e, perguntando-lhe, visto que ele falava, se era descendente do cavalo de Aquiles ou da asna de Balaão, retorquiu-me com um gesto peculiar a estes dous quadrúpedes: abanou as orelhas. Pela minha parte fechei os olhos e deixei-me ir à ventura. Já agora não se me dá de confessar que sentia umas tais ou quais cócegas de curiosidade, por saber onde ficava a origem dos séculos, se era tão misteriosa como a origem do Nilo, e sobretudo se valia alguma cousa mais ou menos do que a consumação dos mesmos séculos; reflexões de cérebro enfermo. Como ia de olhos fechados, não via o caminho; lembra-me só que a sensação de frio aumentava com a jornada, e que chegou uma ocasião em que me pareceu entrar na região dos gelos eternos. Com efeito, abri os olhos e vi que o meu animal galopava numa planície branca de neve, com uma ou outra montanha de neve, vegetação de neve, e vários animais grandes e de neve. Tudo neve; chegava a gelar-nos um sol de neve. Tentei falar, mas apenas pude grunhir esta pergunta ansiosa:

[7]

— Onde estamos?

[8]

— Já passamos o Éden.

[9]

— Bem; paremos na tenda de Abraão.

[10]

— Mas se nós caminhamos para trás! redarguiu motejando a minha cavalgadura.

[11]

Fiquei vexado e aturdido. A jornada entrou a parecer-me enfadonha e extravagante, o frio incômodo, a condução violenta, e o resultado impalpável. E depois — cogitações de enfermo — dado que chegássemos ao fim indicado, não era impossível que os séculos, irritados com lhes devassarem a origem, me esmagassem entre as unhas que deviam ser tão seculares como eles. Enquanto assim pensava, íamos devorando caminho, e a planície voava de baixo dos nossos pés, até que o animal estacou, e pude olhar mais tranquilamente em torno de mim. Olhar somente; nada vi, além da imensa brancura da neve, que desta vez invade o próprio céu,



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

até ali azul. Talvez, a espaços, me aparecia uma ou outra planta, enorme, brutesca, meneando ao vento as suas largas folhas. O silêncio daquela região era igual ao do sepulcro: dissera-se que a vida das cousas ficara estúpida deante do homem.

[12]

Caiu do ar? destacou-se da terra? não sei; sei que um vulto imenso, uma figura de mulher me apareceu então, fitando-me uns olhos rutilantes como o sol. Tudo nessa figura tinha a vastidão das formas selváticas, e tudo escapava à compreensão do olhar humano, porque os contornos perdiam-se no ambiente, e o que parecia espesso era muita vez diáfano. Estupefacto, não disse nada, não cheguei sequer a soltar um grito; mas, ao cabo de algum tempo, que foi breve, perguntei quem era e como se chamava: curiosidade de delírio.



[13]

— Chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga.

[14]

Ao ouvir esta última palavra, recuei um pouco, tomado de susto. A figura soltou uma gargalhada, que produziu em torno de nós o efeito de um tufão; as plantas torceram-se e um longo gemido quebrou a mudez das cousas externas.

[15]

— Não te assustes, disse ela, minha inimizade não mata; é sobretudo pela vida que se afirma. Vives: não quero outro flagelo.

[16]

— Vivo? perguntei eu, enterrando as unhas nas mãos, como para certificar-me da existência.

[17]

— Sim, verme, tu vives. Não receies perder esse andrajo que é teu orgulho; provarás ainda, por algumas horas, o pão da dor e o vinho da miséria. Vives: agora mesmo que ensandeceste, vives; e se a tua consciência reouver um instante de sagacidade, tu dirás que queres viver.





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO VII
 O delírio

página 27 de 242

140 [18] Dizendo isto, a visão estendeu o braço, segurou-me pelos ca-
 belos e levantou-me ao ar, como se fora uma pluma. Só então
 pude ver-lhe de perto o rosto, que era enorme. Nada mais qui-
 141 eto; nenhuma contorção violenta, nenhuma expressão de ódio ou
 ferocidade; a feição única, geral, completa, era a da impassibili-
 dade egoísta, a da eterna surdez, a da vontade imóvel. Raivas, se
 as tinha, ficavam encerradas no coração. Ao mesmo tempo, nesse
 rosto de expressão glacial, havia um ar de juventude, mescla de
 força e viço, deante do qual me sentia eu o mais débil e decrépito
 dos seres.

142 [19] — Entendeste-me? disse ela, no fim de algum tempo de mútua
 contemplação.

143 [20] — Não, respondi; nem quero entender-te; tu és absurda, tu
 és uma fábula. Estou sonhando, de certo, ou, se é verdade que
 enlouqueci, tu não passas de uma concepção de alienado, isto é,
 uma cousa vã, que a razão ausente não pode reger nem palpar.
 144 Natureza, tu? a Natureza que eu conheço é só mãe e não inimiga;
 não faz da vida um flagelo, nem, como tu, traz esse rosto indife-
 rente, como o sepulcro. E por que Pandora?

145 [21] — Porque levo na minha bolsa os bens e os males, e o maior
 de todos, a esperança, consolação dos homens. Tremes?

146 [22] — Sim; o teu olhar fascina-me.

147 [23] — Creio; eu não sou somente a vida; sou também a morte, e
 tu estás prestes a devolver-me o que te emprestei. Grande lascivo,
 espera-te a voluptuosidade do nada.

148 [24] Quando esta palavra ecoou, como um trovão, naquele imenso
 vale, afigurou-se-me que era o último som que chegava a meus ou-
 vidos; pareceu-me sentir a decomposição súbita do mim mesmo.
 Então, encarei-a com olhos súplices, e pedi mais alguns anos.

149 [25] — Pobre minuto! exclamou. Para que queres tu mais alguns
 instantes de vida? Para devorar e seres devorado depois? Não estás
 farto do espectáculo e da luta? Conheces de sobejo tudo o que



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO VII
 O delírio

página 28 de 242

150 eu te deparei menos torpe ou menos aflitivo: o alvor do dia, a
 melancolia da tarde, a quietação da noite, os aspectos da terra, o
 sono, enfim, o maior benefício das minhas mãos. Que mais queres
 tu, sublime idiota?

151 [26] — Viver somente, não te peço mais nada. Quem me pôs no
 coração este amor da vida, se não tu? e, se eu amo a vida, porque
 te hás de golpear a ti mesma, matando-me?

152 [27] — Porque já não preciso de ti. Não importa ao tempo o minuto
 que passa, mas o minuto que vem. O minuto que vem é forte,
 jocundo, supõe trazer em si a eternidade, e traz a morte, e pe-
 rece como o outro, mas o tempo subsiste. Egoísmo, dizes tu? Sim,
 egoísmo, não tenho outra lei. Egoísmo, conservação. A onça mata
 o novilho porque o raciocínio da onça é que ela deve viver, e se o
 novilho é tenro tanto melhor: eis o estatuto universal. Sobe e olha.

154 [28] Isto dizendo, arreatou-me ao alto de uma montanha. Inclinei
 os olhos a uma das vertentes, e contemplei, durante um tempo
 largo, ao longe, através de um nevoeiro, uma cousa única. Ima-
 gina tu, leitor, uma redução dos séculos, e um desfilar de todos
 eles, as raças todas, todas as paixões, o tumulto dos impérios, a
 guerra dos apetites e dos ódios, a destruição recíproca dos seres e
 das cousas. Tal era o espectáculo, acerbo e curioso espectáculo. A
 história do homem e da terra tinha assim uma intensidade que lhe
 não podiam dar nem a imaginação nem a ciência, porque a ciência
 é mais lenta e a imaginação mais vaga, enquanto que o que eu ali
 via era a condensação viva de todos os tempos. Para descrevê-la
 seria preciso fixar o relâmpago. Os séculos desfilavam num turbil-
 lhão, e, não obstante, porque os olhos do delírio são outros, eu
 via tudo o que passava diante de mim, — flagelos e delícias,—
 desde essa cousa que se chama glória até essa outra que se chama
 miséria, e via o amor multiplicando a miséria, e via a miséria agra-
 vando a debilidade. Aí vinham a cobiça que devora, a cólera que
 inflama, a inveja que baba, e a enxada e a pena, úmidas de suor,



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO VII
 O delírio

página 29 de 242

158 e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor,
 e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruí-lo,
 como um farrapo. Eram as formas várias de um mal, que ora mor-
 dia a víscera, ora mordida o pensamento, e passeiava eternamente
 159 as suas vestes de arlequim, em derredor da espécie humana. A dor
 cedia alguma vez, mas cedia à indiferença, que era um sono sem
 sonhos, ou ao prazer, que era uma dor bastarda. Então o homem,
 flagelado e rebelde, corria deante da fatalidade das cousas, atrás
 de uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de
 160 impalpável, outro de improvável, outro de invisível, cosidos todos
 a ponto precário, com a agulha da imaginação; e essa figura, —
 nada menos que a quimera da felicidade, — ou lhe fugia perpetua-
 mente, ou deixava-se apanhar pela fralda, e o homem a cingia ao
 peito, e então ela ria, como um escárneo, e sumia-se, como uma
 ilusão.

161 [29] Ao contemplar tanta calamidade, não pude reter um grito de
 angústia, que Natureza ou Pandora escutou sem protestar nem rir;
 e não sei por que lei de transtorno cerebral, fui eu que me pus a
 rir, — de um riso descompassado e idiota.

162 [30] — Tens razão, disse eu, a cousa é divertida e vale a pena, —
 talvez monótona — mas vale a pena. Quando Job amaldiçoava o
 dia em que fora concebido, é porque lhe davam ganas de ver cá de
 cima o espectáculo. Vamos lá, Pandora, abre o ventre, e digere-me;
 a cousa é divertida, mas digere-me.

163 [31] A resposta foi compelir-me fortemente a olhar para baixo, e a
 ver os séculos que continuavam a passar, velozes e turbulentos,
 as gerações que se superpunham às gerações, umas tristes, como
 os Hebreus do captivo, outras alegres, como os devassos de Cô-
 modo, e todas elas pontuais na sepultura. Quis fugir, mas uma
 164 força misteriosa me retinha os pés; então disse comigo: — « Bem,
 os séculos vão passando, chegará o meu, e passará também, até o
 último, que me dará a decifração da eternidade. » E fixei os olhos,



165 e continuei a ver as edades, que vinham chegando e passando,
já então tranquilo e resoluto, não sei até se alegre. Talvez alegre.
166 Cada século trazia a sua porção de sombra e de luz, de apatia e
de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de sistemas,
de idéas novas, de novas ilusões; em cada um deles rebentavam
as verduras de uma primavera, e amareleciam depois, para remo-
çar mais tarde. Ao passo que a vida tinha assim uma regularidade
de calendário, fazia-se a história e a civilização, e o homem, nu
167 e desarmado, armava-se e vestia-se, construía o tugúrio e o pa-
lácio, a rude aldeia e Tebas de cem portas, creava a ciência, que
perscruta, e a arte que enleva, fazia-se orador, mecânico, filósofo,
corria a face do globo, descia ao ventre da terra, subia à esfera
168 das nuvens, colaborando assim na obra misteriosa, com que en-
tretinha a necessidade da vida e a melancolia do desamparo. Meu
olhar, enfarado e distraído, viu enfim chegar o século presente, e
atrás dele os futuros. Aquele vinha ágil, destro, vibrante, cheio de
169 si, um pouco difuso, audaz, sabedor, mas ao cabo tão miserável
como os primeiros, e assim passou e assim passaram os outros,
com a mesma rapidez e igual monotonia. Redobrei de atenção;
fitei a vista; ia enfim ver o último, — o último!; mas então já a ra-
170 pidez da marcha era tal, que escapava a toda a compreensão; ao
pé dela o relâmpago seria um século. Talvez por isso entraram os
objectos a trocarem-se; uns cresceram, outros minguaram, outros
perderam-se no ambiente; um nevoeiro cobriu tudo, — menos o
hipopótamo que ali me trouxera, e que aliás começou a diminuir,
171 a diminuir, a diminuir, até ficar do tamanho de um gato. Era efec-
tivamente um gato. Encarei-o bem; era o meu gato *Sultão*, que
brincava à porta da alcova, com uma bola de papel. . .



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO VII
O delírio

página 30 de 242



CAPÍTULO VIII

Razão contra Sandice

[1] Já o leitor compreendeu que era a Razão que voltava à casa, e convidava a Sandice a sair, clamando, e com melhor jus, as palavras de Tartufo:

La maison est à moi, c'est à vous d'en sortir.

[2] Mas é sestro antigo da Sandice criar amor às casas alheias, de modo que, apenas senhora de uma, dificilmente lha farão despejar. É sestro; não se tira daí; há muito que lhe calejou a vergonha. Agora, se advertirmos no imenso número de casas que ocupa, umas de vez, outras durante as suas estações calmosas, concluiremos que esta amável peregrina é o terror dos proprietários. No nosso caso, houve quase um distúrbio à porta do meu cérebro, porque a adventícia não queria entregar a casa, e a dona não cedia da intenção de tomar o que era seu. Afinal, já a Sandice se contentava com um cantinho no sótão.

[3] — Não, senhora, replicou a Razão, estou cansada de lhe ceder sótãos, cansada e experimentada, o que você quer é passar mansamente do sótão à sala de jantar, daí à de visitas e ao resto.

[4] — Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de um mistério. . .

[5] — Que mistério?

[6] — De dous, emendou a Sandice; o da vida e o da morte; peço-lhe só uns dez minutos.

[7] A Razão pôs-se a rir.

[8] — Hás de ser sempre a mesma cousa... sempre a mesma cousa... sempre a mesma cousa... . . .





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO IX
 Transição

página 32 de 242

[9]

E, dizendo isto, travou-lhe dos pulsos e arrastou-a para fora; depois entrou e fechou-se. A Sandice ainda gemeu algumas súplicas, grunhiu algumas zangas; mas desenganou-se depressa, deitou a língua de fora, em ar de surriada, e foi andando. . .

CAPÍTULO IX

Transição

[1]

E VEJAM agora com que destreza, com que arte faço eu a maior transição deste livro. Vejam: o meu delírio começou em presença de Virgília; Virgília foi o meu grão pecado da juventude; não há juventude sem meninice; meninice supõe nascimento; e eis aqui como chegamos nós, sem esforço, ao dia 20 de outubro de 1805, em que nasci. Viram? Nenhuma juntura aparente, nada que divirta a atenção pausada do leitor: nada. De modo que o livro fica assim com todas as vantagens do método, sem a rigidez do método. Na verdade, era tempo. Que isto de método, sendo, como é, uma cousa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à solta, como quem não se lhe dá da vizinha fronteira, nem do inspector de quarterão. É como a eloquência, que há uma genuína e vibrante, de uma arte natural e feiticeira, e outra tesa, engomada e chocha. Vamos ao dia 20 de outubro.



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS

CAPÍTULO X

Naquele dia

188
189 [1] **N**AQUELE DIA, a árvore dos Cubas brotou uma graciosa flor. Nasci;
190 recebeu-me nos braços a Pascoela, insigne parteira minhota, que
191 se gabava de ter aberto a porta do mundo a uma geração inteira
de fidalgos. Não é impossível que meu pai lhe ouvisse tal declara-
ção; creio, todavia, que o sentimento paterno é que o induziu a
gratificá-la com duas meias dobras. Lavado e enfaixado, fui desde
logo o herói da nossa casa. Cada qual prognosticava a meu res-
peito o que mais lhe quadrava ao sabor. Meu tio João, o antigo ofi-
cial de infantaria, achava-me um certo olhar de Bonaparte, cousa
que meu pai não pôde ouvir sem náuseas; meu tio Ildefonso, então
simples padre, farejava-me cônego.

192 [2] — Cônego é o que ele há de ser, e não digo mais por não
parecer orgulho; mas não me admiraria nada se Deus o destinasse
a um bispado. . . É verdade, um bispado; não é cousa impossível.
Que diz você, mano Bento?

193 [3] Meu pai respondia a todos que eu seria o que Deus quisesse;
e alçava-me ao ar, como se intentasse mostrar-me à cidade e ao
mundo; perguntava a todos se eu me parecia com ele, se era inte-
ligente, bonito. . .

194 [4] Digo essas cousas por alto, segundo as ouvi narrar anos de-
pois; ignoro a mor parte dos pormenores daquele famoso dia. Sei
que a vizinhança veio ou mandou cumprimentar o recém-nascido,
195 e que durante as primeiras semanas muitas foram as visitas em
nossa casa. Não houve cadeirinha que não trabalhasse; aventou-
se muita casaca e muito calção. Se não conto os mimos, os beijos,
as admirações, as bênçãos, é porque, se os contasse, não acabaria
mais o capítulo, e é preciso acabá-lo.





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO X
 Naquele dia

página 34 de 242

[5] Item, não posso dizer nada do meu baptizado, porque nada me referiram a tal respeito, a não ser que foi uma das mais galhardas festas do ano seguinte, 1806; baptizei-me na igreja de São Domingos, uma terça feira de março, dia claro, luminoso e puro, sendo padrinhos o coronel Rodrigues de Matos e sua senhora. Um e outro descendiam de velhas famílias do norte e honravam deveras o sangue que lhes corria nas veias, outrora derramado na guerra contra Holanda. Cuido que os nomes de ambos foram das primeiras cousas que aprendi; e certamente os dizia com muita graça, ou revelava algum talento precoce, porque não havia pessoa estranha diante de quem me não obrigassem a recitá-los.

[6] — Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho.

[7] — Meu padrinho? é o Excelentíssimo Senhor coronel Paulo Vaz Lobo César de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos; minha madrinha é a Excelentíssima Senhora Dona Maria Luísa de Macedo Resende e Sousa Rodrigues de Matos.

[8] — É muito esperto o seu menino, exclamavam os ouvintes.

[9] — Muito esperto, concordava meu pai; e os olhos babavam-se-lhe de orgulho, e ele espalmava a mão sobre a minha cabeça, fitava-me longo tempo, namorado, cheio de si.

[10] Item, comecei a andar, não sei bem quando, mas antes do tempo. Talvez por apressar a natureza, obrigavam-me cedo a agarrar às cadeiras, pegavam-me da fralda, davam-me carrinhos de pau. — Só só, nhonhô, só só, dizia-me a mucama. E eu, atraído pelo chocalho de lata, que minha mãe agitava deante de mim, lá ia para a frente, cai aqui, cai acolá; e andava, provavelmente mal, mas andava, e fiquei andando.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XI
 O menino é pai do
 homem

página 35 de 242

CAPÍTULO XI

O menino é pai do homem

[1] **C**RESCI; E nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância. Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

[2] Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de «menino diabo»; e verdadeiramente não era outra cousa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce «por pirraça»; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — «ai, nhonhô!» — ao que eu retorquia: — «Cala a boca, besta!» — Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia,



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XI
 O menino é pai do
 homem

página 36 de 242

à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.

[3] Não se conclua daqui que eu levasse todo o resto da minha vida a quebrar a cabeça dos outros nem a esconder-lhes os chapéus; mas opiniático, egoísta e algo contemptor dos homens, isso fui; se não passei o tempo a esconder-lhes os chapéus, alguma vez lhes puxei pelo rabicho das cabeleiras.

[4] Outrossim, afeiçoei-me à contemplação da injustiça humana, inclinei-me a atenuá-la, a explicá-la, a classificá-la por partes, a entendê-la, não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e logares. Minha mãe doutrinava-me a seu modo, fazia-me decorar alguns preceitos e orações; mas eu sentia que, mais do que as orações, me governavam os nervos e o sangue, e a boa regra perdia o espírito, que a faz viver, para se tomar uma vã fórmula. De manhã, antes do mingau, e de noite, antes da cama, pedia a Deus que me perdoasse, assim como eu perdoava aos meus devedores; mas entre a manhã e a noite fazia uma grande maldade, e meu pai, passado o alvoroço, dava-me pancadinhas na cara, e exclamava a rir: Ah! brejeiro! ah! brejeiro!

[5] Sim, meu pai adorava-me.² Minha mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa, — caseira, apesar de bonita, e modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas e ao marido. O marido era na terra o seu deus. Da colaboração dessas duas criaturas nasceu a minha educação, que, se tinha alguma cousa boa, era no geral viciosa, incompleta, e, em partes, negativa. Meu tio cônego fazia às vezes alguns reparos ao irmão; dizia-lhe que ele me dava mais liberdade do que ensino e mais afeição do que emenda; mas meu pai respondia que aplicava na minha educação um sistema inteiramente superior ao sistema usado; e por este modo, sem confundir o irmão, iludia-se a si próprio.³

[6] De envolta com a transmissão e a educação, houve ainda o exemplo estranho, o meio doméstico. Vimos os pais; vejamos os



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XI

O menino é pai do
 homem

página 37 de 242

219 tios. Um deles, o João, era um homem de língua solta, vida ga-
 lante, conversa picaresca. Desde os onze anos entrou a admitir-me
 220 às anedotas reais ou não, eivadas todas de obscenidade ou imun-
 dície. Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a
 batina do irmão; com a diferença que este fugia logo que ele en-
 veredava por assunto escabroso. Eu não; deixava-me estar, sem
 entender nada, a princípio, depois entendendo e enfim achando-
 221 lhe graça. No fim de certo tempo, quem o procurava era eu; e ele
 gostava muito de mim, dava-me doces, levava-me a passeio. Em
 casa, quando lá ia passar alguns dias, não poucas vezes me acon-
 teceu achá-lo, no fundo da chácara, no lavadouro, a palestrar com
 as escravas que batiam roupa; aí é que era um desfiar de anedo-
 222 tas, de ditos, de perguntas, e um estalar de risadas, que ninguém
 podia ouvir, porque o lavadouro ficava muito longe de casa. As
 pretas, com uma tanga no ventre, a arregaçar-lhes um palmo dos
 vestidos, umas dentro do tanque, outras fora, inclinadas sobre as
 peças de roupa, a batê-las, a ensaboá-las, a torcê-las, iam ouvindo
 e redarguindo às pilhérias do tio João, e a comentá-las de quando
 em quando com esta palavra:

223 [7] — Cruz, diabo!... Este sinhô João é o diabo!

224 [8] Bem diferente era o tio cônego. Esse tinha muita austeridade
 e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito supe-
 rior, apenas compensavam um espírito medíocre. Não era homem
 que visse a parte substancial da igreja; via o lado externo, a hie-
 225 rarquia, as preeminências, as sobrepelizes, as circunflexões. Vinha
 antes da sacristia que do altar. Uma lacuna no ritual excitava-o
 mais do que uma infração dos mandamentos. Agora, a tantos anos
 de distância, não estou certo se ele poderia atinar facilmente com
 um trecho de Tertuliano, ou expor, sem titubear, a história do sím-
 226 bolo de Nicéia; mas ninguém, nas festas cantadas, sabia melhor o
 número e caso das cortesias que se deviam ao oficiante. Cônego
 foi a única ambição de sua vida; e dizia de coração que era a maior



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

dignidade a que podia aspirar. Piedoso, severo nos costumes, minucioso na observância das regras, frouxo, acanhado, subalterno, possuía algumas virtudes, em que era exemplar, mas carecia absolutamente da força de as inculcar, de as impor aos outros.

[9] Não digo nada de minha tia materna, D. Emerenciana, e aliás era a pessoa que mais autoridade tinha sobre mim; essa diferenciava-se grandemente dos outros; mas viveu pouco tempo em nossa companhia, uns dous anos. Outros parentes e alguns íntimos não merecem a pena de ser citados; não tivemos uma vida comum, mas intermitente, com grandes claros de separação. O que importa é a expressão geral do meio doméstico, e essa aí fica indicada, — vulgaridade de caracteres, amor das aparências rutilantes, do arruído, frouxidão da vontade, domínio do capricho, e o mais. Dessa terra e desse estrume é que nasceu esta flor.

CAPÍTULO XII

Um episódio de 1814

[1] **M**AS EU não quero passar adiante, sem contar sumariamente um galante episódio de 1814; tinha nove anos.

[2] Napoleão, quando eu nasci, estava já em todo o esplendor da glória e do poder; era imperador e granjeara inteiramente a admiração dos homens. Meu pai, que à força de persuadir os outros da nossa nobreza acabara persuadindo-se a si próprio, nutria contra ele um ódio puramente mental. Era isso motivo de renhidas contendas em nossa casa, porque meu tio João, não sei se por espírito de classe e simpatia de ofício, perdoava no déspota o que admirava no general, meu tio padre era inflexível contra o corso, os outros parentes dividiam-se; daí as controvérsias e as rusgas.

[3] Chegando ao Rio de Janeiro a notícia da primeira queda de Na-





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XII
 Um episódio de 1814

página 39 de 242

236 poleão, houve naturalmente grande abalo em nossa casa, mas ne-
 nenhum chasco ou remoque. Os vencidos, testemunhas do regozijo
 público, julgaram mais decoroso o silêncio; alguns foram além e
 bateram palmas. A população, cordialmente alegre, não regateou
 demonstrações de afeto à real família; houve iluminações, salvas,
 237 *Te Deum*, cortejo e aclamações. Figurei nesses dias com um espa-
 dim novo, que meu padrinho me dera no dia de Santo Antônio;
 e, francamente, interessava-me mais o espadim do que a queda
 de Bonaparte. Nunca me esqueceu esse fenômeno. Nunca mais
 deixei de pensar comigo que o nosso espadim é sempre maior do
 238 que a espada de Napoleão. E notem que eu ouvi muito discurso,
 quando era vivo, li muita página rumorosa de grandes idéas e mai-
 ores palavras, mas não sei por que, no fundo dos aplausos que me
 arrancavam da boca, lá ecoava alguma vez este conceito de expe-
 rimentado:

239 [4] — Vai-te embora, tu só cuidas do espadim.

240 [5] Não se contentou a minha família em ter um quinhão anô-
 nimo no regozijo público; entendeu oportuno e indispensável ce-
 lebrar a destituição do imperador com um jantar, e tal jantar que
 241 o ruído das aclamações chegasse aos ouvidos de Sua Alteza, ou
 quando menos, de seus ministros. Dito e feito. Veio abaixo toda
 a velha prataria, herdada do meu avô Luís Cubas; vieram as toa-
 lhas de Flandres, as grandes jarras da Índia; matou-se um capado;
 encomendaram-se às madres da Ajuda as compotas e marmela-
 242 das; lavaram-se, arearam-se, poliram-se as salas, escadas, casti-
 çais, arandelas, as vastas mangas de vidro, todos os aparelhos do
 luxo clássico.

243 [6] Dada a hora, achou-se reunida uma sociedade selecta, o juiz de
 fora, três ou quatro oficiais militares, alguns comerciantes e letra-
 dos, vários funcionários da administração, uns com suas mulheres
 244 e filhas, outros sem elas, mas todos comungando no desejo de ato-
 lar a memória de Bonaparte no papo de um peru. Não era um jan-
 tar, mas um *Te Deum*; foi o que pouco mais ou menos disse um dos



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XII
 Um episódio de 1814

página 40 de 242

letrados presentes, o Doutor Vilaça, glosador insigne, que acrescentou aos pratos de casa o acepipe das musas. Lembra-me, como se fosse ontem, lembra-me de o ver erguer-se, com a sua longa cabeleira de rabicho, casaca de seda, uma esmeralda no dedo, pedir a meu tio padre que lhe repetisse o mote, e, repetido o mote, cravar os olhos na testa de uma senhora, depois tossir, alçar a mão direita, toda fechada, menos o dedo índice, que apontava para o tecto; e, assim posto e composto, devolver o mote glosado. Não fez uma glosa, mas três; depois jurou aos seus deuses não acabar mais. Pedia um mote, davam-lho, ele glosava-o prontamente, e logo pedia outro e mais outro; a tal ponto que uma das senhoras presentes não pôde calar a sua grande admiração.

[7] — A senhora diz isso, retorquia modestamente o Vilaça, porque nunca ouviu o Bocage, como eu ouvi, no fim do século, em Lisboa. Aquilo sim! que facilidade! e que versos! Tivemos lutas de uma e duas horas, no botequim do Nicola, a glosarmos, no meio de palmas e bravos. Imenso talento o do Bocage! Era o que me dizia, há dias, a senhora Duquesa de Cadaval. . .

[8] E estas três palavras últimas, expressas com muita ênfasis, produziram em toda a assembléia um frêmito de admiração e pasmo. Pois esse homem tão dado, tão simples, além de pleitear com potetas, discreteava com duquesas! Um Bocage e uma Cadaval! Ao contacto de tal homem, as damas sentiam-se superfínas; os varões olhavam-no com respeito, alguns com inveja, não raros com incredulidade. Ele, entretanto, ia caminho, a acumular adjectivo sobre adjectivo, advérbio sobre advérbio, a desfiar todas as rimas de *tirano* e de *usurpador*. Era à sobremesa; ninguém já pensava em comer. No intervalo das glosas, corria um borborinho alegre, um palavrear de estômagos satisfeitos; os olhos moles e úmidos, ou vivos e cálidos, espreguiçavam-se ou saltitavam de uma ponta à outra da mesa, atulhada de doces e fructas, aqui o ananás em fatias, ali o melão em talhadas, as compoteiras de cristal deixando ver o doce de coco, finamente ralado, amarelo como uma gema,



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XII
 Um episódio de 1814

página 41 de 242

— ou então o melado escuro e grosso, não longe do queijo e do cará. De quando em quando um riso jovial, amplo, desabotoado, um riso de família, vinha quebrar a gravidade política do banquete. No meio do interesse grande e comum, agitavam-se também os pequenos e particulares. As moças falavam das modinhas que haviam de cantar ao cravo, e do minuete e do solo inglês; nem faltava matrona que promettesse bailar um oitavado de compasso, só para mostrar como folgara nos seus bons tempos de criança. Um sujeito, ao pé de mim, dava a outro notícia recente dos negros novos, que estavam a vir, segundo cartas que recebera de Loanda, uma carta em que o sobrinho lhe dizia ter já negociado cerca de quarenta cabeças, e outra carta em que... Trazia-as justamente na algibeira, mas não as podia ler naquela ocasião. O que afiançava é que podíamos contar, só nessa viagem, uns cento e vinte negros, pelo menos.

[9] — Trás... trás... trás... fazia o Vilaça batendo com as mãos uma na outra. O rumor cessava de súbito, como um estacado de orquestra, e todos os olhos se voltavam para o glosador. Quem ficava longe aconcheava a mão atrás da orelha para não perder palavra; a mor parte, antes mesmo da glosa, tinha já um meio riso de aplauso, trivial e cândido.

[10] Quanto a mim, lá estava, solitário e deslembado, a namorar uma certa compota da minha paixão. No fim de cada glosa ficava muito contente, esperando que fosse a última, mas não era, e a sobremesa continuava intacta. Ninguém se lembrava de dar a primeira voz. Meu pai, à cabeceira, saboreava a goles extensos a alegria dos convivas, mirava-se todo nos carões alegres, nos pratos, nas flores, deliciava-se com a familiaridade travada entre os mais distantes espíritos, influxo de um bom jantar. Eu via isso, porque arrastava os olhos da compota para ele e dele para a compota, como a pedir-lhe que ma servisse; mas fazia-o em vão. Ele não via nada; via-se a si mesmo. E as glosas sucediam-se, como bátegas d'água, obrigando-me a recolher o desejo e o pedido. Pacientei



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XII
 Um episódio de 1814

página 42 de 242

quanto pude; e não pude muito. Pedi em voz baixa o doce; enfim, bradei, berrei, bati com os pés. Meu pai, que seria capaz de me dar o sol, se eu lho exigisse, chamou um escravo para me servir o doce; mas era tarde. A tia Emerenciana arrancara-me da cadeira e entregara-me a uma escrava, não obstante os meus gritos e repetições.

[11] Não foi outro o delito do glosador: retardara a compota e dera causa à minha exclusão. Tanto bastou para que eu cogitasse uma vingança, qualquer que fosse, mas grande e exemplar, cousa que de alguma maneira o tornasse ridículo. Que ele era um homem grave o Doutor Vilaça, medido e lento, quarenta e sete anos, casado e pai. Não me contentava o rabo de papel nem o rabicho da cabeleira; havia de ser cousa peor. Entrei a espreitá-lo, durante o resto da tarde, a segui-lo, na chácara, aonde todos desceram a passear. Vi-o conversar com Dona Eusébia, irmã do sargento-mor Domingues, uma robusta donzelona, que se não era bonita, também não era feia.

[12] — Estou muito zangada com o senhor, dizia ela.

[13] — Por quê?

[14] — Porque... não sei por que... porque é a minha sina... creio às vezes que é melhor morrer...

[15] Tinham penetrado numa pequena moita; era lusco-fusco; eu segui-os. O Vilaça levava nos olhos umas chispas de vinho e de volúpia.

[16] — Deixe-me! disse ela.

[17] — Ninguém nos vê. Morrer, meu anjo? Que idéas são essas! Você sabe que eu morrerei também... que digo?... morro todos os dias, de paixão, de saudades...

[18] Dona Eusébia levou o lenço aos olhos. O glosador vasculhava na memória algum pedaço literário e achou este, que mais tarde verifiquei ser de uma das óperas do Judeu:

[19] — Não chores, meu bem; não queiras que o dia amanheça com duas auroras.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XIII
 Um salto

página 43 de 242

273 [20] Disse isto; puxou-a para si; ela resistiu um pouco, mas deixou-se ir; uniram os rostos, e eu ouvi estalar, muito ao de leve, um beijo, o mais medroso dos beijos.

274 [21] — O Doutor Vilaça deu um beijo em Dona Eusébia! bradei eu correndo pela chácara.

275 [22] Foi um estouro esta minha palavra; a estupefacção imobilizou a todos; os olhos espraivavam-se a uma e outra banda; trocavam-se sorrisos, segredos, à socapa, as mães arrastavam as filhas, pretextando o sereno. Meu pai puxou-me as orelhas, disfarçadamente, irritado deveras com a indiscrição; mas, no dia seguinte, ao almoço, lembrando o caso, sacudiu-me o nariz, a rir: Ah! brejeiro! ah! brejeiro!

CAPÍTULO XIII

Um salto

277 [1] **U**NAMOS AGORA os pés e demos um salto por cima da escola, a enfadonha escola, onde aprendi a ler, escrever, contar, dar cacholetas, apanhá-las, e ir fazer diabruras, ora nos morros, ora nas praias, onde quer que fosse propício a ociosos.

279 [2] Tinha amarguras esse tempo; tinha os ralhos, os castigos, as lições árduas e longas, e pouco mais, mui pouco e mui leve. Só era pesada a palmatória, e ainda assim... Ó palmatória, terror dos meus dias pueris, tu que foste o *compelle intrare* com que um velho mestre, ossudo e calvo, me incutiui no cérebro o alfabeto, a prosódia, a sintaxe, e o mais que ele sabia, benta palmatória, tão praguejada dos modernos, quem me dera ter ficado sob o teu jugo, com a minha alma imberbe, as minhas ignorâncias, e o meu espadim, aquele espadim de 1814, tão superior à espada de Napoleão! Que querias tu, afinal, meu velho mestre de primeiras letras? Lição



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XIII

Um salto

página 44 de 242

de cor e compostura na aula; nada mais, nada menos do que quer a vida, que é a mestra das últimas letras; com a diferença que tu, se me metias medo, nunca me meteste zanga. Vejo-te ainda agora entrar na sala, com as tuas chinelas de couro branco, capote, lenço na mão, calva à mostra, barba rapada; vejo-te sentar, bufar, grunhir, absorver uma pitada inicial, e chamar-nos depois à lição. E fizeste isto durante vinte e três anos, calado, obscuro, pontual, metido numa casinha da rua do Piolho, sem enfadar o mundo com a tua mediocridade, até que um dia deste o grande mergulho nas trevas, e ninguém te chorou, salvo um preto velho, — ninguém, nem eu, que te devo os rudimentos da escripta.

[3] Chamava-se Ludgero o mestre; quero escrever-lhe o nome todo nesta página: Ludgero Barata, — um nome funesto, que servia aos meninos de eterno mote a chufas. Um de nós, o Quincas Borba, esse então era cruel com o pobre homem. Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças, — umas largas calças de enfiar —, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta. Se ele a encontrava ainda nas horas da aula, dava um pulo, circulava os olhos chamejantes, dizia-nos os últimos nomes: éramos sevandijas, capadócios, malcriados, moleques. — Uns tremiam, outros rosnavam; o Quincas Borba, porém, deixava-se estar quieto, com os olhos espetados no ar.

[4] Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma cousa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, aseiado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, gene-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XIV
 Primeiro beijo

página 45 de 242

ral, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adeantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.

CAPÍTULO XIV

Primeiro beijo

[1] **T**INHA DEZESSETE anos; pungia-me um buçozinho que eu forcejava por trazer a bigode. Os olhos, vivos e resolutos, eram a minha feição verdadeiramente máscula. Como ostentasse certa arrogância, não se distinguia bem se era uma criança com fumos de homem, se um homem com ares de menino. Ao cabo, era um lindo garção, lindo e audaz, que entrava na vida de botas e esporas, chicote na mão e sangue nas veias, cavalgando um corcel nervoso, rijo, veloz, como o corcel das antigas baladas, que o romantismo foi buscar ao castelo medieval, para dar com eles nas ruas do nosso século. O peor é que o estafaram a tal ponto, que foi preciso deitá-lo à margem, onde o realismo o veio achar, comido de lazeira e vermes, e, por compaixão, o transportou para os seus livros.

[2] Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado; e facilmente se imagina que mais de uma dama inclinou deante de mim a fronte pensativa, ou levantou para mim os olhos cobiçosos. De todas porém a que me captivou logo foi uma... uma... não sei se diga; este livro é casto, ao menos na intenção; na intenção é castíssimo. Mas vá lá; ou se há de dizer tudo ou nada. A que me captivou foi uma dama espanhola, Marcela, a «linda Marcela», como lhe chamavam os rapazes do tempo. E tinham razão os rapazes. Era filha de um hortelão das Astúrias; disse-mo ela mesma, num dia de sin-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XIV
 Primeiro beijo

página 46 de 242

ceridade, porque a opinião aceita é que nascera de um letrado de Madri, vítima da invasão francesa, ferido, encarcerado, espingardeado, quando ela tinha apenas doze anos. *Cosas de España*. Quem quer que fosse, porém, o pai, letrado ou hortelão, a verdade é que Marcela não possuía a inocência rústica, e mal chegava a entender a moral do código. Era boa moça, lépida, sem escrúpulos, um pouco tolhida pela austeridade do tempo, que lhe não permitia arrastar pelas ruas os seus estouvamentos e berlindas; luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes. Naquele ano, morria de amores por um certo Xavier, sujeito abastado e tísico, — uma pérola.

[3] Vi-a, pela primeira vez, no Rossio Grande, na noite das luminárias, logo que constou a declaração da independência, uma festa de primavera, um amanhecer da alma pública. Éramos dous rapazes, o povo e eu; vínhamos da infância, com todos os arrebatamentos da juventude. Vi-a sair de uma cadeirinha, airosa e vistosa, um corpo esbelto, ondulante, um desgarre, alguma cousa que nunca achara nas mulheres puras. — Segue-me, disse ela ao pajem. E eu seguia-a, tão pajem como o outro, como se a ordem me fosse dada, deixei-me ir namorado, vibrante, cheio das primeiras auras. A meio caminho, chamaram-lhe «linda Marcela», lembrou-me que ouvira tal nome a meu tio João, e fiquei, confesso que fiquei tonto.

[4] Três dias depois perguntou-me meu tio, em segredo, se queria ir a uma ceia de moças, nos Cajueiros. Fomos; era em casa de Marcela. O Xavier, com todos os seus tubérculos, presidia ao banquete nocturno, em que eu pouco ou nada comi, porque só tinha olhos para a dona da casa. Que gentil que estava a espanhola! Havia mais uma meia dúzia de mulheres, — todas de partido —, e bonitas, cheias de graça, mas a espanhola... O entusiasmo, alguns goles de vinho, o gênio imperioso, estouvado, tudo isso me levou a fazer uma cousa única; à saída, à porta da rua, disse a meu tio que esperasse um instante, e tornei a subir as escadas.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XV
 Marcela

página 47 de 242

[5] — Esqueceu alguma coisa? perguntou Marcela de pé, no patamar.

[6] — O lenço.

[7] Ela ia abrir-me caminho para tornar à sala; eu segurei-lhe nas mãos, puxei-a para mim, e dei-lhe um beijo. Não sei se ela disse alguma coisa, se gritou, se chamou alguém; não sei nada; sei que descí outra vez as escadas, veloz como um tufão, e incerto como um ébrio.

CAPÍTULO XV

Marcela

[1] **G**ASTEI TRINTA dias para ir do Rossio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência, a um tempo manhoso e teimoso. Que, em verdade, há dous meios de granjear a vontade das mulheres: o violento, como o touro de Europa, e o insinuativo, como o cisne de Leda e a chuva de ouro de Dânae, três inventos do padre Zeus, que, por estarem fora da moda, aí ficam trocados no cavalo e no asno. Não direi as traças que urdi, nem as peitas, nem as alternativas de confiança e temor, nem as esperas baldadas, nem nenhuma outra dessas cousas preliminares. Afirmo-lhes que o asno foi digno do corcel, — um asno de Sancho, deveras filósofo, que me levou à casa dela, no fim do citado período; apeei-me, bati-lhe na anca e mandei-o pastar.

[2] Primeira comoção da minha juventude, que doce que me foste! Tal devia ser, na criação bíblica, o efeito do primeiro sol. Imagina tu esse efeito do primeiro sol, a bater de chapa na face de um mundo em flor. Pois foi a mesma cousa, leitor amigo, e se alguma vez contaste dezoito anos, deves lembrar-te que foi assim mesmo.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XV
 Marcela

página 48 de 242

[3] Teve duas fases a nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome, que eu de nomes não curo; teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi curta, regemos o Xavier e eu, sem que ele jamais acreditasse dividir comigo o governo de Roma; mas, quando a credulidade não pôde resistir à evidência, o Xavier depôs as insígnias, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana. Era meu universo; mas, ai triste! não o era de graça. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. Primeiro explorei as larguezas de meu pai; ele dava-me tudo o que eu lhe pedia, sem repreensão, sem demora, sem frieza; dizia a todos que eu era rapaz e que ele o fora também. Mas a tal extremo chegou o abuso, que ele restringiu um pouco as franquezas, depois mais, depois mais. Então recorri a minha mãe, e induzi-a a desviar alguma cousa, que me dava às escondidas. Era pouco; lancei mão de um recurso último: entrei a sacar sobre a herança de meu pai, a assinar obrigações, que devia resgatar um dia com usura.

[4] — Em verdade, dizia-me Marcela, quando eu lhe levava alguma seda, alguma jóia; em verdade, você quer brigar comigo. . . Pois isto é cousa que se faça. . . um presente tão caro. . .

[5] E, se era jóia, dizia isto a contemplá-la entre os dedos, a procurar melhor luz, a ensaiá-la em si, e a rir, e a beijar-me com uma reincidência impetuosa e sincera; mas, protestando, derramava-se-lhe a felicidade dos olhos, e eu sentia-me feliz com vê-la assim. Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quantas podia obter; Marcela juntava-as todas dentro de uma caixinha de ferro, cuja chave ninguém nunca jamais soube onde ficava; escondia-a por medo dos escravos. A casa em que morava, nos Cajueiros, era própria. Eram sólidos e bons os móveis, de jacarandá lavrado, e todas as demais alfaias, espelhos, jarras, baixela, — uma linda baixela da Índia, que lhe doara um desembargador. Baixela do diabo, deste-me grandes repêlões aos nervos. Disse-muita vez à própria dona; não lhe dissimulava o tédio que me



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XV
 Marcela

página 49 de 242

faziam esses e outros despojos dos seus amores de antanho. Ela ouvia-me e ria, com uma expressão cândida, — cândida e outra cousa, que eu nesse tempo não entendia bem, mas agora, relembrando o caso, penso que era um riso misto, como devia ter a creatura que nascesse, por exemplo, de uma bruxa de Shakespeare com um serafim de Klopstock. Não sei se me explico. E porque tinha notícia dos meus zelos tardios, parece que gostava de os aular mais. Assim foi que um dia, como eu lhe não pudesse dar certo colar, que ela vira num joalheiro, retorqui-me que era um simples gracejo, que o nosso amor não precisava de tão vulgar estímulo.

[6] — Não lhe perdão, se você fizer de mim essa triste idéa, concluiu ameaçando-me com o dedo.

[7] E logo, súbita como um passarinho, espalmou as mãos, cingiu-me com elas o rosto, puxou-me a si e fez um trejeito gracioso, um momo de criança. Depois, reclinada na marquesa, continuou a falar daquilo, com simplicidade e franqueza. Jamais consentiria que lhe comprassem os afectos. Vendera muita vez as aparências, mas a realidade, guardava-a para poucos. Duarte, por exemplo, o alferes Duarte, que ela amara deveras, dous anos antes, só a custo conseguia dar-lhe alguma cousa de valor, como me acontecia a mim; ela só lhe aceitava sem reluctância os mimos de escasso preço, como a cruz de ouro, que lhe deu, uma vez, de festas.

[8] — Esta cruz. . .

[9] Dizia isto, metendo a mão no seio e tirando uma cruz fina, de ouro, presa a uma fita azul e pendurada ao colo.

[10] — Mas essa cruz, observei eu, não me disseste que era teu pai que. . .

[11] Marcela abanou a cabeça com um ar de lástima:

[12] — Não percebeste que era mentira, que eu dizia isso para te não molestar? Vem cá, *chiquito*, não sejas assim desconfiado comigo. . . Amei a outro; que importa, se acabou? Um dia, quando nos separarmos. . .



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XVI
 Uma Reflexão Imoral

página 50 de 242

[13] — Não digas isso! bradei eu.

[14] — Tudo cessa! Um dia. . .

[15] Não pôde acabar; um soluço estrangulou-lhe a voz; estendeu as mãos, tomou das minhas, conchegou-me ao seio, e sussurrou-me baixo ao ouvido: — Nunca, nunca, meu amor! Eu agradeci-lho com os olhos úmidos. No dia seguinte levei-lhe o colar que havia recusado.

[16] — Para te lembrares de mim, quando nos separarmos, disse eu.

[17] Marcela teve primeiro um silêncio indignado; depois fez um gesto magnífico: tentou atirar o colar à rua. Eu retive-lhe o braço; pedi-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a jóia. Sorriu e ficou.

[18] Entretanto, pagava-me à farta os sacrifícios; espreitava os meus mais recônditos pensamentos; não havia desejo a que não acudisse com alma, sem esforço, por uma espécie de lei da consciência e necessidade do coração. Nunca o desejo era razoável, mas um capricho puro, uma criancice, vê-la trajar de certo modo, com tais e tais enfeites, este vestido e não aquele, ir a passeio ou outra cousa assim, e ela cedia a tudo, risonha e palreira.

[19] — Você é das Arábias, dizia-me.

[20] E ia pôr o vestido, a renda, os brincos, com uma obediência de encantar.

CAPÍTULO XVI

Uma Reflexão Imoral

[1] **O** CORRE-ME UMA reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correcção de estilo. Cuido haver dito, no capítulo **xiv**, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XVII
 Do trapézio e outras
 cousas

página 51 de 242

345 mesma coisa que morrer; assim o afirmam todos os joalheiros
 desse mundo, gente muito vista na gramática. Bons joalheiros, que
 seria do amor se não fossem os vossos dices e fiados? Um terço ou
 um quinto do universal comércio dos corações. Esta é a reflexão
 346 imoral que eu pretendia fazer, a qual é ainda mais obscura do que
 imoral, porque não se entende bem o que eu quero dizer. O que
 eu quero dizer é que a mais bela testa do mundo não fica menos
 bela, se a cingir um diadema de pedras finas; nem menos bela,
 nem menos amada. Marcela, por exemplo, que era bem bonita,
 Marcela amou-me. . .

CAPÍTULO XVII

Do trapézio e outras cousas

347
 348 [1] ... **M**ARCELA AMOU-ME durante quinze meses e onze contos de réis;
 nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos,
 sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um
 capricho juvenil.

349 [2] — Desta vez, disse ele, vais para a Europa; vais cursar uma
 universidade, provavelmente Coimbra; quero-te para homem sé-
 rio e não para arruador e gatuno. E como eu fizesse um gesto de
 espanto: — Gatuno, sim, senhor; não é outra cousa um filho que
 me faz isto. . .

350 [3] Sacou da algibeira os meus títulos de dívida, já resgatados por
 ele, e sacudiu-mos na cara. — Vês, peralta? é assim que um moço
 deve zelar o nome dos seus? Pensas que eu e meus avós ganhamos
 o dinheiro em casas de jogo ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! Desta
 vez ou tomas juízo, ou ficas sem cousa nenhuma.

351 [4] Estava furioso, mas de um furor temperado e curto. Eu ouvi-
 o calado, e nada opus à ordem da viagem, como de outras vezes



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XVII
 Do trapézio e outras
 cousas

página 52 de 242

fizera; ruminava a idéia de levar Marcela comigo. Fui ter com ela; expus-lhe a crise e fiz-lhe a proposta. Marcela ouviu-me com os olhos no ar, sem responder logo; como insistisse, disse-me que ficava, que não podia ir para a Europa.

[5] — Por que não?

[6] — Não posso, disse ela com ar dolente; não posso ir respirar aqueles ares, enquanto me lembrar de meu pobre pai, morto por Napoleão. . .

[7] — Qual deles: o hortelão ou o advogado?

[8] Marcela franziu a testa, cantarolou uma seguidilha, entre dentes; depois queixou-se do calor, e mandou vir um copo de aluá. Trouxe-lho a mucama, numa salva de prata, que fazia parte dos meus onze contos. Marcela ofereceu-me polidamente o refresco; minha resposta foi dar com a mão no copo e na salva; entornou-se-lhe o líquido no regaço, a preta deu um grito, eu bradei-lhe que se fosse embora. Ficando a sós, derramei todo o desespero de meu coração; disse-lhe que ela era um monstro, que jamais me tivera amor, que me deixara descer a tudo, sem ter ao menos a desculpa da sinceridade; chamei-lhe muitos nomes feios, fazendo muitos gestos descompostos. Marcela deixara-se estar sentada, a estalar as unhas nos dentes, fria como um pedaço de mármore. Tive ímpetos de a estrangular, de a humilhar ao menos, subjugando-a a meus pés. Ia talvez fazê-lo; mas a acção trocou-se noutra; fui eu que me atirei aos pés dela, constricto e súplice; beijei-lhos, recordei aqueles meses da nossa felicidade solitária, repeti-lhe os nomes queridos de outro tempo, sentado no chão, com a cabeça entre os joelhos dela, apertando-lhe muito as mãos; ofegante, desvairado, pedi-lhe com lágrimas que me não desamparasse. . . Marcela esteve alguns instantes a olhar para mim, calados ambos, até que brandamente me desviou e, com um ar enfasiado:

[9] — Não me aborreça, disse.

[10] Levantou-se, sacudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou para a alcova. — Não! bradei eu; não hás de entrar. . . não



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XVII
 Do trapézio e outras
 cousas

página 53 de 242

quero... Ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e fechara-se.

[11] Saí desatinado; gastei duas mortais horas em vaguear pelos bairros mais excêntricos e desertos, onde fosse difícil dar comigo. Ia mastigando o meu desespero, com uma espécie de gula mórbida; evocava os dias, as horas, os instantes de delírio, e ora me comprazia em crer que eles eram eternos, que tudo aquilo era um pesadelo, ora, enganando-me a mim mesmo, tentava rejeitá-los de mim, como um fardo inútil. Então resolvia embarcar imediatamente para cortar a minha vida em duas metades, e deleitava-me com a idéa de que Marcela, sabendo da partida, ficaria ralada de saudades e remorsos. Que ela amara-me a tonta, devia de sentir alguma cousa, uma lembrança qualquer, como do alferes Duarte... Nisto, o dente do ciúme enterrava-se-me no coração; e toda a natureza me bradava que era preciso levar Marcela comigo.

[12] — Por força... por força... dizia eu ferindo o ar com uma punhada.

[13] Enfim, tive uma idéa salvadora... Ah! trapézio dos meus pecados, trapézio das concepções abstrusas! A idéa salvadora trabalhou nele, como a do emplasto (capítulo II). Era nada menos que fasciná-la, fasciná-la muito, deslumbrá-la, arrastá-la; lembrou-me pedir-lhe por um meio mais concreto do que a súplica. Não medi as consequências; recorri a um derradeiro empréstimo; fui à rua dos Ourives, comprei a melhor jóia da cidade, três diamantes grandes, encastoados num pente de marfim; corri à casa de Marcela.

[14] Marcela estava reclinada numa rede, o gesto mole e cansado, uma das pernas pendentes, a ver-se-lhe o pezinho calçado de meia de seda, os cabelos soltos, derramados, o olhar quieto e sonolento.

[15] — Vem comigo, disse eu, arranjei recursos... temos muito dinheiro, terás tudo o que quiseres... Olha, toma.

[16] E mostrei-lhe o pente com os diamantes. Marcela teve um leve sobressalto, ergueu metade do corpo, e, apoiada num cotovelo, olhou para o pente durante alguns instantes curtos; depois retirou



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XVIII
 Visão do corredor

página 54 de 242

os olhos; tinha-se dominado. Então, eu lancei-lhe as mãos aos cabelos, coligi-os, enlancei-os à pressa, improvisei um toucado, sem nenhum alinhado, e rematei-o com o pente de diamantes; recuei, tornei a aproximar-me, corriji-lhes as madeixas, abaixei-as de um lado, busquei alguma simetria naquela desordem, tudo com uma minuciosidade e um carinho de mãe.

[17] — Pronto, disse eu.

[18] — Doudo! foi a sua primeira resposta.

[19] A segunda foi puxar-me para si, e pagar-me o sacrifício com um beijo, o mais ardente de todos. Depois tirou o pente, admirou muito a matéria e o labor, olhando a espaços para mim, e abanando a cabeça, com um ar de repreensão:

[20] — Ora você! dizia.

[21] — Vens comigo?

[22] Marcela reflectiu um instante. Não gostei da expressão com que passeava os olhos de mim para a parede, e da parede para a jóia; mas toda a má impressão se desvaneceu, quando ela me respondeu resolutamente:

[23] — Vou. Quando embarcas?

[24] — Daqui a dous ou três dias.

[25] — Vou.

[26] Agradei-lho de joelhos. Tinha achado a minha Marcela dos primeiros dias, e disse-lho; ela sorriu, e foi guardar a jóia, enquanto eu descia a escada.

CAPÍTULO XVIII

Visão do corredor

[1] **N**O FIM da escada, ao fundo do corredor escuro, parei alguns instantes para respirar, apalpar-me, convocar as idéas dispersas, reaver-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO XVIII

Visão do corredor

página 55 de 242

me enfim no meio de tantas sensações profundas e contrárias. Achava-me feliz. Certo é que os diamantes corrompiam-me um pouco a felicidade; mas não é menos certo que uma dama bonita pode muito bem amar os gregos e os seus presentes. E depois eu confiava na minha boa Marcela; podia ter defeitos, mas amava-me. . .

[2] — Um anjo! murmurei eu olhando para o tecto do corredor.

[3] E aí, como um escárneo, vi o olhar de Marcela, aquele olhar que pouco antes me dera uma sombra de desconfiança, o qual chispava de cima de um nariz, que era ao mesmo tempo o nariz de Bakbarah e o meu. Pobre namorado das *Mil e Uma Noites!* Vi-te ali mesmo correr atrás da mulher do vizir, ao longo da galeria, ela a acenar-te com a posse, e tu a correr, a correr, a correr, até a alameda comprida, donde saíste à rua, onde todos os correeiros te apuparam e desancaram. Então pareceu-me que o corredor de Marcela era a alameda, e que a rua era a de Bagdad. Com efeito, olhando para a porta, vi na calçada três dos correeiros, um de batina, outro de libré, outro à paisana, os quais todos três entraram no corredor, tomaram-me pelos braços, meteram-me numa sege, meu pai à direita, meu tio cônego à esquerda, o da libré na boléa, e lá me levaram à casa do intendente de polícia, donde fui transportado a uma galera que devia seguir para Lisboa. Imaginem se resisti; mas toda a resistência era inútil.

[4] Três dias depois segui barra fora, abatido e mudo. Não chorava sequer; tinha uma idéa fixa. . . Malditas idéas fixas! A dessa ocasião era dar um mergulho no oceano, repetindo o nome de Marcela.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

CAPÍTULO XIX

A bordo

[1] ÉRAMOS ONZE passageiros, um homem doudo, acompanhado pela mulher, dous rapazes que iam a passeio, quatro comerciantes e dous criados. Meu pai recomendou-me a todos, começando pelo capitão do navio, que aliás tinha muito que cuidar de si, porque, além do mais, levava a mulher tísica em último grau.

[2] Não sei se o capitão suspeitou alguma cousa do meu fúnebre projecto, ou se meu pai o pôs de sobreaviso; sei que não me tirava os olhos de cima; chamava-me para toda a parte. Quando não podia estar comigo, levava-me para a mulher. A mulher ia quase sempre numa camilha rasa, a tossir muito, e a afiançar que me havia de mostrar os arredores de Lisboa. Não estava magra, estava transparente; era impossível que não morresse de uma hora para outra. O capitão fingia não crer na morte próxima, talvez por enganar-se a si mesmo. Eu não sabia nem pensava nada. Que me importava a mim o destino de uma mulher tísica, no meio do oceano? O mundo para mim era Marcela.

[3] Uma noite, logo no fim de uma semana, achei ensejo propício para morrer. Subi cauteloso, mas encontrei o capitão, que, junto à amurada, tinha os olhos fitos no horizonte.

[4] — Algum temporal? disse eu.

[5] — Não, respondeu ele estremecendo; não; admiro o esplendor da noite. Veja; está celestial!

[6] O estilo desmentia da pessoa, assaz rude e aparentemente alheia a locuções rebuscadas. Fitei-o; ele pareceu saborear o meu espanto. No fim de alguns segundos, pegou-me na mão e apontou para a lua, perguntando-me por que não fazia uma ode à noite;





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XIX
 A bordo

página 57 de 242

400 respondi-lhe que não era poeta. O capitão rosnou alguma coisa,
 deu dous passos, meteu a mão no bolso, sacou um pedaço de pa-
 pel, muito amarrotado; depois, à luz de uma lanterna, leu uma
 ode horaciana sobre a liberdade da vida marítima. Eram versos
 dele.

401 [7] — Que tal?

402 [8] Não me lembra o que lhe disse; lembra-me que ele me aper-
 tou a mão com muita força e muitos agradecimentos; logo depois
 recitou-me dous sonetos; ia recitar-me outro, quando o vieram
 chamar da parte da mulher. — Lá vou, disse ele; e recitou-me o
 terceiro soneto, com pausa, com amor.

403 [9] Fiquei só; mas a musa do capitão varrera-me do espírito os
 pensamentos maus; preferi dormir, que é modo interino de morrer.
 No dia seguinte, acordámos debaixo de um temporal, que meteu
 medo a toda a gente, menos ao doudo; esse entrou a dar pulos,
 a dizer que a filha o mandava buscar, numa berlinda; a morte de
 uma filha fora a causa da loucura. Não, nunca me há de esquecer
 a figura hedionda do pobre homem, no meio do tumulto das gen-
 tes e dos uivos do furacão, a cantarolar e a bailar, com os olhos
 a saltarem-lhe da cara, pálido, cabelo arrepiado e longo. Às vezes
 parava, erguia ao ar as mãos ossudas, fazia umas cruces com os
 dedos, depois um xadrez, depois umas argolas, e ria muito, de-
 sesperadamente. A mulher não podia já cuidar dele; entregue ao
 terror da morte, rezava por si mesma a todos os santos do céu.
 Enfim, a tempestade amainou. Confesso que foi uma diversão ex-
 celente à tempestade do meu coração. Eu, que meditava ir ter com
 a morte, não ousei fitá-la quando ela veio ter comigo.

407 [10] O capitão perguntou-me se tivera medo, se estivera em risco,
 se não achara sublime o espectáculo: tudo isso com um interesse
 de amigo. Naturalmente a conversa versou sobre a vida do mar;
 o capitão perguntou-me se não gostava de idílios piscatórios; eu
 respondi-lhe ingenuamente que não sabia o que era.



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XIX
 A bordo

página 58 de 242

[11] — Vai ver, respondeu.

[12] E recitou-me um poemazinho, depois outro, — uma égloga,— e enfim cinco sonetos, com os quais rematou nesse dia a confiança literária. No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos graves abraçara a profissão marítima, porque a avó queria que ele fosse padre, e com efeito possuía algumas letras latinas; não chegou a ser padre, mas não deixou de ser poeta, que era a sua vocação natural. Para prová-lo, recitou-me logo, de corpo presente, uma centena de versos. Notei um fenómeno: os ademanos que ele usava eram tais, que uma vez me fizeram rir; mas o capitão, quando recitava, de tal sorte olhava para dentro de si mesmo, que não viu nem ouviu nada.

[13] Os dias passavam, e as águas, e os versos, e com eles ia também passando a vida da mulher. Estava por pouco. Um dia, logo depois do almoço, disse-me o capitão que a enferma talvez não chegasse ao fim da semana.

[14] — Já! exclamei.

[15] — Passou muito mal a noite.

[16] Fui vê-la; achei-a, na verdade, quase moribunda, mas falando ainda de descansar em Lisboa alguns dias, antes de ir comigo a Coimbra, porque era seu propósito levar-me à Universidade. Deixei-a consternado; fui achar o marido a olhar para as vagas, que vinham morrer no costado do navio, e tratei de o consolar; ele agradeceu-me, relatou-me a história dos seus amores, elogiou a fidelidade e a dedicação da mulher, lembrou os versos que lhe fez, e recitou-mos. Neste ponto vieram buscá-lo da parte dela; corremos ambos; era uma crise. Esse e o dia seguinte foram cruéis; o terceiro foi o da morte; eu fugi ao espectáculo, tinha-lhe repugnância. Meia hora depois encontrei o capitão, sentado num molho de cabos, com a cabeça nas mãos; disse-lhe alguma coisa de conforto.

[17] — Morreu como uma santa, respondeu ele; e, para que estas palavras não pudessem ser levadas à conta de fraqueza, ergueu-se



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XIX
 A bordo

página 59 de 242

logo, sacudiu a cabeça, e fitou o horizonte, com um gesto longo e profundo. — Vamos, continuou, entreguemo-la à cova que nunca mais se abre.

[18] Efectivamente, poucas horas depois, era o cadáver lançado ao mar, com as cerimônias do costume. A tristeza murchara todos os rostos; o do viúvo trazia a expressão de um cabeça rijamente lascado pelo raio. Grande silêncio. A vaga abriu o ventre, acolheu o despojo, fechou-se, — uma leve ruga,— e a galera foi andando. Eu deixei-me estar alguns minutos, à popa, com os olhos naquele ponto incerto do mar em que ficava um de nós. . . Fui dali ter com o capitão, para distraí-lo.

[19] — Obrigado, disse-me ele compreendendo a intenção; creia que nunca me esquecerei dos seus bons serviços. Deus é que lhos há de pagar. Pobre Leocádia! tu te lembrarás de nós no céu.

[20] Enxugou com a manga uma lágrima importuna; eu busquei um derivativo na poesia, que era a paixão dele. Falei-lhe dos versos, que me lera, e ofereci-me para imprimi-los. Os olhos do capitão animaram-se um pouco. — Talvez aceite, disse ele; mas não sei. . . são bem frouxos versos. Jurei-lhe que não; pedi que os reunisse e mos desse antes do desembarque.

[21] — Pobre Leocádia! murmurou ele sem responder ao pedido. Um cadáver. . . o mar. . . o céu. . . o navio. . .

[22] No dia seguinte veio ler-me um epicédio composto de fresco, em que estavam memoradas as circunstâncias da morte e da sepultura da mulher; leu-mo com a voz comovida deveras, e a mão trêmula; no fim perguntou-me se os versos eram dignos do tesouro que perdera.

[23] — São, disse eu.

[24] — Não haverá estro, ponderou ele, no fim de um instante, mas ninguém me negará sentimento, se não é que o próprio sentimento prejudicou a perfeição. . .

[25] — Não me parece; acho os versos perfeitos.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XX
 Bacharelo-me

página 60 de 242

[26] — Sim, eu creio que. . . Versos de marujo.

[27] — De marujo poeta.

[28] Ele levantou os ombros, olhou para o papel, e tornou a recitar a composição, mas já então sem tremuras, accentuando as intenções literárias, dando relevo às imagens e melodia aos versos. No fim, confessou-me que era a sua obra mais acabada; eu disse-lhe que sim; ele apertou-me muito a mão e predisse-me um grande futuro.

CAPÍTULO XX

Bacharelo-me

[1] **U**M GRANDE futuro! Enquanto esta palavra me batia no ouvido, devolvia eu os olhos, ao longe, no horizonte misterioso e vago. Uma idéa expelia outra, a ambição desmontava Marcela. Grande futuro? Talvez naturalista, literato, arqueólogo, banqueiro, político ou até bispo, — bispo que fosse,— uma vez que fosse um cargo, uma preeminência, uma grande reputação, uma posição superior. A ambição, dado que fosse águia, quebrou nessa ocasião o ovo, e desvendou a pupila fulva e penetrante. Adeus, amores! adeus, Marcela! dias de delírio, jóias sem preço, vida sem régimen, adeus! Cá me vou às fadigas e à glória; deixo-vos com as calcinhas da primeira idade.

[2] E foi assim que desembarquei em Lisboa e segui para Coimbra. A Universidade esperava-me com as suas matérias árduas; estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel; deram-mo com a solenidade do estilo, após os anos da lei; uma bela festa que me encheu de orgulho e de saudades, — principalmente de saudades. Tinha eu conquistado em Coimbra uma grande nomeada de folião; era um acadêmico estroina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo ro-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

437 mantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos
olhos pretos e das constituições escriptas. No dia em que a Uni-
438 versidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava
longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de al-
gum modo logrado, ainda que orgulhoso. Explico-me: o diploma
era uma carta de alforria; se me dava a liberdade, dava-me a res-
ponsabilidade. Guardei-o, deixei as margens do Mondego, e vim
por ali fora assaz desconsolado, mas sentindo já uns ímpetos, uma
curiosidade, um desejo de acotovelar os outros, de influir, de go-
zar, de viver, — de prolongar a Universidade pela vida adiante. . .

439 CAPÍTULO XXI

O almocreve

440 [1] **V**AI ENTÃO, empacou o jumento em que eu vinha montado;
fustiguei-o, ele deu dous corcovos, depois mais três, enfim mais
um, que me sacudiu fora da sela, e com tal desastre, que o pé
441 esquerdo me ficou preso no estribo; tento agarrar-me ao ventre
do animal, mas já então, espantado, disparou pela estrada afora.
Digo mal: tentou disparar, e efectivamente deu dous saltos, mas
um almocreve, que ali estava, acudiu a tempo de lhe pegar na
rédea e detê-lo, não sem esforço nem perigo. Dominado o bruto,
desvencilhei-me do estribo e pus-me de pé.

442 [2] — Olhe do que vosmecê escapou, disse o almocreve.

443 [3] E era verdade; se o jumento corre por ali fora, contundia-me
deveras, e não sei se a morte não estaria no fim do desastre; cabeça
partida, uma congestão, qualquer transtorno cá dentro, lá se me
ia a ciência em flor. O almocreve salvara-me talvez a vida; era
444 positivo; eu sentia-o no sangue que me agitava o coração. Bom
almocreve! enquanto eu tornava à consciência de mim mesmo,





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXI
 O almocreve

página 62 de 242

445 ele cuidava de consertar os arreios do jumento, com muito zelo
 e arte. Resolvi dar-lhe três moedas de ouro das cinco que trazia
 comigo; não porque tal fosse o preço da minha vida, — essa era
 inestimável; mas porque era uma recompensa digna da dedicação
 com que ele me salvou. Está dito, dou-lhe as três moedas.

446 [4] — Pronto, disse ele, apresentando-me a rédea da cavalgada.

447 [5] — Daqui a nada, respondi; deixa-me, que ainda não estou em
 mim. . .

448 [6] — Ora qual!

449 [7] — Pois não é certo que ia morrendo?

— Se o jumento corre por aí fora, é possível; mas, com a ajuda
 do Senhor, viu vosmecê que não aconteceu nada.

450 [8] Fui aos alforjes, tirei um colete velho, em cujo bolso trazia as
 cinco moedas de ouro, e durante esse tempo cogitei se não era ex-
 cessiva a gratificação, se não bastavam duas moedas. Talvez uma.
 Com efeito, uma moeda era bastante para lhe dar estremeções
 de alegria. Examinei-lhe a roupa; era um pobre diabo, que nunca
 451 jamais vira uma moeda de ouro. Portanto, uma moeda. Tirei-a,
 via-a reluzir à luz do sol; não a viu o almocreve, porque eu tinha-
 lhe voltado as costas; mas suspeitou-o talvez, entrou a falar ao
 jumento de um modo significativo; dava-lhe conselhos, dizia-lhe
 452 que tomasse juízo, que o «senhor doutor» podia castigá-lo; um
 monólogo paternal. Valha-me Deus! até ouvi estalar um beijo: era
 o almocreve que lhe beijava a testa.

453 [9] — Olé! exclamei.

454 [10] — Queira vosmecê perdoar, mas o diabo do bicho está a olhar
 para a gente com tanta graça. . .

455 [11] Ri-me, hesitei, meti-lhe na mão um cruzado em prata, caval-
 guei o jumento, e segui a trote largo, um pouco vexado, melhor
 direi um pouco incerto do efeito da pratinha. Mas a algumas bra-
 ças de distância, olhei para trás, o almocreve fazia-me grandes
 456 cortesias, com evidentes mostras de contentamento. Adverti que
 devia ser assim mesmo; eu pagara-lhe bem, pagara-lhe talvez de-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXII
 Volta ao Rio

página 63 de 242

mais. Meti os dedos no bolso do colete que trazia no corpo e senti umas moedas de cobre; eram os vinténs que eu devera ter dado ao almocreve, em lugar do cruzado em prata. Porque, enfim, ele não levou em mira nenhuma recompensa ou virtude, cedeu a um impulso natural, ao temperamento, aos hábitos do ofício; acresce que a circunstância de estar, não mais adiante nem mais atrás, mas justamente no ponto do desastre, parecia constituí-lo simples instrumento de Providência; e de um ou de outro modo, o mérito do ato era positivamente nenhum. Fiquei desconsolado com esta reflexão, chamei-me pródigo, lancei o cruzado à conta das minhas dissipações antigas; tive (por que não direi tudo?), tive remorsos.

CAPÍTULO XXII

Volta ao Rio

[1] **J**UMENTO DE uma figa, cortaste-me o fio às reflexões. Já agora não digo o que pensei dali até Lisboa, nem o que fiz em Lisboa, na península e em outros logares da Europa, da velha Europa, que nesse tempo parecia remoçar. Não, não direi que assisti às alvoradas do romantismo, que também eu fui fazer poesia efectiva no regaço da Itália; não direi cousa nenhuma. Teria de escrever um diário de viagem e não umas memórias, como estas são, nas quais só entra a substância da vida.

[2] Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às súplicas de meu pai: — «Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa acharás tua mãe morta!» Esta última palavra foi para mim um golpe. Eu amava minha mãe; tinha ainda deante dos olhos as circunstâncias da última bênção que ela me dera, a bordo do navio. «Meu triste filho, nunca mais te verei», soluçava a pobre



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXIII
 Triste, mas curto

página 64 de 242

senhora apertando-me ao peito. E essas palavras ressoavam-me agora, como uma profecia realizada.

[3] Note-se que eu estava em Veneza, ainda rescendente aos versos de *lord* Byron; lá estava, mergulhado em pleno sonho, revivendo o pretérito, crendo-me na Sereníssima República. É verdade; uma vez aconteceu-me perguntar ao locandeiro se o doge ia a passeio nesse dia. — Que doge, *signor mio*? Caí em mim, mas não confessei a ilusão; disse-lhe que a minha pergunta era um gênero de charada americana; ele mostrou compreender, e acrescentou que gostava muito das charadas americanas. Era um locandeiro. Pois deixei tudo isso, o locandeiro, o doge, a ponte dos Suspiros, a gôndola, os versos do *lord*, as damas do Rialto, deixei tudo, e disparei como uma bala na direção do Rio de Janeiro.

[4] Vim... Mas não; não alonguemos este capítulo. Às vezes, esqueço-me a escrever, e a pena vai comendo papel, com grave prejuízo meu, que sou autor. Capítulos compridos quadram melhor a leitores pesadões; e nós não somos um público *in-folio*, mas *in-12*, pouco texto, larga margem, tipo elegante, corte dourado e vinhetas... principalmente vinhetas... Não, não alonguemos o capítulo.

CAPÍTULO XXIII

Triste, mas curto

[1] **V**IM. NÃO nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova. Não era efeito da minha pátria política, era-o do lugar da infância, a rua, a torre, o chafariz da esquina, a mulher de mantilha, o preto do ganho, as cousas e cenas da meninice, buriladas na memória. Nada menos que uma renascença. O espírito, como um pássaro, não se lhe deu da corrente dos anos, arrepiou o vôo na



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXIII
 Triste, mas curto

página 65 de 242

direção da fonte original, e foi beber da água fresca e pura, ainda não mesclada do enxurro da vida.

[2] Reparando bem, há aí um lugar-comum. Outro lugar-comum, tristemente comum, foi a consternação da família. Meu pai abraçou-me com lágrimas. — Tua mãe não pode viver, disse-me ele. Com efeito, não era já o reumatismo que a matava, era um cancro no estômago. A infeliz padecia de um modo cru, porque o cancro é indiferente às virtudes do sujeito; quando rói, rói; roer é o seu ofício. Minha irmã Sabina, já então casada com o Cotrim, andava a cair de fadiga. Pobre moça! dormia três horas por noite, nada mais. O próprio tio João estava abatido e triste. Dona Eusébia e algumas outras senhoras lá estavam também, não menos tristes e não menos dedicadas.

— Meu filho!

[4] A dor suspendeu por um pouco as tenazes; um sorriso alumiu o rosto da enferma, sobre o qual a morte batia a asa eterna. Era menos um rosto do que uma caveira: a beleza passara, como um dia brilhante; restavam os ossos, que não emagrecem nunca. Mal poderia conhecê-la; havia oito ou nove anos que nos não víamos. Ajoelhado, ao pé da cama, com as mãos dela entre as minhas, fiquei mudo e quieto, sem ousar falar, porque cada palavra seria um soluço, e nós temíamos avisá-la do fim. Vão temor! Ela sabia que estava prestes a acabar; disse-mo; verificamo-lo na seguinte manhã.

[5] Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefacção. Era a primeira vez que eu via morrer alguém. Conhecia a morte de outiva; quando muito, tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério, ou trazia-lhe a idéia embrulhada nas amplificações de retórica dos professores de cousas antigas, — a morte aleivosa de César, a austera de Sócrates, a orgulhosa de Catão. Mas esse duelo do ser e do não ser, a morte em acção, dolorida, contraída, convulsa, sem aparelho político ou filo-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

sófico, a morte de uma pessoa amada, essa foi a primeira vez que a pude encarar. Não chorei; lembra-me que não chorei durante o espectáculo: tinha os olhos estúpidos, a garganta presa, a consciência boquiaberta. Quê? uma creatura tão dócil, tão meiga, tão santa, que nunca jamais fizera verter uma lágrima de desgosto, mãe carinhosa, esposa imaculada, era força que morresse assim, tratada, mordida pelo dente tenaz de uma doença sem misericórdia? Confesso que tudo aquilo me pareceu obscuro, incongruente, insano. . .

[6] Triste capítulo; passemos a outro mais alegre.

CAPÍTULO XXIV

Curto, mas alegre

[1] **F**IQUEI PROSTRADO. E contudo era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção. Jamais o problema da vida e da morte me oprimira o cérebro; nunca até esse dia me debruçara sobre o abismo do Inexplicável; faltava-me o essencial, que é o estímulo, a vertigem. . .

[2] Para lhes dizer a verdade toda, eu reflectia as opiniões de um cabeleireiro, que achei em Modena, e que se distinguia por não as ter absolutamente. Era a flor dos cabeleireiros; por mais demorada que fosse a operação do toucado, não enfadava nunca; ele intercalava as penteadelas com muitos motes e pulhas, cheios de um pico, de um sabor. . . Não tinha outra filosofia. Nem eu. Não digo que a Universidade me não tivesse ensinado alguma; mas eu decorei-lhe só as fórmulas, o vocabulário, o esqueleto. Tratei-a como tratei o latim: embolsei três versos de Virgílio, dous de Horácio, uma dúzia de locuções morais e políticas, para as despesas





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXV
 Na Tijuca

página 67 de 242

da conversação. Tratei-os como tratei a história e a jurisprudência. Colhi de todas as cousas a fraseologia, a casca, a ornamentação. . .

[3]

Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e relato a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defuncto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo. Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lentejoulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! Porque, em suma, já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos; não há platéia. O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte; não digo que ele se não estenda para cá, e nos não examine e julgue; mas a nós é que não se nos dá do exame nem do julgamento. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados.

CAPÍTULO XXV

Na Tijuca

[1]

U! LÁ me ia a pena a escorregar para o enfático. Sejamos simples, como era simples a vida que levei na Tijuca, durante as primeiras semanas depois da morte de minha mãe.

[2]

No sétimo dia, acabada a missa fúnebre, travei de uma espingarda, alguns livros, roupa, charutos, um moleque, — o Prudêncio



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXV

Na Tijuca

página 68 de 242

do capítulo XI, — e fui meter-me numa velha casa de nossa propriedade. Meu pai forcejou por me torcer a resolução, mas eu é que não podia nem queria obedecer-lhe. Sabina desejava que eu fosse morar com ela algum tempo, — duas semanas, ao menos; meu cunhado esteve a ponto de me levar à fina força. Era um bom rapaz este Cotrim; passara de estoina a circunspecto. Agora comerciava em gêneros de estiva, labutava de manhã até à noite, com ardor, com perseverança. De noite, sentado à janela, a encaracolar as suíças, não pensava em outra cousa. Amava a mulher e um filho, que então tinha, e que lhe morreu alguns anos depois. Diziam que era avaro.

[3] Renunciei tudo; tinha o espírito atônito. Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, essa flor amarela, solitária e mórbida, de um cheiro inebriante e sutil. — «Que bom que é estar triste e não dizer cousa nenhuma!» — Quando esta palavra de Shakespeare me chamou a atenção, confesso que senti em mim um eco, um eco delicioso. Lembra-me que estava sentado, debaixo de um tamarineiro, com o livro do poeta aberto nas mãos, e o espírito ainda mais cabisbaixo do que a figura, — ou jururu, como dizemos das galinhas tristes. Apertava ao peito a minha dor taciturna, com uma sensação única, uma cousa a que poderia chamar volúpia do aborrecimento. Volúpia do aborrecimento: decora esta expressão, leitor; guarda-a, examina-a, e se não chegares a entendê-la, podes concluir que ignoras uma das sensações mais sutis desse mundo e daquele tempo.

[4] Às vezes caçava, outras dormia, outras lia, — lia muito, — outras enfim não fazia nada; deixava-me atoar de idéa em idéa, de imaginação em imaginação, como uma borboleta vadia ou famiento. As horas iam pingando uma a uma, o sol caía, as sombras da noite velavam a montanha e a cidade. Ninguém me visitava; recomendei expressamente que me deixassem só. Um dia, dous dias, três dias, uma semana inteira passada assim, sem dizer palavra, era bastante para sacudir-me da Tijuca fora e restituir-me ao



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXV
 Na Tijuca

página 69 de 242

bulfício. Com efeito, ao cabo de sete dias, estava farto da solidão; a dor aplacara; o espírito já se não contentava com o uso da espingarda e dos livros, nem com a vista do arvoredado e do céu. Reagia a mocidade, era preciso viver. Meti no baú o problema da vida e da morte, os hipocondríacos do poeta, as camisas, as meditações, as gravatas, e ia fechá-lo, quando o moleque Prudêncio me disse que uma pessoa do meu conhecimento se mudara na véspera para uma casa roxa, situada a duzentos passos da nossa.

[5] — Quem?

[6] — Nhonhô talvez não se lembre mais de Dona Eusébia.

[7] — Lembra-me. . . É ela?

[8] — Ela e a filha. Vieram ontem de manhã.

[9] Ocorreu-me logo o episódio de 1814, e senti-me vexado; mas adverti que os acontecimentos tinham-me dado razão. Na verdade, fora impossível evitar as relações íntimas do Vilaça com a irmã do sargento-mor; antes mesmo do meu embarque, já se boquejava misteriosamente no nascimento de uma menina. Meu tio João mandou-me dizer depois que o Vilaça, ao morrer, deixara um bom legado a Dona Eusébia, cousa que deu muito que falar em todo o bairro. O próprio tio João, guloso de escândalos, não tratou de outro assunto na carta, aliás de muitas folhas. Tinham-me dado razão os acontecimentos. Ainda porém que ma não dessem, 1814 lá ia longe, e, com ele, a travessura, e o Vilaça, e o beijo da moita; finalmente, nenhuma relação estreita existiam entre mim e ela. Fiz comigo essa reflexão e acabei de fechar o baú.

[10] — Nhonhô não vai visitar sinhá Dona Eusébia? Perguntou-me o Prudêncio. Foi ela quem vestiu o corpo da minha defuncta senhora.

[11] Lembrei-me que a vira, entre outras senhoras, por ocasião da morte e do enterro; ignorava porém que ela houvesse prestado a minha mãe esse derradeiro obséquio. A ponderação do moleque era razoável; eu devia-lhe uma visita; determinei fazê-la imediatamente, e descer.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

CAPÍTULO XXVI

O autor hesita

[1] **S**ÚBITO OUÇO uma voz: — Olá, meu rapaz, isto não é vida! Era meu pai, que chegava com duas propostas na algibeira. Sentei-me no baú e recebi-o sem alvoroço. Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-me a mão com um gesto comovido:

[2] — Meu filho, conforma-te com a vontade de Deus.

[3] — Já me conformei, foi a minha resposta, e beijei-lhe a mão.

[4] Não tinha almoçado; almoçamos juntos. Nenhum de nós aludiu ao triste motivo da minha reclusão. Uma só vez falamos nisso, de passagem, quando meu pai fez recair a conversa na Regência: foi então que aludiu à carta de pêsames que um dos Regentes lhe mandara. Trazia a carta consigo, já bastante amarrotada, talvez por havê-la lido a muitas outras pessoas. Creio haver dito que era de um dos Regentes. Leu-ma duas vezes.

[5] — Já lhe fui agradecer este sinal de consideração, concluiu meu pai, e acho que deves ir também. . .

[6] — Eu?

[7] — Tu; é um homem notável, faz hoje as vezes de Imperador. Demais trago comigo uma idéia, um projecto, ou. . . sim, digo-te tudo; trago dous projectos, um lugar de deputado e um casamento.

[8] Meu pai disse isto com pausa, e não no mesmo tom, mas dando às palavras um jeito e disposição, cujo fim era cavá-las mais profundamente no meu espírito. A proposta, porém, desdizia tanto das minhas sensações últimas, que eu cheguei a não entendê-la bem. Meu pai não fraqueou e repetiu-a; encarceu o logar e a noiva.





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXVI
 O autor hesita

página 71 de 242

[9] — Aceitas?

[10] — Não entendo de política, disse eu depois de um instante; quanto à noiva. . . deixe-me viver como um urso, que sou.

[11] — Mas os ursos casam-se, replicou ele.

[12] — Pois traga-me uma ursa. Olhe, a Ursa-Maior. . .

[13] Riu-se meu pai, e depois de rir, tornou a falar sério. Era-me necessária a carreira política, dizia ele, por vinte e tantas razões, que deduziu com singular volubilidade, ilustrando-as com exemplos de pessoas do nosso conhecimento. Quanto à noiva, bastava que eu a visse; se a visse, iria logo pedi-la ao pai, logo, sem demora de um dia. Experimentou assim a fascinação, depois a persuasão, depois a intimação; eu não dava resposta, afiava a ponta de um palito ou fazia bolas de miolo de pão, a sorrir ou a reflectir; e, para tudo dizer, nem dócil nem rebelde à proposta. Sentia-me aturdido. Uma parte de mim mesmo dizia que sim, que uma esposa formosa e uma posição política eram bens dignos de apreço; outra dizia que não; e a morte de minha mãe me aparecia como um exemplo da fragilidade das cousas, das afeições, da família. . .

[14] — Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. De-fi-ni-ti-va! repetiu, batendo as sílabas com o dedo.

[15] Bebeu o último gole de café; repotrou-se, e entrou a falar de tudo, do senado, da câmara, da Regência, da restauração, do Evaristo, de um coche que pretendia comprar, da nossa casa de Mata-cavalos. . . Eu deixava-me estar ao canto da mesa, a escrever desvairadamente num pedaço de papel, com uma ponta de lápis; traçava uma palavra, uma frase, um verso, um nariz, um triângulo, e repetia-os muitas vezes, sem ordem, ao acaso, assim:

arma virumque cano

A

Arma virumque cano

arma virumque cano



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

535 *arma virumque*

536 *arma virumque cano*

537 *virumque*

538 [16] Maquinalmente tudo isto; e, não obstante, havia certa lógica, certa dedução; por exemplo, foi o *virumque* que me fez chegar ao nome do próprio poeta, por causa da primeira sílaba; ia a escrever *virumque*, — e sai-me *Virgílio*, então continuei:

539 *Vir*

Virgílio

540 *Virgílio*

Virgílio

541 *Virgílio*

542 *Virgílio*

543 [17] Meu pai, um pouco despeitado com aquela indiferença, ergueu-se, veio a mim, lançou os olhos ao papel. . .

544 [18] — Virgílio! exclamou. És tu, meu rapaz; a tua noiva chama-se justamente Virgília.

CAPÍTULO XXVII

Virgília?

545

546 [1] **V**IRGÍLIA? MAS então era a mesma senhora que alguns anos depois. . . ? A mesma; era justamente a senhora, que em 1869 devia assistir aos meus últimos dias, e que antes, muito antes, teve larga parte nas minhas mais íntimas sensações. Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; e era talvez a mais atrevida creatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura

547





MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXVIII

Contanto que. . .

página 73 de 242

a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação. Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção, — devoção, ou talvez medo; creio que medo.

[2] Aí tem o leitor, em poucas linhas, o retrato físico e moral da pessoa que devia influir mais tarde na minha vida; era aquilo com dezesseis anos. Tu que me lês, se ainda fores viva, quando estas páginas vierem à luz, — tu que me lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje e a que primeiro empreguei quando te vi? Crê que era tão sincero então como agora; a morte não me tornou rabugento, nem injusto.

[3] — Mas, dirás tu, como é que podes assim discernir a verdade daquele tempo, e exprimi-la depois de tantos anos?

[4] Ah! indiscreta! ah! ignorantona! Mas é isso mesmo que nos faz senhores da terra, é esse poder de restaurar o passado, para tocar a instabilidade das nossas impressões e a vaidade dos nossos afectos. Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes.

CAPÍTULO XXVIII

Contanto que. . .

[1] — **V**IRGÍLIA? INTERROMPI eu.

[2] — Sim, senhor; é o nome da noiva. Um anjo, meu pateta, um



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXVIII

Contanto que. . .

página 74 de 242

anjo sem asas. Imagina uma moça assim, desta altura, viva como um azogue, e uns olhos. . . filha do Dutra. . .

[3] — Que Dutra?

[4] — O Conselheiro Dutra, não conheces; uma influência política.

Vamos lá, aceitas?

[5] Não respondi logo; fitei por alguns segundos a ponta do botim; declarei depois que estava disposto a examinar as duas cousas, a candidatura e o casamento, contanto que. . .

[6] — Contanto quê?

[7] — Contanto que não fique obrigado aceitar as duas; creio que posso ser separadamente homem casado ou homem público. . .

[8] — Todo o homem público deve ser casado, interrompeu sentenciosamente meu pai. Mas seja como queres; estou por tudo; fico certo de que a vista fará fé! Demais, a noiva e o parlamento são a mesma cousa. . . isto é, não. . . saberás depois. . . Vá; aceito a dilação, contanto que. . .

[9] — Contanto quê?. . . interrompi eu, imitando-lhe a voz.

[10] — Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste; não gastei dinheiro, cuidados, empenhos, para te não ver brilhar, como deves, e te convém, e a todos nós; é preciso continuar o nosso nome, continuá-lo e ilustrá-lo ainda mais. Olha, estou com sessenta anos, mas se fosse necessário começar vida nova, começava, sem hesitar um só minuto. Teme a obscuridade, Brás; foge do que é ínfimo. Olha que os homens valem por diferentes modos, e que o mais seguro de todos é valer pela opinião dos outros homens. Não estragues as vantagens da tua posição, os teus meios. . .

[11] E foi por diante o mágico, a agitar deante de mim um chocalho, como me faziam, em pequeno, para eu andar depressa, e a flor da hipocondria recolheu-se ao botão para deixar a outra flor menos amarela, e nada mórbida, — o amor da nomeada, o emplasto Brás Cubas.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

CAPÍTULO XXIX

A visita

566 [1] **V**ENCERA MEU pai; dispus-me a aceitar o diploma e o casamento,
567 Virgília e a câmara dos deputados. — As duas Virgílias, disse ele
num assomo de ternura política. Aceitei-os; meu pai deu-me dous
fortes abraços. Era o seu próprio sangue que ele, enfim, reconhe-
cia.

568 [2] — Desces comigo?

569 [3] — Desço amanhã. Vou fazer primeiramente uma visita a
Dona Eusébia. . .

570 [4] Meu pai torceu o nariz, mas não disse nada; despediu-se e
desceu. Eu, na tarde desse mesmo dia, fui visitar Dona Eusébia.
Achei-a a repreender um preto jardineiro, mas deixou tudo para
vir falar-me, com um alvoroço, um prazer tão sincero, que me de-
sacanhou logo. Creio que chegou a cingir-me com o seu par de
braços robustos. Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre mui-
tas exclamações de contentamento:

571 [5] — Ora, o Brasinho! Um homem! Quem diria, há anos. . . Um
homenzarrão! E bonito! Qual! Você não se lembra bem de mim. . .

572 [6] Disse-lhe que sim, que não era possível esquecer uma amiga
tão familiar de nossa casa. Dona Eusébia começou a falar de mi-
nha mãe, com muitas saudades, com tantas saudades, que me
captivou logo, posto me entristecesse. Ela percebeu-o nos meus
olhos, e torceu a rédea à conversação; pediu-me que lhe contasse
a viagem, os estudos, os namoros. . . Sim, os namoros também;
573 confessou-me que era uma velha patusca. Nisto recordei-me do
episódio de 1814, ela, o Vilaça, a moita, o beijo, o meu grito; e
estando a recordá-lo, ouço um ranger de porta, um farfalhar de
saías e esta palavra:



[7] — Mamãe... mamãe...

CAPÍTULO XXX

A flor da moita

[1] **A** VOZ e as saias pertenciam a uma mocinha morena, que se deteve à porta, alguns instantes, ao ver gente estranha. Silêncio curto e constrangido. Dona Eusébia quebrou-o, enfim, com resolução e franqueza:

[2] — Vem cá, Eugênia, disse ela, cumprimenta o Doutor Brás Cubas, filho do Senhor Cubas; veio da Europa.

[3] E voltando-se para mim:

[4] — Minha filha Eugênia.

[5] Eugênia, a flor da moita, mal respondeu ao gesto de cortesia que lhe fiz; olhou-me admirada e acanhada, e lentamente se aproximou da cadeira da mãe. A mãe arranjou-lhe uma das tranças do cabelo, cuja ponta se desmanchara. — Ah! travessa! dizia. Não imagina, doutor, o que isto é... E beijou-a com tão expansiva ternura que me comoveu um pouco; lembrou-me minha mãe, e, — direi tudo,— tive umas cócegas de ser pai.

[6] — Travessa? disse eu. Pois já não está em idade própria, ao que parece.

[7] — Quantos lhe dá?

[8] — Dezesete.

[9] — Menos um.

[10] — Dezesseis. Pois então! é uma moça.

[11] Não pôde Eugênia encobrir a satisfação que sentia com esta minha palavra, mas emendou-se logo, e ficou como dantes, erecta, fria e muda. Em verdade, ela parecia ainda mais mulher do que era; seria criança nos seus folgares de moça; mas assim quieta,





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXXI
 A borboleta preta

página 77 de 242

588 impassível, tinha a compostura da mulher casada. Talvez essa cir-
 cunstância lhe diminuía um pouco da graça virginal. Depressa nos
 familiarizámos; a mãe fazia-lhe grandes elogios, eu escutava-os de
 boa sombra, e ela sorria, com os olhos fúlgidos, como se lá dentro
 do cérebro lhe estivesse a voar uma borboletinha de asas de ouro
 e olhos de diamante. . .

589 [12] Digo lá dentro, porque cá fora o que esvoaçou foi uma bor-
 boleta preta, que subitamente penetrou na varanda, e começou
 a bater as asas em derredor de Dona Eusébia. Dona Eusébia
 deu um grito, levantou-se, praguejou umas palavras soltas: —
 T'esconjuro! . . . Sai, diabo! . . . Virgem Nossa Senhora! . . .

590 [13] — Não tenha medo, disse eu; e, tirando o lenço, expeli a bor-
 boleta. Dona Eusébia sentou-se outra vez, ofegante, um pouco en-
 vergonhada; a filha, pode ser que pálida de medo, dissimulava
 a impressão com muita força de vontade. Apertei-lhes a mão e
 saí, a rir comigo da superstição das duas mulheres, um rir filosó-
 fico, desinteressado, superior. De tarde, vi passar a cavalo a filha
 de Dona Eusébia, seguida de um pajem; fez-me um cumprimento
 com a ponta do chicote. Confesso que me lisonjeei com a idéa de
 que, alguns passos adiante, ela voltaria a cabeça para trás; mas
 não voltou.

CAPÍTULO XXXI

A borboleta preta

592 [11] **N**O DIA seguinte, como eu estivesse a preparar-me para descer, en-
 593 trou no meu quarto uma borboleta, tão negra como a outra, e
 muito maior do que ela. Lembrou-me o caso da véspera, e ri-me;
 entrei logo a pensar na filha de Dona Eusébia, no susto que ti-
 594 vera, e na dignidade que, apesar dele, soube conservar. A borbo-





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXXI
 A borboleta preta

página 78 de 242

leta, depois de esvoaçar muito em torno de mim, pousou-me na testa. Sacudi-a, ela foi pousar na vidraça; e, porque eu sacudisse de novo, saiu dali e veio parar em cima de um velho retrato de meu pai. Era negra como a noite. O gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha um certo ar escarninho, que me aborreceu muito. Dei de ombros, saí do quarto; mas tornando lá, minutos depois, e achando-a ainda no mesmo lugar, senti um repelão dos nervos, lancei mão de uma toalha, bati-lhe e ela caiu.

[2] Não caiu morta; ainda torcia o corpo e movia as farpinhas da cabeça. Apiedei-me; tomei-a na palma da mão e fui depô-la no peitoril da janela. Era tarde; a infeliz expirou dentro de alguns segundos. Fiquei um pouco aborrecido, incomodado.

[3] — Também por que diabo não era ela azul? disse eu comigo.

[4] E esta reflexão, — uma das mais profundas que se tem feito, desde a invenção das borboletas, — me consolou do malefício, e me reconciliou comigo mesmo. Deixei-me estar a contemplar o cadáver, com alguma simpatia, confesso. Imaginei que ela saíra do mato, almoçada e feliz. A manhã era linda. Veio por ali fora, modesta e negra, esparecendo as suas borboletices, sob a vasta cúpula de um céu azul, que é sempre azul, para todas as asas. Passa pela minha janela, entra e dá comigo. Suponho que nunca teria visto um homem; não sabia, portanto, o que era o homem; descreveu infinitas voltas em torno do meu corpo, e viu que me movia, que tinha olhos, braços, pernas, um ar divino, uma estatura colossal. Então disse consigo: «Este é provavelmente o inventor das borboletas». A idéa subjugou-a, aterrou-a; mas o medo, que é também sugestivo, insinuou-lhe que o melhor modo de agradecer ao seu creador era beijá-lo na testa, e beijou-me na testa. Quando enxotada por mim, foi pousar na vidraça, viu dali o retrato de meu pai, e não é impossível que descobrisse meia verdade, a saber, que estava ali o pai do inventor das borboletas, e voou a pedir-lhe misericórdia.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXXII
 Coxa de nascença

página 79 de 242

[5]

Pois um golpe de toalha rematou a aventura. Não lhe valeu a imensidade azul, nem a alegria das flores, nem a pompa das folhas verdes, contra uma toalha de rosto, dous palmos de linho cru. Vejam como é bom ser superior às borboletas! Porque, é justo dizê-lo, se ela fosse azul, ou cor de laranja, não teria mais segura a vida; não era impossível que eu a atravessasse com um alfinete, para recreio dos olhos. Não era. Esta última idéia restituiu-me a consolação; uni o dedo grande ao polegar, despedi um piparote e o cadáver caiu no jardim. Era tempo; aí vinham já as prósidas formigas. . . Não, volto à primeira idéia; creio que para ela era melhor ter nascido azul.

CAPÍTULO XXXII

Coxa de nascença

[1]

FUI DALI acabar os preparativos da viagem. Já agora não me demoro mais. Desço imediatamente; desço, ainda que algum leitor circunspecto me detenha para perguntar se o capítulo passado é apenas uma sensaboria ou se chega a empulhação. . . Ai, não contava com Dona Eusébia. Estava pronto, quando me entrou por casa. Vinha convidar-me para transferir a descida, e ir lá jantar nesse dia. Cheguei a recusar; mas instou tanto, tanto, tanto, que não pude deixar de aceitar; demais, era-lhe devida aquela compensação; fui.

[2]

Eugênia desataviou-se nesse dia por minha causa. Creio que foi por minha causa, — se é que não andava muita vez assim. Nem as bichas de ouro, que trazia na véspera, lhe pendiam agora das orelhas, duas orelhas finamente recortadas numa cabeça de ninfa. Um simples vestido branco, de cassa, sem enfeites, tendo ao colo,



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXXII
 Coxa de nascença

página 80 de 242

em vez de broche, um botão de madrepérola, e outro botão nos punhos, fechando as mangas, e nem sombra de pulseira.

[3] Era isso no corpo; não era outra cousa no espírito. Idéas claras, maneiras chãs, certa graça natural, um ar de senhora, e não sei se alguma outra cousa; sim, a boca, exactamente a boca da mãe, a qual me lembrava o episódio de 1814, e então dava-me ímpetos de glosar o mesmo mote à filha. . .

[4] — Agora vou mostrar-lhe a chácara, disse a mãe, logo que esgotámos o último gole de café.

[5] Saímos à varanda, dali à chácara, e foi então que notei uma circunstância. Eugênia coxeava um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé. A mãe calou-se; a filha respondeu sem titubear:

[6] — Não, senhor, sou coxa de nascença.

[7] Mandeï-me a todos os diabos; chamei-me desastrado, grosseirão. Com efeito, a simples possibilidade de ser coxa era bastante para lhe não perguntar nada. Então lembrou-me que da primeira vez que a vi — na véspera — a moça chegara-se lentamente à cadeira da mãe, e que naquele dia, já a achei à mesa de jantar. Talvez fosse para encobrir o defeito; mas porque razão o confessava agora? Olhei para ela e reparei que ia triste.

[8] Tratei de apagar os vestígios de meu desazo; — não me foi difícil, porque a mãe era, segundo confessara, uma velha patusca, e prontamente travou de conversa comigo. Vimos toda a chácara, árvores, flores, tanque de patos, tanque de lavar, uma infinidade de cousas, que ela me ia mostrando, e comentando, ao passo que eu, de soslaio, perscrutava os olhos de Eugênia. . .

[9] Palavra que o olhar de Eugênia não era coxo, mas direito, perfeitamente são; vinha de uns olhos pretos e tranquilos. Creio que duas ou três vezes baixaram estes, um pouco turvados; mas duas ou três vezes somente; em geral, fitavam-me com franqueza, sem temeridade, nem biocos.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

CAPÍTULO XXXIII

Bem-aventurados os que não descem

[1] **O** PIOR é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escárneo. Por que bonita, se coxa? por que coxa, se bonita? Tal era a pergunta que eu vinha fazendo a mim mesmo ao voltar para casa, de noite, sem atinar com a solução do enigma. O melhor que há, quando se não resolve um enigma, é sacudi-lo pela janela fora; foi o que eu fiz; lancei mão de uma toalha e enxotei essa outra borboleta preta, que me adejava no cérebro. Fiquei aliviado e fui dormir. Mas o sonho, que é uma fresta do espírito, deixou novamente entrar o bichinho, e aí fiquei eu a noite toda a cavar o mistério, sem explicá-lo.

[2] Amanheceu chovendo, transferi a descida; mas no outro dia, a manhã era límpida e azul, e apesar disso deixei-me ficar, não menos que no terceiro dia, e no quarto, até o fim da semana. Manhãs bonitas, frescas, convidativas; lá embaixo a família a chamar-me, e a noiva, e o parlamento, e eu sem acudir a cousa nenhuma, enlevado ao pé da minha Vênus Manca. Enlevado é uma maneira de realçar o estilo; não havia enlevo, mas gosto, uma certa satisfação física e moral. Queria-lhe, é verdade; ao pé dessa creatura tão singela, filha espúria e coxa, feita de amor e desprezo, ao pé dela sentia-me bem, e ela creio que ainda se sentia melhor, ao pé de mim. E isto na Tijuca. Uma simples égloga. Dona Eusébia vigiávamos, mas pouco; temperava a necessidade com a conveniência. A filha, nessa primeira explosão da natureza, entregava-me a alma em flor.

[3] — O senhor desce amanhã? disse-me ela no sábado.

[4] — Pretendo.





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXXIV
 A uma alma sensível

página 82 de 242

[5] — Não desça.

[6] Não desci, e acrescentei um versículo ao Evangelho: — Bem-aventurados os que não descem, porque deles é o primeiro beijo das moças. Com efeito, foi no domingo esse primeiro beijo de Eugênia, — o primeiro que nenhum outro varão jamais lhe tomara, e não furtado ou arrebatado, mas candidamente entregue, como um devedor honesto paga uma dívida. Pobre Eugênia! Se tu souberes que idéas me vagavam pela mente fora naquela ocasião! Tu, trêmula de comoção, com os braços nos meus ombros, a contemplar em mim o teu bem-vindo esposo, e eu com os olhos em 1814, na moita, no Vilaça, e a suspeitar que não podias mentir ao teu sangue, à tua origem. . .

[7] Dona Eusébia entrou inesperadamente, mas não tão súbita, que nos apanhasse ao pé um do outro. Eu fui até a janela. Eugênia sentou-se a consertar uma das tranças. Que dissimulação graciosa! que arte infinita e delicada! que tartufice profunda! e tudo isso natural, vivo, não estudado, natural como o apetite, natural como o sono. Tanto melhor! Dona Eusébia não suspeitou nada.

CAPÍTULO XXXIV

A uma alma sensível

[1] **H**Á AÍ, entre as cinco ou dez pessoas que me lêem, há aí uma alma sensível, que está decerto um tanto agastada com o capítulo anterior, começa a tremer pela sorte de Eugênia, e talvez. . . sim, talvez, lá no fundo de si mesma, me chame cínico. Eu cínico, alma sensível? Pela coxa de Diana! Esta injúria merecia ser lavada com sangue, se o sangue lavasse alguma cousa nesse mundo. Não, alma sensível, eu não sou cínico, eu fui homem; meu cérebro foi um tablado em que se deram peças de todo gênero, o drama sacro, o



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXXV

O caminho de
damasco

página 83 de 242

austero, o piegas, a comédia louçã, a desgrenhada farsa, os autos, as bufonérias, um pandemonium, alma sensível, uma barafunda de cousas e pessoas, em que podias ver tudo, desde a rosa de Es-mirna até a arruda do teu quintal, desde o magnífico leito de Cleó-patra até o recanto da praia em que o mendigo tiritava o seu sono. Cruzavam-se nele pensamentos de vária casta e feição. Não havia ali a atmosfera somente da água e do beija-flor; havia também a da lesma e do sapo. Retira, pois, a expressão, alma sensível, castiga os nervos, limpa os óculos, — que isso às vezes é dos óculos,— e acabemos de uma vez com esta flor da moita.

CAPÍTULO XXXV

O caminho de damasco

[1] **O** RA ACONTECEU, que, oito dias depois, como eu estivesse no caminho de Damasco, ouvi uma voz misteriosa, que me sussurrou as palavras da Escripura (*Act.*, IX, 7): «Levanta-te, e entra na cidade». Essa voz saía de mim mesmo, e tinha duas origens: a piedade, que me desarmava ante a candura da pequena, e o terror de vir a amar deveras, e desposá-la. Uma mulher coxa! Quanto a este motivo da minha descida, não há duvidar que ela o achou e mo disse. Foi na varanda, na tarde de uma segunda feira, ao anunciar-lhe que na seguinte manhã viria para baixo. — Adeus, suspirou ela estendendo-me a mão com simplicidade; faz bem. — E como eu nada dissesse, continuou: — Faz bem em fugir ao ridículo de casar comigo. Ia dizer-lhe que não; ela retirou-se lentamente, engolindo as lágrimas. Alcancei-a a poucos passos, e jurei-lhe por todos os santos do céu que eu era obrigado a descer, mas que não deixava de lhe querer e muito; tudo hipérboles frias, que ela escutou sem dizer nada.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXXVI
 A propósito de botas

página 84 de 242

[2] — Acredita-me? perguntei eu no fim.

[3] — Não, e digo-lhe que faz bem.

[4] Quis retê-la, mas o olhar que me lançou não foi já de súplica, senão de império. Desci da Tijuca, na manhã seguinte, um pouco amargurado, outro pouco satisfeito. Vinha dizendo a mim mesmo que era justo obedecer a meu pai, que era conveniente abraçar a carreira política... que a constituição... que a minha noiva... que o meu cavalo...

CAPÍTULO XXXVI

A propósito de botas

[1] **M**EU PAI, que me não esperava, abraçou-me cheio de ternura e agradecimento. — Agora é deveras? disse ele. Posso enfim...?

[2] Deixei-o nessa reticência, e fui descalçar as botas, que estavam apertadas. Uma vez aliviado, respirei à larga, e deitei-me a fio comprido, enquanto os pés, e todo eu atrás deles, entrávamos numa relativa bem-aventurança. Então considerei que as botas apertadas são uma das maiores venturas da terra, porque, fazendo doer os pés, dão azo ao prazer de as descalçar. Mortifica os pés, desgraçado, desmortifica-os depois, e aí tens a felicidade barata, ao sabor dos sapateiros e de Epicuro. Enquanto esta idéia me trabalhava no famoso trapézio, lançava eu os olhos para a Tijuca, e via a aleijadinha perder-se no horizonte do pretérito, e sentia que o meu coração não tardaria também a descalçar as suas botas. E descalçou-as o lascivo. Quatro ou cinco dias depois, saboreava esse rápido, infável e incoercível momento de gozo, que sucede a uma dor pungente, a uma preocupação, a um incômodo... Daqui inferi eu que a vida é o mais engenhoso dos fenômenos, porque só aguç a fome, com o fim de deparar a ocasião de comer, e não



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXXVII

Enfim!

página 85 de 242

inventou os calos, senão porque eles aperfeiçoam a felicidade terrestre. Em verdade vos digo que toda a sabedoria humana não vale um par de botas curtas.

[3] Tu, minha Eugênia, é que não as descalçaste nunca; foste aí pela estrada da vida, manquejando da perna e do amor, triste como os enterros pobres, solitária, calada, laboriosa, até que vieste também para esta outra margem. . . O que eu não sei é se a tua existência era muito necessária ao século. Quem sabe? Talvez um comparsa de menos fizesse patear a tragédia humana.

CAPÍTULO XXXVII

Enfim!

[1] **E**NFIM! EIS aqui Virgília. Antes de ir à casa do Conselheiro Dutra, perguntei a meu pai se havia algum ajuste prévio de casamento.

[2] — Nenhum ajuste. Há tempos, conversando com ele a teu respeito, confessei-lhe o desejo que tinha de te ver deputado; e de tal modo falei, que ele prometeu fazer alguma cousa, e creio que o fará. Quanto à noiva, é o nome que dou a uma creaturinha, que é uma jóia, uma flor, uma estrela, uma cousa rara. . . é a filha dele; imaginei que, se casasses com ela, mais depressa serias deputado.

[3] — Só isto?

[4] — Só isto.

[5] Fomos dali à casa do Dutra. Era uma pérola esse homem, risinho, jovial, patriota, um pouco irritado com os males públicos, mas não desesperando de os curar depressa. Achou que a minha candidatura era legítima; convinha, porém, esperar alguns meses. E logo me apresentou à mulher, — uma estimável senhora, — e à filha, que não desmentiu em nada o panegírico de meu pai. Juro-vos que em nada. Relede o capítulo **XXVII**. Eu, que levava idéas a



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

respeito da pequena, fitei-a de certo modo; ela, que não sei se as tinha, não me fitou de modo diferente; e o nosso olhar primeiro foi pura e simplesmente conjugal. No fim de um mês estávamos íntimos.

CAPÍTULO XXXVIII

A quarta edição

- 681
- 682 [1] — **V**ENHA CÁ jantar amanhã, disse-me o Dutra uma noite.
- 683 [2] Aceitei o convite. No dia seguinte, mandei que a sege me espe-
- 684 rrasse no largo de São Francisco de Paula, e fui dar várias voltas. Lembra-vos ainda a minha teoria das edições humanas? Pois sabei que, naquele tempo, estava eu na quarta edição, revista e emendada, mas ainda inçada de descuidos e barbarismos; defeito que, aliás, achava alguma compensação no tipo, que era elegante, e na encadernação, que era luxuosa. Dadas as voltas, ao passar pela rua dos Ourives, consulto o relógio e cai-me o vidro na calçada. Entro na primeira loja que tinha à mão; era um cubículo, — pouco mais, — empoeirado e escuro.

- 685 [3] Ao fundo, por trás do balcão, estava sentada uma mulher, cujo rosto amarelo e bexiguento não se destacava logo à primeira vista; mas logo que se destacava era um espectáculo curioso. Não podia ter sido feia; ao contrário, via-se que fora bonita, e não pouco bonita; mas a doença e uma velhice precoce destruíram-lhe a flor das graças. As bexigas tinham sido terríveis; os sinais, grandes e muitos, faziam saliências e encarnas, declives e aclives, e davam uma sensação de lixa grossa, enormemente grossa. Eram os olhos a melhor parte do vulto, e aliás tinham uma expressão singular e repugnante, que mudou, entretanto, logo que eu comecei a falar. Quanto ao cabelo, estava ruço e quase tão poento como os portais
- 686
- 687





MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXXVIII

A quarta edição

página 87 de 242

da loja. Num dos dedos da mão esquerda fulgia-lhe um diamante. Crê-lo-eis, pósteros? essa mulher era Marcela.

[4] Não a conheci logo; era difícil; ela porém conheceu-me apenas lhe dirigi a palavra. Os olhos chispavam e trocaram a expressão usual por outra, meia doce e meia triste. Vi-lhe um movimento como para esconder-se ou fugir; era o instinto da vaidade, que não durou mais de um instante. Marcela acomodou-se e sorriu.

[5] — Quer comprar alguma cousa? disse ela estendendo-me a mão. Não respondi nada. Marcela compreendeu a causa do meu silêncio (não era difícil), e só hesitou, creio eu, em decidir o que dominava mais, se o assombro do presente, se a memória do passado. Deu-me uma cadeira, e, com o balcão permeio, falou-me longamente de si, da vida que levara, das lágrimas que eu lhe fizera verter, das saudades, dos desastres, enfim das bexigas, que lhe escalavraram o rosto, e do tempo, que ajudou a moléstia, adiantando-lhe a decadência. Verdade é que tinha a alma decrépita. Vendera tudo, quase tudo; um homem, que a amara outrora, e lhe morreu nos braços, deixara-lhe aquela loja de ourivesaria, mas, para que a desgraça fosse completa, era agora pouco buscada a loja — talvez pela singularidade de a dirigir uma mulher. Em seguida pediu-me que lhe contasse a minha vida. Gastei pouco tempo em dizer-lha; não era longa, nem interessante.

[6] — Casou? disse Marcela no fim de minha narração.

[7] — Ainda não, respondi secamente.

[8] Marcela lançou os olhos para a rua, com a atonia de quem reflecte ou relembra; eu deixei-me ir então ao passado, e, no meio das recordações e saudades, perguntei a mim mesmo por que motivo fizera tanto desatino. Não era esta certamente a Marcela de 1822; mas a beleza de outro tempo valia uma terça parte dos meus sacrifícios? Era o que eu buscava saber, interrogando o rosto de Marcela. O rosto dizia-me que não; ao mesmo tempo os olhos me contavam que, já outrora, como hoje, ardia neles a flama da co-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXXIX

O vizinho

página 88 de 242

biça. Os meus é que não souberam ver-lha; eram olhos da primeira edição.

[9] — Mas por que entrou aqui? viu-me da rua? perguntou ela, saindo daquela espécie de torpor.

[10] — Não, supunha entrar numa casa de relojoeiro; queria comprar um vidro para este relógio; vou a outra parte; desculpe-me; tenho pressa.

[11] Marcela suspirou com tristeza. A verdade é que eu me sentia pungido e aborrecido, ao mesmo tempo, e ansiava por me ver fora daquela casa. Marcela, entretanto, chamou um moleque, deu-lhe o relógio, e, apesar da minha oposição, mandou-o, a uma loja na vizinhança, comprar o vidro. Não havia remédio; sentei-me outra vez. Disse ela que desejava ter a protecção dos conhecidos de outro tempo; ponderou que mais tarde ou mais cedo era natural que me casasse, e afiançou que me daria finas jóias por preços baratos. Não disse *preços baratos*, mas usou uma metáfora delicada e transparente. Entrei a desconfiar que não padecera nenhum desastre (salvo a moléstia), que tinha o dinheiro a bom recado, e que negociava com o único fim de acudir à paixão do lucro, que era o verme roedor daquela existência; foi isso mesmo que me disseram depois.

CAPÍTULO XXXIX

O vizinho

[1] **E**NQUANTO EU fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

[2] — Como passou de hoje de manhã? disse ele a Marcela.

[3] — Assim, assim. Vem cá, Maricota.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XXXIX
 O vizinho

página 89 de 242

685 [4] O sujeito levantou a criança pelos braços e passou-a para dentro do balcão.

686 [5] — Anda, disse ele; pergunta a Dona Marcela como passou a noite. Estava ansiosa por vir cá, mas a mãe não tinha podido vesti-la. . . Então, Maricota? Toma a bênção. . . Olha a vara de marmelo! Assim. . . Não imagina o que ela é lá em casa; fala na senhora a todos os instantes, e aqui parece uma pamonha. Ainda ontem. . . Digo, Maricota?

687 [6] — Não diga, não, papai.

688 [7] — Então foi alguma cousa feia? perguntou Marcela batendo na cara da menina.

689 [8] — Eu lhe digo; a mãe ensina-lhe a rezar todas as noites um padre-nosso e uma ave-maria, oferecidos a Nossa Senhora; mas a pequena ontem veio pedir-me com voz muito humilde. . . imagine o quê? . . . que queria oferecê-los a Santa Marcela.

690 [9] — Coitadinha! disse Marcela beijando-a.

691 [10] — É um namoro, uma paixão, como a senhora não imagina. . . A mãe diz que é feitiço. . .

692 [11] Contou mais algumas cousas o sujeito, todas mui agradáveis, até que saiu levando a menina, não sem deitar-me um olhar interrogativo ou suspeito. Perguntei a Marcela quem era ele.

693 [12] — É um relojoeiro de vizinhança, um bom homem; a mulher também; e a filha é galante, não? Parecem gostar muito de mim. . . é boa gente.

694 [13] Ao proferir estas palavras havia um tremor de alegria na voz de Marcela; e no rosto como que se lhe espraiou uma onda de ventura. . .



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XL
 Na sege

página 90 de 242

CAPÍTULO XL

Na sege

[1] **N**ISTO ENTROU o moleque trazendo o relógio com o vidro novo. Era tempo; já me custava estar ali; dei uma moedinha de prata ao moleque; disse a Marcela que voltaria noutra ocasião, e saí a passo largo. Para dizer tudo, devo confessar que o coração me batia um pouco; mas era uma espécie de dobre de finados. O espírito ia travado de impressões opostas. Notem que aquele dia amanhecera alegre para mim. Meu pai, ao almoço, repetiu-me, por antecipação, o primeiro discurso que eu tinha de proferir na câmara dos deputados; rimo-nos muito, e o sol também, que estava brilhante, como nos mais belos dias do mundo; do mesmo modo que Virgília devia rir, quando eu lhe contasse as nossas fantasias do almoço. Vai senão quando, cai-me o vidro do relógio; entro na primeira loja que me fica à mão; e eis me surge o passado, ei-lo que me lacera e beija; ei-lo que me interroga, com um rosto cortado de saudades e bexigas. . .

[2] Lá o deixei; meti-me às pressas na sege, que me esperava no Largo de São Francisco de Paula, e ordenei ao boleeiro que rodasse pelas ruas fora. O boleeiro atçou as bestas, a sege entrou a sacolejar-me, as molas gemiam, as rodas sulcavam rapidamente a lama que deixara a chuva recente, e tudo isso me parecia estar parado. Não há, às vezes, um certo vento morno, não forte nem áspero, mas abafadiço, que nos não leva o chapéu da cabeça, nem rodoinha nas saias das mulheres, e todavia é ou parece ser peor do que se fizesse uma e outra cousa, porque abate, afrouxa, e como que dissolve os espíritos? Pois eu tinha esse vento comigo; e, certo de que ele me soprava por achar-me naquela espécie de



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XLI
 A alucinação

página 91 de 242

garganta entre o passado e o presente, almejava por sair à planície do futuro. O peor é que a sege não andava.

[3] — João, bradei eu ao boleiro. Esta sege anda ou não anda?

[4] — Uê! nhonhô! Já estamos parados na porta de sinhô Conseqheiro.

CAPÍTULO XLI

A alucinação

[1] **E**RA verdade. Entrei apressado; achei Virgília ansiosa, mau humor, frente nublada. A mãe, que era surda, estava na sala com ela. No fim dos cumprimentos disse-me a moça com sequidão:

[2] — Esperávamos que viesse mais cedo.

[3] Defendi-me do melhor modo; falei do cavalo que empacara, e de um amigo, que me detivera. De repente morre-me a voz nos lábios, fico tolhido de assombro. Virgília... seria Virgília aquela moça? Fitei-a muito, e a sensação foi tão penosa, que recuei um passo e desviei a vista. Tomei a olhá-la. As bexigas tinham-lhe comido o rosto; a pele, ainda na véspera tão fina, rosada e pura, aparecia-me agora amarela, stigmada pelo mesmo flagelo, que devastara o rosto da espanhola. Os olhos, que eram travessos, fizeram-se murchos; tinha o lábio triste e a atitude cansada. Olhei-a bem; peguei-lhe na mão, e chamei-a brandamente a mim. Não me enganava; eram as bexigas. Creio que fiz um gesto de repulsa.

[4] Virgília afastou-se, e foi sentar-se no sofá. Eu fiquei algum tempo a olhar para os meus próprios pés. Devia sair ou ficar? Rejeitei o primeiro alvitre, que era simplesmente absurdo, e encaminhei-me para Virgília, que lá estava sentada e calada. Céus! Era outra vez a fresca, a juvenil, a florida Virgília. Em vão procurei



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO XLII

Que escapou a
Aristóteles

página 92 de 242

no rosto dela algum vestígio da doença; nenhum havia; era a pele fina e branca do costume.

[5] — Nunca me viu? perguntou Virgília, vendo que a encarava com insistência.

[6] — Tão bonita, nunca.

[7] Sentei-me, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas. Seguiram-se alguns segundos de pausa. Falei-lhe de cousas estranhas ao incidente; ela porém não me respondia nada, nem olhava para mim. Menos o estalido, era a estátua do Silêncio. Uma só vez me deitou os olhos, mas muito de cima, soerguendo a pontinha esquerda do lábio, contraindo as sobrancelhas, ao ponto de as unir; e todo esse conjuncto de cousas dava-lhe ao rosto uma expressão média, entre cômica e trágica.

[8] Havia alguma afectação naquele desdém; era um arrebique do gesto. Lá dentro, ela padecia, e não pouco, — ou fosse mágoa pura, ou só despeito; e porque a dor que se dissimula dói mais, é mui provável que Virgília padecesse em dobro do que realmente devia padecer. Creio que isto é metafísica.

CAPÍTULO XLII

Que escapou a Aristóteles

[1] **O**UTRA COUSA que também me parece metafísica é isto: — Dá-se movimento a uma bola, por exemplo; rola esta, encontra outra bola, transmite-lhe o impulso, e eis a segunda bola a rolar como a primeira rolou. Suponhamos que a primeira bola se chama... Marcela, — é uma simples suposição; a segunda, Brás Cubas; — a terceira, Virgília. Temos que Marcela, recebendo um piparote do passado rolou até tocar em Brás Cubas, — o qual, cedendo à força impulsiva, entrou a rolar também até esbarrar em Virgília,



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XLIII
 Marquesa, porque eu
 serei marquês

página 93 de 242

que não tinha nada com a primeira bola; e eis aí como, pela simples transmissão de uma força, se tocam os extremos sociais, e se estabelece uma cousa que poderemos chamar — solidariedade do aborrecimento humano. Como é que este capítulo escapou a Aristóteles?

CAPÍTULO XLIII

Marquesa, porque eu serei marquês

[1] **P**OSITIVAMENTE, ERA um diabrete Virgília, um diabrete angélico, se querem, mas era-o, e então. . .

[2] Então apareceu o Lobo Neves, um homem que não era mais esbelto que eu, nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático, e todavia foi quem me arrebatou Virgília e a candidatura, dentro de poucas semanas, com um ímpeto verdadeiramente cesariano. Não precedeu nenhum despeito; não houve a menor violência de família. Dutra veio dizer-me, um dia, que esperasse outra aragem, porque a candidatura de Lobo Neves era apoiada por grandes influências. Cedi; tal foi o começo da minha derrota. Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro.

[3] — Pela minha vontade, já; pela dos outros, daqui a um ano.

[4] Virgília replicou:

[5] — Promete que algum dia me fará baronesa?

[6] — Marquesa, porque eu serei marquês.

[7] Desde então fiquei perdido. Virgília comparou a águia e o pavão, e elegeu a águia, deixando o pavão com o seu espanto, o seu despeito, e três ou quatro beijos que lhe dera. Talvez cinco beijos; mas dez que fossem não queria dizer cousa nenhuma. O lábio do



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

homem não é como a pata do cavalo de Átila, que esterilizava o solo em que batia; é justamente o contrário.

CAPÍTULO XLIV

Um Cubas!

[1] **M**EU PAI ficou atônito com o desenlace, e quer-me parecer que não morreu de outra cousa. Eram tantos os castelos que engenhara, tantos e tantíssimos os sonhos, que não podia vê-los assim esboroados, sem padecer um forte abalo no organismo. A princípio não quis crê-lo. Um Cubas! um galho da árvore ilustre dos Cubas! E dizia isto com tal convicção, que eu, já então informado da nossa tanoaria, esqueci um instante a volúvel dama, para só contemplar aquele fenômeno, não raro, mas curioso: uma imaginação graduada em consciência.

[2] — Um Cubas! repetia-me ele na seguinte manhã, ao almoço.

[3] Não foi alegre o almoço; eu próprio estava a cair de sono. Tinha velado uma parte da noite. De amor? Era impossível; não se ama duas vezes a mesma mulher, e eu, que tinha de amar aquela, tempos depois, não lhe estava agora preso por nenhum outro vínculo, além de uma fantasia passageira, alguma obediência e muita fatuidade. E isto basta a explicar a vigília; era despeito, um despeitozinho agudo como ponta de alfinete, o qual se desfez, com charutos, murros, leituras truncadas, até romper a aurora, a mais tranquila das auroras.

[4] Mas eu era moço, tinha o remédio em mim mesmo. Meu pai é que não pôde suportar facilmente a pancada. Pensando bem, pode ser que não morresse precisamente do desastre; mas que o desastre lhe complicou as últimas dores, é positivo. Morreu daí a quatro meses, — acabrunhado, triste, com uma preocupação in-



737 tensa e contínua, à semelhança de remorso, um desencanto mortal
que lhe substituiu os reumatismos e tosses. Teve ainda uma meia
738 hora de alegria; foi quando um dos ministros o visitou. Vi-lhe, —
lembra-me bem, — vi-lhe o grato sorriso de outro tempo, e nos
olhos uma concentração de luz, que era, por assim dizer, o último
lampejo da alma expirante. Mas a tristeza tornou logo, a tristeza
de morrer sem me ver posto em algum lugar alto, como aliás me
cabia.

739 [5] — Um Cubas!

740 [6] Morreu alguns dias depois da visita do ministro, uma manhã
de maio, entre os dois filhos, Sabina e eu, e mais o tio Ildefonso e
meu cunhado. Morreu sem lhe poder valer a ciência dos médicos,
nem o nosso amor, nem os cuidados, que foram muitos, nem coisa
nenhuma; tinha de morrer, morreu.

741 [7] — Um Cubas!

CAPÍTULO XLV

Notas

742

743 [1] **S**OLUÇOS, LÁGRIMAS, casa armada, veludo preto nos portais, um
homem que veio vestir o cadáver, outro que tomou a medida
do caixão, caixão, essa, tocheiros, convites, convidados que en-
744 travam, lentamente, a passo surdo, e apertavam a mão à família,
alguns tristes, todos sérios e calados, padre e sacristão, rezas, as-
persões d'água benta, o fechar do caixão a prego e martelo, seis
pessoas que o tomam da essa, e o levantam, e o descem a custo
pela escada, não obstante os gritos, soluços e novas lágrimas da
família, e vão até o coche fúnebre, e o colocam em cima e traspas-
sam e apertam as corréas, o rodar do coche, o rodar dos carros,
745 um a um... Isto que parece um simples inventário, eram notas



que eu ⁴ havia tomado para um capítulo triste e vulgar que não escrevo.⁴

CAPÍTULO XLVI

A herança

- 746
- 747 [1] **V**EJA-NOS AGORA o leitor, oito dias depois da morte de meu pai, —
minha irmã sentada num sofá, — pouco adiante, o Cotrim, de pé,
encostado a um consolo, com os braços cruzados e a morder o
bigode, — eu a passeiar de um lado para outro, com os olhos no
chão. Luto pesado. Profundo silêncio.
- 748 [2] — Mas afinal, disse Cotrim; esta casa pouco mais pode valer
de trinta contos; demos que valha trinta e cinco. . .
- 749 [3] — Vale cinquenta, ponderei; Sabina sabe que custou cinquenta
e oito. . .
- 750 [4] — Podia custar até sessenta, tornou Cotrim; mas não se segue
que os valesse, e menos ainda que os valha hoje. Você sabe que
as casas, aqui há anos, baixaram muito. Olhe, se esta vale os cin-
coenta contos, quantos não vale a que você deseja para si, a do
Campo?
- 751 [5] — Não fale nisso! Uma casa velha.
- 752 [6] — Velha! exclamou Sabina, levantando as mãos ao tecto.
- 753 [7] — Parece-lhe nova, aposto?
- 754 [8] — Ora, mano, deixe-se dessas cousas, disse Sabina, erguendo-
se do sofá; podemos arranjar tudo em boa amizade, e com lisura.
Por exemplo, Cotrim não aceita os pretos, quer só o boleiro de
papai e o Paulo. . .
- 755 [9] — O boleiro não, acudi eu; fico com a sege e não hei de ir
comprar outro.
- 756 [10] — Bem, fico com o Paulo e o Prudêncio.





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO XLVI
A herança

página 97 de 242

[11] — O Prudêncio está livre.

[12] — Livre?

[13] — Há dous anos.

[14] — Livre? Como seu pai arranjava estas cousas cá por casa, sem dar parte a ninguém! Está direito. Quanto à prata. . . creio que não libertou a prata?

[15] Tínhamos falado na prata, a velha prataria do tempo de Dom José I, a porção mais grave da herança, já pelo labor, já pela vetustez, já pela origem da propriedade; dizia meu pai que o conde da Cunha, quando vice-rei do Brasil, a dera de presente a meu bisavô Luís Cubas.

[16] — Quanto à prata, continuou Cotrim, eu não faria questão nenhuma, se não fosse o desejo que sua irmã tem de ficar com ela; e acho-lhe razão. Sabina é casada, e precisa de uma copa digna, apresentável. Você é solteiro, não recebe, não. . .

[17] — Mas posso casar.

[18] — Para quê? interrompeu Sabina.

[19] Era tão sublime esta pergunta, que por alguns instantes me fez esquecer os interesses. Sorri; peguei na mão de Sabina, bati-lhe levemente na palma, tudo isso com tão boa sombra, que o Cotrim interpretou o gesto como de aquiescência, e agradeceu-mo.

[20] — Que é lá? redargui; não cedi cousa nenhuma, nem cedo.

[21] — Nem cede?

[22] Abanei a cabeça.

[23] — Deixa, Cotrim, disse minha irmã ao marido; vê se ele quer ficar também com a nossa roupa do corpo; é só o que falta.

[24] — Não falta mais nada. Quer a sege, quer o boleiro, quer a prata, quer tudo. Olhe, é muito mais sumário citar-nos a juízo e provar com testemunhas que Sabina não é sua irmã, que eu não sou seu cunhado, e que Deus não é Deus. Faça isto, e não perde nada, nem uma colherinha. Ora, meu amigo, outro ofício!

[25] Estava tão agastado, e eu não menos, que entendi oferecer um meio de conciliação: dividir a prata. Riu-se e perguntou-me



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XLVII
 O recluso

página 98 de 242

a quem caberia o bule e a quem o açucareiro; e depois desta pergunta, declarou que teríamos tempo de liquidar a pretensão, quando menos em juízo. Entretanto, Sabina fora até à janela que dava para a chácara, — e depois de um instante, voltou, e propôs ceder o Paulo e outro preto, com a condição de ficar com a prata; eu ia dizer que não me convinha, mas Cotrim adiantou-se e disse a mesma cousa.

[26] — Isso nunca! não faço esmolos! disse ele.

[27] Jantamos tristes. Meu tio cônego apareceu à sobremesa, e ainda presenciou uma pequena altercação.

[28] — Meus filhos, disse ele, lembrem-se que meu irmão deixou um pão bem grande para ser repartido por todos.

[29] Mas Cotrim:

[30] — Creio, creio. A questão, porém, não é de pão, é de manteiga. Pão seco é que eu não engulo.

[31] Fizeram-se finalmente as partilhas, mas nós estávamos brigados. E digo-lhes que, ainda assim, custou-me muito a brigar com Sabina. Éramos tão amigos! Jogos pueris, fúrias de crianças, risos e tristezas da idade adulta, dividimos muita vez esse pão da alegria e da miséria, irmãmente, como bons irmãos que éramos. Mas estávamos brigados. Tal qual a beleza de Marcela, que se esvaiu com as bexigas.

CAPÍTULO XLVII

O recluso

[1] **M**ARCELA, SABINA, Virgília. . . aí estou eu a fundir todos os contrastes, como se esses nomes e pessoas não fossem mais do que modos de ser da minha afeição interior. Pena de maus costumes, ata uma gravata ao estilo, veste-lhe um colete menos sórdido; e depois sim,



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS

782 depois vem comigo, entra nessa casa, estira-te nessa rede que me
783 embalou a melhor parte dos anos que decorreram desde o inventá-
tário de meu pai até 1842. Vem; se te cheirar a algum aroma de
tocado, não cuides que o mandei derramar para meu regalo;
é um vestígio da N. ou da Z. ou da U. — que todas essas letras
maiúsculas embalaram aí a sua elegante abjeção. Mas, se além do
aroma, quiseses outra cousa, fica-te com o desejo, porque eu não
guardei retratos, nem cartas, nem memórias; a mesma comoção
esvaiu-se, e só me ficaram as letras iniciais.

784 [2] Vivi meio recluso, indo de longe em longe a algum baile, ou
teatro, ou palestra, mas a mor parte do tempo passei-a comigo
mesmo. Vivia; deixava-me ir ao curso e recurso dos sucessos e
dos dias, ora buliçoso, ora apático, entre a ambição e o desânimo.
785 Escrevia política e fazia literatura. Mandava artigos e versos para
as folhas públicas, e cheguei a alcançar certa reputação de pole-
mista e de poeta. Quando me lembrava do Lobo Neves, que era
já deputado, e de Virgília, futura marquesa, perguntava a mim
mesmo porque não seria melhor deputado e melhor marquês do
786 que o Lobo Neves, — eu, que valia mais, muito mais do que ele,
— e dizia isto a olhar para a ponta do nariz. . .

CAPÍTULO XLVIII

Um primo de Virgília

787
788 [1] — **S**ABE QUEM chegou ontem de São Paulo? perguntou-me uma
noite Luís Dutra.

789 [2] Luís Dutra era um primo de Virgília, que também privava com
as musas. Os versos dele agradavam e valiam mais do que os
meus; mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, que lhe
790 confirmasse o aplauso dos outros. Como fosse acanhado, não in-





MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO XLIX

A ponta do nariz

página 100 de 242

terrogava a ninguém; mas deleitava-se com ouvir alguma palavra de apreço; então criava novas forças e arremetia juvenilmente ao trabalho.

[3] Pobre Luís Dutra! Apenas publicava alguma cousa, corria à minha casa, e entrava a girar em volta de mim, à espreita de um juízo, de uma palavra, de um gesto, que lhe aprovasse a recente produção, e eu falava-lhe de mil cousas diferentes, — do último baile do Catete, da discussão das câmaras, de berlindas e cavalos, — de tudo, menos dos seus versos ou prosas. Ele respondia-me, a princípio com animação, depois mais frouxo, torcia a rédea da conversa para o assunto dele, abria um livro, perguntava-me se tinha algum trabalho novo, e eu dizia-lhe que sim ou que não, mas torcia a rédea para o outro lado, e lá ia ele atrás de mim, até que empacava de todo e saía triste. Minha intenção era fazê-lo duvidar de si mesmo, desanimá-lo, eliminá-lo. E tudo isto a olhar para a ponta do nariz. . .

CAPÍTULO XLIX

A ponta do nariz

[1] **N**ARIZ, CONSCIÊNCIA sem remorsos, tu me valeste muito na vida. . . Já meditaste alguma vez no destino do nariz, amado leitor? A explicação do doutor Pangloss é que o nariz foi creado para uso dos óculos, — e tal explicação confesso que até certo tempo me pareceu definitiva; mas veio um dia, em que, estando a ruminar esse e outros pontos obscuros de filosofia, atinei com a única, verdadeira e definitiva explicação.

[2] Com efeito, bastou-me atentar no costume do faquir. Sabe o leitor que o faquir gasta longas horas a olhar para a ponta do nariz, com o fim único de ver a luz celeste. Quando ele finca os



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO XLIX

A ponta do nariz

página 101 de 242

olhos na ponta do nariz, perde o sentimento das cousas externas, embeleza-se no invisível, apreende o impalpável, desvincula-se da terra, dissolve-se, eteriza-se. Essa sublimação do ser pela ponta do nariz é o fenômeno mais excelso do espírito, e a faculdade de a obter não pertence ao faquir somente: é universal. Cada homem tem necessidade e poder de contemplar o seu próprio nariz, para o fim de ver a luz celeste, e tal contemplação, cujo efeito é a subordinação do universo a um nariz somente, constitui o equilíbrio das sociedades. Se os narizes se contemplassem exclusivamente uns aos outros, o gênero humano não chegaria a durar dous séculos: extinguiu-se com as primeiras tribos.

[3] Ouço daqui uma objeção do leitor: — Como pode ser assim, diz ele, se nunca jamais ninguém não viu estarem os homens a contemplar o seu próprio nariz?

[4] Leitor obtuso, isso prova que nunca entraste no cérebro de um chapeleiro. Um chapeleiro passa por uma loja de chapéus; é a loja de um rival, que a abriu há dois anos; tinha então duas portas, hoje tem quatro; promete ter seis e oito. Nas vidraças ostentam-se os chapéus do rival; pelas portas entram os fregueses do rival; o chapeleiro compara aquela loja com a sua, que é mais antiga e tem só duas portas, e aqueles chapéus com os seus, menos buscados, ainda que de igual preço. Mortifica-se naturalmente; mas vai andando, concentrado, com os olhos para baixo ou para a frente, a indagar as causas da prosperidade do outro e do seu próprio atraso, quando ele chapeleiro é muito melhor chapeleiro do que o outro chapeleiro... Nesse instante é que os olhos se fixam na ponta do nariz.

[5] A conclusão, portanto, é que há duas forças capitais: o amor, que multiplica a espécie, e o nariz, que a subordina ao indivíduo. Procreação, equilíbrio.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

CAPÍTULO L

Virgília casada

[1] — **Q**UEM CHEGOU de São Paulo foi minha prima Virgília, casada com o Lobo Neves, continuou Luís Dutra.

[2] — Ah!

[3] — E só hoje é que eu soube uma cousa, seu maganão. . .

[4] — Que foi?

[5] — Que você quis casar com ela.

[6] — Idéas de meu pai. Quem lhe disse isso?

[7] — Ela mesma. Falei-lhe muito em você, e ela então contou-me tudo.

[8] No dia seguinte, estando na rua do Ouvidor, à porta da tipografia do Plancher, vi assomar, a distância, uma mulher esplêndida. Era ela; só a reconheci a poucos passos, tão outra estava, a tal ponto a natureza e a arte lhe haviam dado o último apuro. Cortejamo-nos; ela seguiu; entrou com o marido na carruagem, que os esperava um pouco acima; fiquei atônito.

[9] Oito dias depois, encontrei-a num baile; creio que chegamos a trocar duas ou três palavras. Mas noutro baile, dado daí a um mês, em casa de uma senhora, que ornara os salões do primeiro reinado, e não desornava então os do segundo, a aproximação foi maior e mais longa, porque conversamos e valsamos. A valsa é uma deliciosa cousa. Valsamos; não nego que, ao conchegar ao meu corpo aquele corpo flexível e magnífico, tive uma singular sensação, uma sensação de homem roubado.

[10] — Está muito calor, disse ela, logo que acabamos. Vamos ao terraço?

[11] — Não; pode constipar-se. Vamos a outra sala.



818 [12] Na outra sala estava Lobo Neves, que me fez muitos cumprimentos, acerca dos meus escriptos políticos, acrescentando que nada dizia dos literários, por não entender deles; mas os políticos eram excelentes, bem pensados e bem escriptos. Respondi-lhe com eguais esmeros de cortesia, e separamo-nos contentes um do outro.

819 [13] Cerca de três semanas depois recebi um convite dele para uma reunião íntima. Fui; Virgília recebeu-me com esta graciosa palavra: — O senhor hoje há de valsar comigo. — Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito; não admira que ela me preferisse. Valsamos uma vez, e mais outra vez. Um livro perdeu Francesca; cá foi a valsa que nos perdeu. Creio que nessa noite apertei-lhe a mão com muita força, e ela deixou-a ficar, como esquecida, e eu a abraçá-la, e todos com os olhos em nós, e nos outros que também se abraçavam e giravam... Um delírio.

CAPÍTULO LI

É minha!

822 [1] **É** MINHA! disse eu comigo, logo que a passei a outro cavalheiro; e confesso que durante o resto da noite, foi-se-me a idéa entrando no espírito, não à força de martelo, mas de verruma, que é mais insinuativa.

823 [2] — É minha! dizia eu ao chegar à porta de casa.

824 [3] Mas aí, como se o destino ou o acaso, ou o que quer que fosse, se lembrasse de dar algum pasto aos meus arroubo possessórios, luziu-me no chão uma cousa redonda e amarela. Abaixei-me; era uma moeda de ouro, uma meia dobra.

825 [4] — É minha! repeti eu a rir-me, e meti-a no bolso.

826 [5] Nessa noite não pensei mais na moeda; mas no dia seguinte,





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LI
 É minha!

página 104 de 242

827 recordando o caso, senti uns repelões da consciência, e uma voz
 que me perguntava por que diabo seria minha uma moeda que eu
 não herdara nem ganhara, mas somente achara na rua. Evidente-
 mente não era minha; era de outro, daquele que a perdera, rico ou
 pobre, e talvez fosse pobre, algum operário que não teria com que
 dar de comer à mulher e aos filhos; mas se fosse rico, o meu dever
 ficava o mesmo. Cumpria restituir a moeda, e o melhor meio, o
 único meio, era fazê-lo por intermédio de um anúncio ou da polí-
 828 cia. Enviei um carta ao chefe de polícia, remetendo-lhe o achado,
 e rogando-lhe que, pelos meios a seu alcance, fizesse devolvê-lo às
 mãos do verdadeiro dono.

829 [6] Mandei a carta e almocei tranquilo, posso até dizer que jubi-
 loso. Minha consciência valsara tanto na véspera, que chegou a
 ficar sufocada, sem respiração; mas a restituição da meia dobra
 foi uma janela que se abriu para o outro lado da moral; entrou
 830 uma onda de ar puro, e a pobre dama respirou à larga. Ventilai as
 consciências! não vos digo mais nada. Todavia, despido de quais-
 quer outras circunstâncias, o meu ato era bonito, porque exprimia
 um justo escrúpulo, um sentimento de alma delicada. Era o que
 me dizia a minha dama interior, com um modo austero e meigo
 a um tempo; é o que ela me dizia, reclinada ao peitoril da janela
 aberta.

831 [7] — Fizeste bem, Cubas; andaste perfeitamente. Este ar não é só
 puro, é balsâmico, é uma transpiração dos eternos jardins. Queres
 ver o que fizeste, Cubas?

832 [8] E a boa dama sacou um espelho e abriu-mo deante dos olhos.
 Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante,
 multiplicando-se por si mesma, — ser dez — depois trinta — de-
 pois quinhentas, — exprimindo assim o benefício que me daria na
 vida e na morte o simples acto da restituição. E eu espriava todo
 o meu ser na contemplação daquele acto, revia-me nele, achava-
 me bom, talvez grande. Uma simples moeda, hem? Vejam o que é
 833 ter valsado um pouquinho mais.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LII
 O embrulho misterioso

página 105 de 242

[9]

Assim, eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equi-
 valência das janelas, e estabeleci que o modo de compen-
 sar uma janela fechada é abrir outra, afim de que a moral possa arejar con-
 tinuamente a consciência. Talvez não entendas o que aí fica; talvez
 queiras uma cousa mais concreta, um embrulho, por exemplo, um
 embrulho misterioso. Pois toma lá o embrulho misterioso.

CAPÍTULO LII

O embrulho misterioso

[1]

FOI O caso que, alguns dias depois, indo eu a Botafogo, tropecei
 num embrulho, que estava na praia. Não digo bem; houve me-
 nos tropeção que pontapé. Vendo um embrulho, não grande, mas
 limpo e correctamente feito, atado com um barbante rijo, uma
 cousa que parecia alguma cousa, lembrou-me bater-lhe com o pé,
 assim por experiência, e bati, e o embrulho resistiu. Relanceei os
 olhos em volta de mim; a praia estava deserta; ao longe uns meni-
 nos brincavam, — um pescador curava as redes ainda mais longe,
 — ninguém que pudesse ver a minha acção; inclinei-me, apanhei
 o embrulho e segui.

[2]

Segui, mas não sem receio. Podia ser uma pulha de rapazes.
 Tive idéa de devolver o achado à praia, mas apalpei-o e rejeitei a
 idéia. Um pouco adiante, desandei o caminho e guiei para casa.

[3]

— Vejamos, disse eu ao entrar no gabinete.

[4]

E hesitei um instante, creio que por vergonha; assaltou-me ou-
 tra vez o receio da pulha. É certo que não havia ali nenhuma tes-
 temunha externa; mas eu tinha dentro de mim mesmo um garoto,
 que havia de assobiar, guinchar, grunhir, patear, apupar, cacarejar,
 fazer o diabo, se me visse abrir o embrulho e achar dentro um dú-
 zia de lenços velhos ou duas dúzias de goiabas podres. Era tarde;



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LII
 O embrulho misterioso

página 106 de 242

a curiosidade estava aguçada, como deve estar a do leitor; desfiz o embrulho, e vi... achei... contei... recontei nada menos de cinco contos de réis. Nada menos. Talvez uns dez mil réis mais. Cinco contos em boas notas e moedas, tudo asseiadinho e arranjadinho, um achado raro. Embrulhei-as de novo. Ao jantar pareceu-me que um dos moleques falara a outro com os olhos. Ter-me-iam espreitado? Interroguei-os discretamente, e concluí que não. Sobre o jantar, fui outra vez ao gabinete, examinei o dinheiro, e ri-me dos meus cuidados maternais a respeito de cinco contos, — eu, que era abastado.

[5] Para não pensar mais naquilo fui de noite à casa do Lobo Neves, que instara muito comigo não deixasse de frequentar as recepções da mulher. Lá encontrei o chefe de polícia; fui-lhe apresentado; ele lembrou-se logo da carta e da meia dobra que eu lhe remetera alguns dias antes. Aventou o caso; Virgília pareceu saborear o meu procedimento, e cada um dos presentes acertou de contar uma anedota análoga, que eu ouvi com impaciências de mulher histérica.

[6] De noite, no dia seguinte, em toda aquela semana pensei o menos que pude nos cinco contos, e até confesso que os deixei muito quietinhos na gaveta da secretária. Gostava de falar de todas as cousas, menos de dinheiro, e principalmente de dinheiro achado; todavia não era crime achar dinheiro, era uma felicidade, um bom acaso, era talvez um lance da Providência. Não podia ser outra cousa. Não se perdem cinco contos, como se perde um lenço de tabaco. Cinco contos levam-se com trinta mil sentidos, apalpam-se a miúdo, não se lhes tiram os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para se perderem assim totalmente, numa praia, é necessário que... Crime é que não podia ser o achado; nem crime, nem desonra, nem nada que embaciasse o caráter de um homem. Era um achado, um acerto feliz, como a sorte grande, como as apostas de cavalo, como os ganhos de um jogo honesto e até di-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

rei que a minha felicidade era merecida, porque eu não me sentia mau, nem indigno dos benefícios da Providência.

[7] — Estes cinco contos, dizia eu comigo, três semanas depois, hei de empregá-los em alguma ação boa, talvez um dote a alguma menina pobre, ou outra cousa assim. . . hei de ver. . .

[8] Nesse mesmo dia levei-os ao Banco do Brasil. Lá me receberam com muitas e delicadas alusões ao caso da meia dobra, cuja notícia andava já espalhada entre as pessoas do meu conhecimento; respondi enfadado que a cousa não valia a pena de tamanho estrondo; louvaram-me então a modéstia, — e porque eu me encolerizasse, replicaram-me que era simplesmente grande.

CAPÍTULO LIII

.....

[1] **V**IRGÍLIA É que já se não lembrava da meia dobra; toda ela estava concentrada em mim, nos meus olhos, na minha vida, no meu pensamento; — era o que dizia, e era verdade.

[2] Há umas plantas que nascem e crescem depressa; outras são tardias e pecas. O nosso amor era daquelas; brotou com tal ímpeto e tanta seiva, que, dentro em pouco, era a mais vasta, folhuda e exuberante creatura dos bosques. Não lhes poderei dizer, ao certo, os dias que durou esse crescimento. Lembra-me, sim, que, em certa noite, abotoou-se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar, um beijo que ela me deu, trêmula, — coitadinha, — trêmula de medo, porque era ao portão da chácara.⁵ Uniu-nos esse beijo único, — breve como a ocasião, ardente como o amor, prólogo de uma vida de delícias, de terrores, de remorsos, de prazeres que rematavam em dor, de aflições que desabrochavam em alegria, — uma hipocrisia paciente e sistemática, único freio de



uma paixão sem freio, — vida de agitações, de cóleras, de desesperos e de ciúmes, que uma hora pagava à farta e de sobra; mas outra hora vinha e engolia aquela, como tudo mais, para deixar à tona as agitações e o resto, e o resto do resto, que é o fastio e a saciedade: tal foi o livro daquele prólogo.

CAPÍTULO LIV

A pêndula

[1] **S**Á DALI a saborear o beijo. Não pude dormir; estirei-me na cama, é certo, mas foi o mesmo que nada. Ouvi as horas todas da noite. Usualmente, quando eu perdia o sono, o bater da pêndula fazia-me muito mal; esse *tic-tac* soturno, vagaroso e seco, parecia dizer a cada golpe que eu ia ter um instante menos de vida. Imaginava então um velho diabo, sentado entre dous sacos, o da vida e o da morte, a tirar as moedas da vida para dá-las à morte, e a contá-las assim:

[2] — Outra de menos. . .

[3] — Outra de menos. . .

[4] — Outra de menos. . .

[5] — Outra de menos. . .

[6] O mais singular é que, se o relógio parava, eu dava-lhe corda, para que ele não deixasse de bater nunca, e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos. Invenções há, que se transformam ou acabam; ⁶as mesmas instituições morrem; o relógio é definitivo e perpétuo. O derradeiro homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, há-de ter um relógio na algibeira, para saber a hora exacta em que morre.⁶

[7] Naquela noite não padeci essa triste sensação de enfado, mas outra, e deleitosa. As fantasias tumultuavam-me cá dentro, vi-





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LV
 O velho diálogo de
 Adão e Eva

página 109 de 242

868
 869
 nham umas sobre outras, à semelhança de devotas que se abal-
 roam para ver o anjo-cantor das procissões. Não ouvia os instan-
 tes perdidos, mas os minutos ganhados. De certo tempo em diante
 não ouvi cousa nenhuma, porque o meu pensamento, ardiloso e
 traquinas, saltou pela janela fora e bateu as asas na direção da
 casa de Virgília. Aí achou ao peitoril de uma janela o pensamento
 de Virgília, saudaram-se e ficaram de palestra. Nós a rolarmos na
 cama, talvez com frio, necessitados de repouso, e os dous vadios
 ali postos, a repetirem o velho diálogo de Adão e Eva.

CAPÍTULO LV

O velho diálogo de Adão e Eva

870
 871
 872
 873
 874
 875
 876
 877
 878
 879
 880
 881
 882
 883
 884
 885
 886
 887

BRÁS CUBAS

[1] ?

VIRGÍLIA

[2]

BRÁS CUBAS

[3]

VIRGÍLIA

[4] !

BRÁS CUBAS

[5]

VIRGÍLIA

[6]
 ?

BRÁS CUBAS

[7]



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

VIRGÍLIA

[8]?

BRÁS CUBAS

[9]

.....

.....!

.....!

.....!

VIRGÍLIA

[10]?

BRÁS CUBAS

[11]!

VIRGÍLIA

[12]!

CAPÍTULO LVI

O momento oportuno

[1] **M**AS, COM a breca! quem me explicará a razão desta diferença? Um dia vimo-nos, tratamos o casamento, desfizemo-lo e separamo-nos, a frio, sem dor, porque não houvera paixão nenhuma; mordeu-me apenas algum despeito e nada mais. Correm anos, torno a vê-la, damos três ou quatro giros de valsa, e eis-nos a amar um ao outro com delírio. A beleza de Virgília chegara, é certo, a um alto grau de apuro, mas nós éramos substancialmente os mesmos, e eu, à minha parte, não me tornara mais bonito nem mais elegante. Quem me explicará a razão dessa diferença?

[2] A razão não podia ser outra senão o momento oportuno. Não era oportuno o primeiro momento, porque, se nenhum de nós estava verde para o amor, ambos o estávamos para o *nosso* amor:





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LVII
 Destino

página 111 de 242

distinção fundamental. Não há amor possível sem a oportunidade dos sujeitos. Esta explicação achei-a eu mesmo, dous anos depois do beijo, um dia em que Virgília se me queixava de um pintalegrete que lá ia e tenazmente a galanteava.

[3] — Que importuno! dizia ela fazendo uma careta de raiva.

[4] Estremeci, fitei-a, vi que a indignação era sincera; então ocorreu-me que talvez eu tivesse provocado alguma vez aquela mesma careta, e compreendi logo toda a grandeza da minha evolução. Tinha vindo de importuno a oportuno.

CAPÍTULO LVII

Destino⁷

[1] **S**IM, SENHOR, amávamos. Agora, que todas as leis sociais no-lo impediam, agora é que nos amávamos deveras. Achávamo-nos juntos um ao outro, como as duas almas que o poeta encontrou no Purgatório:

Di pari, come buoi, che vanno a giogo;

e digo mal, comparando-nos a bois, porque nós éramos outra espécie de animal menos tardo, mais velhaco e lascivo. Eis-nos a caminhar sem saber até onde, nem por que estradas escusas; problema que me assustou, durante algumas semanas, mas cuja solução entreguei ao destino. ⁸Pobre Destino! Onde andarás agora, grande procurador dos negócios humanos? Talvez estejas a criar pele nova, outra cara, outras maneiras, outro nome, e não é impossível que... ⁹Já me não lembra onde estava... Ah! nas estradas escusas. Disse eu comigo que já agora seria o que Deus quisesse. Era a nossa sorte amar-nos; se assim não fora, como explicaríamos a valsa e o resto? Virgília pensava a mesma cousa. Um dia, depois



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

de me confessar que tinha momentos de remorsos, como eu lhe dissesse que, se tinha remorsos, é porque me não tinha amor, Virgília cingiu-me com os seus magníficos braços, murmurando:

— Amo-te, é a vontade do Céu.

E esta palavra não vinha à toa; Virgília era um pouco religiosa. Não ouvia missa aos domingos, é verdade, e creio até que só ia às igrejas em dia de festa, e quando havia lugar vago em alguma tribuna. Mas rezava todas as noites, com fervor, ou, pelo menos, com sono. Tinha medo às trovoadas; nessas ocasiões, tapava os ouvidos, e resmoneava todas as orações do catecismo. Na alcova dela havia um oratoriozinho de jacarandá, obra de talha, de três palmos de altura, com três imagens dentro; mas não falava dele às amigas; ao contrário, tachava de beatas as que eram só religiosas. Algum tempo desconfiei que havia nela certo vexame de crer, e que a sua religião era uma espécie de camisa de flanela, preservativa e clandestina; mas evidentemente era engano meu.

CAPÍTULO LVIII

Confidência

[1] **L**OBO NEVES, a princípio, metia-me grandes sustos. Pura ilusão! Como adorasse a mulher, não se vexava de mo dizer muitas vezes; achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amável, elegante, austera, um modelo. E a confiança não parava aí. De fresta que era, chegou à porta escancarada. Um dia confessou-me que trazia uma triste carcoma na existência; faltava-lhe a glória pública. Animei-o; disse-lhe muitas cousas bonitas, que ele ouviu com aquela unção religiosa de um desejo que não quer acabar de morrer; então compreendi que a ambição dele andava cansada de bater as asas, sem poder abrir o





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LVIII
 Confidência

página 113 de 242

vôo. Dias depois disse-me todos os seus tédios e desfalecimentos, as amarguras engulidas, as raivas sopitadas; contou-me que a vida política era um tecido de invejas, despeitos, intrigas, perfídias, interesses, vaidades. Evidentemente havia aí uma crise de melancolia; tratei de combatê-la.

[2] — Sei o que lhe digo, replicou-me com tristeza. Não pode imaginar o que tenho passado. Entrei na política por gosto, por família, por ambição, e um pouco por vaidade. Já vê que reuni em mim só todos os motivos que levam o homem à vida pública; faltou-me só o interesse de outra natureza. Vira o teatro pelo lado da platéia; e, palavra, que era bonito! Soberbo cenário, vida, movimento e graça na representação. Escripaturei-me; deram-me um papel que... Mas para que o estou a fatigar com isto? Deixe-me ficar com as minhas amofinações. Creia que tenho passado horas e dias... Não há constância de sentimentos, não há gratidão, não há nada... nada... nada...

[3] Calou-se profundamente abatido, com os olhos no ar, parecendo não ouvir cousa nenhuma, a não ser o eco de seus próprios pensamentos. Após alguns instantes, ergueu-se e estendeu-me a mão: — O senhor há de rir-se de mim, disse ele; mas desculpe aquele desabafo; tinha um negócio, que me mordía o espírito. E ria, de um jeito sombrio e triste; depois pediu-me que não referisse a ninguém o que se passara entre nós; ponderei-lhe que a rigor não se passara nada. Entraram dous deputados e um chefe político da paróquia. Lobo Neves recebeu-os com alegria, a princípio um tanto postiça, mas logo depois natural. No fim de meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riam todos.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

CAPÍTULO LIX

Um encontro

[1] DEVE SER um vinho bem enérgico a política, dizia eu comigo, ao sair da casa de Lobo Neves; e fui andando, fui andando, até que na rua dos Barbonos vi uma sege, e dentro um dos ministros, meu antigo companheiro de colégio. Cortejamo-nos afectuosamente, a sege seguiu, e eu fui andando... andando... andando...

[2] — Por que não serei eu ministro?

[3] Esta idéa, rútila e grande, — trajada ao bizarro, como diria o padre Bernardes, — esta idéa começou uma vertigem de cabriolas e eu deixei-me estar com os olhos nela, a achar-lhe graça. Não pensei mais na tristeza de Lobo Neves; senti a atração do abismo. Recordei aquele companheiro de colégio, as correrias nos morros, as alegrias e travessuras, e comparei o menino com o homem, e perguntei a mim mesmo por que não seria eu como ele. Entrava então no Passeio Público, e tudo me parecia dizer a mesma cousa. — Porque não serás ministro, Cubas? — Cubas, porque não serás ministro de Estado? Ao ouvi-lo, uma deliciosa sensação me refrescava todo o organismo. Entrei, fui sentar-me num banco, a remoer aquela idéa. E Virgília que havia de gostar! Alguns minutos depois vejo encaminhar-se para mim uma cara, que me não pareceu desconhecida. Conhecia-a, fosse donde fosse.

[4] Imaginem um homem de trinta e oito a quarenta anos, alto, magro e pálido. As roupas, salvo o feitio, pareciam ter escapado ao cativeiro de Babilônia; o chapéu era contemporâneo do de Gessler. Imaginem agora uma sobrecasaca, mais larga do que pediam as carnes, — ou, literalmente, os ossos da pessoa; a cor preta ia cedendo o passo a um amarelo sem brilho; o pêlo desaparecia aos poucos; dos oito primitivos botões restavam três. As calças,





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LIX
 Um encontro

página 115 de 242

de brim pardo, tinham duas fortes joelheiras, em quanto as bainhas eram roídas pelo tacão de um botim sem misericórdia nem graxa. Ao pescoço fluctuavam as pontas de uma gravata de duas cores, ambas desmaiadas, apertando um colarinho de oito dias. Creio que trazia também colete, um colete de seda escura, roto a espaços, e desabotoado.

[5] — Aposto que me não conhece, Senhor Doutor Cubas? disse ele.

[6] — Não me lembra. . .

[7] — Sou o Borba, o Quincas Borba.

[8] ¹⁰Recuei espantado. . . Quem me dera agora o verbo solemne de um Bossuet ou de Vieira, para contar tamanha desolação! Era o Quincas Borba, o gracioso menino de outro tempo, o meu companheiro de colégio, tão inteligente e abastado. O Quincas Borba! Não; impossível; não pode ser. Não podia acabar de crer que essa figura esquelética, essa barba pintada de branco, esse maltrapilho avelhentado, que toda essa ruína fosse o Quincas Borba. Mas era. Os olhos tinham um resto da expressão de outro tempo, e o sorriso não perdera certo ar escarninho, que lhe era peculiar. Entretanto, ele suportava com firmeza o meu espanto. No fim de algum tempo arredei os olhos; se a figura repelia, a comparação acabrunhava.

[9] — Não é preciso contar-lhe nada, disse ele enfim; o senhor adivinha tudo. Uma vida de misérias, de atribulações e de lutas. Lembra-se das nossas festas, em que eu figurava de rei? Que tram-bolhão! Acabo mendigo. . .

[10] E alçando a mão direita e os ombros, com um ar de indiferença, parecia resignado aos golpes da fortuna, e não sei até se contente. Talvez contente. Com certeza, impassível. Não havia nele a resignação cristã, nem a conformidade filosófica. Parece que a miséria lhe calejara a alma, a ponto de lhe tirar a sensação de lama. Arrastava os andrajos, como outrora a púrpura: com certa graça indolente.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LIX
 Um encontro

página 116 de 242

[11] — Procure-me, disse eu, poderei arranjar-lhe alguma cousa.

[12] Um sorriso magnífico lhe abriu os lábios. — Não é o primeiro que me promete alguma cousa, replicou, e não sei se será o último que não me fará nada. E para quê? Eu nada peço, a não ser dinheiro; dinheiro sim, porque é necessário comer, e as casas de pasto não fiam. Nem as quitandeiras. Uma cousa de nada, uns dous vinténs de angu, nem isso fiam as malditas quitandeiras. . . Um inferno, meu. . . ia dizer meu amigo. . . Um inferno! o diabo! todos os diabos! Olhe, ainda hoje não almocei.

[13] — Não?

[14] — Não; saí muito cedo de casa. Sabe onde moro? No terceiro degrau das escadas de São Francisco, à esquerda de quem sobe; não precisa bater na porta. Casa fresca, extremamente fresca. Pois saí cedo, e ainda não comi. . .

[15] Tirei a carteira, escolhi uma nota de cinco mil réis, — a menos limpa, — e dei-lha. Ele recebeu-ma com os olhos cintilantes de cobiça. Levantou a nota ao ar, e agitou-a entusiasmado.

[16] — *In hoc signo vinces!* bradou.

[17] E depois beijou-a, com muitos ademanos de ternura, e tão ruidosa expansão, que me produziu um sentimento misto de nojo e lástima. Ele, que era arguto, entendeu-me; ficou sério, grotescamente sério, e pediu-me desculpa da alegria, dizendo que era alegria de pobre que não via, desde muitos anos, uma nota de cinco mil-réis.

[18] — Pois está em suas mãos ver outras muitas, disse eu.

[19] — Sim? acudiu ele, dando um bote para mim.

[20] — Trabalhando, concluí eu.

[21] Fez um gesto de desdém; calou-se alguns instantes, depois disse-me positivamente que não queria trabalhar. Eu estava enjoado dessa abjeção tão cômica e tão triste, e preparei-me para sair.

[22] — Não vá sem eu lhe ensinar a minha filosofia da miséria, disse ele, escarranchando-se diante de mim.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

CAPÍTULO LX

O abraço

- [1] **C**UIDEI QUE o pobre diabo estivesse doudo, e ia afastar-me, quando ele me pegou no pulso, e olhou alguns instantes para o brilhante que eu trazia no dedo. Senti-lhe na mão uns estremeções de co-
biça, uns pruridos de posse.
- [2] — Magnífico! disse ele.
- [3] Depois começou a andar à roda de mim e a examinar-me muito.
- [4] — O senhor trata-se, disse ele. Jóias, roupa fina, elegante e... Compare esses sapatos aos meus; que diferença! Pudera não! Digo-lhe que se trata. E moças? Como vão elas? Está casado?
- [5] — Não...
- [6] — Nem eu.
- [7] — Moro na rua...
- [8] — Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba. Se alguma vez nos virmos, dê-me outra nota de cinco mil-réis; mas permita-me que não a vá buscar à sua casa. É uma espécie de orgulho... Agora, adeus; vejo que está impaciente.
- [9] — Adeus!
- [10] — E obrigado. Deixa-me agradecer-lhe de mais perto?
- [11] E dizendo isto abraçou-me com tal ímpeto que não pude evitá-lo. Separamo-nos finalmente, eu a passo largo, com a camisa amarrotada do abraço, enfadado e triste. Já não dominava em mim a parte simpática da sensação, mas a outra. Quisera ver-lhe a miséria digna. Contudo, não pude deixar de comparar outra vez o homem de agora com o de outrora, entristecer-me e encarar o abismo que separa as esperanças de um tempo da realidade de outro tempo...



- [12] — Ora adeus! Vamos jantar, disse comigo.
 [13] Meto a mão no colete e não acho o relógio. Última desilusão!
 o Borba furtara-mo no abraço.

CAPÍTULO LXI

Um projecto

[1] **J**ANTEI TRISTE. Não era a falta do relógio que me pungia, era a imagem do autor do furto, e as reminiscências de criança, e outra vez a comparação, e a conclusão... Desde a sopa, começou a abrir em mim a flor amarela e mórbida do capítulo **xxv**, e então jantei depressa, para correr à casa de Virgília. Virgília era o presente; eu queria refugiar-me nele, para escapar às opressões do passado, porque o encontro do Quincas Borba tornara-me aos olhos o passado, não qual fora deveras, mas um passado roto, abjeto, mendigo e gatuno.

[2] Saí de casa, mas era cedo; iria achá-los à mesa. Outra vez pensei no Quincas Borba, e tive então um desejo de tornar ao Passeio Público, a ver se o achava; a idéa de o regenerar surgiu-me como uma forte necessidade. Fui; mas já não o achei. Indaguei do guarda; disse-me que efectivamente «esse sujeito» ia por ali às vezes.

[3] — A que horas?

[4] — Não tem hora certa.

[5] Não era impossível encontrá-lo noutra ocasião; prometi a mim mesmo lá voltar. A necessidade de o regenerar, de o trazer ao trabalho e ao respeito de sua pessoa enchia-me o coração; eu começava a sentir um bem-estar, uma elevação, uma admiração de mim próprio... Nisto caía a noite; fui ter com Virgília.



CAPÍTULO LXII

O travesseiro

- 983
- 984 [1] **F**UI TER com Virgília; bem depressa esqueci o Quincas Borba. Virgília era o travesseiro do meu espírito, um travesseiro mole, tépido, aromático, enfronhado em cambraia e bruxelas. Era ali que ele costumava repousar de todas as sensações más, simplesmente enfadonhas, ou até dolorosas. E, bem pesadas as cousas, não era outra a razão da existência de Virgília; não podia ser. Cinco minutos bastaram para olvidar inteiramente o Quincas Borba; cinco minutos de uma contemplação mútua, com as mãos presas umas nas outras; cinco minutos e um beijo. E lá se foi a lembrança do Quincas Borba. . . Escrófula da vida, andrajo do passado, que me importa que existas, que molestes os olhos dos outros, se eu tenho dous palmos de um travesseiro divino, para fechar os olhos e dormir?
- 985
- 986

CAPÍTULO LXIII

Fujamos!

- 987
- 988 [1] **A**! NEM sempre dormir. Três semanas depois, indo à casa de Virgília, — eram quatro horas da tarde, — achei-a triste e abatida. Não me quis dizer o que era; mas, como eu instasse muito:
- 989 [2] — Creio que o Damião desconfia alguma cousa. Noto agora umas esquisitices nele. . . Não sei. . . Trata-me bem, não há dúvida; mas o olhar parece que não é o mesmo. Durmo mal; ainda esta noite acordei, aterrada; estava sonhando que ele me ia matar. Talvez seja ilusão, mas eu penso que ele desconfia. . .





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXIII
 Fugamos!

página 120 de 242

[3] Tranquilizei-a como pude; disse que podiam ser cuidados polí-
 ticos. Virgília concordou que seriam, mas ficou ainda muito exci-
 tada e nervosa. Estávamos na sala de visitas, que dava justamente
 para a chácara, onde trocáramos o beijo inicial. Uma janela aberta
 deixava entrar o vento, que sacudia frouxamente as cortinas, e eu
 fiquei a olhar para as cortinas, sem as ver. Empunhara o binóculo
 da imaginação; lobrigava, ao longe, uma casa nossa, uma vida
 nossa, um mundo nosso, em que não havia Lobo Neves, nem casa-
 mento, nem moral, nem nenhum outro liame, que nos tolhesse a
 expansão da vontade. Esta idéa embriagou-me; eliminados assim
 o mundo, a moral e o marido, bastava penetrar naquela habitação
 dos anjos.

[4] — Virgília, disse, eu proponho-te uma cousa.

[5] — Que é?

[6] — Amas-me?

[7] — Oh! suspirou ela, cingindo-me os braços ao pescoço.

[8] Virgília amava-me com fúria; aquela resposta era a verdade pa-
 tente. Com os braços ao meu pescoço, calada, respirando muito,
 deixou-se ficar a olhar para mim, com os seus grandes e belos
 olhos, que davam uma sensação singular de luz úmida; eu deixei-
 me estar a vê-los, a namorar-lhe a boca, fresca como a madru-
 gada, e insaciável como a morte. A beleza de Virgília tinha agora
 um tom grandioso, que não possuía antes de casar. Era dessas fi-
 guras talhadas em pentélico, de um lavor nobre, rasgado e puro,
 tranquilamente bela, como as estátuas, mas não apática nem fria.
 Ao contrário, tinha o aspecto das naturezas cálidas, e podia-se di-
 zer, que, na realidade, resumia todo o amor. Resumia-o sobretudo
 naquela ocasião, em que exprimia mudamente tudo quanto pode
 dizer a pupila humana. Mas o tempo urgia; deslacei-lhe as mãos,
 peguei-lhe nos pulsos, e, fito nela, perguntei-lhe se tinha coragem.

[9] — De quê?

[10] — De fugir. Iremos para onde nos for mais cômodo, uma casa
 grande ou pequena, à tua vontade, na roça ou na cidade, ou na



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXIII
 Fugamos!

página 121 de 242

Europa, onde te parecer, onde ninguém nos aborreça, e não haja perigos para ti, onde vivamos um para o outro. . . Sim? fugamos. Tarde ou cedo, ele pode descobrir alguma cousa, e estarás perdida. . . ouves? perdida. . . morta. . . e ele também, porque eu o matarei, juro-te.

1001 [11] Interrompi-me; Virgília empalidecera muito, deixou cair os braços e sentou-se no canapé. Esteve assim alguns instantes, sem me dizer palavra, não sei se vacilante na escolha, se aterrada com a idéa da descoberta e da morte. Fui-me a ela, insisti na proposta, disse-lhe todas as vantagens de uma vida a sós, sem zelos, nem terrores, nem aflições. Virgília ouvia-me calada; depois disse:

1002 [12] — Não escaparíamos talvez; ele iria ter comigo e matava-me do mesmo modo.

1003 [13] Mostrei-lhe que não. O mundo era assaz vasto, e eu tinha os meios de viver onde quer que houvesse ar puro e muito sol; ele não chegaria até lá; só as grandes paixões são capazes de grandes acções, e ele não a amava tanto que pudesse ir buscá-la, se ela estivesse longe. Virgília fez um gesto de espanto e quase indignação; murmurou que o marido gostava muito dela.

1005 [14] — Pode ser, respondi eu; pode ser que sim. . .

1006 [15] Fui até a janela, e comecei a rufar com os dedos no peitoril. Virgília chamou-me; deixei-me estar, a remoer os meus zelos, a desejar estrangular o marido, se o tivesse ali à mão. . . Justamente, nesse instante, apareceu na chácara o Lobo Neves. Não tremas assim, leitora pálida; descansa, que não hei de rubricar esta lauda com um pingo de sangue. Logo que apareceu na chácara, fiz-lhe um gesto amigo, acompanhado de uma palavra graciosa; Virgília retirou-se apressadamente da sala, onde ele entrou daí a três minutos.

1008 [16] — Está cá há muito tempo? disse-me ele.

1009 [17] — Não.

1010 [18] Entrara sério, pesado, derramando os olhos de um modo distraído, costume seu, que trocou logo por uma verdadeira expan-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXIII
 Fужamos!

página 122 de 242

são de jovialidade, quando viu chegar o filho, o nhonhô, o futuro bacharel do capítulo VI; tomou-o nos braços, levantou-o ao ar, beijou-o muitas vezes. Eu, que tinha ódio ao menino, afastei-me de ambos. Virgília tornou à sala.

[19] — Ah! respirou Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.

[20] — Cansado? perguntei eu.

[21] — Muito; aturei duas maças de primeira ordem, uma na câmara e outra na rua. E ainda temos terceira, acrescentou, olhando para a mulher.

[22] — Que é? perguntou Virgília.

[23] — Um... Adivinha!

[24] Virgília sentara-se ao lado dele, pegou-lhe numa das mãos, compôs-lhe a gravata, e tomou a perguntar o que era.

[25] — Nada menos que um camarote.

[26] — Para a Candiani?

[27] — Para a Candiani.

[28] Virgília bateu palmas, levantou-se, deu um beijo no filho, com um ar de alegria pueril, que destoava muito da figura; depois perguntou se o camarote era de boca ou do centro, consultou o marido, em voz baixa, acerca da *toilette* que faria, da ópera que se cantava, e de não sei que outras cousas.

[29] — Você janta conosco, doutor, disse-me Lobo Neves.

[30] — Veio para isso mesmo, confirmou a mulher; diz que você possui o melhor vinho do Rio de Janeiro.

[31] — Nem por isso bebe muito.

[32] Ao jantar, desmenti-o; bebi mais do que costumava; ainda assim, menos do que era preciso para perder a razão. Já estava excitado, fiquei um pouco mais. Era a primeira grande cólera que eu sentia contra Virgília. Não olhei uma só vez para ela durante o jantar; falei de política, da imprensa, do ministério, creio que falaria de teologia, se a soubesse, ou se me lembrasse. Lobo Neves acompanhava-me com muita placidez e dignidade, e até com



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXIV
 A transacção

página 123 de 242

certa benevolência superior; e tudo aquilo me irritava também, e me tornava mais amargo e longo o jantar. Despedi-me apenas nos levantamos da mesa.

[33] — Até logo, não? perguntou Lobo Neves.

[34] — Pode ser.

[35] E saí.

CAPÍTULO LXIV

A transacção

[1] **V**AGUEI PELAS ruas e recolhi-me às nove horas. Não podendo dormir, atirei-me a ler e escrever. Às onze horas estava arrependido de não ter ido ao teatro, consultei o relógio, quis vestir-me, e sair. Julguei, porém, que chegaria tarde; demais, era dar prova de fraqueza. Evidentemente, Virgília começava a aborrecer-se de mim, pensava eu. E esta idéa fez-me successivamente desesperado e frio, disposto a esquecê-la e a matá-la. Via-a dali mesmo, reclinada no camarote, com os seus magníficos braços nus, — os braços que eram meus, só meus — fascinando os olhos de todos, com o vestido soberbo que havia de ter, o colo de leite, os cabelos postos em bandós, à maneira do tempo, e os brilhantes, menos luzidios que os olhos dela. . . Via-a assim, e doía-me que a vissem outros. Depois, começava a despi-la, a pôr de lado as jóias e sedas, a despenteá-la com as minhas mãos sôfregas e lascivas, a torná-la, — não sei se mais bela, se mais natural, — a torná-la minha, somente minha, unicamente minha.

[2] No dia seguinte, não me pude ter; fui cedo à casa de Virgília; achei-a com os olhos vermelhos de chorar.

[3] — Que houve? perguntei.

[4] — Você não me ama, foi a sua resposta; nunca me teve a menor



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXIV

A transacção

página 124 de 242

soma de amor. Tratou-me ontem como se me tivesse ódio. Se eu ao menos soubesse o que é que fiz! Mas não sei. Não me dirá o que foi?

[5] — Que foi o quê? Creio que não houve nada.

[6] — Nada? Tratou-me como não se trata um cachorro. . .

[7] A esta palavra, peguei-lhe nas mãos, beijei-as, e duas lágrimas rebentaram-lhe dos olhos.

[8] — Acabou, acabou, disse eu.

[9] Não tive ânimo de arguir, e, aliás, argui-la de quê? Não era culpa dela se o marido a amava. Disse-lhe que não me fizera cousa nenhuma, que eu tinha necessariamente ciúmes do outro, que nem sempre o podia suportar de cara alegre; acrescentei que talvez houvesse nele muita dissimulação, e que o melhor meio de fechar a porta aos sustos e às dissensões era aceitar a minha idéa da véspera.

[10] — Pensei nisso, acudiu Virgília; uma casinha só nossa, solitária, metida num jardim, em alguma rua escondida, não é? Acho a idéa boa; mas para que fugir?

[11] Disse isto com o tom ingênuo e preguiçoso de quem não cuida em mal, e o sorriso que lhe derreava os cantos da boca trazia a mesma expressão de candidez. Então, afastando-me, respondi:

[12] — Você é que nunca me teve amor.

[13] — Eu?

[14] — Sim, é uma egoísta! prefere ver-me padecer todos os dias. . . é uma egoísta sem nome!

[15] Virgília desatou a chorar, e para não atrair gente, metia o lenço na boca, recalrava os soluços; explosão que me desconcertou. Se alguém a ouvisse, perdia-se tudo. Inclinei-me para ela, travei-lhe dos pulsos, sussurrei-lhe os nomes mais doces da nossa intimidade; mostrei-lhe o perigo; o terror apaziguou-a.

[16] — Não posso, disse ela daí a alguns instantes; não deixo meu filho; se o levar, estou certa de que *ele* me irá buscar ao fim do



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXV
 Olheiros e escutas

página 125 de 242

mundo. Não posso; mate-me você, se o quiser, ou deixe-me morrer. . . Ah! meu Deus! meu Deus!

[17] — Sossegue; olhe que podem ouvi-la.

[18] — Que ouçam! Não me importa.

[19] Estava ainda excitada; pedi-lhe que esquecesse tudo, que me perdoasse, que eu era um doudo, mas que a minha insânia provinha dela e com ela acabaria. Virgília enxugou os olhos e estendeu-me a mão. Sorrimos ambos; minutos depois, tornávamos ao assunto da casinha solitária, em alguma rua escusa. . .

CAPÍTULO LXV

Olheiros e escutas

[1] **I**NTERROMPEU-NOS O rumor de um carro na chácara. Veio um escravo dizer que era a baronesa X. Virgília consultou-me com os olhos.

[2] — Se a senhora está assim com dor de cabeça, disse eu, parece que o melhor é não receber.

[3] — Já se apeou? perguntou Virgília ao escravo.

[4] — Já se apeou; diz que precisa muito de falar com sinhá!

[5] — Que entre!

[6] A baronesa entrou daí a pouco. Não sei se contava comigo na sala; mas era impossível mostrar maior alvoroço.

[7] — Bons olhos o vejam! exclamou. Onde se mete o senhor que não aparece em parte nenhuma? Pois olhe, ontem admirou-me não o ver no teatro. A Candiani esteve deliciosa. Que mulher! Gosta da Candiani? É natural. Os senhores são todos os mesmos. O barão dizia ontem, no camarote, que uma só italiana vale por cinco brasileiras. Que desaforo! e desaforo de velho, que é peor. Mas por que é que o senhor não foi ontem ao teatro?



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXV
 Olheiros e escutas

página 126 de 242

1062 [8] — Uma enxaqueca.

1063 [9] — Qual! Algum namoro; não acha, Virgília? Pois, meu amigo, apresse-se, porque o senhor deve estar com quarenta anos... ou perto disso... Não tem quarenta anos?

1064 [10] — Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu; mas se me dá licença vou consultar a certidão de baptismo.

1065 [11] — Vá, vá... E estendendo-me a mão: — Até quando? Sábado ficamos em casa; o barão está com umas saudades suas...

1066 [12] Chegando à rua, arrependi-me de ter saído. A baronesa era uma das pessoas que mais desconfiavam de nós. Cincoenta e cinco anos, que pareciam quarenta, macia, risonha, vestígios de beleza, porte elegante e maneiras finas. Não falava muito nem sempre; possuía a grande arte de escutar os outros, espiando-os; reclinava-se então na cadeira, desembainhava um olhar afiado e comprido, e deixava-se estar. Os outros, não sabendo o que era, falavam, olhavam, gesticulavam, ao tempo que ela olhava só, ora fixa, ora móbil, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque deixava cair as pálpebras; mas, como as pestanas eram rótulas, o olhar continuava o seu officio, remexendo a alma e a vida dos outros.

1069 [13] A segunda pessoa era um parente de Virgília, o Viegas, um cangalho de setenta invernos, chupado e amarelado, que padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão do coração: era um hospital concentrado. Os olhos porém luziam de muita vida e saúde. Virgília, nas primeiras semanas, não lhe tinha medo nenhum; dizia-me que, quando o Viegas parecia espreitar, com o olhar fixo, estava simplesmente contando dinheiro. Com efeito, era um grande avaro.

1071 [14] Havia ainda o primo de Virgília, o Luís Dutra, que eu agora desarmava à força de lhe falar nos versos e prosas, e de o apresentar aos conhecidos. Quando estes, ligando o nome à pessoa, se mostravam contentes da apresentação, não há dúvida que Luís



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXVI
 As pernas

página 127 de 242

1072 Dutra exultava de felicidade; mas eu curava-me da felicidade com a esperança de que ele nos não denunciase nunca. Havia, enfim, umas duas ou três senhoras, vários gamenhos, e os fâmulos, que naturalmente se desforravam assim da condição servil, e tudo isso constituía uma verdadeira floresta de olheiros e escutas, por entre os quais tínhamos de resvalar com a tática e maciez das cobras.

CAPÍTULO LXVI

As pernas

1073 [1] **O**RA, ENQUANTO eu pensava naquela gente, iam-me as pernas levando, ruas abaixo, de modo que insensivelmente me achei à porta do hotel Pharoux. De costume jantava aí; mas, não tendo deliberadamente andado, nenhum merecimento da acção me cabe, e sim às pernas, que a fizeram. Abençoadas pernas! E há quem vos trate com desdém ou indiferença. Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta, zangava-me quando vos fatigáveis, quando não podíeis ir além de certo ponto, e me deixáveis com o desejo a avoçar, à semelhança de galinha atada pelos pés.

1074 [2] Aquele caso, porém, foi um raio de luz. Sim, pernas amigas, vós deixastes à minha cabeça o trabalho de pensar em Virgília, e dissestes uma à outra: — Ele precisa comer, são horas de jantar, vamos levá-lo ao Pharoux; dividamos a consciência dele, uma parte fique lá com a dama, tomemos nós a outra, para que ele vá direito, não abalroe as gentes e as carroças, tire o chapéu aos conhecidos, e finalmente chegue são e salvo ao hotel. E cumpristes à risca o vosso propósito, amáveis pernas, o que me obriga a immortalizar-vos nesta página.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

CAPÍTULO LXVII

A casinha

1078
1079 [1] **J**ANTEI E fui a casa. Lá achei uma caixa de charutos, que me man-
dara o Lobo Neves, embrulhada em papel de seda, e ornada de
fitinhas cor de rosa. Entendi, abria-a, e tirei este bilhete:

1080 Meu B. . .

1081 Desconfiam de nós; tudo está perdido; esqueça-me
para sempre. Não nos veremos mais. Adeus; esqueça-
se da infeliz

1082 V. . . a.

1083 [2] Foi um golpe esta carta; não obstante, apenas fechou a noite,
corri à casa de Virgília. Era tempo; estava arrependida. Ao vão de
uma janela, contou-me o que se passara com a baronesa. A baro-
nesa disse-lhe francamente que se falara muito, no teatro, na noite
anterior, a propósito da minha ausência do camarote do Lobo Ne-
ves; tinham comentado as minhas relações na casa; em suma, éra-
mos objecto da suspeita pública. Concluiu dizendo que não sabia
que fazer.

1085 [3] — O melhor é fugirmos, insinuei.

1086 [4] — Nunca, respondeu ela abanando a cabeça.

1087 [5] Vi que era impossível separar duas cousas que no espírito dela
estavam inteiramente ligadas: o nosso amor e a consideração pú-
blica. Virgília era capaz de eguais e grandes sacrifícios para con-
servar ambas as vantagens, e a fuga só lhe deixava uma. Talvez
senti alguma coisa semelhante a despeito; mas as comoções da-
queles dous dias eram já muitas, e o despeito morreu depressa. Vá
lá; arranjemos a casinha.





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXVIII
O vergalho

página 129 de 242

1089 [6] Com efeito, achei-a, dias depois, expressamente feita, em um
recanto da Gamboa. Um brinco! Nova, caiada de fresco, com qua-
tro janelas na frente e duas de cada lado, — todas com venezianas
cor de tijolo, — trepadeira nos cantos, jardim na frente; mistério
e solidão. Um brinco!

1090 [7] Convencionamos que iria morar ali uma mulher, conhecida de
Virgília, em cuja casa fora costureira e agregada. Virgília exercia
sobre ela verdadeira fascinação. Não se lhe diria tudo; ela aceitaria
facilmente o resto.

1091 [8] Para mim era aquilo uma situação nova do nosso amor, uma
aparência de posse exclusiva, de domínio absoluto, alguma coisa
que me faria adormecer a consciência e resguardar o decoro. Já
estava cansado das cortinas do outro, das cadeiras, do tapete, do
canapé, de todas essas cousas, que me traziam aos olhos constan-
temente a nossa duplicidade. Agora podia evitar os jantares fre-
quentes, o chá de todas as noites, enfim a presença do filho deles,
meu cúmplice e meu inimigo. A casa resgatava-me tudo; o mundo
vulgar terminaria à porta — dali para dentro era o infinito, um
mundo eterno, superior, excepcional, nosso, somente nosso, sem
leis, sem instituições, sem baronesas, sem olheiros, sem escutas,
— um só mundo, um só casal, uma só vida, uma só vontade, uma
só afeição, — a unidade moral de todas as cousas pela exclusão
das que me eram contrárias.

CAPÍTULO LXVIII

O vergalho

1094 [1] **T**AIS ERAM as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo
1095 fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-mas um
ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXVIII

O vergalho

página 130 de 242

não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: —
 «Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!» Mas o primeiro
 não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada
 nova.

[2] — Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

[3] — Meu senhor! gemia o outro.

[4] — Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

[5] Parei, olhei. . . Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho?
 Nada menos que o meu moleque Prudêncio, — o que meu pai li-
 bertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me
 a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

[6] — É, sim, nhonhô.

[7] — Fez-te alguma cousa?

[8] — É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei
 ele na quitanda, em quanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele dei-
 xou a quitanda para ir na venda beber.

[9] — Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

[10] — Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para
 casa, bêbado!

[11] Saí do grupo, que me olhava espantado e cochichava as suas
 conjecturas. Segui caminho, a desfiar uma infinidade de reflexões,
 que sinto haver inteiramente perdido; aliás, seria matéria para um
 bom capítulo, e talvez alegre. Eu gosto dos capítulos alegres; é o
 meu fraco. Exteriormente, era torvo o episódio do Valongo; mas
 só exteriormente. Logo que meti mais dentro a faca do raciocí-
 nio achei-lhe um miolo gaiato, fino, e até profundo. Era um modo
 que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, —
 transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe
 um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e so-
 fria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos bra-
 ços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhado da
 antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um es-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

cravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto!

CAPÍTULO LXIX

Um grão de sandice

[1] **E**STE CASO faz-me lembrar um doudo que conheci. Chamava-se Romualdo e dizia ser Tamerlão. Era a sua grande e única mania, e tinha uma curiosa maneira de a explicar.

[2] — Eu sou o ilustre Tamerlão, dizia ele. Outrora fui Romualdo, mas adoeci, e tomei tanto tártaro, tanto tártaro, tanto tártaro, que fiquei Tártaro, e até rei dos Tártaros. O tártaro tem a virtude de fazer Tártaros.

[3] Pobre Romualdo! A gente ria da resposta, mas é provável que o leitor não se ria, e com razão; eu não lhe acho graça nenhuma. Ouvida, tinha algum chiste; mas assim contada, no papel, e a propósito de um vergalho recebido e transferido, força é confessar que é muito melhor voltar à casinha da Gamboa; deixemos os Romualdos e Prudências.

CAPÍTULO LXX

Dona Plácida

[1] **V**OLTEMOS à casinha. Não serias capaz de lá entrar hoje; curioso leitor; envelheceu, enegreceu, apodreceu, e o proprietário deitou-a abaixo para substituí-la por outra, três vezes maior, mas juro-te que muito menor que a primeira. O mundo era estreito para Alexandre; um desvão de telhado é o infinito para as andorinhas.





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXX
 Dona Plácida

página 132 de 242

1115

[2]

Vê agora a neutralidade deste globo, que nos leva, através dos espaços, como uma lancha de naufragos, que vai dar à costa: dorme hoje um casal de virtudes no mesmo espaço de chão que sofreu um casal de pecados. Amanhã pode lá dormir um eclesiástico, depois um assassino, depois um ferreiro, depois um poeta, e todos abençoarão esse canto de terra, que lhes deu algumas ilusões.

1116

1117

[3]

Virgília fez daquilo um brinco; designou as alfaias mais idôneas, e dispô-las com a intuição estética da mulher elegante; eu levei para lá alguns livros, e tudo ficou sob a guarda de Dona Plácida, suposta, e, a certos respeitos, verdadeira dona da casa.

1118

[4]

Custou-lhe muito a aceitar a casa; farejara a intenção, e doá-lhe o ofício; mas afinal cedeu. Creio que chorava, a princípio: tinha nojo de si mesma. Ao menos, é certo que não levantou os olhos para mim durante os primeiros dous meses; falava-me com eles baixos, séria, carrancuda, às vezes triste. Eu queria angariá-la, e não me dava por ofendido, tratava-a com carinho e respeito; forçejava por obter-lhe a benevolência, depois a confiança. Quando obtive a confiança, imaginei uma história patética dos meus amores com Virgília, um caso anterior ao casamento, a resistência do pai, a dureza do marido, e não sei que outros toques de novela. Dona Plácida não rejeitou uma só página da novela; aceitou-as todas. Era uma necessidade da consciência. Ao cabo de seis meses quem nos visse a todos três juntos diria que Dona Plácida era minha sogra.

1119

1120

1121

[5]

Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos, — os cinco contos achados em Botafogo, — como um pão para a velhice. Dona Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem, que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

CAPÍTULO LXXI

O senão do livro

1122 [1] **C**OMEÇO A arrepende-me deste livro. Não que ele me canse; eu
1123 não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítu-
1124 los para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da
eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa
contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior
defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o
livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo
regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios,
guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, ur-
ram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem. . .

1125 [2] E caem! — Folhas misérrimas do meu cipreste, heis de cair,
como quaisquer outras belas e vistosas; e, se eu tivesse olhos,
dar-vos-ia uma lágrima de saudade. Esta é a grande vantagem da
morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos
para chorar. . . Heis de cair.¹¹

CAPÍTULO LXXII

O bibliômano

1126 [1] **T**ALVEZ SUPRIMA o capítulo anterior; entre outros motivos, há aí,
1127 nas últimas linhas, uma frase muito parecida com despropósito, e
eu não quero dar pasto à crítica do futuro.

1128 [2] Olhai: daqui a setenta anos, um sujeito magro, amarelo, grisa-
lho, que não ama nenhuma outra coisa além dos livros, inclina-se
sobre a página anterior, a ver se lhe descobre o despropósito; lê,





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXXII
 O bibliômano

página 134 de 242

1129 relê, treslê, desengonça as palavras, saca uma sílaba, depois ou-
 tra, mais outra, e as restantes, examina-as por dentro e por fora,
 por todos os lados, contra a luz, espanja-as, esfrega-as no joelho,
 lava-as, e nada; não acha o despropósito.

1130 [3] É um bibliômano. Não conhece o autor; este nome de Brás Cu-
 bas não vem nos seus dicionários biográficos. Achou o volume,
 — por acaso, no pardieiro de um alfarrabista. Comprou-o por du-
 zentos réis. Indagou, pesquisou, esgaravatou, e veio a descobrir
 1131 que era um exemplar único... Único! Vós, que não só amais os
 livros, senão que padeceis a mania deles, vós sabeis mui bem o
 valor desta palavra, e adiviniais, portanto, as delícias de meu bi-
 bliômano. Ele rejeitaria a coroa das Índias, o papado, todos os
 1132 museus da Itália e da Holanda, se os houvesse de trocar por esse
 único exemplar; e não porque seja o das minhas *Memórias*; faria a
 mesma cousa com o *Almanaque* de Laemmert, uma vez que fosse
 único.

1133 [4] O peor é o despropósito. Lá continua o homem inclinado sobre
 a página, com uma lente no olho direito, todo entregue à nobre e
 áspera função de decifrar o despropósito. Já prometeu a si mesmo
 escrever uma breve memória, na qual relate o achado do livro e
 1134 a descoberta da sublimidade, se a houver por baixo daquela frase
 obscura. Ao cabo, não descobre nada e contenta-se com a posse.
 Fecha o livro, mira-o, remira-o, chega-se à janela e mostra-o ao
 sol. Um exemplar único! Nesse momento passa-lhe por baixo da
 1135 janela um César ou um Cromwell, a caminho do poder. Ele dá de
 ombros, fecha a janela, estira-se na rede e folheia o livro de vagar,
 com amor, aos góles... Um exemplar único!



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS

CAPÍTULO LXXIII

O luncheon

1136 [1] **O** DESPROPÓSITO fez-me perder outro capítulo. Que melhor não era
1137 dizer as cousas lisamente, sem todos estes solavancos! Já compa-
1138 rei o meu estilo ao andar dos ébrios. Se a idéa vos parece indeco-
1139 rosa, direi que ele é o que eram as minhas refeições com Virgília,
na casinha da Gamboa, onde às vezes fazíamos a nossa patuscada,
o nosso *luncheon*. Vinho, fructa, compotas. Comíamos, é verdade,
mas era um comer virgulado de palavrinhas doces, de olhares ter-
nos, de criancices, uma infinidade desses apartes do coração, aliás
o verdadeiro, o ininterrupto discurso do amor. Às vezes vinha o
arrufo temperar o nímio adocicado da situação. Ela deixava-me,
refugiava-se num canto do canapé, ou ia para o interior ouvir as
denguices de Dona Plácida. Cinco ou dez minutos depois, reatá-
vamos a palestra, como eu reato a narração, para desatá-la outra
vez. Note-se que, longe de termos horror ao método, era nosso
costume convidá-lo, na pessoa de Dona Plácida, a sentar-se co-
nosco à mesa; mas Dona Plácida não aceitava nunca.

1141 [2] — Você parece que não gosta mais de mim, disse-lhe um dia
Virgília.

1142 [3] — Virgem Nossa Senhora! exclamou a boa dama alçando as
mãos para o tecto. Não gosto de Iaiá! Mas então de quem é que
eu gostaria neste mundo?

1143 [4] E, pegando-lhe nas mãos, olhou-a fixamente, fixamente, fixa-
mente, até molharem-se-lhe os olhos, de tão fixo que era. Virgília
acariciou-a muito; eu deixei-lhe uma pratinha na algibeira do ves-
tido.





MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXXIV

História de
Dona Plácida

página 136 de 242

CAPÍTULO LXXIV

História de Dona Plácida

1144 [1] NÃO TE arrependas de ser generoso; a pratinha rendeu-me uma
 1145 confidência de Dona Plácida, e conseguintemente este capítulo.
 1146 Dias depois, como eu a achasse só em casa, travamos palestra, e
 ela contou-me em breves termos a sua história. Era filha natural
 de um sacristão da Sé e de uma mulher que fazia doces para fora.
 Perdeu o pai aos dez anos. Já então ralava coco e fazia não sei
 que outros trabalhos de doceira, compatíveis com a idade. Aos
 quinze ou dezesseis casou com um alfaiate, que morreu tísico al-
 1147 gum tempo depois, deixando-lhe uma filha. Viúva e moça, ficaram
 a seu cargo a filha, com dous anos, e a mãe, cansada de trabalhar.
 Tinha de sustentar a três pessoas. Fazia doces, que era o seu ofí-
 1148 cio, mas cosia também, de dia e de noite, com afinco, para três ou
 quatro lojas, e ensinava algumas crianças do bairro, a dez tostões
 por mês. Com isto iam-se passando os anos, não a beleza, porque
 não a tivera nunca. Apareceram-lhe alguns namoros, propostas,
 seducções, a que resistia.

1149 [2] — Se eu pudesse encontrar outro marido, disse-me ela, creia
 que me teria casado; mas ninguém queria casar comigo.

1150 [3] Um dos pretendentes conseguiu fazer-se aceito; não sendo, po-
 rém, mais delicado que os outros, Dona Plácida despediu-o do
 mesmo modo, e, depois de o despedir, chorou muito. Continuou
 1151 a coser para fora e a escumar os tachos. A mãe tinha a rabugem
 do temperamento, dos anos e da necessidade; mortificava a filha
 para que tomasse um dos maridos de empréstimo e de ocasião que
 lha pediam. E bradava:

1152 [4] — Queres ser melhor do que eu? Não sei donde te vem essas
 fidúcias de pessoa rica. Minha camarada, a vida não se arranja à



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXXIV

História de
Dona Plácida

página 137 de 242

toa; não se come vento. Ora esta! Moços tão bons como o Policarpo da venda, coitado... Esperas algum fidalgo, não é?

[5] Dona Plácida jurou-me que não esperava fidalgo nenhum. Era gênio. Queria ser casada. Sabia muito bem que a mãe o não fora, e conhecia algumas que tinham só o seu moço delas; mas era gênio e queria ser casada. Não queria também que a filha fosse outra cousa. Trabalhava muito, queimando os dedos ao fogão, e os olhos ao candieiro, para comer e não cair. Emagreceu, adoeceu, perdeu a mãe, enterrou-a por subscrição, e continuou a trabalhar. A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, a não ser namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula. Dona Plácida vivia com imensos cuidados, levando-a consigo, quando tinha de ir entregar costuras. A gente das lojas arregalava e piscava os olhos, convencida de que ela a levava para colher marido ou outra cousa. Alguns diziam graçolas, faziam cumprimentos; a mãe chegou a receber propostas de dinheiro...

[6] Interrompeu-se um instante, e continuou logo:

[7] — Minha filha fugiu-me; foi com um sujeito, nem quero saber... Deixou-me só, mas tão triste, tão triste, que pensei morrer. Não tinha ninguém mais no mundo e estava quase velha e doente. Foi por esse tempo que conheci a família de Iaiá; boa gente, que me deu que fazer, e até chegou a me dar casa. Estive lá muitos meses, um ano, mais de um ano, agregada, costurando. Saí quando Iaiá casou. Depois vivi como Deus foi servido. Olhe os meus dedos, olhe estas mãos... E mostrou-me as mãos grossas e gretadas, as pontas dos dedos picadas da agulha. — Não se cria isto à toa, meu senhor; Deus sabe como é que isto se cria... Felizmente, Iaiá me protegeu, e o senhor doutor também... Eu tinha um medo de acabar na rua, pedindo esmola...

[8] Ao soltar a última frase, Dona Plácida teve um calafrio. Depois, como se tornasse a si, pareceu atentar na inconveniência daquela confissão ao amante de uma mulher casada, e começou a rir, a desdizer-se, a chamar-se tola, «cheia de fidúcias», como lhe di-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

zia a mãe; enfim, cansada do meu silêncio, retirou-se da sala. Eu fiquei a olhar para a ponta do botim.

CAPÍTULO LXXV

Comigo

[1] **P**ODENDO ACONTECER que algum dos meus leitores tenha pulado o capítulo anterior, observo que é preciso lê-lo para entender o que eu disse comigo, logo depois que Dona Plácida saiu da sala. O que eu disse foi isto:

[2] — Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de Dona Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou-lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou Dona Plácida. E de crer que Dona Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: — Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: — Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia.





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXXVI
O estrume

página 139 de 242

CAPÍTULO LXXVI

O estrume

1167
1168 [1] **S**ÚBITO DEU-ME a consciência um repelão, acusou-me de ter feito
capitular a probidade de Dona Plácida, obrigando-a a um papel
torpe, depois de uma longa vida de trabalho e privações. Me-
1169 dianeira não era melhor que concubina, e eu tinha-a baixado a
esse ofício, à custa de obséquios e dinheiros. Foi o que me disse a
consciência; fiquei uns dez minutos sem saber que lhe replicasse.
Ela acrescentou que eu me aproveitara da fascinação exercida por
Virgília sobre a ex-costureira, da gratidão desta, enfim da neces-
1170 sidade. Notou a resistência de Dona Plácida, as lágrimas dos pri-
meiros dias, as caras feias, os silêncios, os olhos baixos, e a minha
arte em suportar tudo isso, até vencê-la. E repuxou-me outra vez
de um modo irritado e nervoso.

1171 [2] Concordei que assim era, mas aleguei que a velhice de
Dona Plácida estava agora ao abrigo da mendicidade: era uma
compensação. Se não fossem os meus amores, provavelmente
Dona Plácida acabaria como tantas outras criaturas humanas;
1172 donde se poderia deduzir que o vício é muitas vezes o estrume
da virtude. O que não impede que a virtude seja uma flor cheirosa
e sã. A consciência concordou, e eu fui abrir a porta a Virgília.



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS

CAPÍTULO LXXVII

Entrevista

1173 [1] **V**IRGÍLIA ENTROU risonha e sossegada. Os tempos tinham levado os
 1174 sustos e vexames. Que doce que era vê-la chegar, nos primeiros
 1175 dias, envergonhada e trêmula! Ia de sege, velado o rosto, envol-
 vido numa espécie de mantéu, que lhe disfarçava as ondulações do
 talhe. Da primeira vez deixou-se cair no canapé, ofegante, escar-
 late, com os olhos no chão; e, palavra! em nenhuma outra ocasião
 a achei tão bela, talvez porque nunca me senti mais lisonjeado.

1176 [2] Agora, porém, como eu dizia, tinham acabado os sustos e ve-
 xames; as entrevistas entravam no período cronométrico. A inten-
 sidade de amor era a mesma; a diferença é que a chama perdera o
 tresloucado dos primeiros dias para constituir-se um simples feixe
 de raios, tranquilo e constante, como nos casamentos.

1177 [3] — Estou muito zangada com você, disse ela sentando-se.

1178 [4] — Porque?

1179 [5] — Porque não foi lá ontem, como me tinha dito. O Damião
 perguntou muitas vezes se você não iria, ao menos, tomar chá.
 Por que é que não foi?

1180 [6] Com efeito, eu havia faltado à palavra que dera, e a culpa era
 1181 toda de Virgília. Questão de ciúmes. Essa mulher esplêndida sabia
 que o era, e gostava de o ouvir dizer, fosse em voz alta ou baixa.
 Na ante-véspera, em casa da baronesa, valsara duas vezes com
 o mesmo peralta, depois de lhe escutar as cortesanicês, ao canto
 de uma janela. Estava tão alegre! tão derramada! tão cheia de
 si! Quando descobriu, entre as minhas sobranceiras, a ruga inter-
 rogativa e ameaçadora, não teve nenhum sobressalto, nem ficou
 1182 subitamente séria; mas deitou ao mar o peralta e as cortesanicês.
 Veio depois a mim, tomou-me o braço, e levou-me a outra sala,





MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXXVIII

A presidência

página 141 de 242

menos povoada, onde se me queixou de cansaço, e disse muitas outras cousas, com o ar pueril que costumava ter, em certas ocasiões, e eu ouvi-a quase sem responder nada.

[7] Agora mesmo, custava-me responder alguma cousa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência. . . Não, eternas estrelas, nunca vi olhos mais pasmados. A boca semi-aberta, as sobrance-lhas arqueadas, uma estupefacção visível, tangível, que se não podia negar, tal foi a primeira réplica de Virgília; abanou a cabeça com um sorriso de piedade e ternura, que inteiramente me confundiu.

[8] — Ora você!

[9] E foi tirar o chapéu, lépida, jovial, como a menina que torna do colégio; depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, a repetir: — Isto, isto; — e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa. Era claro que me enganara.

CAPÍTULO LXXVIII

A presidência

[1] CERTO DIA, meses depois, entrou Lobo Neves em casa, dizendo que iria talvez ocupar uma presidência de província. Olhei para Virgília, que empalideceu; ele, que a viu empalidecer, perguntou-lhe:¹²

[2] — A modo que não gostaste, Virgília?

[3] Virgília abanou a cabeça.

[4] — Não me agrada muito, foi a sua resposta.

[5] Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves insistiu no projecto, um pouco mais resolutamente do que de tarde; dous dias depois declarou à mulher que a presidência era cousa definitiva.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXXVIII
 A presidência

página 142 de 242

Virgília não pôde dissimular a repugnância que isto lhe causava. O marido respondia a tudo com as necessidades políticas.

1193 [6] — Não posso recusar o que me pedem; é até conveniência nossa, do nosso futuro, dos teus braços, meu amor, porque eu prometi que serias marquesa, e nem baronesa estás. Dirás que sou ambicioso? Sou-o deveras, mas é preciso que me não ponhas um peso nas asas da ambição.

1194 [7] Virgília ficou desorientada. No dia seguinte achei-a triste, na casa da Gamboa, à minha espera; tinha dito tudo a Dona Plácida, que buscava consolá-la como podia. Não fiquei menos abatido.

1195 [8] — Você há de ir conosco, disse-me Virgília.

1196 [9] — Está doida? Seria uma insensatez.

1197 [10] — Mas então. . . ?

1198 [11] — Então, é preciso desfazer o projecto.

1199 [12] — É impossível.

1200 [13] — Já aceitou?

1201 [14] — Parece que sim.

1202 [15] Levantei-me, atirei o chapéu a uma cadeira, e entrei a passear de um lado para outro, sem saber o que faria. Cogitei largamente, e não achei nada. Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; Dona Plácida foi à janela.

1203 [16] — Nesta pequenina mão está toda a minha existência, disse eu; você é responsável por ela; faça o que lhe parecer.

1204 [17] Virgília teve um gesto aflitivo; eu fui encostar-me ao consolo fronteiro. Decorreram alguns instantes de silêncio; ouvíamos somente o latir de um cão, e não sei se o rumor da água que morria na praia. Vendo que não falava, olhei para ela. Virgília tinha os olhos no chão, parados, sem luz, as mãos deixadas sobre os joelhos, com os dedos cruzados, na atitude de suprema desesperança. Noutra ocasião, por diferente motivo, é certo que eu me lançaria aos pés dela, e a ampararia com a minha razão e a minha ternura; agora, porém, era preciso compeli-la ao esforço de si mesma, ao



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXXIX

Compromisso

página 143 de 242

sacrifício, à responsabilidade da nossa vida comum, e consequentemente desampará-la, deixá-la, e sair; foi o que fiz.

[18] — Repito, a minha felicidade está nas tuas mãos, disse eu.

[19] Virgília quis agarrar-me, mas eu já estava fora da porta. Cheguei a ouvir um prorromper de lágrimas, e digo-lhes que estive a ponto de voltar, para as enxugar com um beijo; mas subjuguiei-me e saí.

CAPÍTULO LXXIX

Compromisso¹³

[1] NÃO ACABARIA se houvesse de contar pelo miúdo o que padeci nas primeiras horas. Vacilava entre um querer e um não querer, entre a piedade que me empuxava à casa de Virgília e outro sentimento, — egoísmo, suponhamos, — que me dizia: — Fica; deixa-a a sós com o problema, deixa-a que ela o resolverá no sentido do amor. Creio que essas duas forças tinham igual intensidade, investiam e resistiam ao mesmo tempo, com ardor, com tenacidade, e nenhuma cedia definitivamente. Às vezes sentia um dentezinho de remorso; parecia-me que abusava da fraqueza de uma mulher amante e culpada, sem nada sacrificar nem arriscar de mim próprio; e, quando ia capitular, vinha outra vez o amor, e me repetia o conselho egoísta, e eu ficava irresoluto e inquieto, desejoso de a ver, e receioso de que a vista me levasse a compartilhar a responsabilidade da solução.

[2] Por fim interveio um compromisso entre o egoísmo e a piedade; eu iria vê-la em casa, e só em casa, em presença do marido, para lhe não dizer nada, à espera do efeito da minha intimação. Deste modo poderia conciliar as duas forças. Agora, que isto acredito, quer-me parecer que o compromisso era uma burla, que



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXXX

De secretário

página 144 de 242

essa piedade era ainda uma forma de egoísmo, e que a resolução de ir consolar Virgília não passava de uma sugestão de meu próprio padecimento.¹⁴

CAPÍTULO LXXX

De secretário

[1] NA NOITE seguinte fui efectivamente à casa do Lobo Neves; estavam ambos, Virgília muito triste, ele muito jovial. Juro que ela sentiu certo alívio, quando os nossos olhos se encontraram, cheios de curiosidade e ternura. Lobo Neves contou-me os planos que levava para a presidência, as dificuldades locais, as esperanças, as resoluções; estava tão contente! tão esperançado! Virgília, ao pé da mesa, fingia ler um livro, mas por cima da página olhava-me de quando em quando, interrogativa e ansiosa.

[2] — O peor, disse-me de repente o Lobo Neves, é que ainda não achei secretário.

[3] — Não?

[4] — Não, e tenho uma idéa.

[5] — Ah!

[6] — Uma idéa. . . Quer você dar um passeio ao Norte?

[7] Não sei o que lhe disse.

[8] — Você é rico, continuou ele, não precisa de um magro ordenado; mas se quisesse obsequiar-me, ia de secretário comigo.

[9] Meu espírito deu um salto para trás, como se descobrisse uma serpente deante de si. Encarei o Lobo Neves, fixamente, impetuosamente, a ver se lhe apanhava algum pensamento oculto. . . Nem sombra disso; o olhar vinha direito e franco, a placidez do rosto era natural, não violenta, uma placidez salpicada de alegria. Respirei, e não tive ânimo de olhar para Virgília; senti por cima da



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXXXI

A reconciliação

página 145 de 242

página o olhar dela, que me pedia também a mesma cousa, e disse que sim, que iria. Na verdade, um presidente, uma presidenta, um secretário, era resolver as cousas de um modo administrativo.

CAPÍTULO LXXXI

A reconciliação

- 1227
- 1228 [1] **C**ONTUDO, AO sair de lá, tive umas sombras de dúvida; cogitei se não ia expor insanamente a reputação de Virgília, se não haveria outro meio razoável de combinar o Estado e a Gamboa. Não achei nada. No dia seguinte, ao levantar-me da cama, trazia o espírito feito e resoluto a aceitar a nomeação. Ao meio-dia, veio o criado dizer-me que estava na sala uma senhora, coberta com um véu. Corro; era minha irmã Sabina.
- 1229
- 1230 [2] — Isto não pode continuar assim, disse ela; é preciso que, de uma vez por todas, façamos as pazes. Nossa família está acabando; não havemos de ficar como dous inimigos.
- 1231 [3] — Mas se eu não te peço outra cousa, mana! bradei estendendo-lhe os braços.
- 1232 [4] Sentei-a ao pé de mim, e falei-lhe do marido, da filha, dos negócios, de tudo. Tudo ia bem; a filha estava linda como os amores. O marido viria mostrar-ma, se eu consentisse.
- 1233 [5] — Ora essa! irei eu mesmo vê-la.
- 1234 [6] — Sim?
- 1235 [7] — Palavra.
- 1236 [8] — Tanto melhor! respirou Sabina. É tempo de acabar com isto.
- 1237 [9] Achei-a mais gorda, e talvez mais moça. Parecia ter vinte anos, e contava mais de trinta. Graciosa, afável, nenhum acanhamento, nenhum ressentimento. Olhávamos um para o outro, com as mãos seguras, falando de tudo e de nada, como dous namorados. Era



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXXXI

A reconciliação

página 146 de 242

1238 a minha infância que ressurgia, fresca, travessa e loura; os anos
iam caindo como as fileiras de cartas de jogar encurvadas, com
que eu brincava em pequeno, e deixavam-me ver a nossa casa, a
1239 nossa família, as nossas festas. Suportei a recordação com algum
esforço; mas um barbeiro da vizinhança lembrou-se de zangarrear
na clássica rabeça, e essa voz — porque até então a recordação
era muda, — essa voz do passado, fanhosa e saudosa, a tal ponto
me comoveu, que. . .

1240 [10] Os olhos dela estavam secos. Sabina não herdara a flor amarela
e mórbida. Que importa? Era minha irmã, meu sangue, um pedaço
de minha mãe, e eu disse-lho com ternura, com sinceridade. . .
Súbito, ouço bater à porta da sala; vou abrir; era um anjinho de
cinco anos.

1241 [11] — Entra, Sara, disse Sabina.

1242 [12] Era minha sobrinha. Apanhei-a do chão, beijei-a muitas vezes;
a pequena, espantada, empurrava-me o ombro com a mãozinha,
quebrando o corpo para descer. . . Nisto, aparece-me à porta um
chapéu, e logo um homem, o Cotrim, nada menos que o Cotrim.
1243 Eu estava tão comovido, que deixei a filha e lancei-me aos braços
do pai. Talvez essa efusão o desconcertou um pouco; é certo que
me pareceu acanhado. Simples prólogo. Daí a pouco falávamos
como bons amigos velhos. Nenhuma alusão ao passado, muitos
planos de futuro, promessa de jantarmos em casa um do outro.
1244 Não deixei de dizer que essa troca de jantares podia ser que ti-
vesse uma curta interrupção, porque eu andava com idéas de uma
viagem ao Norte. Sabina olhou para o Cotrim, o Cotrim para Sa-
bina; ambos concordaram que essas idéas não tinham senso co-
mum. Que diacho podia eu achar no Norte? Pois não era na corte,
em plena corte, que devia continuar a luzir, a meter num chinelo
1245 os rapazes do tempo? Que, na verdade, nenhum havia que se me
comparasse; ele, Cotrim, acompanhava-me de longe, e, não obs-
tante uma briga ridícula, teve sempre interesse, orgulho, vaidade



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*CAPÍTULO LXXXII
Questão de botânica

página 147 de 242

1246 nos meus triunfos. Ouvia o que se dizia a meu respeito, nas ruas
e nas salas; era um concerto de louvores e admirações. E deixa-se
1247 [13] — Justamente política, disse eu.
1248 [14] — Nem assim, replicou ele daí a um instante. — E depois de
outro silêncio: — Seja como for, venha jantar hoje conosco.
1249 [15] — Certamente que vou; mas, amanhã ou depois, hão de vir
jantar comigo.
1250 [16] — Não sei, não sei, objectou Sabina; casa de homem solteiro. . .
Você precisa casar, mano. Também eu quero uma sobrinha, ouviu?
1251 [17] Cotrim reprimiu-a com um gesto, que não entendi bem. Não
importa; a reconciliação de uma família vale bem um gesto enig-
mático.

CAPÍTULO LXXXII

Questão de botânica

1252
1253 [1] **D**IGAM O que quiserem dizer os hipocondríacos: a vida é uma coisa
doce. Foi o que eu pensei comigo, ao ver Sabina, o marido e a filha
descerem de tropel as escadas, dizendo muitas palavras afectuo-
sas para cima, onde eu ficava — no patamar, — a dizer-lhes outras
1254 tantas para baixo. Continuei a pensar que, na verdade, era feliz.
Amava-me uma mulher, tinha a confiança do marido, ia por secre-
tário de ambos, e reconciliava-me com os meus. Que podia desejar
mais, em vinte e quatro horas?

1255 [2] Nesse mesmo dia, tratando de aparelhar os ânimos, comecei
a espalhar que talvez fosse para o Norte como secretário de pro-
víncia, a fim de realizar certos desígnios políticos, que me eram
pessoais. Disse-o na rua do Ouvidor, repeti-o no dia seguinte, no



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXXXII
Questão de botânica

página 148 de 242

1256 Pharoux e no teatro. Alguns, ligando a minha nomeação à do Lobo
Neves, que já andava em boatos, sorriam maliciosamente, outros
batiam-me no ombro. No teatro disse-me uma senhora que era le-
var muito longe o amor da escultura. Referia-se às belas formas
de Virgília.

1257 [3] Mas a alusão mais rasgada que me fizeram foi em casa de
Sabina, três dias depois. Fê-la um certo Garcez, velho cirurgião,
pequenino, trivial e grulha, que podia chegar aos setenta, aos oi-
tenta, aos noventa anos, sem adquirir jamais aquela compostura
austera, que é a gentileza do ancião. A velhice ridícula é, porven-
tura, a mais triste e derradeira surpresa da natureza humana.

1259 [4] — Já sei, desta vez vai ler Cícero, disse-me ele, ao saber da
viagem.

1260 [5] — Cícero! exclamou Sabina.

1261 [6] — Pois então? Seu mano é um grande latinista. Traduz Virgílio
de relance. Olhe que é Virgílio e não Virgília. . . não confunda. . .

1262 [7] E ria, de um riso grosso, rasteiro e frívolo. Sabina olhou para
mim, receiosa de alguma réplica; mas sorriu, quando me viu sorrir,
e voltou o rosto para disfarçá-lo. As outras pessoas olhavam-me
com um ar de curiosidade, indulgência e simpatia; era transpa-
rente que não acabavam de ouvir nenhuma novidade. O caso dos
meus amores andava mais público do que eu podia supor. Entre-
tanto sorri, um sorriso curto, fugitivo e guloso, — palreiro como
as pegas de Sintra. Virgília era um belo erro, e é tão fácil confessar
um belo erro! Costumava ficar carrancudo, a princípio, quando ou-
via alguma alusão aos nossos amores; mas, palavra de honra! sen-
tia cá dentro uma impressão suave e lisonjeira. Uma vez, porém,
aconteceu-me sorrir, e continuei a fazê-lo das outras vezes. ¹⁵ Não
sei se há alguém que explique o fenômeno. ¹⁵ Eu explico-o assim:
1265 a princípio, o contentamento, sendo interior, era por assim dizer
o mesmo sorriso, mas abotoado; andando o tempo, desabotoou-
se em flor, e apareceu aos olhos do próximo. Simples questão de
botânica.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

CAPÍTULO LXXXIII

13

[1] **C**OTRIM TIROU-ME daquele gozo, levando-me à janela. — Você quer que lhe diga uma cousa? perguntou ele; — não faça essa viagem; é insensata, é perigosa.

[2] — Por quê?

[3] — Você bem sabe porque, tornou ele: é, sobretudo, perigosa, muito perigosa. Aqui na corte, um caso desses perde-se na multidão da gente e dos interesses; mas na província muda de figura; e tratando-se de personagens políticos, é realmente insensatez. As gazetas de oposição, logo que farejarem o negócio, passam a imprimi-lo com todas as letras, e aí virão as chufas, os remoques, as alcunhas. . .

[4] — Mas não entendo. . .

[5] — Entende, entende. Em verdade, seria bem pouco amigo nosso, se me negasse o que toda a gente sabe. Eu sei disso há longos meses. Repito, não faça semelhante viagem; suporte a ausência, que é melhor, e evite algum grande escândalo e maior desgosto. . .

[6] Disse isto, e foi para dentro. Eu deixei-me estar com os olhos no lampião da esquina, — um antigo lampião de azeite, — triste, obscuro e recurvado, como um ponto de interrogação. Que me cumpria fazer? Era o caso de Hamlet: ou dobrar-me à fortuna, ou lutar com ela e subjugar-lá. Por outros termos: embarcar ou não embarcar. Esta era a questão. O lampião não me dizia nada. As palavras do Cotrim ressoavam-me aos ouvidos da memória, de um modo mui diverso do das palavras do Garcez. Talvez Cotrim tivesse razão; mas podia eu separar-me de Virgília?

[7] Sabina veio ter comigo, e perguntou-me em que estava pen-





MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXXXIII

13

página 150 de 242

sando. Respondi que em cousa nenhuma, que tinha sono e ia para casa. Sabina esteve um instante calada. — O que você precisa, sei eu; é uma noiva. Deixe, que eu ainda arranjo uma noiva para você. Saí de lá oprimido, desorientado. Tudo pronto para embarcar, — espírito e coração, — e eis aí me surge esse porteiro das conveniências, que me pede o cartão de ingresso. Dei ao diabo as conveniências, e com elas a constituição, o corpo legislativo, o ministério, tudo.

[8] No dia seguinte, abro uma folha política e leio a notícia de que, por decreto de 13, tínhamos sido nomeados presidente e secretário da província de *** o Lobo Neves e eu. Escrevi imediatamente a Virgília, e segui duas horas depois para a Gamboa. Coitada de Dona Plácida! Estava cada vez mais aflicta; perguntou-me se esqueceríamos a nossa velha, se a ausência era grande e se a província ficava longe. Consolei-a; mas eu próprio precisava de consolações; a objecção de Cotrim afligia-me. Virgília chegou daí a pouco, lépida como uma andorinha; mas, ao ver-me triste, ficou muito séria.

[9] — Que aconteceu?

[10] — Vacilo, disse eu; não sei se devo aceitar. . .

[11] Virgília deixou-se cair, no canapé, a rir. — Por quê? disse ela.

[12] — Não é conveniente, dá muito na vista. . .

[13] — Mas nós já não vamos.

[14] — Como assim?

[15] Contou-me que o marido ia recusar a nomeação, e por motivo que só lhe disse, a ela, pedindo-lhe o maior segredo; não podia confessá-lo a ninguém mais. — É pueril, observou ele, é ridículo; mas em suma, é um motivo poderoso para mim. Referiu-lhe que o decreto trazia a data de 13, e que esse número significava para ele uma recordação fúnebre. O pai morreu num dia 13, treze dias depois de um jantar em que havia treze pessoas. A casa em que morrera a mãe tinha o n° 13. Et cætera. Era um algarismo fatí-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXXXIV
 O conflicto

página 151 de 242

1287 dico. Não podia alegar semelhante cousa ao ministro; dir-lhe-ia
 que tinha razões particulares para não aceitar. Eu fiquei como há
 de estar o leitor, — um pouco assombrado com esse sacrifício a
 um número; mas, sendo ele ambicioso, o sacrifício devia ser sin-
 cero...

CAPÍTULO LXXXIV

O conflicto

1288 [1] **N**ÚMERO FATÍDICO, lembras-te que te abençoei muitas vezes? Assim
 1289 também as virgens ruivas de Tebas deviam abençoar a égua, de
 1290 ruiva crina, que as substituiu no sacrifício de Pelópidas, — uma
 1291 donosa égua, que lá morreu, coberta de flores, sem que ninguém
 1292 lhe desse nunca uma palavra de saudade. Pois dou-ta eu, égua
 1293 piedosa, não só pela morte havida, como porque, entre as donze-
 las escapas, não é impossível que figurasse uma avó dos Cubas. . .
 Número fatídico, tu foste a nossa salvação. Não me confessou o
 marido a causa da recusa; disse-me também que eram negócios
 particulares, e o rosto sério, convencido, com que eu o escutei,
 fez honra à dissimulação humana. Ele é que mal podia encobrir a
 tristeza profunda que o minava; falava pouco, absorvia-se, metia-
 se em casa, a ler. Outras vezes recebia, e então conversava e ria
 muito, com estrépito e affectação. Oprimiam-no duas cousas, —
 a ambição, que um escrúpulo desasara, e logo depois a dúvida,
 e talvez o arrependimento, — mas um arrependimento, que viria
 outra vez, se se repetisse a hipótese, porque o fundo supersticioso
 existia. Duvidava da superstição, sem chegar a rejeitá-la. Essa per-
 sistência de um sentimento, que repugna ao mesmo indivíduo, era
 um fenómeno digno de alguma atenção. Mas eu preferia a pura in-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXXXV
 O cimo da montanha

página 152 de 242

genuidade de Dona Plácida, quando confessava não poder ver um sapato voltado para o ar.

[2] — Que tem isso? perguntava-lhe eu.

[3] — Faz mal, era a sua resposta.

[4] Isto somente, esta única resposta, que valia para ela o livro dos sete selos. Faz mal. Disseram-lhe isso em criança, sem outra explicação, e ela contentava-se com a certeza do mal. Já não acontecia a mesma cousa quando se falava de apontar uma estrela com o dedo; aí sabia perfeitamente que era caso de crear uma verruga.

[5] Ou verruga ou outra cousa, que valia isso, para quem não perde uma presidência de província? Tolera-se uma superstição gratuita ou barata; é insuportável a que leva uma parte da vida. Este era o caso do Lobo Neves com o acréscimo da dúvida e do terror de haver sido ridículo. E mais este outro acréscimo, que o ministro não acreditou nos motivos particulares; atribuiu a recusa do Lobo Neves a manejos políticos, ilusão complicada de algumas aparências; tratou-o mal, comunicou a desconfiança aos colegas; sobrevieram incidentes; enfim, com o tempo, o presidente resignatário foi para a oposição.

CAPÍTULO LXXXV

O cimo da montanha

[1] **Q**UEM ESCAPA a um perigo ama a vida com outra intensidade. Entrei a amar Virgília com muito mais ardor, depois que estive a pique de a perder, e a mesma cousa lhe aconteceu a ela. Assim, a presidência não fez mais do que avivar a afeição primitiva; foi a droga com que tornamos mais saboroso o nosso amor, e mais prezado também. Nos primeiros dias, depois daquele incidente, folgávamos de imaginar a dor da separação, se houvesse separa-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXXXVI
 O mistério

página 153 de 242

ção, a tristeza de um e de outro, à proporção que o mar, como uma toalha elástica, se fosse dilatando entre nós; e, semelhantes às crianças, que se achegam ao regaço das mães, para fugir a uma simples careta, fugíamos do suposto perigo, apertando-nos com abraços.

[2] — Minha boa Virgília!

[3] — Meu amor!

[4] — Tu és minha, não?

[5] — Tua, tua. . .

[6]

E assim reatámos o fio da aventura, como a sultana Scheherazade o dos seus contos. Esse foi, cuido eu, o ponto máximo do nosso amor, o cimo da montanha, donde por algum tempo divisamos os vales de leste e de oeste, e por cima de nós o céu tranquilo e azul. Repousado esse tempo, começamos a descer a encosta, com as mãos presas ou soltas, mas a descer, a descer. . .

CAPÍTULO LXXXVI

O mistério

[1] **S**ERRA ABAIXO, como eu a visse um pouco diferente, não sei se abateda ou outra cousa, perguntei-lhe o que tinha; calou-se, fez um gesto de enfado, de mal estar, de fadiga; ateimei, ela disse-me que. . . Um fluido subtil percorreu todo o meu corpo: sensação forte, rápida, singular, que eu não chegarei jamais a fixar no papel. Travei-lhe das mãos, puxei-a levemente a mim, e beijei-a na testa, com uma delicadeza de zéfiro e uma gravidade de Abraão. Ela estremeceu, colheu-me a cabeça entre as palmas, fitou-me os olhos, depois afagou-me com um gesto maternal. . . Eis aí um mistério; deixemos ao leitor o tempo de decifrar este mistério.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

CAPÍTULO LXXXVII

Geologia

[1] **S**UCEDEU POR esse tempo um desastre: a morte do Viegas. O Viegas passou aí de relance,¹⁶ com os seus setenta anos, abafados de asma, desconjuntados de reumatismo, e uma lesão de coração por quebra. Foi um dos finos espreitadores da nossa aventura. Virgília nutria grandes esperanças em que esse velho parente, avaro como um sepulcro, lhe amparasse o futuro do filho, com algum legado; e, se o marido tinha eguais pensamentos, encobria-os ou estrangulava-os. Tudo se deve dizer: havia no Lobo Neves certa dignidade fundamental, uma camada de rocha, que resistia ao comércio dos homens. As outras, as camadas de cima, terra solta e arêa, levou-lhas a vida, que é um enxurro perpétuo. Se o leitor ainda se lembra do capítulo **xxiii**, observará que é agora a segunda vez que eu comparo a vida a um enxurro; mas também há de reparar que desta vez acrescento-lhe um adjectivo — perpétuo. E Deus sabe a força de um adjectivo, principalmente em países novos e cálidos.

[2] O que é novo neste livro é a geologia moral do Lobo Neves, e provavelmente a do cavalheiro, que me está lendo. Sim, essas camadas de carácter, que a vida altera, conserva ou dissolve, conforme a resistência delas, essas camadas mereciam um capítulo, que eu não escrevo, por não alongar a narração. Digo apenas que o homem mais probo que conheci em minha vida foi um certo Jacob Medeiros ou Jacob Valadares, não me recorda bem o nome. Talvez fosse Jacob Rodrigues; em suma, Jacob. Era a probidade em pessoa; podia ser rico, violentando um pequenino escrúpulo, e não quis; deixou ir pelas mãos fora nada menos de uns quatrocentos contos; tinha a probidade tão exemplar, que chegava a ser





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXXXVIII
 O enfermo

página 155 de 242

miúda e cansativa. Um dia, como nos achássemos, a sós, em casa dele, em boa palestra, vieram dizer que o procurava o Doutor B., um sujeito enfadonho. Jacob mandou dizer que não estava em casa.

[3] — Não pega, bradou uma voz do corredor; cá estou de dentro.

[4] E, com efeito, era o Doutor B., que apareceu logo à porta da sala. O Jacob foi recebê-lo, afirmando que cuidava ser outra pessoa, e não ele, e acrescentando que tinha muito prazer com a visita, o que nos rendeu hora e meia de enfado mortal, e isto mesmo, porque o Jacob tirou o relógio; o Doutor B. perguntou-lhe então se ia sair.

[5] — Com minha mulher, disse o Jacob.

[6] Retirou-se o Doutor B. e respiramos. Uma vez respirados, disse eu ao Jacob que ele acabava de mentir quatro vezes, em menos de duas horas: a primeira, negando-se; a segunda, alegrando-se com a presença do importuno; a terceira, dizendo que ia sair; a quarta, acrescentando que com a mulher. Jacob reflectiu um instante, depois confessou a justeza da minha observação, mas desculpou-se dizendo que a veracidade absoluta era incompatível com um estado social adiantado, e que a paz das cidades só se podia obter à custa de embaçadelas recíprocas... Ah! lembra-me agora: chamava-se Jacob Tavares.

CAPÍTULO LXXXVIII

O enfermo

[1] **N**ÃO É preciso dizer que refutei tão perniciosa doutrina, com os mais elementares argumentos; mas ele estava tão vexado do meu reparo, que resistiu até o fim, mostrando certo calor fictício, talvez para atordoar a consciência.



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXXXVIII

O enfermo

página 156 de 242

1327 [2] O caso de Virgília tinha alguma gravidade mais. Ela era menos
 escrupulosa que o marido: manifestava claramente as esperanças
 que trazia no legado, cumulava o parente de todas as cortesias,
 atenções e afagos que poderiam render, pelo menos, um codicilo.
 1328 Propriamente, adulava-o; mas eu observei que a adulação das mu-
 lheres não é a mesma cousa que a dos homens. Esta orça pela
 servilidade; a outra confunde-se com a afeição. As formas graci-
 osamente curvas, a palavra doce, a mesma fraqueza física dão à
 acção lisonjeira da mulher, uma cor local, um aspecto legítimo.
 1329 Não importa a idade do adulado; a mulher há de ter sempre para
 ele uns ares de mãe ou de irmã, — ou ainda de enfermeira, outro
 ofício feminino, em que o mais hábil dos homens carecerá sempre
 de um *quid*, um fluido, alguma cousa.

1330 [3] Era o que eu pensava comigo, quando Virgília se desfazia toda
 em afagos ao velho parente. Ela ia recebê-lo à porta, falando e
 rindo, tirava-lhe o chapéu e a bengala, dava-lhe o braço e levava-o
 a uma cadeira, ou até à cadeira, porque havia lá na casa a «cadeira
 do Viegas», obra especial, conchegada, feita para gente enferma
 ou anciã. Ia fechar a janela próxima, se havia alguma brisa, ou
 abri-la, se estava calor, mas com cuidado, combinando de modo
 que lhe não desse um golpe de ar.

1332 [4] — Então? hoje está mais fortezinho. . .

1333 [5] — Qual! Passei mal a noite; o diabo da asma não me deixa.

1334 [6] E bufava o homem, repousando a pouco e pouco do cansaço da
 entrada e da subida, não do caminho, porque ia sempre de sege.
 Ao lado, um pouco mais para a frente, sentava-se Virgília, numa
 banquinha, com as mãos nos joelhos do enfermo. Entretanto, o
 nhonhô chegava à sala, sem os pulos do costume, mas discreto,
 meigo, sério. Viegas gostava muito dele.

1335 [7] — Vem cá, nhonhô, dizia-lhe; e a custo introduzia a mão na
 ampla algibeira, tirava uma caixinha de pastilhas, metia uma na
 boca e dava outra ao pequeno. Pastilhas anti-asmáticas. O pe-
 queno dizia que eram muito boas.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

[8]

Repetia-se isto, com variantes. Como o Viegas gostasse de jogar damas, Virgília cumpria-lhe o desejo, aturando-o por largo tempo, a mover as pedras com a mão frouxa e tarda. Outras vezes, desciam a passear na chácara, dando-lhe ela o braço, que ele nem sempre aceitava, por dizer-se rijo e capaz de andar uma légua. Iam, sentavam-se, tornavam a ir, a falar de cousas várias, ora de um negócio de família, ora de uma bisbilhotice de sala, ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de feitio moderno, porque a dele era das antigas, contemporânea de el-rei Dom João VI, à maneira de algumas que ainda hoje (creio eu) se podem ver no bairro de São Cristóvão, com as suas grossas colunas na frente. Parecia-lhe que o casarão em que morava podia ser substituído, e já tinha encomendado o risco a um pedreiro de fama. Ah! então sim, então é que Virgília chegaria a ver o que era um velho de gosto.

[9]

Falava, como se pode supor, lentamente e a custo, intervalado de uma arfagem incômoda para ele e para os outros. De quando em quando, vinha um acesso de tosse; curvo, gemendo, levava o lenço à boca, e investigava-o; passado o acesso, tornava ao plano da casa, que devia ter tais e tais quartos, um terraço, cocheira, um primor.

CAPÍTULO LXXXIX

In extremis

[1] — **A** MANHÃ VOU passar o dia em casa do Viegas, disse-me ela uma vez. Coitado! não tem ninguém. . .

[2]

Viegas caíra na cama, definitivamente; a filha, casada, adoeecera justamente agora, e não podia fazer-lhe companhia. Virgília ia lá de quando em quando. Eu aproveitei a circunstância para pas-





MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO LXXXIX

In extremis

página 158 de 242

1344 sar todo aquele dia ao pé dela. Eram duas horas da tarde quando
cheguei. Viegas tossia com tal força que me fazia arder o peito;
1345 no intervalo dos acessos debatia o preço de uma casa, com um
sujeito magro. O sujeito oferecia trinta contos, o Viegas exigia qua-
renta. O comprador instava como quem receia perder o trem da
estrada de ferro, mas Viegas não cedia; recusou primeiramente os
1346 trinta contos, depois mais dous, depois mais três, enfim teve um
forte acesso, que lhe tolheu a fala durante quinze minutos. O com-
prador acarinhou-o muito, arranjou-lhe os travesseiros, ofereceu-
1347 lhe trinta e seis contos.

[3] — Nunca! gemeu o enfermo.

[4] Mandou buscar um maço de papéis à escrivaninha; não tendo
forças para tirar a fita de borracha que prendia os papéis, pediu-
me que os deslaçasse: fi-lo. Eram as contas das despesas com a
construcção da casa: contas de pedreiro, de carpinteiro, de pintor;
1348 contas do papel da sala de visitas, da sala de jantar, das alcovas,
dos gabinetes; contas das ferragens; custo do terreno. Ele abria-as,
uma por uma, com a mão trêmula, e pedia-me que as lesse, e eu
lia-as.

[5] — Veja; mil e duzentos, papel de mil e duzentos a peça. Do-
bradiças francesas. . . Veja, e de graça, concluiu ele depois de lida
a última conta.

[6] — Pois bem. . . mas. . .

[7] — Quarenta contos; não lhe dou por menos. Só os juros. . .
faça a conta dos juros. . .

[8] Vinham tossidas estas palavras, às golfadas, às sílabas, como
se fossem migalhas de um pulmão desfeito. Nas órbitas fundas
rolavam os olhos lampejantes, que me faziam lembrar a lampari-
na da madrugada. Sob o lençol desenhava-se a estrutura óssea
do corpo, pontudo em dous logares, nos joelhos e nos pés; a pele
1353 amarelada, bamba, rugosa, revestia apenas a caveira de um rosto
sem expressão; uma carapuça de algodão branco cobria-lhe o crâ-
neo rapado pelo tempo.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XC
 O velho colóquio de
 Adão e Caim

página 159 de 242

1354

[9] — Então? disse o sujeito magro.

1355

[10] Fiz-lhe sinal para que não insistisse, e ele calou-se por alguns instantes. O doente ficou a olhar para o tecto, calado, a arfar muito: Virgília empalideceu, levantou-se, foi até a janela. Suspeitara a morte e tinha medo. Eu procurei falar de outras cousas. O sujeito magro contou uma anedocta, e tornou a tratar da casa, alteando a proposta.

1356

[11] — Trinta e oito contos, disse ele.

1357

[12] — Am?... gemeu o enfermo.

1358

[13] O sujeito magro aproximou-se da cama, pegou-lhe na mão, e sentiu-a fria. Eu acheguei-me ao doente, perguntei-lhe se sentia alguma cousa, se queria tomar um cálice de vinho.

1359

[14] — Não... não... quar... quaren... quar... quar...

1360

[15] Teve um acesso de tosse, e foi o último; daí a pouco expirava ele, com grande consternação do sujeito magro, que me confessou depois a disposição em que estava de oferecer os quarenta contos; mas era tarde.

CAPÍTULO XC

O velho colóquio de Adão e Caim

1361

1362

[1] **N**ADA. NENHUMA lembrança testamentária, uma pastilha que fosse, com que do todo em todo não parecesse ingrato ou esquecido. Nada. Virgília tragou raivosa esse malogro, e disse-mo com certa cautela, não pela cousa em si, senão porque entendia com o filho, de quem sabia que eu não gostava muito, nem pouco. Insinuei-lhe que não devia pensar mais em semelhante negócio. O melhor de tudo era esquecer o defuncto, um lorpa, um cainho sem nome, e tratar de cousas alegres; o nosso filho por exemplo. . .

1363

1364

[2] Lá me escapou a decifração do mistério, esse doce mistério de



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XC
 O velho colóquio de
 Adão e Caim

página 160 de 242

algumas semanas antes, quando Virgília me pareceu um pouco diferente do que era.¹⁷ Um filho! Um ser tirado do meu ser! Esta era a minha preocupação exclusiva daquele tempo. Olhos do mundo, zelos do marido, morte do Viegas, nada me interessava por então, nem conflitos políticos, nem revoluções, nem terremotos, nem nada. Eu só pensava naquele embrião anônimo, de obscura paternidade, e uma voz secreta me dizia: é teu filho. Meu filho! E repetia estas duas palavras, com certa voluptuosidade indefinível, e não sei que assomos de orgulho. Sentia-me homem.

[3]

O melhor é que conversávamos os dous, o embrião e eu, falávamos de cousas presentes e futuras. O maroto amava-me, era um pelintra gracioso, dava-me pancadinhas na cara com as mãozinhas gordas, ou então traçava a beca de bacharel, porque ele havia de ser bacharel, e fazia um discurso na câmara dos Deputados. E o pai a ouvi-lo de uma tribuna, com os olhos rasos de lágrimas. De bacharel passava outra vez à escola, pequenino, lousa e livros debaixo do braço, ou então caía no berço para tornar a erguer-se homem. Em vão buscava fixar no espírito uma idade, uma atitude: esse embrião tinha a meus olhos todos os tamanhos e gestos: ele mamava, ele escrevia, ele valsava, ele era o interminável nos limites de um quarto de hora, — *baby* e deputado, colegial e pintalegrete. Às vezes, ao pé de Virgília, esquecia-me dela e de tudo; Virgília sacudia-me, reprochava-me o silêncio; dizia que eu já lhe não queria nada. A verdade é que estava em diálogo com o embrião; era o velho colóquio de Adão e Caim, uma conversa sem palavras entre a vida e a vida, o mistério e o mistério.



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XCI
 Uma carta
 extraordinária

página 161 de 242

CAPÍTULO XCI

Uma carta extraordinária

[1] POR ESSE tempo recebi uma carta extraordinária, acompanhada de um objeto não menos extraordinário. Eis o que a carta dizia:

Meu caro Brás Cubas,

Há tempos, no Passeio Público, tomei-lhe de empréstimo um relógio. Tenho a satisfação de restituir-lho com esta carta. A diferença é que não é o mesmo, porém outro, não digo superior, mas igual ao primeiro. *Que voulez-vous, monseigneur*, — como dizia Fígaro, — *c'est la misère*. Muitas cousas se deram depois do nosso encontro; irei contá-las pelo miúdo, se me não fechar a porta. Saiba que já não trago aquelas botas caducas, nem envergo uma famosa sobrecasaca cujas abas se perdiam na noite dos tempos. Cedi o meu degrau da escada de São Francisco; finalmente, almoço.

Dito isto, peço licença para ir um dia destes expor-lhe um trabalho, fructo de longo estudo, um novo sistema de filosofia, que não só explica e descreve a origem e a consumação das cousas, como faz dar um grande passo adiante de Zenon e Sêneca, cujo stoicismo era um verdadeiro brinco de crianças ao pé da minha receita moral. E singularmente espantoso este meu sistema; retifica o espírito humano, suprime a dor, assegura a felicidade, e enche de imensa glória o nosso país. Chamo-lhe Humanitismo, de *Humanitas*, princípio das cousas. Minha primeira idéa revelava uma grande ênfatuação; era chamar-lhe borbismo, de



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XCII
 Um homem
 extraordinário

página 162 de 242

Borba; denominação vaidosa, além de rude e molesta. E com certeza exprimia menos. Verá, meu caro Brás Cubas, verá que é deveras um monumento; e se alguma cousa há que possa fazer-me esquecer as amarguras da vida, é o gosto de haver enfim apanhado a verdade e a felicidade. Ei-las na minha mão, essas duas esquivas; após tantos séculos de lutas, pesquisas, descobertas, sistemas e quedas, ei-las nas mãos do homem. Até breve, meu caro Brás Cubas. Saudades do

Velho amigo

JOAQUIM BORBA DOS SANTOS.

[2]

Li esta carta sem entendê-la. Vinha com ela uma boceta contendo um bonito relógio com as minhas iniciais gravadas, e esta frase: *Lembrança do velho Quincas*. Voltei à carta, reli-a com pausa, com atenção. A restituição do relógio excluía toda a idéa de burla; a lucidez, a serenidade, a convicção, — um pouco jactanciosa, é certo, — pareciam excluir a suspeita de insensatez. Naturalmente o Quincas Borba herdara de algum dos seus parentes de Minas, e a abastança devolvera-lhe a primitiva dignidade. Não digo tanto; há cousas que se não podem reaver integralmente; mas enfim a regeneração não era impossível. Guardei a carta e o relógio, e esperei a filosofia.

CAPÍTULO XCII

Um homem extraordinário

[1]

JÁ AGORA acabo com as cousas extraordinárias. Vinha de guardar a carta e o relógio, quando me procurou um homem magro e meão, com um bilhete do Cotrim, convidando-me para jantar. O portador era casado com uma irmã do Cotrim, chegara poucos



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

1387 dias antes do Norte, chamava-se Damasceno, e fizera a revolução
de 1831. Foi ele mesmo que me disse isto, no espaço de cinco mi-
nutos. Saíra do Rio de Janeiro, por desacordo com o Regente, que
era um asno, pouco menos asno do que os ministros que serviram
com ele. De resto, a revolução estava outra vez às portas. Neste
1388 ponto, conquanto trouxesse as idéas políticas um pouco baralha-
das, consegui organizar e formular o governo de suas preferências:
era um despotismo temperado, — não por cantigas, como dizem
alhores, — mas por penachos da guarda nacional. Só não pude
1389 alcançar se ele queria o despotismo de um, de três, de trinta ou de
trezentos. Opinava por várias cousas, entre outras, o desenvolvi-
mento do tráfico dos africanos e a expulsão dos ingleses. Gostava
muito de teatro; logo que chegou foi ao teatro de São Pedro, onde
viu um drama soberbo, a *Maria Joana*, e uma comédia muito in-
1390 teressante, *Kettly, ou a volta à Suíça*. Também gostara muito da
Deperini, na *Safo*, ou na *Ana Bolena*, não se lembrava bem. Mas
a Candiani! sim, senhor, era papa-fina. Agora queria ouvir o *Er-
nani*, que a filha dele cantava em casa, ao piano: *Ernani, Ernani,
involami*. . . — E dizia isto levantando-se e cantarolando a meia
1391 voz. — No Norte essas cousas chegavam como um eco. A filha
morria por ouvir todas as óperas. Tinha uma voz muito mimosa
a filha. E gosto, muito gosto. Ah! ele estava ansioso por voltar ao
Rio de Janeiro. Já havia corrido a cidade toda, com umas sau-
1392 dades. . . Palavra! em alguns logares teve vontade de chorar. Mas
não embarcaria mais. Enjoara muito a bordo, como todos os ou-
tros passageiros, excepto um inglês. . . Que os levasse o diabo os
ingleses! Isto não ficava direito sem irem todos eles barra fora.
1393 Que é que a Inglaterra podia fazer-nos? Se ele encontrasse algu-
mas pessoas de boa vontade, era obra de uma noite a expulsão
dos tais *godemes*. . . Graças a Deus, tinha patriotismo, — e batia
no peito, — o que não admirava porque era de família; descendia
de um antigo capitão-mor muito patriota. Sim, não era nenhum



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO XCII

Um homem
extraordinário

página 163 de 242

PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS





MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO XCIII

O jantar

página 164 de 242

pé-rapado. Viesse a ocasião, e ele havia de mostrar de que pau era a canoa. . . Mas fazia-se tarde, ia dizer que eu não faltaria ao jantar, e lá me esperava para maior palestra. — Levei-o até à porta da sala; ele parou dizendo que simpatizava muito comigo. Quando casara, estava eu na Europa. Conheceu meu pai, um homem às direitas, com quem dançara num célebre baile da Praia Grande. . . Coisas! coisas! Falaria depois, fazia-se tarde, tinha de ir levar a resposta ao Cotrim. Saiu; fechei-lhe a porta. . .

CAPÍTULO XCIII

O jantar

[1] **Q**UE suplício que foi o jantar! Felizmente, Sabina fez-me sentar ao pé da filha do Damasceno, uma Dona Eulália, ou mais familiarmente Nhã-loló, moça bem graciosa, um tanto acanhada a princípio, mas só a princípio. Faltava-lhe elegância, mas compensava-a com os olhos, que eram soberbos e só tinham o defeito de se não arrancarem de mim, excepto quando desciam ao prato; mas Nhã-loló comia tão pouco, que quase não olhava para o prato. De noite cantou; a voz era como dizia o pai, « muito mimosa ». Não obstante, esquivei-me. Sabina veio até à porta, e perguntou-me que tal achara a filha do Damasceno.

[2] — Assim, assim.

[3] — Muito simpática, não é? acudiu ela; falta-lhe um pouco mais de corte. Mas que coração! é uma pérola. Bem boa noiva para você.

[4] — Não gosto de pérolas.

[5] — Casmurro! Para quando é que você se guarda? para quando estiver a cair de maduro, já sei. Pois, meu rico, quer você queira quer não, há de casar com Nhã-loló.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO XCIV
 A causa secreta

página 165 de 242

[6]

E dizia isto a bater-me na face com os dedos, meiga como uma pomba, e ao mesmo tempo intimativa e resoluto. Santo Deus! seria esse o motivo da reconciliação? Fiquei um pouco desconsolado com a idéia, mas uma voz misteriosa chamava-me à casa do Lobo Neves; disse adeus a Sabina e às suas ameaças.

CAPÍTULO XCIV

A causa secreta

[1] — **C**OMO ESTÁ a minha querida mamãe?

[2] A esta palavra, Virgília amou-se, como sempre. Estava ao canto de uma janela, sozinha, a olhar para a lua, e recebeu-me alegremente; mas quando lhe falei no nosso filho amou-se. Não gostava de semelhante alusão, aborreciam-lhe as minhas antecipadas carícias paternais. Eu, para quem ela era já uma pessoa sagrada, uma âmbula divina, deixava-a estar quieta. Supus a princípio que o embrião, esse perfil do incógnito, projectando-se na nossa aventura, lhe restituíra a consciência do mal. Enganava-me. Nunca Virgília me parecera mais expansiva, mais sem reservas, menos preocupada dos outros e do marido. Não eram remorsos. Imaginei também que a concepção seria um puro invento, um modo de prender-me a ela, recurso sem longa eficácia, que talvez começava de oprimi-la. Não era absurda esta hipótese; a minha doce Virgília mentia às vezes, com tanta graça!

[3] Naquela noite descobri a causa verdadeira. Era medo do parto e vexame da gravidez. Padecera muito quando lhe nasceu o primeiro filho; e essa hora, feita de minutos de vida e minutos de morte, dava-lhe já imaginariamente os calafrios do patíbulo. Quanto ao vexame, complicava-se ainda da forçada privação de certos hábitos da vida elegante. Com certeza, era isso mesmo; dei-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

lho a entender, repreendendo-a, um pouco em nome dos meus direitos de pai. Virgília fitou-me; em seguida desviou os olhos e sorriu de um jeito incrédulo.

CAPÍTULO XCV

Flores de antanho

[1] ONDE ESTÃO elas, as flores de antanho? Uma tarde, após algumas semanas de gestação, esboroou-se todo o edifício das minhas quimeras paternais. Foi-se o embrião, naquele ponto em que se não distingue Laplace de uma tartaruga. Tive a notícia por boca do Lobo Neves, que me deixou na sala, e acompanhou o médico à alcova da frustrada mãe. Eu encostei-me à janela, a olhar para a chácara, onde verdejavam as laranjeiras sem flores. Onde iam elas as flores de antanho?

CAPÍTULO XCVI

A carta anônima

[1] SENTI tocar-me no ombro; era o Lobo Neves. Encaramo-nos alguns instantes, mudos, inconsoláveis. Indaguei de Virgília, depois ficamos a conversar uma meia hora. No fim desse tempo, vieram trazer-lhe uma carta; ele leu-a, empalideceu muito, e fechou-a com a mão trêmula. Creio que lhe vi fazer um gesto, como se quisesse atirar-se sobre mim; mas não me lembra bem. O que me lembra claramente é que durante os dias seguintes recebeu-me frio e taciturno. Enfim Virgília contou-me tudo, daí a dias na Gamboa.

[2] O marido mostrou-lhe a carta, logo que ela se restabeleceu.





MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO XCVI

A carta anônima

página 167 de 242

Era anônima e denunciava-nos. Não dizia tudo; não falava, por exemplo, das nossas entrevistas externas; limitava-se a precavê-lo contra a minha intimidade, e acrescentava que a suspeita era pública. Virgília leu a carta e disse com indignação que era uma calúnia infame.

[3] — Calúnia? perguntou Lobo Neves.

[4] — Infame.

[5] O marido respirou; mas, tornando à carta, parece que cada palavra dela lhe fazia com o dedo um sinal negativo, cada letra bradava contra a indignação da mulher. Esse homem, aliás intrépido, era agora a mais frágil das criaturas. Talvez a imaginação lhe mostrou, ao longe, o famoso olho da opinião a fitá-lo sarcasticamente, com um ar de pulha; talvez uma boca invisível lhe repetiu ao ouvido as chufas que ele escutara ou dissera outrora. Instou com a mulher que lhe confessasse tudo, porque tudo lhe perdoaria. Virgília compreendeu que estava salva; mostrou-se irritada com a insistência, jurou que da minha parte só ouvira palavras de gracejo e cortesia. A carta havia de ser de algum namorado sem ventura. E citou alguns, — um que a galanteara francamente, durante algumas semanas, outro que lhe escrevera uma carta, e ainda outros e outros. Citava-os pelo nome, com circunstâncias, estudando os olhos do marido, e concluiu dizendo que, para não dar margem à calúnia, tratar-me-ia de maneira que eu não voltaria lá.

[6] Ouvi tudo isto um pouco turbado, não pelo acréscimo de dissimulação que era preciso empregar de ora em diante, até afastar-me inteiramente da casa do Lobo Neves, mas pela tranquilidade moral de Virgília, pela falta de comoção, de susto, de saudades, e até de remorsos. Virgília notou a minha preocupação, levantou-me a cabeça, porque eu olhava então para o soalho, e disse-me com certa amargura:

[7] — Você não merece os sacrifícios que lhe faço.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

[8]

Não lhe disse nada; era ocioso ponderar-lhe que um pouco de desespero e terror daria à nossa situação o sabor cáustico dos primeiros dias; mas se lho dissesse, não é impossível que ela chegasse lenta e artificialmente até esse pouco de desespero e terror. Não lhe disse nada. Ela batia nervosamente com a ponta do pé no chão; aproximei-me e beijei-a na testa. Virgília recuou, como se fosse um beijo de defuncto.

CAPÍTULO XCVII

Entre a boca e a testa

[1]

SINTO QUE o leitor estremeceu, — ou devia estremeecer. Naturalmente a última palavra sugeriu-lhe três ou quatro reflexões. Veja bem o quadro: numa casinha da Gamboa, duas pessoas que se amam há muito tempo, uma inclinada para a outra, a dar-lhe um beijo na testa, e a outra a recuar, como se sentisse o contato de uma boca de cadáver. Há aí, no breve intervalo, entre a boca e a testa, antes do beijo e depois do beijo, há aí largo espaço para muita cousa, — a contracção de um ressentimento, — a ruga da desconfiança — ou enfim o nariz pálido e sonolento da saciedade...

CAPÍTULO XCVIII

Suprimido

[1]

SEPARAMO-NOS alegremente. Jantei reconciliado com a situação. A carta anônima restituía à nossa aventura o sal do mistério e a pimenta do perigo; e afinal foi bem bom que Virgília não per-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*CAPÍTULO XCVIII
Suprimido

página 169 de 242

desse naquela crise a posse de si mesma. De noite fui ao teatro de São Pedro; representava-se uma grande peça, em que a Estela arancava lágrimas. Entro; corro os olhos pelos camarotes; vejo em um deles Damasceno e a família. Trajava a filha com outra elegância e certo apuro, cousa difícil de explicar, porque o pai ganhava apenas o necessário para endividar-se; e daí, talvez fosse por isso mesmo.

[2] No intervalo fui visitá-los. O Damasceno recebeu-me com muitas palavras, a mulher com muitos sorrisos. Quanto a Nhã-loló, não tirou mais os olhos de mim. Parecia-me agora mais bonita que no dia do jantar. Achei-lhe certa suavidade etérea casada ao polido das formas terrenas: — expressão vaga, e condigna de um capítulo em que tudo há de ser vago. Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, trajando garridamente um vestido fino, um vestido que me dava cócegas de Tartufo. Ao contemplá-lo, cobrindo casta e redondamente o joelho, foi que eu fiz uma descoberta subtil, a saber, que a natureza previu a vestidura humana, condição necessária ao desenvolvimento da nossa espécie. A nudez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a retardar os sexos, ao passo que o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, activa-as, reprodu-las, e consequentemente faz andar a civilização. Abençoado uso que nos deu *Otelo* e os paquetes transatlânticos!

[3] Estou com vontade de suprimir este capítulo. O declive é perigoso. Mas enfim eu escrevo as minhas memórias e não as tuas, leitor pacato. Ao pé da graciosa donzela, parecia-me tomado de uma sensação dupla e indefinível. Ela exprimia inteiramente a dualidade de Pascal, *l'ange et la bête*, com a diferença que o jansenista não admitia a simultaneidade das duas naturezas, ao passo que elas aí estavam bem juntinhas, — *l'ange*, que dizia algumas cousas do céu, — e *la bête*, que... Não; decididamente suprimo este capítulo.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO XCIX

Na platéa

página 170 de 242

CAPÍTULO XCIX

Na platéa

1441
1442 [1] **N**A PLATÉA achei Lobo Neves, de conversa com alguns amigos; fala-
mos por alto, a frio, constrangidos um e outro. Mas no intervalo
1443 seguinte, prestes a levantar o pano, encontramos num dos cor-
redores, em que não havia ninguém. Ele veio a mim, com muita
afabilidade e riso, puxou-me a um dos óculos do teatro, e falamos
muito, principalmente ele, que parecia o mais tranquilo dos ho-
mens. Cheguei a perguntar-lhe pela mulher; respondeu que estava
boa, mas torceu logo a conversação para assuntos gerais, expan-
sivo, quase risonho. Adivinhe quem quizer a causa da diferença;
eu fujo ao Damasceno que me espreita ali da porta do camarote.

1444 [2] Não ouvi nada do seguinte acto, nem as palavras dos acto-
res, nem as palmas do público. Reclinado na cadeira, apanhava
de memória os retalhos da conversação do Lobo Neves, refazia as
maneiras dele, e concluía que era muito melhor a nova situação.
1445 Bastava-nos a Gamboa. A frequência da outra casa aguçaria as
invejas. Rigorosamente podíamos dispensar-nos de falar todos os
dias; era até melhor, metia a saudade de permeio nos amores. Ao
demais, eu galgara os quarenta anos, e não era nada, nem simples
eleitor de paróquia. Urgia fazer alguma cousa, ainda por amor de
1446 Virgília, que havia de ufanar-se quando visse luzir o meu nome. . .
Creio que nessa ocasião houve grandes aplausos, mas não juro; eu
pensava em outra cousa.

1447 [3] Multidão, cujo amor cobicei até a morte, era assim que eu me
vingava às vezes de ti; deixava borborinhar em volta do meu corpo
a gente humana, sem a ouvir, como o Prometeu de Ésquilo fazia
aos seus verdugos. Ah! tu cuidavas encadear-me ao rochedo da
1448 tua frivolidade, da tua indiferença, ou da tua agitação? Frágeis ca-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

deias, amiga minha; eu rompia-as de um gesto de Gulliver. Vulgar cousa é ir considerar no ermo. O voluptuoso, o esquisito, é insular-se o homem no meio de um mar de gestos e palavras, de nervos e paixões, decretar-se alheiado, inacessível, ausente. O mais que podem dizer, quando ele torna a si, — isto é, quando torna aos outros, — é que baixa do mundo da lua; mas o mundo da lua, esse desvão luminoso e recatado do cérebro, que outra cousa é senão a afirmação desdenhosa da nossa liberdade espiritual? Vive Deus! eis um bom fecho de capítulo.

CAPÍTULO C

O caso provável

[1] **S** E ESSE mundo não fosse uma região de espíritos desatentos, era escusado lembrar ao leitor que eu só afirmo certas leis, quando as possuo deveras; em relação a outras restrinjo-me à admissão da probabilidade. Um exemplo da segunda classe constitui o presente capítulo, cuja leitura recomendo a todas as pessoas que amam o estudo dos fenômenos sociais. Segundo parece, e não é improvável, existe entre os fatos da vida pública e os da vida particular uma certa acção recíproca, regular, e talvez periódica, — ou, para usar de uma imagem, há alguma cousa semelhante às marés da praia do Flamengo e de outras igualmente marulhosas. Com efeito, quando a onda investe a praia, alaga-a muitos palmos a dentro; mas esta mesma água tornar ao mar, com variável força, e vai engrossar a onda que há de vir, e que terá de tornar como a primeira. Esta é a imagem; vejamos a aplicação.

[2] Deixei dito noutra página que o Lobo Neves, nomeado presidente da província, recusou a nomeação por motivo da data do decreto, que era 13;¹⁸ ato grave, cuja consequência foi separar



do ministério o marido da Virgília. Assim, o facto particular da ojeriza de um número produziu o fenómeno da dissidência política. Resta ver como, tempos depois, um acto político determinou na vida particular uma cessação de movimento. Não convindo ao método deste livro descrever imediatamente esse outro fenómeno, limito-me a dizer por ora que o Lobo Neves, quatro meses depois de nosso encontro no teatro, reconciliou-se com o ministério; facto que o leitor não deve perder de vista, se quiser penetrar a subtilidade do meu pensamento.

CAPÍTULO CI

A revolução dalmata

[1] FOI VIRGÍLIA quem me deu notícia da vira-volta política do marido, certa manhã de outubro, entre onze e meio dia; falou-me de reuniões, de conversas, de um discurso...

[2] — De maneira que desta vez fica você baronesa, interrompi eu.

[3] Ela derreou os cantos da boca, e moveu a cabeça a um e outro lado; mas esse gesto de indiferença era desmentido por alguma cousa menos definível, menos clara, uma expressão de gosto e de esperança. E não sei por que, imaginei que a carta imperial da nomeação podia atraí-la à virtude, não digo pela virtude em si mesma, mas por gratidão ao marido. Que ela amava cordialmente a nobreza. Um dos maiores desgostos de nossa vida foi o aparecimento de certo pelintra de legação, — da legação da Dalmácia, suponhamos, — o conde B. V., que a namorou durante três meses. Esse homem, vero fidalgo de raça, transtornara um pouco a cabeça de Virgília, que, além do mais, possuía a vocação diplomática. Não chego a alcançar o que seria de mim, se não rebentasse na Dalmácia uma revolução, que derrocou o governo e purificou



1463 as embaixadas. Foi sangrenta revolução, dolorosa, formidável; os
jornais, a cada navio que chegava da Europa, transcreviam os hor-
rores, mediam o sangue, contavam as cabeças; toda a gente fremia
de indignação e piedade. . . Eu não; eu abençoava interiormente
essa tragédia, que me tirara uma pedrinha do sapato. E depois a
Dalmácia era tão longe!

1464 CAPÍTULO CII

De repouso

- 1465 [1] **M**AS ESTE mesmo homem, que se alegrou com a partida do outro,
praticou daí a tempos. . . Não, não hei de contá-lo nesta página;
fique esse capítulo para repouso do meu vexame. Uma ação gros-
seira, baixa, sem explicação possível. . . Repito, não contarei o caso
nesta página.

1466 CAPÍTULO CIII

Distração

- 1467 [1] — **N**ÃO, SENHOR doutor, isto não se faz. Perdoe-me, isto não se faz.
- 1468 [2] Tinha razão Dona Plácida. Nenhum cavaleiro chega uma hora
mais tarde ao lugar em que o espera a sua dama. Entrei esbafo-
rido; Virgília tinha ido embora. Dona Plácida contou-me que ela
esperara muito, que se irritara, que chorara, que jurara votar-me
1469 ao desprezo, e outras mais cousas que a nossa caseira dizia com lá-
grimas na voz, pedindo-me que não desamparasse Iaiá, que era ser
muito injusto com uma moça que me sacrificara tudo. Expliquei-
lhe então que um equívoco. . . E não era; cuido que foi simples dis-





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CIII
 Distração

página 174 de 242

tração. Um dito, uma conversa, uma aneddota, qualquer cousa; simples distração.

[3] Coitada de Dona Plácida! Estava aflicta deveras. Andava de um lado para outro, abanando a cabeça, suspirando com estrepito, espiando pela rótula. Coitada de Dona Plácida! Com que arte conchegava as roupas, bafejava as faces, acalentava as manhas do nosso amor! que imaginação fértil em tornar as horas mais aprazíveis e breves! Flores, doces, — os bons doces de outros dias, — e muito riso, muito afago, riso e afago que cresciam com o tempo, como se ela quisesse fixar a nossa aventura; ou restituir-lhe a primeira flor. Nada esquecia a nossa confidente e caseira; nada, nem a mentira, porque a um e outro referia suspiros e saudades que não presenciara; nada, nem a calúnia, porque uma vez chegou a atribuir-me uma paixão nova. — Você sabe que não posso gostar de outra mulher, foi a minha resposta, quando Virgília me falou em semelhante cousa. E esta só palavra, sem nenhum protesto ou admoestação, dissipou o aleive de Dona Plácida, que ficou triste.

[4] — Está bem, disse-lhe eu, depois de um quarto de hora; Virgília há-de reconhecer que não tive culpa nenhuma. . . Quer você levar-lhe uma carta agora mesmo?

[5] — Ela há-de estar bem triste, coitadinha! Olhe, eu não desejo a morte de ninguém; mas, se o senhor doutor algum dia chegar a casar com Iaiá, então sim, é que há-de ver o anjo que ela é!

[6] Lembra-me que desviei o rosto e baixei os olhos ao chão. Recomendando este gesto às pessoas que não tiverem uma palavra pronta para responder, ou ainda as que recearem encarar a pupila de outros olhos. Em tais casos, alguns preferem recitar uma oitava dos *Lusíadas*, outros adoptam o recurso de assobiar a *Norma*; eu atendo-me ao gesto indicado; é mais simples, exige menos esforço.

[7] Três dias depois, estava tudo explicado. Suponho que Virgília ficou um pouco admirada, quando lhe pedi desculpa das lágrimas que derramara naquela triste ocasião. Nem me lembra se interiormente as atribuí a Dona Plácida. Com efeito, podia acontecer



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CIII
 Distração

página 175 de 242

1479 que Dona Plácida chorasse, ao vê-la desapontada, e, por um fenô-
 meno da visão, as lágrimas que tinha nos próprios olhos lhe pa-
 recessem cair dos olhos de Virgília. Fosse como fosse, tudo estava
 explicado, mas não perdoado, e menos ainda esquecido. Virgília
 dizia-me uma porção de cousas duras, ameaçava-me com a sepa-
 1480 ração, enfim louvava o marido. Esse sim, era um homem digno,
 muito superior a mim, delicado, um primor de cortesia e afeição;
 é o que ela dizia, enquanto eu, sentado, com os braços fincados
 nos joelhos, olhava para o chão, onde uma mosca arrastava uma
 formiga que lhe mordida o pé. Pobre mosca! pobre formiga!

1481 [8] — Mas você não diz nada, nada? perguntou Virgília, parando
 deante de mim.

1482 [9] — Que hei-de dizer? Já expliquei tudo; você teima em zangar-
 se; que hei-de dizer? Sabe o que me parece? Parece-me que você
 está enfasiada, que se aborrece, que quer acabar. . .

1483 [10] — Justamente!

1484 [11] Foi dali pôr o chapéu, com a mão trêmula, raivosa. . . — Adeus,
 Dona Plácida, bradou ela para dentro. Depois foi até a porta, cor-
 reu o fecho, ia sair; agarrei-a pela cintura. — Está bom, está bom,
 disse-lhe. Virgília ainda forcejou por sair. Eu retive-a, pedi-lhe que
 1485 ficasse, que esquecesse; ela afastou-se da porta e foi cair no ca-
 napé. Sentei-me ao pé dela, disse-lhe muitas cousas meigas, ou-
 tras humildes, outras graciosas. Não afirmo se os nossos lábios
 chegaram à distância de um fio de cambraia ou ainda menos; é
 1486 matéria controversa. Lembra-me, sim, que na agitação caiu um
 brinco de Virgília, que eu inclinei-me a apanhá-lo, e que a mosca
 de há pouco trepou ao brinco, levando sempre a formiga no pé.
 Então eu, com a delicadeza nativa de um homem do nosso século,
 pus na palma da mão aquele casal de mortificados; calculei toda
 a distância que ia da minha mão ao planeta Saturno, e perguntei
 1487 a mim mesmo que interesse podia haver num episódio tão mo-
 fino. Se conclus daí que eu era um bárbaro, enganas-te, porque
 eu pedi um grampo a Virgília, afim de separar os dous insectos;



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CIV
 Era ele!

página 176 de 242

mas a mosca farejou a minha intenção, abriu as asas e foi-se embora. Pobre mosca! pobre formiga! E Deus viu que isto era bom, como se diz na Escripura.

CAPÍTULO CIV

Era ele!

[1] **R**ESTITUI O grampo a Virgília, que o repregou nos cabelos, e preparou para sair. Era tarde; tinham dado três horas. Tudo estava esquecido e perdoado. Dona Plácida, que espreitava a ocasião idônea para a saída, fecha subitamente a janela e exclama:

[2] — Virgem Nossa Senhora! aí vem o marido de Iaiá!

[3] O momento de terror foi curto, mas completo. Virgília fez-se da cor das rendas do vestido, correu até a porta da alcova; Dona Plácida, que fechara a rótula, queria fechar também a porta de dentro; eu dispus-me a esperar o Lobo Neves. Esse curto instante passou. Virgília tornou a si, empurrou-me para a alcova, disse a Dona Plácida que voltasse à janela; a confidente obedeceu.

[4] Era ele. Dona Plácida abriu-lhe a porta com muitas exclamações de pasmo: — O senhor por aqui! honrando a casa de sua velha! Entre, faça favor. Adivinhe quem está cá... Não tem que adivinhar, não veio por outra cousa... Apareça, Iaiá.

[5] Virgília, que estava a um canto, atirou-se ao marido. Eu espreitava-os pelo buraco da fechadura. O Lobo Neves entrou lentamente, pálido, frio, quieto, sem explosão, sem arrebatamento, e circulou um olhar em volta da sala.

[6] — Que é isto? exclamou Virgília. Você por aqui?

[7] — Ia passando, vi Dona Plácida à janela, e vim cumprimentá-la.

[8] — Muito obrigada, acudiu esta. E digam que as velhas não va-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*CAPÍTULO CV
Equivalência das
janelas

página 177 de 242

lem alguma cousa. . . Olhai, gentes! Iaiá parece estar com ciúmes. E acariciando-a muito: — Este anjinho é que nunca se esqueceu da velha Plácida. Coitadinha! é mesmo a cara da mãe. . . Sente-se, senhor doutor. . .

- 1499 [9] — Não me demoro.
1500 [10] — Você vai para casa? disse Virgília. Vamos juntos.
1501 [11] — Vou.
1502 [12] — Dê cá o meu chapéu, Dona Plácida.
1503 [13] — Está aqui.

1504 [14] Dona Plácida foi buscar um espelho, abriu-o deante dela. Virgília punha o chapéu, atava as fitas, arranjava os cabelos, falando ao marido, que não respondia nada. A nossa boa velha tagarelava de mais; era um modo de disfarçar as tremuras do corpo. Virgília, dominado o primeiro instante, tornara à posse de si mesma.

- 1505 [15] — Pronta! disse ela. Adeus, Dona Plácida; não se esqueça de aparecer, ouviu? A outra prometeu que sim, e abriu-lhes a porta.

CAPÍTULO CV

Equivalência das janelas

- 1506
1507 [1] **D**ONA PLÁCIDA fechou a porta e caiu numa cadeira. Eu deixei imediatamente a alcova, e dei dous passos para sair à rua, com o fim de arrancar Virgília ao marido; foi o que disse, e em bem que o disse, porque Dona Plácida deteve-me por um braço. Tempo houve em que cheguei a supor que não dissera aquilo senão para que ela me detivesse; mas a simples reflexão basta para mostrar que, depois dos dez minutos da alcova, o gesto mais genuíno e cordial não podia ser senão esse. E isto por aquela famosa lei da equivalência das janelas, que eu tive a satisfação de descobrir e formular, no ca-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

pítulo LI. Era preciso arejar a consciência. A alcova foi uma janela fechada; eu abri outra com o gesto de sair, e respirei.

CAPÍTULO CVI

Jogo perigoso

[1] **R**ESPIREI E sentei-me. Dona Plácida atroava a sala com exclamações e lástimas. Eu ouvia, sem lhe dizer cousa nenhuma; reflectia comigo se não era melhor ter fechado Virgília na alcova e ficado na sala; mas adverti logo que seria peor; confirmaria a suspeita, chegaria o fogo à pólvora, e uma cena de sangue... Foi muito melhor assim. Mas depois? que ia acontecer em casa de Virgília? matá-la-ia o marido? espancá-la-ia? encerrá-la-ia? expulsá-la-ia? Estas interrogações percorriam lentamente o meu cérebro, como os pontinhos e vírgulas escuras percorrem o campo visual dos olhos enfermos ou cansados. Iam e vinham, com o seu aspecto seco e trágico, e eu não podia agarrar um deles e dizer: és tu, tu e não outro.

[2] De repente vejo um vulto negro; era Dona Plácida, que fora dentro, enfiara a mantilha, e vinha oferecer-se-me para ir à casa do Lobo Neves. Ponderei-lhe que era arriscado, porque ele desconfiaria da visita tão próxima.

[3] — Sossegue, interrompeu ela; eu saberei arranjar as cousas. Se ele estiver em casa não entro.

[4] Saiu; eu fiquei a ruminar o sucesso e as consequências possíveis. Ao cabo, parecia-me jogar um jogo perigoso, e perguntava a mim mesmo se não era tempo de levantar e espaiarecer. Sentia-me tomado de uma saudade do casamento, de um desejo de canalizar a vida. Por que não? Meu coração tinha ainda que explorar; não me sentia incapaz de um amor casto, severo e puro. Em verdade,





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CVIII
 Que se não entende

página 179 de 242

1518 as aventuras são a parte torrencial e vertiginosa da vida, isto é,
 a exceção; eu estava enfarado delas; não sei até se me pungia
 algum remorso. Mal pensei naquilo, deixei-me ir atrás da imagi-
 nação; vi-me logo casado, ao pé de uma mulher adorável, deante
 de um *baby*, que dormia no regaço da ama, todos nós no fundo
 de uma chácara sombria e verde, a espiarmos através das árvores
 uma nesga do céu azul, extremamente azul. . .

CAPÍTULO CVII

Bilhete

1519 Não houve nada, mas ele suspeita alguma cousa; está
 1520 muito sério e não fala; agora saiu. Sorriu uma vez so-
 mente, para nhonhô, depois de o fitar muito tempo,
 carrancudo. Não me tratou mal nem bem. Não sei o
 que vai acontecer; Deus queira que isto passe. Muita
 cautela, por ora, muita cautela.

CAPÍTULO CVIII

Que se não entende

1521 [1] **E** IS AÍ o drama, eis aí a ponta da orelha trágica de Shakspeare. Esse
 1522 retalhinho de papel, garatujado em partes, machucado das mãos,
 era um documento de análise, que eu não farei neste capítulo,
 1523 nem no outro, nem talvez em todo o resto do livro. Poderia eu
 tirar ao leitor o gosto de notar por si mesmo a frieza, a perspicácia
 e o ânimo dessas poucas linhas traçadas à pressa; e por trás delas
 a tempestade de outro cérebro, a raiva dissimulada, o desespero

PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CIX
 O filósofo

página 180 de 242

que se constringe e medita, porque tem de resolver-se na lama, ou no sangue, ou nas lágrimas?

[2]

Quanto a mim, se vos disser que li o bilhete três ou quatro vezes, naquele dia, acreditai-o, que é verdade; se vos disser mais que o reli no dia seguinte, antes e depois do almoço, podeis crê-lo, é a realidade pura. Mas se vos disser a comoção que tive, duvidai um pouco da asserção, e não a acceiteis sem provas. Nem então, nem ainda agora cheguei a discenir o que experimentei. Era medo, e não era medo; era dó e não era dó; era vaidade e não era vaidade; enfim, era amor sem amor, isto é, sem delírio; e tudo isso dava uma combinação assaz complexa e vaga, uma cousa que não poderéis entender, como eu não entendi. Suponhamos que não disse nada.

CAPÍTULO CIX

O filósofo

[1]

SABIDO QUE reli a carta, antes e depois do almoço, sabido fica que almocei, e só resta dizer que essa refeição foi das mais parcas da minha vida: um ovo, uma fatia de pão, uma xícara de chá. Não me esqueceu esta circunstância mínima; no meio de tanta cousa importante obliterada escapou esse almoço. A razão principal poderia ser justamente o meu desastre; mas não foi; a principal razão foi a reflexão que me fez o Quincas Borba, cuja visita recebi naquele dia. Disse-me ele que a frugalidade não era necessária para entender o Humanitismo, e menos ainda praticá-lo; que esta filosofia acomodava-se facilmente com os prazeres da vida, inclusive a mesa, o espectáculo e os amores; e que, ao contrário, a frugalidade podia indicar certa tendência para o ascetismo, o qual era a expressão acabada da tolice humana.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CIX
 O filósofo

página 181 de 242

1530 [2] — Veja São João, continuou ele; mantinha-se de gafanhotos,
 no deserto, em vez de engordar tranquilamente na cidade, e fazer
 emagrecer o farisaísmo na sinagoga.

1531 [3] Deus me livre de contar a história do Quincas Borba, que aliás
 ouvi toda naquela triste ocasião, uma história longa, complicada,
 mas interessante. E se não conto a história, dispenso-me outrossim
 de descrever-lhe a figura, aliás mui diversa da que me apareceu no
 1532 Passeio Público. Calo-me; digo somente que se o principal caracte-
 rístico do homem não são as feições, mas o vestuário, ele não era o
 Quincas Borba; era um desembargador sem beca, um general sem
 farda, um negociante sem *deficit*. Notei-lhe a perfeição da sobre-
 casaca, a alvura da camisa, o asseio das botas. A mesma voz, rou-
 1533 fenha outrora, parecia restituída à primitiva sonoridade. Quanto à
 gesticulação, sem que houvesse perdido a viveza de outro tempo,
 não tinha já a desordem, sujeitava-se a um certo método. Mas eu
 não quero descrevê-lo. Se falasse, por exemplo, no botão de ouro
 que trazia ao peito, e na qualidade do couro das botas, iniciaria
 uma descrição, que omito por brevidade. Contentem-se de saber
 que as botas eram de verniz. Saibam mais que ele herdara alguns
 pares de contos de réis de um velho tio de Barbacena.

1535 [4] Meu espírito, (permitam-me aqui uma comparação de cri-
 ança!) meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca.
 A narração do Quincas Borba dava-lhe uma palmada, ele subia;
 quando ia a cair, o bilhete de Virgília dava-lhe outra palmada, e
 ele era de novo arremessado aos ares; descia, e o episódio do Pas-
 1536 seio Público recebia-o com outra palmada, igualmente rija e efi-
 caz. Cuido que não nasci para situações complexas. Esse puxar e
 empuxar de cousas opostas, desequilibrava-me; tinha vontade de
 embrulhar o Quincas Borba, o Lobo Neves e o bilhete de Virgília
 na mesma filosofia, e mandá-los de presente a Aristóteles. Con-
 1537 tudo, era instructiva a narração do nosso filósofo; admirava-lhe
 sobretudo o talento de observação com que descrevia a gestação e



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CX
 31

página 182 de 242

o crescimento do vício, as luctas interiores, as capitulações vagarosas, o uso da lama.

[5] — Olhe, observou ele; a primeira noite que passei, na escada de São Francisco, dormi-a inteira, como se fosse a mais fina pluma. Porquê? Porque fui gradualmente da cama de esteira ao catre de pau, do quarto próprio ao corpo da guarda, do corpo da guarda à rua. . .

[6] Quis expor-me finalmente a filosofia; eu pedi-lhe que não. — Estou muito preocupado hoje e não poderia atendê-lo; venha depois; estou sempre em casa. Quincas Borba sorriu de um modo malicioso; talvez soubesse da minha aventura, mas não acrescentou nada. Só me disse estas últimas palavras à porta:

[7] — Venha para o Humanitismo; ele é o grande regaço dos espíritos, o mar eterno em que mergulhei para arrancar de lá a verdade. Os gregos faziam-na sair de um poço. Que concepção mesquinha! Um poço! Mas é por isso mesmo que nunca atinaram com ela. Gregos, sub-gregos, anti-gregos, toda a longa série dos homens tem-se debruçado sobre o poço, para ver sair a verdade, que não está lá. Gastaram cordas e caçambas; alguns mais afoutos desceram ao fundo e trouxeram um sapo. Eu fui directamente ao mar. Venha para o Humanitismo.

CAPÍTULO CX

31

[1] **U**MA SEMANA depois, Lobo Neves foi nomeado presidente de província. Agarrei-me à esperança da recusa, se o decreto viesse outra vez datado de 13; trouxe, porém, a data de 31, e esta simples transposição de algarismos eliminou deles a substância diabólica. Que profundas que são as molas da vida!



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

CAPÍTULO CXI

O muro

1544
1545 [1] NÃO SENDO meu costume dissimular ou esconder nada, contarei nesta página o caso do muro. Eles estavam prestes a embarcar. Entrando em casa de Dona Plácida, vi um papelinho dobrado sobre a mesa; era um bilhete de Virgília; dizia que me esperava à noite, na chácara, sem falta. E concluía: «O muro é baixo do lado do beco».

1546 [2] Fiz um gesto de desagrado. A carta pareceu-me descomunalmente audaciosa, mal pensada e até ridícula. Não era só convidar o escândalo, era convidá-lo de parceria com a risota. Imaginei-me a saltar o muro, embora baixo e do lado do beco; e, quando ia a galgá-lo, via-me agarrado por um pedestre de polícia, que me levava ao corpo da guarda. O muro é baixo! E que tinha que fosse baixo? Naturalmente Virgília não soube o que fez; era possível que já estivesse arrependida. Olhei para o papel, um pedaço de papel amarrotado, mas inflexível. Tive comichões de o rasgar, em trinta mil pedaços, e atirá-los ao vento, como o último despojo da minha aventura; mas recuei a tempo; o amor-próprio, o vexame da fuga, a idéia do medo. . . Não havia remédio senão ir.

1549 [3] — Diga-lhe que vou.

1550 [4] — Aonde? perguntou Dona Plácida.

1551 [5] — Onde ela disse que me espera.

1552 [6] — Não me disse nada.

1553 [7] — Neste papel.

1554 [8] Dona Plácida arregalou os olhos: — Mas esse papel, achei-o hoje de manhã, nesta sua gaveta, e pensei que. . .

1555 [9] Tive uma sensação esquisita. Reli o papel, mirei-o, remirei-o; era, em verdade, um antigo bilhete de Virgília, recebido no co-



meço dos nossos amores, uma certa entrevista na chácara, que me levou efectivamente a saltar o muro, um muro baixo e discreto. Guardei o papel e. . . Tive uma sensação esquisita.

CAPÍTULO CXII

A opinião

1556
1557 [1] **M**AS ESTAVA escripto que esse dia devia ser o dos lances dúbios.
1558 Poucas horas depois, encontrei Lobo Neves, na rua do Ouvidor;
1559 falamos da presidência e da política. Ele aproveitou o primeiro
1560 conhecido que nos passou à ilharga, e deixou-me, depois de mui-
1561 tos cumprimentos. Lembra-me que estava retraído, mas de um re-
1562 tramento que forcejava por dissimular. Pareceu-me então (e peço
perdão à crítica, se este meu juízo for temerário!) pareceu-me que
ele tinha medo — não medo de mim, nem de si, nem do código,
nem da consciência; tinha medo da opinião. Supus que esse tribu-
nal anônimo e invisível, em que cada membro acusa e julga, era o
limite posto à vontade do Lobo Neves. Talvez já não amasse a mu-
lher; e, assim, pode ser que o coração fosse estranho à indulgência
dos seus últimos actos. Cuido (e de novo insto pela boa vontade
da crítica!) cuido que ele estaria pronto a separar-se da mulher,
como o leitor se terá separado de muitas relações pessoais; mas a
opinião, essa opinião que lhe arrastaria a vida por todas as ruas,
que abriria minucioso inquérito acerca do caso, que coligiria uma
a uma todas as circunstâncias, antecedências, induções, provas,
que as relataria na palestra das chácaras desocupadas, essa terrível
opinião, tão curiosa das alcovas, obstou à dispersão da família. Ao
mesmo tempo tornou impossível o desforço, que seria a divulga-
ção. Ele não podia mostrar-se ressentido comigo, sem igualmente





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXIII
 A solda

página 185 de 242

1563 buscar a separação conjugal; e teve então de simular a mesma
 1564 ignorância de outrora, e, por dedução, eguais sentimentos.

[2]

1564 Que lhe custasse creio; naqueles dias, principalmente, vi-o
 1565 de modo que devia custar-lhe muito. Mas o tempo (e é outro
 ponto em que eu espero a indulgência dos homens pensadores!),
 o tempo caleja a sensibilidade, e oblitera a memória das cousas;
 era de supor que os anos lhe despontassem os espinhos, que a
 distância dos factos apagasse os respectivos contornos, que uma
 sombra de dúvida retrospectiva cobrisse a nudez da realidade; en-
 fim, que a opinião se ocupasse um pouco com outras aventuras.
 O filho, crescendo, buscaria satisfazer as ambições do pai; seria o
 herdeiro de todos os seus affectos. Isso, e a actividade externa, e o
 prestígio público, e a velhice depois, a doença, o declínio, a morte,
 um responso, uma notícia biográfica, e estava fechado o livro da
 vida, sem nenhuma página de sangue.

CAPÍTULO CXIII

A solda

[1]

1566 **A** CONCLUSÃO, se há alguma no capítulo anterior, é que a opinião
 1567 é uma boa solda das instituições domésticas. Não é impossível
 1568 que eu desenvolva este pensamento, antes de acabar o livro; mas
 também não é impossível que o deixe como está. De um ou de
 1569 outro modo, é uma boa solda a opinião, e tanto na ordem domés-
 tica, como na política. Alguns metafísicos biliosos têm chegado
 ao extremo de a darem como simples producto da gente chocha
 ou medíocre; mas é evidente que, ainda quando um conceito tão
 extremado não trouxesse em si mesmo a resposta, bastava con-
 siderar os efeitos salutaes da opinião, para concluir que ela é a
 obra superfina da flor dos homens, a saber, do maior número.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

CAPÍTULO CXIV

Fim de um diálogo

1570

[1] — **S**IM, é amanhã. Você vai a bordo?

1571

[2] — Está douda? É impossível.

1572

[3] — Então, adeus!

1573

[4] — Adeus!

1574

[5] — Não se esqueça de Dona Plácida. Vá vê-la algumas vezes.

1575

Coitada! Foi ontem despedir-se de nós; chorou muito, disse que eu não a veria mais. . . É uma boa creatura, não é?

1576

[6] — Certamente.

1577

[7] — Se tivermos de escrever, ela receberá as cartas. Agora até daqui a. . .

1578

[8] — Talvez dous anos?

1579

[9] — Qual! ele diz que só até fazer as eleições.

1580

[10] — Sim? então até breve. Olhe que estão olhando para nós.

1581

[11] — Quem?

1582

[12] — Ali do sofá. Separemo-nos.

1583

[13] — Custa-me muito.

1584

[14] — Mas é preciso; adeus, Virgília!

1585

[15] — Até breve. Adeus!

CAPÍTULO CXV

O almoço

1586

[1] **N**ÃO A vi partir; mas à hora marcada senti alguma coisa que não era dor nem prazer, uma coisa mista, alívio e saudade, tudo misturado, em eguais doses. Não se irrite o leitor com esta confissão.

1587



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXV
O almoço

página 187 de 242

1588 Eu bem sei que, para titilar-lhe os nervos da fantasia, devia pa-
decer um grande desespero, derramar algumas lágrimas, e não
almoçar. Seria romanesco; mas não seria biográfico. A realidade
pura é que eu almocei, como nos demais dias, acudindo ao cora-
ção com as lembranças da minha aventura, e ao estômago com os
acepipes de M. Prudhon. . .

1589 [2] . . . Velhos do meu tempo, acaso vos lembrai desse mestre cozi-
nheiro do hotel Pharoux, um sujeito que, segundo dizia o dono da
casa, havia servido nos famosos Véry e Véfour, de Paris, e mais
nos palácios do conde Molé e do duque de la Rochefoucauld?
1590 Era insigne. Entrou no Rio de Janeiro com a polca. . . A polca,
M. Prudhon, o Tivoli, o baile dos estrangeiros, o Casino, eis algu-
mas das melhores recordações daquele tempo; mas sobretudo os
acepipes do mestre eram deliciosos.

1591 [3] Eram, e naquela manhã parece que o diabo do homem adivi-
nhara a nossa catástrofe. Jamais o engenho e a arte lhe foram tão
propícios. Que requinte de temperos! que tenrura de carnes! que
rebuscado de formas! Comia-se com a boca, com os olhos, com
1592 o nariz. Não guardei a conta desse dia; sei que foi cara. Ai dor!
era-me preciso enterrar magnificamente os meus amores. Eles lá
iam, mar em fora, no espaço e no tempo, e eu ficava-me ali numa
ponta de mesa, com os meus quarenta e tantos anos, tão vadios e
1593 tão vazios; ficava-me para os não ver nunca mais, porque ela po-
deria tornar e tornou, mas o eflúvio da manhã quem é que o pediu
ao crepúsculo da tarde?



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXVI
Filosofia das folhas
velhas

página 188 de 242

CAPÍTULO CXVI

Filosofia das folhas velhas

[1] **F**IQUEI TÃO triste com o fim do último capítulo que estava capaz de não escrever este, descansar um pouco, purgar o espírito da melancolia que o empacha, e continuar depois. Mas não, não quero perder tempo.

[2] A partida de Virgília deu-me uma amostra da viuvez. Nos primeiros dias meti-me em casa, a fisgar moscas, como Domiciano, se não mente o Suetônio, mas a fisgá-las de um modo particular: com os olhos. Fisgava-as uma a uma, no fundo de uma sala grande, estirado na rede, com um livro aberto entre as mãos. Era tudo: saudades, ambições, um pouco de tédio, e muito devaneio solto. Meu tio cônego morreu nesse intervalo; item, dous primos. Não me dei por abalado; levei-os ao cemitério, como quem leva dinheiro a um banco. Que digo? como quem leva cartas ao correio: selei as cartas, meti-as na caixinha, e deixei ao carteiro o cuidado de as entregar em mão própria. Foi também por esse tempo que nasceu minha sobrinha Venância, filha do Cotrim. Morriam uns, nasciam outros: eu continuava às moscas.

[3] Outras vezes agitava-me. Ia às gavetas, entornava as cartas antigas, dos amigos, dos parentes, das namoradas, (até as de Marcela), e abria-as todas, lia-as uma a uma, e recompunha o pretérito... Leitor ignaro, se não guardas as cartas da juventude, não conhecerás um dia a filosofia das folhas velhas, não gostarás o prazer de ver-te, ao longe, na penumbra, com um chapéu de três bicos, botas de sete léguas e longas barbas assírias, a bailar ao som de uma gaita anacreônica. Guarda as tuas cartas da juventude!

[4] Ou, se te não apraz o chapéu de três bicos, empregarei a locução de um velho marujo, familiar da casa de Cotrim; direi que,



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXVII

O Humanitismo

página 189 de 242

se guardares as cartas da juventude, acharás ocasião de «cantar uma saudade». Parece que os nossos marujos dão este nome às cantigas de terra, entoadas no alto-mar. Como expressão poética, é o que se pode exigir mais triste.¹⁹

CAPÍTULO CXVII

O Humanitismo

[1] **D**UAS FORÇAS, porém, além de uma terceira, compeliam-se a tornar à vida agitada do costume: Sabina e Quincas Borba. Minha irmã encaminhou a candidatura conjugal de Nhã-loló de um modo verdadeiramente impetuoso. Quando dei por mim estava com a moça quase nos braços. Quanto ao Quincas Borba, expôs-me enfim o Humanitismo, sistema de filosofia destinado a arruinar todos os demais sistemas.

[2] — Humanitas, dizia ele, o princípio das cousas, não é outro senão o mesmo homem repartido por todos os homens. Conta três fases Humanitas: a *stática* anterior a toda a criação; a *expansiva*, começo das cousas; a *dispersiva*, aparecimento do homem; e contará mais uma, a *contractiva*, absorção do homem e das cousas. A *expansão*, iniciando o universo, sugeriu a Humanitas o desejo de o gozar, e daí a *dispersão*, que não é mais do que a multiplicação personificada da substância original.

[3] Como me não aparecesse assaz clara esta exposição, Quincas Borba desenvolveu-a de um modo profundo, fazendo notar as grandes linhas do sistema. Explicou-me que, por um lado, o Humanitismo ligava-se ao Bramanismo, a saber, na distribuição dos homens pelas diferentes partes do corpo de Humanitas; mas aquilo que na religião indiana tinha apenas uma estreita significação teológica e política, era no Humanitismo a grande lei do valor



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXVII

O Humanitismo

página 190 de 242

1610 pessoal. Assim, descender do peito ou dos rins de Humanitas, isto
 é, ser *um forte*, não era o mesmo que descender dos cabelos ou da
 1611 ponta do nariz. Daí a necessidade de cultivar e temperar o mús-
 culo. Hércules não foi senão um símbolo antecipado do Humaniti-
 smo. Neste ponto o Quincas Borba ponderou que o paganismo
 poderia ter chegado à verdade, se se não houvesse amesquinhado
 com a parte galante dos seus mitos. Nada disso acontecerá com
 o Humanitismo. Nesta igreja nova não há aventuras fáceis, nem
 1612 quedas, nem tristezas, nem alegrias pueris. O amor, por exemplo,
 é um sacerdócio, a reprodução um ritual. Como a vida é o maior
 benefício do universo, e não há mendigo que não prefira a miséria
 à morte (o que é um delicioso influxo de Humanitas), segue-se
 que a transmissão da vida, longe de ser uma ocasião de galanteio,
 é a hora suprema da missa espiritual. Porquanto, verdadeiramente
 há só uma desgraça: é não nascer.

[4]

1613 — Imagina, por exemplo, que eu não tinha nascido, continuou
 o Quincas Borba; é positivo que não teria agora o prazer de con-
 versar contigo, comer esta batata, ir ao teatro, e para tudo dizer
 numa só palavra: viver. Nota que eu não faço do homem um sim-
 1614 ples veículo de Humanitas; não, ele é ao mesmo tempo veículo,
 cocheiro e passageiro; ele é o próprio Humanitas reduzido; daí a
 necessidade de adorar-se a si próprio. Queres uma prova da su-
 perioridade do meu sistema? Contempla a inveja. Não há mora-
 lista grego ou turco, cristão ou muçulmano, que troveje contra o
 sentimento da inveja. O acordo é universal, desde os campos da
 1615 Iduméa até o alto da Tijuca. Ora bem; abre mão dos velhos pre-
 conceitos, esquece as retóricas rafadas, e estuda a inveja, esse sen-
 timento tão subtil e tão nobre. Sendo cada homem uma redução
 de Humanitas, é claro que nenhum homem é fundamentalmente
 1616 oposto a outro homem, quaisquer que sejam as aparências contrá-
 rias. Assim, por exemplo, o algoz que executa o condenado pode
 excitar o vão clamor dos poetas; mas substancialmente é Humanitas
 que corrige em Humanitas uma infração da lei de Humanitas.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXVII
 O Humanitismo

página 191 de 242

1617 O mesmo direi do indivíduo que estripa a outro; é uma manifesta-
 1618 ção da força de Humanitas. Nada obsta (e há exemplos) que ele
 seja igualmente estripado. Se entendeste bem, facilmente com-
 preenderás que a inveja não é senão uma admiração que luta, e
 sendo a luta a grande função do gênero humano, todos os senti-
 mentos belicosos, são os mais adequados à sua felicidade. Dai vem
 que a inveja é uma virtude.

1618 [5] Para que negá-lo? eu estava estupefacto. A clareza da expo-
 1619 sição, a lógica dos princípios, o rigor das consequências, tudo
 isso parecia superiormente grande, e foi-me preciso suspender a
 conversa por alguns minutos, em quanto digeriria a filosofia nova.
 Quincas Borba mal podia encobrir a satisfação do triunfo. Tinha
 uma asa de frango no prato, e trincava-a com filosófica serenidade.
 Eu fiz-lhe ainda algumas objecções, mas tão frouxas, que ele não
 gastou muito tempo em destruí-las.

1620 [6] — Para entender bem o meu sistema, concluiu ele, importa
 1621 não esquecer nunca o princípio universal, repartido e resumido em
 1622 cada homem. Olha: a guerra, que parece uma calamidade, é uma
 1623 operação conveniente, como se disséssemos o estalar dos dedos
 de Humanitas; a fome (e ele chupava filosoficamente a asa do
 frango), a fome é uma prova a que Humanitas submete a própria
 víscera. Mas eu não quero outro documento da sublimidade do
 meu sistema, senão este mesmo frango. Nutriu-se de milho, que
 foi plantado por um africano, suponhamos, importado de Angola.
 Nasceu esse africano, cresceu, foi vendido; um navio o trouxe, um
 navio construído de madeira cortada no mato por dez ou doze
 homens, levado por velas, que oito ou dez homens teceram, sem
 contar a cordoalha e outras partes do aparelho náutico. Assim,
 este frango, que eu almocei agora mesmo, é o resultado de uma
 multidão de esforços e lutas, executados como único fim de dar
 mate ao meu apetite.

1624 [7] Entre o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que
 o seu sistema era a destruição da dor. A dor, segundo o Huma-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXVII

O Humanitismo

página 192 de 242

nitismo, é uma pura ilusão. Quando a criança é ameaçada por um pau, antes mesmo de ter sido espancada, fecha os olhos e treme; essa *predisposição*, é que constitui a base da ilusão humana, herdada e transmitida. Não basta certamente a adoção do sistema para acabar logo com a dor, mas é indispensável; o resto é a natural evolução das cousas. Uma vez que o homem se compenetre bem de que ele é o próprio Humanitas, não tem mais do que remontar o pensamento à substância original para obstar qualquer sensação dolorosa. A evolução, porém, é tão profunda, que mal se lhe podem assignar alguns milhares de anos.²⁰

[8]

Quincas Borba leu-me daí a dias a sua grande obra. Eram quatro volumes manuscritos, de cem páginas cada um, com letra miúda e citações latinas. O último volume compunha-se de um tratado político, fundado no Humanitismo; era talvez a parte mais enfadonha do sistema, posto que concebida com um formidável rigor de lógica. Reorganizada a sociedade pelo método dele, nem por isso ficavam eliminadas a guerra, a insurreição, o simples murro, a fachada anônima, a miséria, a fome, as doenças; mas sendo esses supostos flagelos verdadeiros equívocos do entendimento, porque não passariam de movimentos externos da substância interior, destinados a não influir sobre o homem, senão como simples quebra da monotonia universal, claro estava que a sua existência não impediria a felicidade humana. Mas ainda quando tais flagelos (o que era radicalmente falso) correspondessem no futuro à concepção acanhada de antigos tempos, nem por isso ficava destruído o sistema, e por dous motivos: 1.º porque sendo Humanitas a substância creadora e absoluta, cada indivíduo deveria achar a maior delícia do mundo em sacrificar-se ao princípio de que descende; 2.º porque, ainda assim, não diminuiria o poder espiritual do homem sobre a terra, inventada unicamente para seu recreio dele, como as estrelas, as brisas, as tâmaras e o ruibardo. Pangloss, dizia-me ele ao fechar o livro, não era tão tolo como o pintou Voltaire.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

CAPÍTULO CXVIII

A terceira força

- 1633
- 1634 [1] **A** TERCEIRA força que me chamava ao bulício era o gosto de luzir,
e, sobretudo, a incapacidade de viver só. A multidão atraía-me, o
aplauso namorava-me. Se a idéia do emplasto me tem aparecido
1635 nesse tempo, quem sabe? não teria morrido logo e estaria célebre.
Mas o emplasto não veio. Veio o desejo de agitar-me em alguma
cousa, com alguma cousa e por alguma cousa.²¹

CAPÍTULO CXIX

Parêntesis

- 1636
- 1637 [1] **Q**UERO DEIXAR aqui, entre parêntesis, meia dúzia de máximas das
muitas que escrevi por esse tempo. São bocejos de enfado; podem
servir de epígrafe a discursos sem assunto:²²

* * *

- 1638 [2] Suporta-se com paciência a cólica do próximo.

* * *

- 1639 [3] Matamos o tempo; o tempo nos enterra.

* * *

- 1640 [4] Um cocheiro filósofo costumava dizer que o gosto da
carruagem seria diminuto, se todos andassem de car-
ruagem.





* * *

[5] Crê em ti; mas nem sempre duvides dos outros.

* * *

[6] Não se compreende que um botocudo fure o beijo para enfeitá-lo com um pedaço de pau. Esta reflexão é de um joalheiro.

* * *

[7] Não te irrites se te pagarem mal um benefício: antes cair das nuvens, que de um terceiro andar.

CAPÍTULO CXX

Compelle intrare

[1] — **N**ÃO, SENHOR, agora quer você queira, quer não, há de casar, disse-me Sabina. Que belo futuro! Um solteirão sem filhos.

[2] Sem filhos! A idéia de ter filhos deu-me um sobressalto; percorreu-me outra vez o fluido misterioso. Sim, cumpria ser pai. A vida celibata podia ter certas vantagens próprias, mas seriam tênues, e compradas a troco da solidão. Sem filhos! Não; impossível. Dispus-me a aceitar tudo, ainda a aliança do Damasceno. Sem filhos! Como já então depositasse grande confiança em Quincas Borba, fui ter com ele e expus-lhe os movimentos internos da minha paternidade. O filósofo ouviu-me com alvoroço; declarou-me que Humanitas se agitava em meu seio; animou-me ao casamento; ponderou que eram mais alguns convivas que batiam à porta, etc. *Compelle intrare*, como dizia Jesus. E não me deixou sem provar que o apólogo evangélico não era mais do que um prenúncio do Humanitismo, erradamente interpretado pelos padres.



CAPÍTULO CXXI

Morro abaixo

[1] **N**O FIM de três meses, ia tudo à maravilha. O fluido, Sabina, os olhos da moça, os desejos do pai, eram outros tantos impulsos que me levavam ao matrimônio. A lembrança de Virgília aparecia de quando em quando, à porta, e com ela um diabo negro, que me metia à cara um espelho, no qual eu via ao longe Virgília desfeita em lágrimas; mas outro diabo vinha, cor de rosa, com outro espelho, em que se reflectia a figura de Nhã-loló, terna, luminosa, angélica.

[2] Não falo dos anos. Não os sentia; acrescentarei até que os deitara fora, certo domingo, em que fui à missa na capela do Livramento. Como o Damasceno morava nos Cajueiros, eu acompanhava-os muitas vezes à missa. O morro estava ainda nu de habitações, salvo o velho palacete do alto, onde era a capela. Pois um domingo, ao descer com Nhã-loló pelo braço, não sei que fenómeno se deu que fui deixando aqui dous anos, ali quatro, logo adiante cinco, de maneira que, quando cheguei abaixo, estava com vinte anos apenas, tão lépidos como tinham sido.

[3] Agora, se querem saber em que circunstâncias se deu o fenómeno, basta-lhes ler este capítulo até o fim. Vínhamos da missa, ela, o pai e eu. No meio do morro achamos um grupo de homens. Damasceno, que vinha ao pé de nós, percebeu o que era e adiantou-se alvoroçado; nós fomos atrás dele. E vimos isto: homens de todas as edades, tamanhos e cores, uns em mangas de camisa, outros de jaqueta, outros metidos em sobrecasacas esfrangalhadas; atitudes diversas, uns de cócoras, outros com as mãos apoiadas nos joelhos, estes sentados sem pedras, aqueles encos-





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXXI
 Morro abaixo

página 196 de 242

tados ao muro, e todos com os olhos fixos no centro, e as almas debruçadas das pupilas.

[4] — Que é? perguntou-me Nhã-loló.

[5] Fiz-lhe sinal que se calasse; abri subtilmente caminho, e todos me foram cedendo espaço, sem que positivamente ninguém me visse. O centro tinha-lhes atado os olhos. Era uma briga de galos. Vi os dous contendores, dous galos de esporão agudo, olho de fogo e bico afiado. Ambos agitavam as cristas em sangue; o peito de um e de outro estava desplumado e rubro; invadia-os o cansaço. Mas lutavam ainda assim, olhos fitos nos olhos, bico abaixo, bico acima, golpe deste, golpe daquele, vibrantes e raivosos. Damasceno não sabia mais nada; o espectáculo eliminou para ele todo o universo. Em vão lhe disse que era tempo de descer: ele não respondia, não ouvia, concentrara-se no duelo. A briga de galos era uma de suas paixões.

[6] Foi nessa ocasião que Nhã-loló me puxou brandamente pelo braço, dizendo que nos fôssemos embora. Aceitei o conselho e vim com ela por ali abaixo. Já disse que o morro era então desabitado; disse-lhes também que vínhamos da missa, e não lhes tendo dito que chovia, era claro que fazia bom tempo, um sol delicioso. E forte. Tão forte que abri logo o guarda-sol, segurei-o pelo centro do cabo, e inclinei-o por modo que ajuntei uma página à filosofia do Quincas Borba: Humanitas osculou Humanitas... Foi assim que os anos me vieram caindo pelo morro abaixo.

[7] Ao sopé detivemo-nos alguns minutos, à espera de Damasceno; ele veio daí a pouco rodeado dos apostadores, a comentar com eles a briga. Um destes, tesoureiro das apostas, distribuía um velho maço de notas de dez tostões, que os vencedores recebiam duplamente alegres. Quanto aos galos vinham sobraçados pelo respectivo dono. Um deles trazia a crista tão comida e ensangüentada, que vi logo nele o vencido; mas era engano — o vencido era o outro, que não trazia crista nenhuma. Ambos tinham o bico



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXXII
 Uma intenção mui fina

página 197 de 242

aberto, respirando a custo, esfalfados. Os apostadores, ao contrário, vinham alegres, sem embargo das fortes comoções da luta; biografavam os contendores, relembavam as proezas de ambos. Eu fui andando, vexado; Nhã-loló vexadíssima.

CAPÍTULO CXXII

Uma intenção mui fina

[1] **Q**UE vexava a Nhã-loló era o pai. A facilidade com que ele se metera com os apostadores punha em relevo antigos costumes e afinidades sociais, e Nhã-loló chegara a temer que tal sogro me parecesse indigno. Era notável a diferença que ela fazia de si mesma; estudava-se e estudava-me. A vida elegante e polida atraía-a, principalmente porque lhe parecia o meio mais seguro de ajustar as nossas pessoas. Nhã-loló observava, imitava, adivinhava; ao mesmo tempo dava-se ao esforço de mascarar a inferioridade da família. Naquele dia, porém, a manifestação do pai foi tamanha que a entristeceu grandemente. Eu busquei então divertir-la do assunto, dizendo-lhe muitas chanças e motes de bom tom; vão esforços, que não a alegravam mais. Era tão profundo o abatimento, tão expressivo o desânimo, que eu cheguei a atribuir a Nhã-loló a intenção positiva de separar, no meu espírito, a sua causa da causa do pai. Este sentimento pareceu-me de grande elevação; era uma afinidade mais entre nós.

[2] — Não há remédio, disse eu comigo, vou arrancar esta flor a este pântano.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

CAPÍTULO CXXIII

O Verdadeiro Cotrim

[1] **N**ÃO OBSTANTE os meus quarenta e tantos anos, como eu amasse a harmonia da família, entendi não tratar o casamento sem primeiro falar ao Cotrim. Ele ouviu-me e respondeu-me seriamente que não tinha opinião em negócio de parentes seus. Podiam supor-lhe algum interesse, se acaso louvasse as raras prendas de Nhã-loló; por isso calava-se. Mais: estava certo de que a sobrinha nutria por mim verdadeira paixão, mas se ela o consultasse, o seu conselho seria negativo. Não era levado por nenhum ódio; apreciava as minhas boas qualidades, — não se fartava de as elogiar, como era de justiça; e pelo que respeita a Nhã-loló, não chegaria jamais a negar que era noiva excelente; mas daí a aconselhar o casamento ia um abismo.

[2] — Lavo inteiramente as mãos, concluiu ele.

[3] — Mas você achava outro dia que eu devia casar quanto antes...

[4] — Isso é outro negócio. Acho que é indispensável casar, principalmente tendo ambições políticas. Saiba que na política o celibato é uma rêmora. Agora, quanto à noiva, não posso ter voto, não quero, não devo, não é de minha honra. Parece-me que Sabina foi além, fazendo-lhe certas confidências, segundo me disse; mas em todo caso ela não é tia carnal de Nhã-loló, como eu. Olhe... mas não... não digo...

[5] — Diga.

[6] — Não, não digo nada.

[7] Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um carácter ferozmente honrado. Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXXIII
 O Verdadeiro Cotrim

página 199 de 242

inventário de meu pai. Reconheço que era um modelo. Arguiam-
 no de avareza, e cuido que tinham razão; mas a avareza é apenas
 a exageração de uma virtude, e as virtudes devem ser como os or-
 çamentos: melhor é o saldo que o *deficit*. Como era muito seco de
 maneiras tinha inimigos, que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O
 único facto alegado neste particular era o de mandar com frequên-
 cia escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue;
 mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre
 que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-
 se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero
 de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole
 original de um homem o que é puro efeito de relações sociais. A
 prova de que o Cotrim tinha sentimentos pios encontrava-se no
 seu amor aos filhos, e na dor que padeceu quando lhe morreu
 Sara, dali a alguns meses; prova irrefutável, acho eu, e não única.
 Era tesoureiro de uma confraria, e irmão de várias irmandades, e
 até irmão remido de uma destas, o que não se coaduna muito com
 a reputação da avareza; verdade é que o benefício não caíra no
 chão: a irmandade (de que ele fora juiz), mandara-lhe tirar o re-
 trato a óleo. Não era perfeito, de certo; tinha, por exemplo, o ses-
 tro de mandar para os jornais a notícia de um ou outro benefício
 que praticava, — sestros repreensível ou não louvável, concordo;
 mas ele desculpava-se dizendo que as boas acções eram contagio-
 sas, quando públicas; razão a que se não pode negar algum peso.
 Creio mesmo (e nisto faço o seu maior elogio) que ele não pra-
 ticava, de quando em quando, esses benefícios senão com o fim
 de espertar a filantropia dos outros; e se tal era o intuito, força
 é confessar que a publicidade tornava-se uma condição *sine qua
 non*. Em suma, poderia dever algumas atenções, mas não devia
 um real a ninguém.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

CAPÍTULO CXXIV

Vá de intermédio

[1] **Q**UE HÁ entre a vida e a morte? Uma curta ponte. Não obstante, se eu não compusesse este capítulo, padeceria o leitor um forte abalo, assaz danoso ao efeito do livro. Saltar de um retrato a um epitáfio, pode ser real e comum; o leitor, entretanto, não se refugia no livro, senão para escapar à vida. Não digo que este pensamento seja meu; digo que há nele uma dose de verdade, e que, ao menos, a forma é pitoresca. E repito: não é meu.²³

CAPÍTULO CXXV

Epitáfio

AQUI JAZ

D. EULÁLIA DAMASCENA DE BRITO

MORTA

AOS DEZENOVE ANOS DE EDADE

ORAI POR ELA!



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS

CAPÍTULO CXXVI

Desconsolação

1699 [1] **O** EPITÁFIO diz tudo. Vale mais do que se lhes narrasse a moléstia
 1700 de Nhã-loló, a morte, o desespero da família, o enterro. Ficam sa-
 1701 bendo que morreu; acrescentarei que foi por ocasião da primeira
 entrada da febre amarela. Não digo mais nada, a não ser que a
 1702 acompanhei até o último jazigo, e me despedi triste, mas sem lá-
 grimas. Concluí que talvez não a amasse deveras.

1703 [2] Vejam agora a que excessos pode levar uma inadvertência;
 1704 doeu-me um pouco a cegueira da epidemia que, matando à di-
 1705 reita e à esquerda, levou também uma jovem dama, que tinha de
 1706 ser minha mulher; não cheguei a entender a necessidade da epide-
 1707 mia, menos ainda daquela morte. Creio até que esta me pareceu
 ainda mais absurda que todas as outras mortes. Quincas Borba,
 porém, explicou-me que epidemias eram úteis à espécie, embora
 desastrosas para uma certa porção de indivíduos; fez-me notar
 que, por mais horrendo que fosse o espectáculo, havia uma van-
 tagem de muito peso: a sobrevivência do maior número. Chegou
 a perguntar-me se, no meio do luto geral, não sentia eu algum
 secreto encanto em ter escapado às garras da peste; mas esta per-
 gunta era tão insensata, que ficou sem resposta.

1708 [3] Se não contei a morte, não conto igualmente a missa do sétimo
 1709 dia. A tristeza de Damasceno era profunda; esse pobre homem pa-
 1710 recia uma ruína. Quinze dias depois estive com ele; continuava
 1711 inconsolável, e dizia que a dor grande com que Deus o castigara
 1712 fora ainda aumentada com a que lhe infligiram os homens. Não
 1713 me disse mais nada. Três semanas depois tornou ao assunto, e en-
 1714 tão confessou-me que, no meio do desastre irreparável, quisera
 1715 ter a consolação da presença dos amigos. Doze pessoas apenas,





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXXVII
 Formalidade

página 202 de 242

1707 e três quartas partes amigos do Cotrim, acompanharam à cova o
 cadáver de sua querida filha. E ele fizera expedir oitenta convites.
 1708 Ponderei-lhe que as perdas eram tão gerais que bem se podia des-
 1709 culpar essa desatenção aparente. Damasceno abanava a cabeça de
 1710 um modo incrédulo e triste.

[4] — Qual! gemia ele, desampararam-me.

[5] Cotrim, que estava presente:

[6] — Vieram os que deveras se interessam por você e por nós. Os
 oitenta viriam por formalidade, fariam da inércia do governo,
 das panacéas dos boticários, do preço das casas, ou uns dos ou-
 tros. . .

[7] Damasceno ouviu calado, abanou outra vez a cabeça, e suspi-
 rou:

[8] — Mas viessem!

CAPÍTULO CXXVII

Formalidade

1713

[1] **G**RANDE COUSA é haver recebido do céu uma partícula da sabedo-
 1714 ria, o dom de achar as relações das cousas, a faculdade de as
 comparar e o talento de concluir! Eu tive essa distinção psíquica;
 eu a agradeço ainda agora do fundo do meu sepulcro.

[2] De facto, o homem vulgar que ouvisse a última palavra do Da-
 1715 masceno, não se lembraria dela, quando, tempos depois, houvesse
 de olhar para uma gravura representando seis damas turcas. Pois
 eu lembrei-me. Eram seis damas de Constantinopla, — modernas,
 1716 — em trajes de rua, cara tapada, não com um espesso pano que as
 cobrisse deveras, mas com um véu tenuíssimo, que simulava des-
 cobrir somente os olhos, e na realidade descobria a cara inteira. E
 eu achei graça a essa esperteza da faceirice musulmana, que assim



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS

1717 esconde o rosto, — e cumpre o uso, — mas não o esconde, — e
divulga a beleza. Aparentemente, nada há entre as damas turcas
e o Damasceno; mas se tu és um espírito profundo e penetrante
(e duvido muito que me negues isso), compreenderás que, tanto
num como noutro caso, surge aí a orelha de uma rígida e meiga
companheira do homem social. . .

1718 [3] Amável Formalidade, tu és, sim, o bordão da vida, o bálsamo
dos corações, a medianeira entre os homens, o vínculo da terra e
do céu; tu enxugas as lágrimas de um pai, tu captas a indulgência
de um Profeta. Se a dor adormece, e a consciência se acomoda,
1719 a quem, senão a ti, deverão esse imenso benefício? A estima que
passa de chapéu na cabeça não diz nada à alma; mas a indiferença
que corteja deixa-lhe uma deleitosa impressão. A razão é que, ao
contrário de uma velha fórmula absurda, não é a letra que mata;
1720 a letra dá vida; o espírito é que é objeto de controvérsia, de dú-
vida, de interpretação, e conseqüentemente de luta e de morte.
Vive tu, amável Formalidade, para sossego do Damasceno e glória
de Muhammed.

CAPÍTULO CXXVIII

Na câmara

1721 [1] **E** NOTAI bem que eu vi a gravura turca, dous anos depois das pa-
1722 lavras de Damasceno, e via-a na câmara dos deputados, em meio
de grande borborinho, enquanto um deputado discutia um pare-
cer da comissão do orçamento, sendo eu também deputado. Para
1723 quem há lido este livro é escusado encarecer a minha satisfação,
e para os outros é igualmente inútil. Era deputado, e vi a gravura
turca, recostado na minha cadeira, entre um colega, que contava
uma anedota, e outro, que tirava a lápis, nas costas de urna so-





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXXIX
Sem remorsos

página 204 de 242

1724 brecarta, o perfil do orador. O orador era o Lobo Neves. A onda
da vida trouxe-nos à mesma praia, como duas botelhas de náufragos,
1725 ele contendo o seu ressentimento, eu devendo conter o meu
remorso; e emprego esta forma suspensiva, dubitativa ou condicional,
1726 para o fim de dizer que efectivamente não continha nada, a
1727 não ser a ambição de ser ministro.

CAPÍTULO CXXIX

Sem remorsos

1728 [1] NÃO TINHA remorsos. Se possuísse os aparelhos próprios, incluía
neste livro uma página de química, porque havia de decompor o
remorso até os mais simples elementos, com o fim de saber de um
modo positivo e concludente, por que razão Aquiles passeia à roda
de Tróia o cadáver do adversário, e lady Macbeth passeia à volta
da sala a sua mancha de sangue. Mas eu não tenho aparelhos
químicos, como não tinha remorsos; tinha vontade ser ministro
de Estado. Contudo, se hei de acabar este capítulo, direi que não
quisera ser Aquiles nem lady Macbeth; e que, a ser alguma cousa,
antes Aquiles, antes passear ovante o cadáver do que a mancha;
ouvem-se no fim as súplicas de Príamo, e ganha-se uma bonita
reputação militar e literária. Eu não ouvia as súplicas de Príamo,
mas o discurso do Lobo Neves, e não tinha remorsos.



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS

CAPÍTULO CXXX

Para intercalar no capítulo CXXIX

- 1729
- 1730 [1] **A** PRIMEIRA vez que pude falar a Virgília, depois da presidência, foi num baile em 1855. Trazia um soberbo vestido de gorgorão azul, e ostentava às luzes o mesmo par de ombros de outro tempo. Não era a frescura da primeira idade; ao contrário; mas ainda estava formosa, de uma formosura outoniça, realçada pela noite. Lembra-me que falamos muito, sem aludir a cousa nenhuma do passado. Subentendia-se tudo. Um dito remoto, vago, ou então um olhar, e mais nada. Pouco depois retirou-se; eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômeno de ventriloquismo cerebral (perdoem-me os filólogos essa frase bárbara) murmurei comigo esta palavra profundamente retrospectiva:
- 1731
- 1732
- 1733 [2] — Magnífica!
- 1734 [3] Convém intercalar este capítulo entre a primeira oração e a segunda do capítulo CXXIX.

CAPÍTULO CXXXI

De uma calúnia

- 1735
- 1736 [1] **C**OMO EU acabava de dizer aquilo, pelo processo ventríloco-cerebral, — o que era simples opinião e não remorso, — senti que alguém me punha a mão no ombro. Voltei-me; era um antigo companheiro, oficial de marinha, jovial, um pouco despejado de maneiras. Ele sorriu maliciosamente, e disse-me:
- 1737 [2] — Seu maganão! Recordações do passado, hein?
- 1738 [3] — Viva o passado!





MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXXXI

De uma calúnia

página 206 de 242

[4] — Você naturalmente foi reintegrado no emprego.

[5] — Salta, pelintra! disse eu, ameaçando-o com o dedo.

[6] Confesso que este diálogo era uma indiscrição, — principalmente a última réplica. E com tanto maior prazer o confesso, quanto que as mulheres é que têm fama de indiscretas, e não quero acabar o livro sem rectificar essa noção do espírito humano. Em pontos de aventura amorosa, achei homens que sorriam, ou negavam a custo, de um modo frio, monossilábico, etc, ao passo que as parceiras não davam por si, e jurariam aos Santos Evangelhos que era tudo uma calúnia. A razão desta diferença é que a mulher (salva a hipótese do capítulo CI e outras) entrega-se por amor, ou seja o amor-paixão de Stendhal, ou o puramente físico de algumas damas romanas, por exemplo, ou polinésias, lapônias, cafres, e pode ser que outras raças civilizadas; mas o homem, — falo do homem de uma sociedade culta e elegante — o homem conjuga a sua vaidade ao outro sentimento. Além disso (e refiro-me sempre aos casos defesos), a mulher, quando ama outro homem, parece-lhe que mente a um dever, e portanto tem de dissimular com arte maior, tem de refinar a aleivosia; ao passo que o homem, sentindo-se causa da infracção e vencedor de outro homem, fica legitimamente orgulhoso, e logo passa a outro sentimento menos ríspido e menos secreto, — essa boa fatuidade, que é a transpiração luminosa do mérito.

[7] Mas seja ou não verdadeira a minha explicação, basta-me deixar escripto nesta página, para uso dos séculos, que a indiscrição das mulheres é uma burla inventada pelos homens; em amor, pelo menos, elas são um verdadeiro sepulcro. Perdem-se muita vez por desastradas, por inquietas, por não saberem resistir aos gestos, aos olhares; e é por isso que uma grande dama e fino espírito, a rainha de Navarra, empregou algures esta metáfora para dizer que toda a aventura amorosa vinha a descobrir-se por força, mais tarde ou mais cedo: « Não há cachorrinho tão adestrado, que alfim lhe não ouçamos o latir. »



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

CAPÍTULO CXXXII

Que não é sério

- 1748
- 1749 [1] **C**ITANDO O dito da rainha de Navarra, ocorre-me que entre o nosso povo, quando uma pessoa vê outra pessoa arrufada, costuma perguntar-lhe: « Gentes, quem matou seus cachorrinhos? » como se dissesse: — « quem lhe levou os amores, as aventuras secretas, etc. » Mas este capítulo não é sério.

CAPÍTULO CXXXIII

O princípio de Helvetius

- 1750
- 1751 [1] **E**STÁVAMOS NO ponto em que o oficial de marinha me arrancou a confissão dos amores de Virgília, e aqui emendo eu o princípio de Helvetius, — ou, por outra, explico-o. O meu interesse era calar; confirmar a suspeita de uma cousa antiga fora provocar algum ódio supitado, dar origem a um escândalo, quando menos adquirir a reputação de indiscreto. Era esse o interesse; e entendendo-se o princípio de Helvetius de um modo superficial, isso é o que devia ter feito. Mas eu já dei o motivo da indiscrição masculina: antes daquele interesse de *segurança*, havia outro, o do *desvanecimento*, que é mais íntimo, mais imediato: o primeiro era reflexivo, supunha um silogismo anterior; o segundo era espontâneo, instintivo, vinha das entranhas do sujeito; finalmente, o primeiro tinha o efeito remoto, o segundo próximo. Conclusão: o princípio de Helvetius é verdadeiro no meu caso; — a diferença é que não era o interesse aparente, mas o recôndito.
- 1752
- 1753
- 1754



CAPÍTULO CXXXIV

Cincoenta anos

1755
1756 [1] NÃO LHES disse ainda, — mas digo-o agora, — que quando Virgília
descia a escada, e o oficial de marinha me tocava no ombro, ti-
nha eu cincoenta anos. Era portanto a minha vida que descia pela
1757 escada abaixo, — ou a melhor parte, ao menos, uma parte cheia
de prazeres, de agitações, de sustos, — capeada de dissimulação e
duplicidade, — mas enfim a melhor, se devemos falar a linguagem
usual. Se, porém, empregarmos outra sublime, a melhor parte foi
a restante, como eu terei honra de lhes dizer nas poucas páginas
deste livro.

1758 [2] Cincoenta anos! Não era preciso confessá-lo. Já se vai sentindo
que o meu estilo não é tão lesto como nos primeiros dias. Naquela
ocasião, cessado o diálogo com o oficial de marinha, que enfiou
a capa e saiu, confesso que fiquei um pouco triste. Voltei à sala,
1759 lembrou-me dançar uma polca, embriagar-me das luzes, das flo-
res, dos cristais, dos olhos bonitos, e do borbórinho surdo e ligeiro
das conversas particulares. E não me arrependo; remoecei. Mas,
meia hora depois, quando me retirei do baile, às quatro da ma-
nhã, o que é que fui achar no fundo do carro? Os meus cincoenta
1760 anos. Lá estavam eles os teimosos, não tolhidos de frio, nem reu-
máticos, — mas cochilando a sua fadiga, um pouco cobiçosos de
cama e de repouso. Então, — e vejam até que ponto pode ir a
1761 imaginação de um homem, com sono, — então pareceu-me ouvir
de um morcego encarapitado no tejadilho: Senhor Brás Cubas, a
rejuvenescência estava na sala, nos cristais, nas luzes, nas sedas,
— enfim, nos outros.





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXXXV
Oblivion

página 209 de 242

CAPÍTULO CXXXV

Oblivion

1762
 1763 [1] **E** AGORA sinto que, se alguma dama tem seguido estas páginas, fe-
 1764 cha o livro e não lê as restantes. Para ela extinguiu-se o interesse
 da minha vida, que era o amor. Cincoenta anos! Não é ainda a
 invalidez, mas já não é a frescura. Venham mais dez, e eu enten-
 derei o que um inglês dizia, entenderei que « cousa é não achar já
 quem se lembre de meus pais, e de que modo me há de encarar o
 próprio ESQUECIMENTO ».

1765 [2] Vai em versaletes esse nome. OBLIVION! Justo é que se dêem
 1766 todas as honras a um personagem tão desprezado e tão digno,
 conviva da última hora, mas certo. Sabe-o a dama que luziu na au-
 rora do actual reinado, e mais dolorosamente a que ostentou suas
 graças em flor sob o ministério Paraná, porque esta acha-se mais
 perto do triunfo, e sente já que outras lhe tomaram o carro. Então,
 se é digna de si mesma, não teima em espertar a lembrança morta
 ou expirante; não busca no olhar de hoje a mesma saudação do
 olhar de ontem, quando eram outros os que encetavam a marcha
 da vida, de alma alegre e pé veloz. *Tempora mutantur*. Compre-
 1767 ende que este turbilhão é assim mesmo, leva as folhas do mato e
 o farrapos do caminho, sem excepção nem piedade; e se tiver um
 pouco de filosofia, não inveja, mas lastima as que lhe tomaram
 o carro, porque também elas hão de ser apeadas pelo estribeiro
 1768 OBLIVION. Espectáculo, cujo fim é divertir o planeta Saturno, que
 anda muito aborrecido.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

CAPÍTULO CXXXVI

Inutilidade

- 1769
- 1770 [1] **M**AS, OU muito me engano, ou acabo de escrever um capítulo inútil.

CAPÍTULO CXXXVII

A barretina

- 1771
- 1772 [1] **E** DAÍ, não; ele resume as reflexões que fiz no dia seguinte ao Quincas Borba, acrescentando que me sentia acabrunhado, e mil outras cousas tristes. Mas esse filósofo, com o elevado tino de que dispunha, bradou-me que eu ia escorregando na ladeira fatal da melancolia.

- 1773 [2] — Meu caro Brás Cubas, não te deixes vencer desses vapores. Que diacho! é preciso ser homem! ser forte! lutar! vencer! brilhar! influir! dominar! Cincoenta anos é a idade da ciência e do governo. Ânimo, Brás Cubas; não me sejas palerma. Que tens tu com essa sucessão de ruína a ruína ou de flor a flor? Trata de saborear a vida; e fica sabendo que a peor filosofia é a do choramingas que se deita à margem do rio para o fim de lastimar o curso incessante das águas. O ofício delas é não parar nunca; acomoda-te com a lei, e trata de aproveitá-la.

- 1775 [3] Vê-se nas menores cousas o que vale a autoridade de um grande filósofo. As palavras do Quincas Borba tiveram o condão de sacudir o torpor moral e mental em que andava. Vamos lá; façamo-nos governo, é tempo. Eu não havia intervindo até então nos grandes debates. Cortejava a pasta por meio de rapapés, chás,
- 1776





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXXXVII
 A barretina

página 211 de 242

comissões e votos; e a pasta não vinha. Urgia apoderar-me da tribuna.

[4]

Comecei de vagar. Três dias depois, discutindo-se o orçamento da justiça, aproveitei o ensejo para perguntar modestamente ao ministro se não julgava útil diminuir a barretina da guarda nacional. Não tinha vasto alcance o objecto da pergunta; mas ainda assim demonstrei que não era indigno das cogitações de um homem de Estado; e citei Filopêmen, que ordenou a substituição dos broquéis de suas tropas, que eram pequenos, por outros maiores, e bem assim as lanças, que eram demasiado leves; facto que a história não achou que desmentisse a gravidade de suas páginas. O tamanho das nossas barretinas estava pedindo um corte profundo, não só por serem deselegantes, mas também por serem anti-higiênicas. Nas paradas, ao sol, o excesso do calor produzido por elas podia ser fatal. Sendo certo que um dos preceitos de Hipócrates era trazer a cabeça fresca, parecia cruel obrigar um cidadão, por simples consideração de uniforme, a arriscar a saúde e a vida, e conseqüentemente, o futuro da família. A câmara e o governo deviam lembrar-se que a guarda nacional era o anteparo da liberdade e da independência, e que o cidadão, chamado a um serviço gratuito, frequente e penoso, tinha direito a que se lhe diminuísse o ônus, decretando um uniforme leve e maneiro. Acrescia que a barretina, por seu peso, abatia a cabeça dos cidadãos, e a pátria precisava de cidadãos cuja frente pudesse levantar-se altiva e serena diante do poder; e concluí com esta idéa: O chorão, que inclina os seus galhos para a terra, é árvore de cemitério; a palmeira, erecta e firme, é árvore do deserto, das praças e dos jardins.

[5]

Vária foi a impressão deste discurso. Quanto à forma, ao raptó eloqüente, à parte literária e filosófica, a opinião foi só uma; disseram-me todos que era completo, e que de uma barretina ninguém ainda conseguira tirar tantas idéas. Mas a parte política foi considerada por muitos deplorável; alguns achavam o meu discurso um desastre parlamentar; enfim, vieram dizer-me que ou-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXXXVIII

A um crítico

página 212 de 242

1785 tros me davam já em oposição, entrando nesse número os o-
 1786 picionistas da câmara, que chegaram a insinuar a convivência de
 1787 ção, que não era só errônea, mas caluniosa, à vista da notoriedade
 com que eu sustentava o gabinete; acrescentei que a necessidade
 de diminuir a barretina não era tamanha que não pudesse espe-
 1788 rar alguns anos; e que, em todo caso, eu transigiria na extensão
 do corte, contentando-me com três quartos de polegada ou me-
 nos; enfim, dado mesmo que a minha idéa não fosse adoptada,
 bastava-me tê-la iniciado no parlamento.

[6]

Quincas Borba, porém, não fez restricção alguma. Não sou ho-
 mem político, disse-me ele ao jantar; não sei se andaste bem ou
 mal; sei que fizeste um excelente discurso. E então notou as par-
 tes mais salientes, as belas imagens, os argumentos fortes, com
 esse comedimento de louvor que tão bem fica a um grande filó-
 sofo; depois, tomou o assunto à sua conta, e impugnou a barretina
 com tal força, com tamanha lucidez, que acabou convencendo-me
 efectivamente do seu perigo.

CAPÍTULO CXXXVIII

A um crítico

1789 Meu caro crítico,

1790 Algumas páginas atrás, dizendo eu que tinha cinquenta
 1791 anos, acrescentei: « Já se vai sentindo que o meu estilo
 não é tão lesto como nos primeiros dias. » Talvez aches
 esta frase incompreensível, sabendo-se o meu actual
 estado; mas eu chamo a tua atenção para a subtiliza-
 daquele pensamento. O que eu quero dizer não é que
 esteja agora mais velho do que quando comecei o livro.
 1792 A morte não envelhece. Quero dizer, sim, que em cada



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS

fase da narração da minha vida experimento a sensação correspondente. Valha-me Deus! é preciso explicar tudo.

CAPÍTULO CXXXIX

De como não fui ministro d'Estado

[1]

.....
.....
.....
.....
.....

CAPÍTULO CXL

Que explica o anterior

[1]

HÁ COUSAS que melhor se dizem calando; tal é a matéria do capítulo anterior. Podem entendê-lo os ambiciosos malogrados. Se a paixão do poder é a mais forte de todas, como alguns inculcam, imaginem o desespero, a dor, o abatimento do dia em que perdi a cadeira da câmara dos deputados. Iam-se-me as esperanças todas; terminava a carreira política. E notem que o Quincas Borba, por induções filosóficas que fez, achou que a minha ambição não era a paixão verdadeira do poder, mas um capricho, um desejo de folgar. Na opinião dele, este sentimento, não sendo mais profundo que o outro, amofina muito mais, porque orça pelo amor que as mulheres têm às rendas e toucados. Um Cromwell ou um Bonaparte, acrescentava ele, por isso mesmo que os queima a paixão



do poder, lá chegam à fina força ou pela escada da direita, ou pela da esquerda. Não era assim o meu sentimento; este, não tendo em si a mesma força, não tem a mesma certeza do resultado; e daí a maior aflicção, o maior desencanto, a maior tristeza. O meu sentimento, segundo o Humanitismo. . .

[2] — Vai para o diabo com o teu Humanitismo, interrompi-o; estou farto de filosofias que me não levam a cousa nenhuma.

[3] A dureza da interrupção, tratando-se de tamanho filósofo, equivalia a um desacato; mas ele próprio desculpou a irritação com que lhe falei. Trouxeram-nos café; era uma hora da tarde, estávamos na minha sala de estudo, uma bela sala, que dava para o fundo da chácara, bons livros, objetos d'arte, um Voltaire entre eles, um Voltaire de bronze, que nessa ocasião parecia accentuar o risinho de sarcasmo, com que me olhava, o ladrão; cadeiras excelentes; fora, o sol, um grande sol, que o Quincas Borba, não sei se por chalaça ou poesia, chamou um dos ministros da natureza; corria um vento fresco, o céu estava azul. De cada janela, — eram três — pendia uma gaiola com pássaros, que chilreavam as suas óperas rústicas. Tudo tinha a aparência de uma conspiração das cousas contra o homem; e, conquanto eu estivesse na *minha* sala, olhando para a *minha* chácara, sentado na *minha* cadeira, ouvindo *meus* pássaros, ao pé dos *meus* livros, alumiado pelo *meu* sol, não chegava a curar-me das saudades daquela outra cadeira, que não era minha.²⁴

CAPÍTULO CXLI

Os cães

[1] — **M**AS, ENFIM, que pretendes fazer agora? perguntou-me Quincas Borba, indo pôr a xícara vazia no parapeito de uma das janelas.





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXXI
 Os cães

página 215 de 242

1807 [2] — Não sei; vou meter-me na Tijuca; fugir aos homens. Estou envergonhado, aborrecido. Tantos sonhos, meu caro Borba, tantos sonhos, e não sou nada.

1808 [3] — Nada! interrompeu-me o Quincas Borba com um gesto de indignação.

1809 [4] Para distrair-me, convidou-me a sair; saímos para os lados do Engenho Velho. Íamos a pé, filosofando as cousas. Nunca me há-de esquecer o benefício desse passeio. A palavra daquele grande homem era o cordial da sabedoria. Disse-me ele que eu não podia fugir ao combate; se me fechavam a tribuna, cumpria-me abrir um jornal. Chegou a usar uma expressão menos elevada, mostrando assim que a língua filosófica podia, uma ou outra vez, retemperar-se no calão do povo. Funda um jornal, disse-me ele, e «desmancha toda esta egrejinha».

1811 [5] — Magnífica idéia! Vou fundar um jornal, vou escachá-los, vou...

1812 [6] — Lutar. Podes escachá-los ou não; o essencial é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal.

1813 [7] Daí a pouco demos com uma briga de cães; facto que aos olhos de um homem vulgar não teria valor. Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dous. Notou que ao pé deles estava um osso, motivo da guerra, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães mordiam-se, rosnavam, com furor nos olhos... Quincas Borba meteu a bengala debaixo do braço, e parecia em êxtasis.

1815 [8] — Que belo que isto é! dizia ele de quando em quando.

1816 [9] Quis arrancar-me dali, mas não pude; ele estava arraigado ao chão, e só continuou a andar, quando a briga cessou inteiramente, e um dos cães, mordido e vencido, foi levar a sua fome a outra parte. Notei que ficara sinceramente alegre, posto contivesse



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXLII

O pedido secreto

página 216 de 242

a alegria, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espectáculo, lembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espectáculo é mais grandioso; as creaturas humanas é que disputam aos cães os ossos e outros manjares menos apetecíveis; luta que se complica muito, porque entra em acção a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos etc.

CAPÍTULO CXLII

O pedido secreto

[1] QUANTA COUSA num minuetete! como dizia o outro. Quanta coisa numa briga de cães! Mas eu não era um discípulo servil ou medroso, que deixasse de fazer uma ou outra objecção adequada. Andando, disse-lhe que tinha uma dúvida; não estava bem certo da vantagem de disputar a comida aos cães. Ele respondeu-me com excepcional brandura:

[2] — Disputá-la aos outros homens é mais lógico, porque a condição dos contendores é a mesma, e leva o osso o que for mais forte. Mas por que não será um espectáculo grandioso disputá-lo aos cães? Voluntariamente, comem-se gafanhotos, como o Precursor, ou coisa peor, como Ezequiel; logo, o ruim é comível; resta saber se é mais digno do homem disputá-lo, por virtude de uma necessidade natural, ou preferi-lo, para obedecer a uma exaltação religiosa, isto é, modificável, ao passo que a fome é eterna, como a vida e como a morte.

[3] Estávamos à porta de casa; deram-me uma carta, dizendo que vinha de uma senhora. Entramos, e o Quincas Borba, com a dis-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXLII
 O pedido secreto

página 217 de 242

crição própria de um filósofo, foi ler a lombada dos livros de uma estante, enquanto eu lia a carta, que era de Virgília:

Meu bom amigo,

Dona Plácida está muito mal. Peço-lhe o favor de fazer alguma cousa por ela; mora no beco das Escadinhas; veja se alcança metê-la na Misericórdia.

Sua amiga sincera,



[4] Não era a letra fina e correcta de Virgília, mas grossa e desigual; o V da assignatura não passava de um rabisco sem intenção alfabética; de maneira que, se a carta aparecesse, era mui difficil attribuir-lhe a autoria. Virei e revirei o papel. Pobre Dona Plácida! Mas eu tinha-lhe deixado os cinco contos da Praia da Gamboa, e não podia compreender que. . .

[5] — Vais compreender, disse Quincas Borba, tirando um livro da estante.

[6] — O quê? perguntei espantado.

[7] — Vais compreender que eu só te disse a verdade. Pascal é um dos meus avôs espirituais; e, conquanto a minha filosofia valha mais que a dele, não posso negar que era um grande homem. Ora, que diz ele nesta página? — E, chapéu na cabeça, bengala sobraçada, apontava o lugar com o dedo. — Que diz ele? Diz que o homem tem «uma grande vantagem sobre o resto do universo: sabe que morre, ao passo que o universo ignora-o absolutamente». Vês? Logo, o homem que disputa o osso a um cão tem sobre este a grande vantagem de saber que tem fome; e é isto que torna grandiosa a luta, como eu dizia. «Sabe que morre» é uma expressão profunda; creio todavia que é mais profunda a minha expressão: sabe que tem fome. Porquanto, o fato da morte limita, por assim dizer, o entendimento humano; a consciência da extinção dura um breve instante e acaba para nunca mais, ao



PROCURAR



SUMÁRIO



MARCAS

passo que a fome tem a vantagem de voltar, de prolongar o estado consciente. Parece-me (se não vai nisso alguma imodéstia), que a fórmula de Pascal é inferior à minha, sem todavia deixar de ser um grande pensamento, e Pascal um grande homem.

CAPÍTULO CXLIII

Não vou

1836

1837 [1] **E**NQUANTO ELE restitua o livro à estante, relia eu o bilhete. Ao jantar, vendo que eu falava pouco, mastigava sem acabar de engolir, fitava o canto da sala, a ponta da mesa, um prato, uma cadeira, uma mosca invisível, disse-me ele: — Tens alguma cousa; aposto que foi aquela carta? — Foi. Realmente, sentia-me aborrecido, incomodado, com o pedido de Virgília. Tinha dado a Dona Plácida cinco contos de réis; duvido muito que ninguém fosse mais generoso do que eu, nem tanto. Cinco contos! E que fizera deles? Naturalmente botou-os fora, comeu-os em grandes festas, e agora toca para a Misericórdia, e eu que a leve! Morre-se em qualquer parte. Acresce que eu não sabia ou não me lembrava do tal beco das Escadinhas; mas, pelo nome, parecia-me algum recanto estreito e escuro da cidade. Tinha de lá ir, chamar a atenção dos vizinhos, bater à porta etc. Que maçada! Não vou.

1838

1839



CAPÍTULO CXLIV

Utilidade relativa

- 1840
- 1841 [1] **M**AS A noite, que é boa conselheira, ponderou que a cortesia man-
- 1842 [2] dava obedecer aos desejos da minha antiga dama.
- 1843 [3] — Letras vencidas, urge pagá-las, disse eu ao levantar-me.
- 1844 Depois do almoço fui à casa de Dona Plácida; achei um mo-
- 1845 lho de ossos, envolto em molambos, estendido sobre um catre ve-
- lho e nauseabundo; dei-lhe algum dinheiro. No dia seguinte fi-la
- transportar para a Misericórdia; onde ela morreu uma semana de-
- pois. Minto: amanheceu morta; saiu da vida às escondidas, tal
- qual entrara. Outra vez perguntei, a mim mesmo, como no ca-
- pítulo LXXV, se era para isto que o sacristão da Sé e a doceira
- trouxeram Dona Plácida à luz, num momento de simpatia espe-
- cífica. Mas adverti logo que, se não fosse Dona Plácida, talvez os
- meus amores com Virgília tivessem sido interrompidos, ou imedi-
- atamente quebrados, em plena efervescência; tal foi, portanto, a
- utilidade da vida de Dona Plácida. Utilidade relativa, convenho;
- mas que diacho há absoluto nesse mundo?

CAPÍTULO CXLV

Simple repetição

- 1846
- 1847 [1] **Q**UANTO AOS cinco contos, não vale a pena dizer que um carteiro da
- vizinhança fingiu-se enamorado de Dona Plácida, logrou espartar-
- lhe os sentidos, ou a vaidade, e casou com ela; no fim de alguns
- meses inventou um negócio, vendeu as apólices e fugiu com o



1848 dinheiro. Não vale a pena. É o caso dos cães do Quincas Borba.
1849 Simples repetição de um capítulo.

CAPÍTULO CXLVI

O programa

1850 [1] **U**RGIA FUNDAR o jornal. Redigi o programa, que era uma aplicação
1851 política do Humanitismo; somente, como o Quincas Borba não
1852 houvesse ainda publicado o livro (que aperfeiçoava de ano em
1853 ano), assentamos de lhe não fazer nenhuma referência. Quincas
1854 Borba exigiu apenas uma declaração, autógrafa e reservada, de
1855 que alguns princípios novos aplicados à política eram tirados do
1856 livro dele, ainda inédito.

[2] Era a fina flor dos programas; prometia curar a sociedade, des-
truir os abusos, defender os sãos princípios de liberdade e con-
servação; fazia um apelo ao comércio e à lavoura; citava Guizot
e Ledru-Rollin, e acabava com esta ameaça, que o Quincas Borba
achou mesquinha e local: «A nova doutrina que professamos há
de inevitavelmente derribar o atual ministério.» Confesso que, nas
circunstâncias políticas da ocasião, o programa pareceu-me uma
obra-prima. A ameaça do fim, que o Quincas Borba achou mesqui-
nha, demonstrei-lhe que era saturada do mais puro Humanitismo,
e ele mesmo o confessou depois. Porquanto, o Humanitismo não
excluía nada; as guerras de Napoleão e uma contenda de cabras
eram, segundo a nossa doutrina, a mesma sublimidade, com a di-
ferença que os soldados de Napoleão sabiam que morriam, coisa
que aparentemente não acontece às cabras. Ora, eu não fazia mais
do que aplicar às circunstâncias a nossa fórmula filosófica: Huma-
nitas queria substituir Humanitas para consolação de Humanitas.

[3] — Tu és o meu discípulo amado, o meu califa, bradou Quincas



Borba, com uma nota de ternura, que até então lhe não ouvira. Posso dizer como o grande Muhammed: nem que venham agora contra mim o sol e a lua, não recuarei das minhas idéas. Crê, meu caro Brás Cubas, que esta é a verdade eterna, anterior aos mundos, posterior aos séculos.

CAPÍTULO CXLVII

O desatino

1857

1858 [1] **M**ANDEI LOGO para a imprensa uma notícia discreta, dizendo que provavelmente começaria a publicação de um jornal oposicionista, daí a algumas semanas, redigido pelo Doutor Brás Cubas. Quincas Borba, a quem li a notícia, pegou da pena, e acrescentou ao meu nome, com uma fraternidade verdadeiramente humanística, esta frase: «Um dos mais gloriosos membros da passada câmara.»

1859

1860 [2] No dia seguinte entra-me em casa o Cotrim. Vinha um pouco transtornado, mas dissimulava, afectando sossego e até alegria. Vira a notícia do jornal, e achou que devia, como amigo e parente, dissuadir-me de semelhante idéa. Era um erro, um erro fatal. Mostrou que eu ia colocar-me numa situação difícil, e de certa maneira trancar as portas do parlamento. O ministério, não só lhe parecia excelente, o que aliás podia não ser a minha opinião, mas com certeza viveria muito; e que podia eu ganhar com indispor-lo contra mim? Sabia que alguns dos ministros me eram afeiçoados; não era impossível uma vaga, e. . . Interrompi-o nesse ponto, para lhe dizer que meditara muito o passo que ia dar, e não podia recuar uma linha. Cheguei a propor-lhe a leitura do programa, mas ele recusou energicamente, dizendo que não queria ter a mínima parte no meu desatino.

1861

1862



1863 [3] — É um verdadeiro desatino, repetiu ele; pense ainda alguns dias, e verá que é um desatino.

1864 [4] A mesma cousa disse Sabina, à noite, no teatro. Deixou a filha no camarote, com Cotrim, e trouxe-me ao corredor.

1865 [5] — Mano Brás, que é que você vai fazer? perguntou-me aflicta. Que idéa é essa de provocar o governo, sem necessidade, quando podia...

1866 [6] Expliquei-lhe que não me convinha mendigar uma cadeira no parlamento; que a minha idéa era derribar o ministério, por não me parecer adequado à situação — e a certa fórmula filosófica; afiancei que empregaria sempre uma linguagem cortês, embora enérgica. A violência não era especiaria do meu paladar. Sabina bateu com o leque na ponta dos dedos, abanou a cabeça, e tornou ao assunto com um ar de súplica e ameaça, alternadamente; eu disse-lhe que não, que não, e que não. Desenganada, lançou-me em rosto preferir os conselhos de pessoas estranhas e invejosas aos dela e do marido. — Pois siga o que lhe parecer, concluiu; nós cumprimos a nossa obrigação. Deu-me as costas e voltou ao camarote.

CAPÍTULO CXLVIII

O problema insolúvel

1869 [1] **P**UBLIQUEI O jornal. Vinte e quatro horas depois, aparecia em outros uma declaração do Cotrim, dizendo, em substância, que «posto não militasse em nenhum dos partidos em que se dividia a pátria, achava conveniente deixar bem claro que não tinha influência nem parte directa ou indirecta na folha de seu cunhado, o Doutor Brás Cubas, cujas idéas e procedimento político inteiramente reprovava. O atual ministério (como aliás qualquer outro





MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXLIX

Teoria do benefício

página 223 de 242

composto de eguais capacidades) parecia-lhe destinado a promover a felicidade pública. »

[2]

Não podia acabar de crer nos meus olhos. Esfreguei-os uma e duas vezes, e reli a declaração inoportuna, insólita e enigmática. Se ele nada tinha com os partidos, que lhe importava um incidente tão vulgar como a publicação de uma folha? Nem todos os cidadãos que acham bom ou mau um ministério fazem declarações tais pela imprensa, nem são obrigados a fazê-las. Realmente, era um mistério a intrusão do Cotrim neste negócio, não menos que a sua agressão pessoal. Nossas relações até então tinham sido lhanas e benévolas; não me lembrava nenhum dissentimento, nenhuma sombra, nada, depois da reconciliação. Ao contrário, as recordações eram de verdadeiros obséquios; assim, por exemplo, sendo eu deputado, pude obter-lhe uns fornecimentos para o arsenal de marinha, fornecimentos que ele continuava a fazer com a maior pontualidade, e dos quais me dizia algumas semanas antes, que no fim de mais três anos, podiam dar-lhe uns duzentos contos. Pois a lembrança de tamanho obséquo não teve força para obstar que ele viesse a público enxovalhar o cunhado? Devia ser mui poderoso o motivo da declaração, que o fazia cometer ao mesmo tempo um destempero e uma ingratição; confesso que era um problema insolúvel. . .

CAPÍTULO CXLIX

Teoria do benefício

[1] ...

TÃO INSOLÚVEL que o Quincas Borba não pôde dar com ele, apesar de estudá-lo longamente e com boa vontade. — Ora adeus! concluiu; nem todos os problemas valem cinco minutos de atenção.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO CXLIX

Teoria do benefício

página 224 de 242

1879

[2]

Quanto à censura de ingratidão, Quincas Borba rejeitou-a inteiramente, não como improvável, mas como absurda, por não obedecer às conclusões de uma boa filosofia humanística.

1880

[3]

— Não me podes negar um fato, disse ele; é que o prazer do beneficiador é sempre maior que o do beneficiado. Que é o benefício? é um acto que faz cessar certa privação do beneficiado. Uma vez produzido o efeito essencial, isto é, uma vez cessada a privação, torna o organismo ao estado anterior, ao estado indifferente. Supõe que tens apertado em demasia o cós das calças; para fazer cessar o incômodo, desabotoas o cós, respiras, saboreias um instante de gozo, o organismo torna à indiferença, e não te lembras dos teus dedos que praticaram o acto. Não havendo nada que perdure, é natural que a memória se esvaeça, porque ela não é uma planta aérea, precisa de chão. A esperança de outros favores, é certo, conserva sempre no beneficiado a lembrança do primeiro; mas este facto, aliás um dos mais sublimes que a filosofia pode achar em seu caminho, explica-se pela memória da privação, ou, usando de outra fórmula, pela privação continuada na memória, que repercute a dor passada e aconselha a precaução do remédio oportuno. Não digo que, ainda sem esta circunstância, não aconteça, algumas vezes, persistir a memória do obséquio, acompanhada de certa afeição mais ou menos intensa; mas são verdadeiras aberrações, sem nenhum valor aos olhos de um filósofo.

1882

1883

1884

1885

[4]

— Mas, repliquei eu, se nenhuma razão há para que perdure a memória do obséquio no obsequiado, menos há-de haver em relação ao obsequiador. Quisera que me explicasses este ponto.

1886

[5]

— Não se explica o que é de natureza evidente, retorquiu o Quincas Borba; mas eu direi alguma coisa mais. A persistência do benefício na memória de quem o exerce explica-se pela natureza mesma do benefício e seus efeitos. Primeiramente, há o sentimento de uma boa acção, e deductivamente a consciência de que somos capazes de boas acções; em segundo logar, recebe-se uma convicção de superioridade sobre outra creatura, superioridade no

1887



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CL
 Rotação e translação

página 225 de 242

estado e nos meios; e esta é uma das cousas mais legitimamente agradáveis, segundo as melhores opiniões, ao organismo humano. Erasmo, que no seu *Elogio da Sandice* escreveu algumas cousas boas, chamou a atenção para a complacência com que dois burros se coçam um ao outro. Estou longe de rejeitar essa observação de Erasmo; mas direi o que ele não disse, a saber, que se um dos burros coçar melhor o outro, esse há de ter nos olhos algum indício especial de satisfação. Porque é que uma mulher bonita olha muitas vezes para o espelho, senão porque se acha bonita, e porque isso lhe dá certa superioridade sobre uma multidão de outras mulheres menos bonitas ou absolutamente feias? A consciência é a mesma cousa; remira-se a miúdo, quando se acha bela. Nem o remorso é outra cousa mais do que o trejeito de uma consciência que se vê hedionda. Não esqueças que, sendo tudo uma simples irradiação de Humanitas, o benefício e seus efeitos são fenômenos perfeitamente admiráveis.

CAPÍTULO CL

Rotação e translação

[1] **H**Á EM cada empresa, afeição ou idade um ciclo inteiro da vida humana. O primeiro número do meu jornal encheu-me a alma de uma vasta aurora, corou-me de verduras, restituiu-me a lepidéz da mocidade. Seis meses depois batia a hora da velhice, e daí a duas semanas a da morte, que foi clandestina, como a de Dona Plácida. No dia em que o jornal amanheceu morto, respirei como um homem que vem de longo caminho. De modo que, se eu disser que a vida humana nutre de si mesma outras vidas, mais ou menos efêmeras, como o corpo alimenta os seus parasitas, creio não dizer uma cousa inteiramente absurda. Mas, para não arriscar



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

essa figura menos nítida e adequada, prefiro uma imagem astronômica: o homem executa à roda do grande mistério um movimento duplo de rotação e translação; tem os seus dias, desiguais como os de Júpiter, e deles compõe o seu ano mais ou menos longo.

[2] No momento em que eu terminava o meu movimento de rotação, concluía Lobo Neves o seu movimento de translação. Morria com o pé na escada ministerial. Correu ao menos durante algumas semanas, que ele ia ser ministro; e pois que o boato me encheu de muita irritação e inveja, não é impossível que a notícia da morte me deixasse alguma tranquilidade, alívio, e um ou dous minutos de prazer. Prazer é muito, mas é verdade; juro aos séculos que é a pura verdade.

[3] Fui ao enterro. Na sala mortuária achei Virgília, ao pé do féretro, a soluçar. Quando levantou a cabeça, vi que chorava deveras. Ao sair o enterro, abraçou-se ao caixão, aflicta; vieram tirá-la e levá-la para dentro. Digo-vos que as lágrimas eram verdadeiras. Eu fui ao cemitério; e, para dizer tudo, não tinha muita vontade de falar; levava uma pedra na garganta ou na consciência. No cemitério, principalmente quando deixei cair a pá de cal sobre o caixão, no fundo da cova, o baque surdo da cal deu-me um estrelecimento passageiro, é certo, mas desagradável; e depois a tarde tinha o peso e a cor do chumbo; o cemitério, as roupas pretas. . .

CAPÍTULO CLI

Filosofia dos epitáfios

[1] **S** AÍ, AFASTANDO-ME dos grupos, e fingindo ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem,





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CLIII
 O alienista

página 227 de 242

talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos.

CAPÍTULO CLII

A Moeda de Vespasiano

[1] **T**INHAM IDO todos; só o meu carro esperava pelo dono. Accendi um charuto; afastei-me do cemitério. Não podia sacudir dos olhos a cerimônia do enterro, nem dos ouvidos os soluços de Virgília. Os soluços, principalmente, tinham o som vago e misterioso de um problema. Virgília traíra o marido, com sinceridade, e agora chorava-o com sinceridade. Eis uma combinação difícil que não pude fazer em todo o trajecto; em casa, porém, apeando-me do carro, suspeitei que a combinação era possível, e até fácil. Meiga Natura! A taxa da dor é como a moeda de Vespasiano; não cheira à origem, e tanto se colhe do mal como do bem. A moral repreenderá, porventura, a minha cúmplice; é o que te não importa, implacável amiga, uma vez que lhe recebeste pontualmente as lágrimas. Meiga, três vezes meiga Natura!

CAPÍTULO CLIII

O alienista

[1] **C**OMEÇO A ficar patético e prefiro dormir. Dormi, sonhei que era nababo, e acordei com a idéia de ser nababo. Eu gostava, às vezes, de imaginar esses contrastes de região, estado e credo. Alguns dias antes tinha pensado na hipótese de uma revolução social, religi-



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CLIII
 O alienista

página 228 de 242

1908 osa e política, que transferisse o arcebispo de Cantuária a simples
 colector de Petrópolis, e fiz longos cálculos para saber se o colec-
 tor eliminaria o arcebispo, ou se o arcebispo rejeitaria o colector,
 ou que porção de arcebispo pode fazer num colector, ou que soma
 1909 de colector pode combinar com um arcebispo, etc. Questões inso-
 lúveis, aparentemente, mas na realidade perfeitamente solúveis,
 desde que se atenda que pode haver num arcebispo dous arcebis-
 pos, — o da bula e o outro. Está dito, vou ser nababo.

1910 [2] Era um simples gracejo; disse-o, todavia, ao Quincas Borba,
 que olhou para mim com certa cautela e pena, levando a sua bon-
 dade a comunicar-me que eu estava doudo. Ri-me a princípio; mas
 a nobre convicção do filósofo incutiu-me certo medo. A única ob-
 1911 jeccção contra a palavra do Quincas Borba é que não me sentia
 doudo, mas não tendo geralmente os doudos outro conceito de si
 mesmos, tal objecção ficava sem valor. E vede se há algum funda-
 1912 mento na crença popular de que os filósofos são homens alheios
 às cousas mínimas. No dia seguinte, mandou-me o Quincas Borba
 um alienista. Conhecia-o, fiquei aterrado. Ele, porém, houve-se
 com a maior delicadeza e habilidade, despedindo-se tão alegre-
 mente que me animou a perguntar-lhe se deveras me não achava
 doudo.²⁵

1913 [3] — Não, disse ele sorrindo; raros homens terão tanto juízo
 como o senhor.

1914 [4] — Então o Quincas Borba enganou-se?

1915 [5] — Redondamente. E depois: — Ao contrário, se é amigo
 dele... peça-lhe que o distraia... que... .

1916 [6] — Justos céus! Parece-lhe?... Um homem de tamanho espí-
 rito, um filósofo!

1917 [7] — Não importa; a loucura entra em todas as casas.

1918 [8] Imaginem a minha aflicção. O alienista, vendo o efeito de suas
 palavras, reconheceu que eu era amigo do Quincas Borba, e tratou
 de diminuir a gravidade da advertência. Observou que podia não
 ser nada, e acrescentou até que um grãozinho de sandice, longe de



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

fazer mal, dava certo pingo à vida. Como eu rejeitasse com horror esta opinião, o alienista sorriu e disse-me uma cousa tão extraordinária, tão extraordinária, que não merece menos de um capítulo.

CAPÍTULO CLIV

Os navios do Pireu

[1] — **H**Á DE lembrar-se, disse-me o alienista, daquele famoso maníaco ateniense, que supunha que todos os navios entrados no Pireu eram de sua propriedade. Não passava de um pobretão, que talvez não tivesse, para dormir, a cuba de Diógenes; mas a posse imaginária dos navios valia por todas as dracmas da Hélade. Ora bem, há em todos nós um maníaco de Atenas; e quem jurar que não possuiu alguma vez, mentalmente, dous ou três patachos, pelo menos, pode crer que jura falso.

[2] — Também o senhor! perguntei-lhe.

[3] — Também eu.

[4] — Também eu?

[5] — Também o senhor; e o seu criado, não menos, se é seu criado esse homem que ali está sacudindo os tapetes à janela.

[6] De facto, era um dos meus criados que batia os tapetes, enquanto nós falávamos no jardim, ao lado. O alienista notou então que ele escancarara as janelas todas desde longo tempo, que alçara as cortinas, que devassara o mais possível a sala, ricamente alfaiada, para que a vissem de fora, e concluiu: — Este seu criado tem a mania do ateniense: crê que os navios são dele; uma hora de ilusão que lhe dá a maior felicidade da terra.



CAPÍTULO CLV

Reflexão cordial

- 1929
- 1930
- [1] — **S**E O alienista tem razão, disse eu comigo, não haverá muito que lastimar o Quincas Borba; é uma questão de mais ou de menos. Contudo, é justo cuidar dele, e evitar que lhe entrem no cérebro maníacos de outras paragens.

CAPÍTULO CLVI

Orgulho da servilidade

- 1931
- 1932
- [1] **Q**UINCAS BORBA divergiu do alienista em relação ao meu criado. — Pode-se, por imagem, disse ele, atribuir ao teu criado a mania de ateniense; mas imagens não são idéas nem observações tomadas à natureza. O que o teu criado tem é um sentimento nobre e perfeitamente regido pelas leis do Humanitismo: é o orgulho da servilidade. A intenção dele é mostrar que não é criado de *qualquer*. — Depois chamou a minha atenção para os cocheiros de casa grande, mais impertigados que o amo, para os criados de hotel, cuja solícitude obedece às variações sociais da freguesia, etc. E concluiu que era tudo a expressão daquele sentimento delicado e nobre, — prova cabal de que muitas vezes o homem, ainda a engraxar botas, é sublime.
- 1933
- 1934



CAPÍTULO CLVII

Fase brilhante

1935
1936 [1] — **S**UBLIME ÉS tu, bradei eu, lançando-lhe os braços ao pescoço.

1937 [2] Com efeito era impossível crer que um homem tão profundo chegasse à demência; foi o que lhe disse após o meu abraço, denunciando-lhe a suspeita do alienista. Não posso descrever a impressão que lhe fez a denúncia; lembra-me que ele estremeceu e ficou muito pálido.

1938 [3] Foi por esse tempo que eu me reconciliei outra vez com o Corrim, sem chegar a saber a causa do dissentimento. Reconciliação oportuna, porque a solidão pesava-me, e a vida era para mim a peor das fadigas, que é a fadiga sem trabalho. Pouco depois fui convidado por ele a filiar-me numa Ordem Terceira; o que eu não fiz sem consultar o Quincas Borba:

1939 [4] — Vai, se queres, disse-me este, mas temporariamente. Eu trato de anexar à minha filosofia uma parte dogmática e litúrgica. O Humanitismo há de ser também uma religião, a do futuro, a única verdadeira. O cristianismo é bom para as mulheres e os mendigos, e as outras religiões não valem mais do que essa: orçam todas pela mesma vulgaridade ou fraqueza. O paraíso cristão é um digno émulo do paraíso musulmano; e quanto ao nirvana de Buda não passa de uma concepção de paralíticos. Verás o que é a religião humanística. A absorpção final, a fase *contractiva* é a reconstituição da substância, não o seu aniquilamento, etc. Vai aonde te chamam; não esqueças, porém, que és o meu califa.

1940
1941
1942 [5] E vede agora a minha modéstia; filiei-me na Ordem Terceira de ***, exerci ali alguns cargos, foi essa a fase mais brilhante da minha vida. Não obstante, calo-me, não digo nada, não conto os





MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

CAPÍTULO CLVIII

Dous Encontros

página 232 de 242

meus serviços, o que fiz aos pobres e aos enfermos, nem as recompensas que recebi, nada, não digo absolutamente nada.

Talvez a economia social pudesse ganhar alguma cousa, se eu mostrasse como todo e qualquer prêmio estranho vale pouco ao lado do prêmio subjectivo e imediato; mas seria romper o silêncio que jurei guardar neste ponto. Demais, os fenômenos da consciência são de difícil análise; por outro lado, se contasse um, teria de contar todos os que a ele se prendessem, e acabava fazendo um capítulo de psicologia. Afirmo somente que foi a fase mais brilhante da minha vida. Os quadros eram tristes; tinham a monotonia da desgraça, que é tão aborrecida como a do gozo, e talvez peor. Mas a alegria que se dá à alma dos doentes e dos pobres, é recompensa de algum valor; e não me digam que é negativa, por só recebê-la o obsequiado. Não; eu recebia-a de um modo reflexo, e ainda assim grande, tão grande que me dava excelente idéa de mim mesmo.

CAPÍTULO CLVIII

Dous Encontros

NO FIM de alguns anos, três ou quatro, estava enfiado do ofício, e deixei-o, não sem um donativo importante, que me deu direito ao retrato na sacristia. Não acabarei, porém, o capítulo, sem dizer que vi morrer no hospital da Ordem, adivinhem quem? . . . a linda Marcela; e via-a morrer no mesmo dia em que, visitando um cortiço, para distribuir esmolas, achei. . . Agora é que não são capazes de adivinhar. . . achei a flor da moita, Eugênia, a filha de Dona Eusébia e do Vilaça, tão coxa como a deixara, e ainda mais triste.

Esta, ao reconhecer-me, ficou pálida, e baixou os olhos; mas foi obra de um instante. Ergueu logo a cabeça, e fitou-me com muita



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CLIX
 A semi-demência

página 233 de 242

dignidade. Compreendi que não receberia esmolos da minha algi-
 beira, e estendi-lhe a mão, como faria à esposa de um capitalista.
 Cortejou-me e fechou-se no cubículo. Nunca mais a vi; não soube
 nada da vida dela, nem se a mãe era morta, nem que desastre a
 trouxera a tamanha miséria. Sei que continuava coxa e triste. Foi
 com esta impressão profunda que cheguei ao hospital, onde Mar-
 cела entrara na véspera, e onde a vi expirar meia hora depois, feia,
 magra, decrépita. . .

CAPÍTULO CLIX

A semi-demência

[1] **C**OMPREENDI QUE estava velho, e precisava de uma força; mas o
 Quincas Borba partira seis meses antes para Minas Gerais, e le-
 vou consigo a melhor das filosofias. Voltou quatro meses depois, e
 entrou-me em casa, certa manhã, quase no estado em que eu o vira
 no Passeio Público. A diferença é que o olhar era outro. Vinha de-
 mente. Contou-me que, para o fim de aperfeiçoar o Humanitismo,
 queimara o manuscrito todo e ia recomeçá-lo. A parte dogmática
 ficava completa, embora não escripta; era a verdadeira religião do
 futuro.

[2] — Juras por Humanitas? perguntou-me.

[3] — Sabes que sim.

[4] A voz mal podia sair-me do peito; e aliás não tinha descoberto
 toda a cruel verdade. Quincas Borba não só estava louco, mas sa-
 bia que estava louco, e esse resto de consciência, como uma frouxa
 lamparina no meio das trevas, complicava muito o horror da situa-
 ção. Sabia-o, e não se irritava contra o mal; ao contrário, dizia-me
 que era ainda uma prova de Humanitas, que assim brincava con-
 sigo mesmo. Recitava-me longos capítulos do livro, e antífonas, e



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

CAPÍTULO CLX
 Das negativas

página 234 de 242

1958
 litanias espirituais; chegou até a reproduzir uma dança sacra que inventara para as cerimônias do Humanitismo. A graça lúgubre com que ele levantava e sacudia as pernas era singularmente fantástica. Outras vezes amuava-se a um canto, com os olhos fitos no ar, uns olhos em que, de longe em longe, fulgurava um raio persistente da razão, triste como uma lágrima. . .

1959 [5] Morreu pouco tempo depois, em minha casa, jurando e repetindo sempre que a dor era uma ilusão, e que Pangloss, o caluniado Pangloss, não era tão tolo como o supôs Voltaire.

1960 CAPÍTULO CLX Das negativas

1961 [1] **E**NTRE A morte do Quincas Borba e a minha, mediaram os sucessos narrados na primeira parte do livro. O principal deles foi a invenção do *emplasto Brás Cubas*, que morreu comigo, por causa da moléstia que apanhei. Divino emplasto, tu me darias o primeiro logar entre os homens, acima da ciência e da riqueza, porque eras a genuína e directa inspiração do céu. O acaso determinou o contrário; e aí vos ficais eternamente hipocondríacos.

1962
 1963 [2] Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de Dona Plácida, nem a semi-demência do Quincas Borba. Somadas umas cousas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e, conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derra-



1964
 1965
 PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

deira negativa deste capítulo de negativas: — Não tive filhos, não transmiti a nenhuma creatura o legado da nossa miséria.

FECHAR SAIR

TELA CHEIA



MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

página 235 de 242

* * * FIM * * *

PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS





Notas desta edição

- 1 Na primeira edição [A], este parágrafo vem precedido da seguinte epígrafe:

I will chide no breather in the
 world but myself; against whom
 I know most faults.

Não é meu intento criticar nenhum fôlego vivo, mas a mim
 somente, em quem descrubo muitos senões.

Shakespeare, *As you like it*,
 act. III, sc. II.

[*voltar*]

- 2 Nas duas primeiras edições [A, B], este período continua assim: «... meu pai adorava-me, tinha-me esse amor sem mérito, que é um simples e forte impulso da carne; amor que a razão não contrasta nem rege. Minha mãe...» [*voltar*]

- 3 Na primeira edição [A], segue, entre este parágrafo e o próximo, o seguinte parágrafo:

Tão boa, tão simples, minha mãe guardava no fundo do coração uma sombra de melancolia, que eu herdei, como herdei de meu pai a fatuidade. De si mesma era melancólica; penso, entretanto, que os aspectos da vida lhe acrescentaram a tendência natural. Tinha coração de mais, uma sensibilidade melindrosa, exigente, doentia. Uma e outra dessas qualidades se combinavam e alternavam na minha pessoa.

A segunda edição [B] vem com o seguinte parágrafo:

Havia em minha mãe uma sombra de melancolia, que eu herdei, como herdei de meu pai a fatuidade. Os aspectos da vida acrescentaram-lhe a natural tendência. Tinha coração de mais, uma sensibilidade melindrosa, exigente, doentia.





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
 de Brás Cubas*

Notas desta edição

página 237 de 242

[*voltar*]

- 1979 4 Nas primeiras edições [A, B] está assim: «... havia tomado para um capítulo extremamente suculento, em que provava que a terra deve continuar a girar em volta do sol; porquanto: — a) a natureza não inventou a morte, senão com o fim de dar vida a algumas indústrias, — armadores, segeiros, empresas funerárias, tipografias, e outras que ela sagazmente previu; — b) mortas essas indústrias, pela ausência da morte humana, não é improvável que viessem a morrer os respectivos industriais; o que dava na mesma. Mas tudo isso são apenas notas de um capítulo, que não escrevo.» [*voltar*]
- 1980
- 1981 5 Nas duas primeiras edições [A, B] este período continua assim: «... ao portão da chácara, à vista das estrelas, — das castas estrelas de Otelo, — *you chaste stars!*» [*voltar*]
- 1982 6 Na edição da *Revista Brasileira* [A], este parágrafo termina assim: «... as mesmas instituições morrem. O relógio porém é definitivo e perpétuo; mudar-lhe-ão a matéria e o lavor, mas ele em si mesmo fica. O derradeiro homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, creio que terá um relógio na algibeira com o fim único de saber a hora exacta em que morre.» [*voltar*]
- 1983 7 Na primeira edição [A] o título deste capítulo é: «De como o autor, não achando denominação para este capítulo, limitou-se a escrevê-lo» [*voltar*]
- 1984 8 A primeira edição [A], abre o seguinte parágrafo neste ponto:

Pobre Destino! Vives ainda, meu velho? Que vontade tenho eu de ir puxar-te as barbas! Vi-te, pela primeira vez, não sei em que melodrama; vinhas sonoro, quase metrificado, caías da boca do herói nas orelha da heroína. Depois, não me lembra se ainda chegei a ver-te passar, de corrida, nos discursos comemorativos ou nos versos de missa fúnebre; mas serias outro, meu bom velho, devias estar trôpego, encarquilhado, escangalhado. Onde andarás agora grande procurador dos negócios humanos? Talvez estejas a criar pele nova, outra cara, outras maneiras, outro nome, e não é impossível que tornes ainda a cair da boca do herói nas orelhas da heroína.



PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

1979

1980

1981

1982

1983

1984

1985

1986

1987

Este parágrafo é seguido de outro que se inicia em «Já me não lembra onde estava. . . » [vltar]

- 9 Na primeira edição [A], este período abre um parágrafo que se inicia assim:

Já não me lembra onde estava. . . Ah! nas estradas escusas. Pois foi ao destino que eu incumbi de me guiar por elas. E disse comigo que já agora seria o que Deus quisesse. Era a nossa sorte [. . .]

Deste ponto em diante a redação coincide com a da presente edição. [vltar]

- 10 A primeira edição [A] inicia um novo capítulo antes deste parágrafo, com título «Cinco mil réis» [vltar]

- 11 As duas primeiras edições [A, B], terminam esse parágrafo assim:

Heis de cair. Turvo é o ar que respirais, amadas folhas. O sol que vos alumia, com ser de toda a gente, é um sol opaco e reles, de cemitério e carnaval.

[vltar]

- 12 Na primeira edição [A], este parágrafo está assim:

As alegrias sucediam-se, e as semanas, e os meses, e as aflições, e as alegrias. Um dia, porém, entrou o Lobo Neves em casa, com a notícia de que iria talvez ocupar uma presidência no norte. Olhei para Virgília, que empalideceu; ele, que a viu empalidecer, perguntou-lhe:

[vltar]

- 13 Nas duas primeiras edições o título é «Compromisso de gato». [vltar]

- 14 Nas duas primeiras edições [A, B], este parágrafo continua assim: «. . . meu próprio padecimento. Ocorre-me a este propósito um naturalista, — não me lembra qual, — em quem li esta observação curiosa: “O gato não nos afaga, afaga-se em nós.” Vejo que eu fazia um compromisso de gato.» [vltar]

- 15 Nas duas primeiras edições [A, B], a frase está assim: «Não sei se há aí algum Hobbes ou Spinoza, que explique o fenômeno.» [vltar]



2000 16 Capítulo LXV [volar]

2001 17 Capítulo LXXXVI [volar]

2002 18 Capítulo LXXXIII [volar]

2003 19 Na primeira edição [A] o parágrafo continua assim: «... se pode exigir mais triste. De resto, esse mesmo velho costumava confessar a idade (passava dos cinquenta), com esta frase igualmente marítima: "Quantos anos tenho, meu senhor? Vou do meio caminho para terra." — Enfim, "noite de almirante" chamava ele a uma noite de alta e fina recreação. Quem diabo ensina retórica aos marinheiros?» [volar]

2005 20 Na primeira edição [A] o parágrafo termina assim:

2006 ... para obstar qualquer sensação dolorosa. Suponhamos um homem bem persuadido de sua qualidade; se lhe cair um seixo no pé, basta-lhe concentrar-se todo na idéia do seu próprio ser, para deixar de sentir a menor impressão. Este resultado porém depende de uma evolução tão profunda, que mal se lhe podem assignar alguns milhares de anos.

[volar]

2007 21 Nas duas primeiras edições [A, B], o parágrafo continua assim:

2008 ... *Tout notre mal vient de ne pouvoir être seuls.* Esta máxima de la Bruyère sempre me pareceu um grande disparate. Não há dúvida de que a sociabilidade é a primeira virtude dos homens, a segunda é a curiosidade, a terceira é a pontualidade dos pagamentos, a quarta o valor militar, e assim por diante.

[volar]

2009 22 Este parágrafo está assim nas duas primeiras edições [A, B]:

2010 (Haverá uma crítica tão perversa que possa atribuir a minha opinião sobre la Bruyère à inveja das suas máximas? Eu aparo desde já esse golpe, transcrevendo algumas das que compus por esse tempo, e rasguei logo depois, por não me parecerem dignas do prelo. Fi-las num período em que a flor amarela do capítulo xxv tornara a abrir; eram bocejos de enfado. E se não vejам:



O parêntese fecha-se, naquelas edições, ao final do último parágrafo — última máxima — do capítulo. [*voltar*]

23 As edições A e B [A, B] continuam este capítulo com o seguinte parágrafo:

Vá de intermédio, e contemos a este propósito uma anedocta. Foi no tempo da minha vida parlamentar; éramos cinco; falávamos de cousas e lousas, e aconteceu tocar nos negócios do Rio da Prata. Então, disse um: — O governo não deve esquecer que o dinheiro é o nervo da guerra. Ao que redargui que não, que o nervo da guerra eram os bons soldados. Um dos ouvintes coçou o nariz, outro consultou o relógio, o terceiro tamborilou sobre o joelho, o quarto deu algumas pernadas pela sala, o quinto era eu. Mas, continuando a falar, ponderei que esta idéa, inteiramente j, não era minha, e sim de Machiavelli; circunstância que levou o primeiro a não coçar o nariz, o segundo a não consultar o relógio, o terceiro a não tamborilar sobre o joelho, e o quarto a não dar pernadas; e todos me rodearam, e me pediram que repetisse o dito, e repeti, e eles extasiavam-se, e batiam com a cabeça aprovando, saboreando. O que estimei, porque fui sempre amator de idéas justas. Mas vamos ao epitáfio.

[*voltar*]

24 Neste ponto, a primeira edição [A] trazia o seguinte capítulo, ausente nas edições posteriores:

Se alguma vez. . .

Se alguma vez escrever outro livro, contarei a minha vida política e parlamentar. Agora não; falta-me tempo, e estou profundamente vexado.

[*voltar*]

25 Na primeira edição [A], o parágrafo termina assim:

. . . cousas mínimas. Não o era o Quincas Borba, que no dia seguinte mandou-me um alienista à casa, com o pretexto de tratar de política, mas na realidade para proceder a um



rigoroso exame da minha vida mental. Conhecia-o, fiquei aterrado. Era um homem sabedor, traquejado, que me falou com a maior delicadeza do mundo. Ao cabo de meia hora, despediu-se, e tão alegremente que me animou a perguntar-lhe se me não achava doudo de veras.

[*voltar*]

FECHAR SAIR

TELA CHEIA



MACHADO DE ASSIS

*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

Notas desta edição

página 241 de 242

PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS





Referências

- [A] ASSIS, Joaquim Maria Machado de. 1880. “Memorias Posthumas de Braz Cubas.” *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, março a dezembro de 1880, vols. III–VI.
 < VOLTAR > [ix](#), [236](#), [237](#), [238](#), [239](#), [240](#)
- [B] ASSIS, Joaquim Maria Machado de. 1881 *Memorias Posthumas de Braz Cubas*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional.
 < VOLTAR > [ix](#), [236](#), [237](#), [238](#), [239](#), [240](#)
- [C] ASSIS, Joaquim Maria Machado de. 1896. *Memorias Posthumas de Braz Cubas*. Terceira edição.¹ Paris: H. Garnier, Livreiro-Editor.
 < VOLTAR > [ix](#)
- [D] ASSIS, Joaquim Maria Machado de. 1899. *Memorias Posthumas de Braz Cubas*. Quarta edição. Paris: H. Garnier, Livreiro-Editor.
 < VOLTAR > [ix](#)
- [CB] ASSIS, Joaquim Maria Machado de. 1977. *Memórias póstumas de Bras Cubas*. Segunda edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL. (Edições críticas de obras de Machado de Assis, v.13)
 < VOLTAR > [ix](#)

¹Segunda edição em livro





MACHADO DE ASSIS
*Memórias Póstumas
de Brás Cubas*

Créditos

Projeto editorial e direção

S.M.Soares

Sedação

S.M.Soares

Composição

Lívia C. Gomes

Correção

S.M.Soares

Fixação

S.M.Soares

PROCURAR

SUMÁRIO

MARCAS

